



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2022 – Nº 60

ISSN 1518-1766

ALB

DIRETORIA

Presidente:

Ordep José Trindade Serra

Vice-Presidente:

Edilene Dias Matos

1º Secretário:

Carlos Jesus Ribeiro

2º Secretária:

Heloísa Prata e Prazeres

1º Tesoureiro:

Paulo Ormino de Azevedo

2º Tesoureiro:

Dom Emanuel D'Able do Amaral

Diretor da Biblioteca:

Ruy Espinheira Filho

Diretora do Arquivo:

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Diretor de Informática:

Marcus Vinicius Rodrigues

CONSELHO DE CONTAS

E PATRIMÔNIO

Edvaldo Pereira de Brito

José Carlos Capinan

Juarez Martins Paraíso

CONSELHO EDITORIAL

Aleilton Santana da Fonseca

Florisvaldo Moreira de Mattos

Muniz Sodré de Araújo Cabral

DIRETOR DA REVISTA

Nelson Cerqueira

REVISTA DA ACADEMIA
DE LETRAS DA BAHIA

REVISTA DA ACADEMIA
DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2022 — Número 60



ISSN 1518-1766

Copyright © by Academia de Letras da Bahia, 2022

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
Avenida Joana Angélica, 198, Nazaré
40050-000 – Salvador, Bahia, Brasil
Telefax (71) 3321-4308
www.academiadeletrasdabahia.org.br
contato@academiadeletrasdabahia.org.br

Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias

As informações e opiniões, assim como a redação, a revisão e o cumprimento das normas da ABNT para os artigos e periódicos, referências e citações, são da inteira responsabilidade dos autores.
(A Direção, 2022)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Revista da Academia de Letras da Bahia / Academia de Letras da Bahia.
– Ano 1, vol. 1, n. 1 (Ago. 1930). – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1930 –

A partir do número 25 foi retirado ano e volume.
O ISSN começou no número 44.

Anual
ISSN 1518-1766

1. Literatura brasileira – Periódicos . I. Academia de Letras da Bahia.
II. Título.

CDU 869

Ficha Catalográfica elaborada por Gislene Soares Guerra CRB-5/1382

Vinhetas utilizadas: www.shutterstock.com

IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

Artigos e Ensaaios



POR QUE AMAMOS OU ODIAMOS MUNIZ SODRÉ	13
BIOGRAFIA DE UMA PALAVRA CHAMADA SAUDADE ANTÔNIO TORRES	21
ESPAÑA NORDESTINADA FLORISVALDO MATTOS	29
ANTONIO CARLOS SECCHIN, LEITOR DE TODOS OS CABRAIS ROGÉRIO FARIA TAVARES	39
CIDADES QUERIDAS (Sobre o romance <i>Querida Cidade</i> , de Antônio Torres) GERANA DAMULAKIS	45
<i>PRIMEIRAS ESTÓRIAS DE GUIMARÃES ROSA</i> CYRO DE MATTOS	51
ROMANCES DE CARNAVAL ARAMIS RIBEIRO COSTA	61
EU É UM OUTRO - RIMBAUD/ LACAN URANIA TOURINHO	71

PROCLO E SEU HINO A HÉLIOS ORDEP SERRA	79
ANNA RIBEIRO: ITINERÁRIOS DA VIDA E DA ESCRITA NANCY RITA FERREIRA VIEIRA	89
O BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. TERESA CRISTINA, IMPERATRIZ DO BRASIL ANTONELLA RITA ROSCILLI	111
A FOME NO BRASIL É UMA ESCOLHA DAS ELITES LADISLAU DOWBOR	129



QUATRO POEMAS GLÁUCIA LEMOS	145
CINCO POEMAS FLORISVALDO MATTOS	149
DOIS POEMAS INÉDITOS RUY ESPINHEIRA FILHO	163
5 FABULAÇÕES EDÊNICAS FERNANDO DA ROCHA PERES	169
QUATRO POEMAS CLEISE FURTADO MENDES	177
TRÊS POEMINHAS BEM ANTIGOS E INÉDITOS ARAMIS RIBEIRO COSTA	187

QUATRO POEMAS	
NELSON CERQUEIRA	191
CINCO POEMAS	
HELOÍSA PRAZERES	195
POEMAS	
CARLOS CARDOSO	203

Ficção



DESEJO DE MAR EM PRAIAS DESOLADAS	
WALDIR FREITAS OLIVEIRA	219
O LEGADO	
PAULO ORMINDO DE AZEVEDO	227
O RIO	
GLÁUCIA LEMOS	235
HISTÓRIA DO MEU GATO TRAVESSO	
CYRO DE MATTOS	239
BRASILIANA	
ORDEP SERRA	247
NO RANCHO DO REGALO	
FRANKLIN CARVALHO	253
A FAMÍLIA QUE REDESCOBRIU O TEMPO	
CICERO G. DE SENA NETO	255

TROPICÁLIA

MARIA FERNANDA TOURINHO PERES 259

Discursos



DISCURSO DE POSSE

LIA ROBATTO 265

DISCURSO DE RECEPÇÃO A LIA ROBATTO NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

ORDEP SERRA 287

LUZES NA HISTÓRIA PELAS PALAVRAS DE UM MESTRE

Discurso de posse na Cadeira nº 1

EMILIANO JOSÉ 295

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO

EMILIANO JOSÉ DA SILVA FILHO

DOM EMANUEL D'ABLE DO AMARAL, OSB 321

DISCURSO DE POSSE

NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

ROGÉRIO FARIA TAVARES 329

DISCURSO DE RECEPÇÃO A ROGÉRIO FARIA TAVARES, MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

CARLOS RIBEIRO 337

DISCURSO DE POSSE COMO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA CELSO AMORIM	345
DISCURSO DE RECEPÇÃO AO EMBAIXADOR CELSO AMORIM COMO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA ORDEP SERRA	357
DISCURSO DE POSSE HELOÍSA PRATA E PRAZERES	365
SALVE, HELOISA! E OS PRAZERES DA POESIA SAUDAÇÃO A HELOÍSA PRATA E PRAZERES ALEILTON FONSECA	385
TRIBUTO A ROBERTO SANTOS JOÃO CARLOS SALLES	395
DIA DA SAUDADE – ROBERTO SANTOS EDVALDO BRITO	403
DISCURSO DO TRABALHADOR INTELECTUAL Homenagem a Waldir Freitas Oliveira ARAMIS RIBEIRO COSTA	409
“OS OUTROS TAMBÉM PODEM SER O CÉU” Homenagem ao Acadêmico João Eurico Matta ALEILTON FONSECA	425
RUY BARBOSA, CONTEMPORÂNEO DO FUTURO JOACI GOES	441
AS ACADEMIAS DE LETRAS DESSE NOSSO NOVO TEMPO EDVALDO BRITO	457

Diversos



Efemérides 2021	469
Quadro Social da ALB	503
Endereços dos acadêmicos	523

Artigos
e ensaios



POR QUE AMAMOS OU ODIAMOS¹

MUNIZ SODRÉ

Desde o latim clássico se mantém mais ou menos estável o significado de *odiu* enquanto aversão radical, tal como se tipifica no verso *odii profanum vulgus et arceo*, “odeio e afasto a multidão profana” (Horácio, *Odes*, 3-1). Na doutrina cristã, é contraparte do amor. Na vida cotidiana, ódio e amor podem coabitar como momentos alternados de uma mesma tonalidade afetiva, como se comprova nas formas doentias e primitivas de ciúme e inveja. Ou então, no ódio exclusivo, determinadas formas de violência anômica, em que a ação criminosa excede a estrita finalidade do ato e se configura como manifestação cruel de uma subterrânea forma social.

Mas o ódio como fato socialmente explícito em comportamentos cotidianos é uma questão emergente no mundo posto em rede, a ponto de se poder pensá-lo como uma forma acelerada e viral de comunicação. É que, a partir do início da segunda década deste século, espalha-se como um vírus o fenômeno dos *haters* (“odiadores”), sujeitos autocomplacentes do ódio ao que se configure como “outro”, assim como ao contraditório no debate. Não que isso se restrinja ao âmbito dos circuitos eletrônicos da mídia, visto que comparece com força em atitudes, comportamentos e discursos políticos, relacionados a ideologias extremistas e a fundamentalismos religiosos. O ódio é o substrato sensível dos protofascismos emergentes, na medida em que cauciona o estado de guerra permanente e inerente a essas formas de exacerbação autoritária, portanto,

¹ Excerto de *A sociedade Incivil*. Petrópolis: Vozes, 2020.

uma das principais figuras da *disrupção* atual da sociedade civil. Disruptivo é o processo de inversão de padrões já instituídos em empresas, instituições, condutas e atitudes – no limite, um processo de reinvenção acelerada de formas de fazer e de viver. O ódio é disruptivo das formas amorosas, fraternas ou civis de vida.

Normalmente, emocionamo-nos com alegria, cólera, asco, medo, surpresa e tristeza, mas o ódio constitui uma dimensão à parte. Como novidade de fenômeno, ele parece constituir uma cultura *in statu nascendi* à sombra das novas formas de vida, em que o abalo nas identidades pessoais e institucionais poderia estar suscitando a eclosão de pulsões de desligamento do vínculo, desagregadoras. Como forma capaz de irradiar-se a modos de existência vigentes no real-histórico, o ódio dispõe de conteúdos *afetuais* que variam de atitudes a discursos e atos agressivos (modulados como raiva, ofensa, discriminação etc.), às vezes extremamente violentos.

Pode-se começar a rastreá-lo no diagnóstico de um chefe de polícia sobre o massacre de negros numa igreja de Charleston (Carolina do Sul, EUA, 2017): “Um crime de ódio”. Esta parece uma designação plausível do fenômeno emergente em áreas geográficas diversas – embora semelhantes no que toca à influência das relações sociais geridas por novas tecnologias de mídia –, ou seja, a eclosão descontrolada de emoções negativas, antes represadas ou contidas por regras sociais que, segundo tudo indica, estão liquefazendo-se.

Com efeito, a observação apressada da vida social imediata costuma passar por cima do fato de que a tecnologia como forma hegemônica de consciência histórica é vetor de uma mutação antropológica, já visível nas gerações que nascem e se desenvolvem com novas aptidões neurológicas e novas disposições mentais frente à moralidade. A atmosfera afetiva de agora favorece atitudes e comportamentos (desconhecimento de valores, abandono dos códigos de conduta) inerentes à *vertigem* das imagens – portanto, à velocidade informacional – e à irreflexão da passagem ao ato. Na ausência de pausa reflexiva, a rapidez de propagação da mensagem solicita e

potencializa o efeito mimético do ódio, ao modo de um rastilho de pólvora, que apenas aguarda a fagulha para explodir em atos. Em lugar de idealizadas trocas comunicativas (utopia do globalização midiática em seus albores), sobrevem a *desrazão* como base para proliferação caótica das formas, sem vez para a racionalidade discursiva.

Em outras palavras, a aceitação do mundo pauta-se por premissas bastante diferentes daquelas que orientaram tanto a percepção quanto a crítica tradicional no ordenamento civilizatório das representações de realidade. Por toda parte onde prolifere o uso das redes ditas “sociais” na internet, é marcante a incidência dos discursos raivosos ou ofensivos dirigidos a diferenças socialmente palpáveis.

À primeira vista se trataria de uma regressão civilizatória, senão do “desvio” psicossocial de uma função agregadora atribuída à rede pelos entusiastas da conexão eletrônica, convictos de sua “natural” destinação socializante. Por isso, há *scholars* que diagnosticam uma espécie de venenosa “incivilidade” nas redes sociais digitais, enquanto outros se aferram à hipótese de pouca elaboração racional, senão de mera insensatez nos discursos. São perspectivas de fundo psicossociológico, em geral orientadas pela crença filosófica numa suposta natureza eticamente intrínseca da deliberação racional.

É possível outro caminho de pensamento na análise do fenômeno. Para tanto, convém tomar como uma perspectiva preliminar um texto de Heidegger em que ele esboça a sua *teoria das paixões*.² Na originariedade grega, paixão é *pathos*, palavra que denota uma disposição afetiva não sistematizada pela razão, ao modo de um excesso, um sofrimento ou um assujeitamento inscrito naquilo que acontece. Não é exatamente paixão enquanto afeto, mas enquanto virtude. Assim, na visão heideggeriana, as paixões (*Leidenschaften*) subtraem-se à esfera da psicologia

² Trata-se do curso de 1936 sobre Nietzsche (*A vontade de potência como arte*), referido em Agamben, Giorgio. *La potencia del pensamiento*. Adriana Hidalgo Editora, 2007, (*A paixão da facticidade – Heidegger e o amor*) pp. 369-407.

e revelam-se conceitualmente distintas de simples afetos (*Affekte*) como a cólera, o júbilo, o enamoramento e a aversão, que são habitualmente suscetíveis de se manifestar no psiquismo, numa relação psicológica de sujeito-objeto.

Mas como podem subtrair-se? É que, segundo o pensador alemão, mais original do que a relação de sujeito-objeto é “a autotranscendência do *in-der-Welt-sein*, em que o *Dasein* se abre ao mundo para além de toda subjetividade”. Um pequeno esclarecimento conceitual e terminológico: Para Heidegger, antes que algo como um sujeito ou um objeto possa constituir-se, o *Dasein* – um conceito que contorna o de subjetividade e lastreia uma das teses centrais de *Ser e Tempo* – já está aberto ao mundo: “o próprio conhecer funda-se em um já-estar-junto-ao-mundo”.³

O *Dasein* excede o ente (sujeito, objeto) ou, em termos mais claros, é maior do que ele. Nessa transcendência originária se situam as “maneiras fundamentais” (*Grundweisen*) pelas quais o homem, estando “aí” (*Da*), faz a experiência do ocultamento e da abertura em que, enquanto ente, é ou está (*Sein*) presente no mundo.

A partir da suposição de uma *protodisposição* sensível (*Befindlichkeit*), o filósofo concebe a de “tonalidade afetiva” (*Stimmung*), uma noção que se amplia ainda mais como o modo existencial pelo qual o ser/estar-no-mundo (*Dasein*) abre-se ontologicamente a si mesmo, exercitando a revelação primária do que existe. Não se trata, portanto, de nenhuma exteriorização de interioridade, nenhuma faculdade psíquica, mas de uma anterioridade sensível que orienta o *Dasein* para a descoberta originária do entorno e do si mesmo.

Dasein é, assim, uma designação artilosa para significar *presença* ou *pre-sença*, isto é, um estar-no-mundo que é *prévio* à realidade viva do ente e, portanto, aquém e além de suas injunções subjetivas. Aí se radica a *paixão*, segundo Heidegger: “(...) a paixão é isso pela qual e na qual nos radicamos em nós mesmos e nos convertemos claramente em donos do ente em torno de nós e em nós

³ Ibidem, p. 374.

[*bellsichtig des Seiendes um uns und in uns mächtig werden*]”.⁴ A transcendência está em que a paixão “nos transporta para além de nós mesmos, reúne nosso ser sobre o seu próprio fundamento [*auf seinem eigentlichen Grund*], abre-o apenas nesta reunião”.

E essa paixão é tanto o amor quanto o ódio: “Pelo fato de que o ódio atravessa [*durchzieht*] o nosso inteiro ser de modo mais originário, parece-nos também que traz a nosso ser, do mesmo modo que o amor, um fechamento originário [*eine ursprüngliche Geschlossenheit*] e um estado duradouro. Mas esse fechamento persistente que chega ao *Dasein* humano pelo ódio não o separa, não o faz cego, e sim clarividente; só a raiva é cega. O amor nunca é cego, e sim clarividente; só o estar enamorado (*Verliebtheit*) é cego, fugidio e frágil: um afeto, não uma paixão [*ein Affekt, keine Leidenschaft*]”.⁵

De fato, a palavra afeto privilegia o significado do exercício de uma *ação* de A no sentido B, em particular sobre a sensibilidade de B, que é um ser necessariamente vivo. A ação de afetar (no latim clássico, podia corresponder a *commuovere*) contém o significado de “emoção”, ou seja, de um fenômeno afetivo (ou afetual) que, não sendo tendência para um objetivo, nem uma ação de dentro para fora (a sensação é de fora), define-se por um *estado* particular na consciência.⁶ Em linhas gerais, afeto pode muito bem equivaler à ideia de energia psíquica, assinalada por uma tensão de consciência contraditórios. Mostra-se, assim, na variedade do *pathos* provocado pela descarga da tensão: na vontade, na disposição psíquica do indivíduo.

Como se infere, o afeto perfaz-se na relação sujeito-objeto como o estado temporário de um ente intramundano caracterizado pela mesma factualidade dos objetos da experiência,

⁴ Nietzsche I, 59-59, cf. Agamben, G. Ibidem, p. 397.

⁵ Ibidem.

⁶ Cf. Lalande, André. *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. Martins Fontes..

ou seja, de objetos determináveis espaço-temporalmente, com algum conteúdo de realidade e contingentes. Na reflexão heideggeriana, o afeto é circunstancial, tão só uma tonalidade afetiva que desvela para nós mera *distração* – algo a que ele próprio é cego. A paixão, em contrapartida, engendra uma abertura de longo alcance, duradoura, tal como se vê no amor ou no ódio, “que segue constantemente e por todas as partes o objeto odiado”.

Não se veja nessa reflexão uma espécie de atração orgânica da inclinação política de direita pelo ódio, posto que ela se também se encontra, embora com outras inflexões, no pensamento revolucionário ou marxista. Assim é que Lenin proclama “o nobre ódio proletário aos ‘políticos de classe’ da burguesia” como “o princípio de toda a sabedoria, a base de todo movimento socialista e comunista”.⁷ Acentuamos, porém, a diferença de inflexões: na visão marxista, essa paixão supostamente inscrita na vontade revolucionária do proletariado não é um modo de ser fundamental (um *Grundweise*), mas a transformação de circunstâncias psicossociais pela *práxis* educativa das relações de força entre as classes, portanto, é um afeto gerado pela consciência crítica do operário. Ou seja, a política revela-se como educadora desse ódio transformador.

Uma pequena narrativa pode contribuir para ampliar esse esclarecimento nas duas perspectivas. Ao redor da fogueira de uma comunidade *Cherokee* norte-americana, um ancião relata aos netos que seu coração abriga dois lobos famintos: um é pacífico e amoroso, o outro é ávido, feroz e cheio de ódio. “Qual dos dois vai sobreviver?” Pergunta um dos netos. E o avô: “Aquele que for alimentado”.

Basicamente, esta história revela que o amor, assim como o ódio, pode ser alimentado. Por quê? Porque, na ótica da fenomenologia, seriam maneiras de ser fundamentais, portanto, auto-transcendentes ou originárias, que se fazem *ontologicamente* inerentes

⁷ Lenin, Vladimir I. *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2014, p. 125.

e *abertas* à história humana, logo, “alimentáveis” pela vicissitude das transições ou das passagens de estados. Em contrapartida, na ótica marxista, uma filosofia nova decorreria da educação implícita na *práxis* revolucionária.

A terminologia filosófica encontra a sua equivalência nas formas pensadas pelo fundo duplo da história, pelo mito, para ir ao encontro de paixões transcendentais, concebidas – ou *pensadas* – como divindades, em geral ambivalentes. Na mitologia indiana, por exemplo, uma divindade como *Shiva* é pensamento reversível de construção e destruição, ao mesmo tempo; noutra, como *Kali*, predomina o aspecto da crueldade, mas ainda assim imprescindível como paixão, portanto como algo suscetível de ser alimentado pelos mortais na vicissitude de sua história.

No pensamento mítico, a ambivalência das paixões fundamentais não dá margem a que sejam racionalizadas ou filosoficamente categorizadas em pólos radicalmente opostos. No amor e no ódio repercutem elementos de outra originalidade afetiva, como o medo, que é a emoção mais instintiva e primal. Não se pode “infligir” amor ou ódio, mas sim o medo. Na verdade, é normal e humano ser tomado por essa afecção, ao mesmo tempo corporal e mítica, que o grego antigo dizia ser inerente à guerra, personificada pela divindade *Atena*, assim como *Deimos* e *Phobos*, filhos de *Ares*, o deus da guerra enquanto carnificina. Traduzindo o pai como *Marte*, os romanos também divinizaram os filhos sob os nomes de *Metus* e *Formido*, popularizaram aforismos do tipo *virtus nescit ignavum smetus* (“a virtude desconhece o medo covarde”), mas sem deixar de admitir o peso dessa emoção.

Infligir medo é *terreo/ terrere*, que significa “fazer tremer”, donde provém *terror*. Terror é medo exacerbado e intenso, tanto o susto imediato quanto o pânico absoluto (*pânico* é um medo esmagador, porém repentino). Mas o medo puro e simples ocupa um conhecido lugar central na existência do homem, hibridizando ódio e amor, atração e repulsa e, deste modo, tornando-se tanto “coisa nossa” quanto “coisa dos outros”, algo que

faz parte da essência perigosa da comunicação, quando esta é definida como aquilo que acontece no limite da morte do ser individual para dar lugar ao vínculo, ao *commun*.

Sobre o medo, diz Esposito: “É o que nos vincula com algo que já está dentro de nós, mas tememos que possa estender-se até nos conquistar por inteiro. Este algo que sentimos como nosso – e do qual, por isso mesmo, temos o maior dos temores – é precisamente o medo. Temos medo de nosso medo, da possibilidade de que o medo seja nosso, de que sejamos *justamente nós* que temos medo”⁹.

Mas exatamente medo de quê? Para o pensador, medo de não ser mais o que somos, de não sermos vivos, portanto, medo da morte. Ser mortal significa estar prometido à morte. O medo da morte é, na verdade, o mesmo que o desejo de preservar a vida (*conatus sese praeservandi*). Só que isso chamado por Freud de *pulsão de vida* constitui a modalidade afirmativa dessa mesma paixão, que é *originária* ou *fundacional*. Isso implica dizer que temos mais medo da morte do que desejamos a vida. O medo é a forma negativa do desejo.

Muniz Sodré é graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia (1964), tem mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação - Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) (1967) e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), é Livre-Docente em Comunicação e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi Presidente da Fundação Biblioteca Nacional de (2005 -2011). Possui cerca de 40 livros publicados nas áreas de Comunicação e Cultura. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº 33 da Academia de Letras da Bahia.



⁹ ESPOSITO, Roberto. *Communitas: Origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003, p. 54.

BIOGRAFIA DE UMA PALAVRA CHAMADA SAUDADE

ANTÔNIO TORRES

*Esta pequena dor à portuguesa
tão mansa quase vegetal*

Alexandre O'Neill

*Para isso fomos feitos.
Por isso temos longos braços para os adeuses.*

Vinicius de Moraes

Eis o meu inescapável destino: ser ambígua por natureza. Trago no coração alegria e martírio, de que decorre uma tristeza que rima com beleza, a enovelar um sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações bem vividas. Em outras palavras: privação da presença de alguém ou de algo que muito se quer, ou a ausência de certas experiências e prazeres do passado, que se deseja reviver. *Saudade assim até que não é ruim, eu tiro isso por mim*, cantava o saudoso Luiz Gonzaga, o rei do baião, numa música popular que também dizia que *saudade faz doer, amarga que nem jiló*. Pode me chamar de uma faca de dois legumes, que corta na alma, ui!

Modéstias à parte sou uma palavra para muita prosa e verso, ponteio de viola, conversa mole, papo perfunctório (perdão, leitores), devaneio, pieguice, riso e lágrima. E é aí que mora o perigo. O de ser a musa inspiradora dos suspiros e ais das mais compungidas almas deste mundo: *Saudade, palavra triste, quando se perde um grande amor...* Daí um célebre vate dantanho haver me definido como *a presença da ausência*. Outro, de gosto mais duvidoso,

cravou-me um *espinho cheirando a flor*. E tome metáfora enternecedora servida em frasco de xarope e frases lapidares como as tumbas: *Punxe-me agora trágica saudade...*

(Com a palavra um professor, saudosos das aulas de civismo, que incluíam a cantoria de hinos patrióticos e a declamação de poemas tão inolvidáveis quanto os boleros que ele gostava de dançar).

O professor pigarreia, para desembargar a sua emocionada voz. E ensina: “Quem poderá aprofundar melhor do que qualquer outra pessoa as singularidades poéticas que se enrodam na essencialidade dos sentimentos humanos e suas expressões vocabulares, se não um poeta? E não precisa ser dos maiores. Basta que seja poeta”. Os meninos: “Ai que saudades que eu tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais”. Vossos aplausos, por favor.

Ora dizem que sou intraduzível. Ora, que estou entre as dez palavras da língua portuguesa de mais difícil tradução. Ambiguidade é isso aí: altamente valorizada para consumo interno, não possui valor de troca no mercadão universal das Letras. Tirando-se *nuestros hermanos de habla hispánica*, que têm lá a saudosinha *Soledad*, os demais tradutores devem me achar uma encrenca, uma pedra na língua deles. Mas quer saber mesmo? Meto-me em sapatos altos, vaidosíssima, toda vez que ouço essa história de que sou uma autêntica filha da última flor do Lácio, significando isto que tenho o latim no meu DNA. Descendo de *Solitas e Sólus*, quer dizer, de uma família chamada Solidão. É preciso dizer mais?

Mas digo: vindo há muito do tempo, não posso afirmar com exatidão em que dia, hora, mês e ano nasci, e se foi já no século VII, quando surgiu um conjunto dialetal galego-português no noroeste da Península Ibérica, ou mais tarde, quando os portugueses investiram contra os árabes, para a reconquista de suas terras dominadas por eles, e com isso o idioma alastrou-se pelo sul, lá pelas bandas dos Algarves, separando-se

do galego e tornando-se o veículo de expressão de um novo reino; ou se foi quando o português se consolidou como língua literária, entre os séculos XV e XVI, cujo coroamento viria a acontecer com a publicação de *Os Lusíadas*, em 1572. Antes disso ele, o português, já havia feito muita travessia pelos mares, na voz dos intrépidos marinheiros que atingiram o Cabo Bojador em 1434, chegaram à foz do Congo em 1483, dobraram o Cabo da Boa Esperança em 1487, e deram com seus costados no Brasil em 1500. Eu fiquei em terra e me fiz ao mar ao mesmo tempo, a recitar: *Cantando [me] espalbarei por toda a parte, se a tanto me ajudar o engenho e a arte*. Em terra, com os olhos cansados de olhar para o além, cantava *La barca*, um bolero que ainda ia ser inventado, séculos adiante, enquanto outra parte de mim seguia as pegadas em Ceuta do soldado Luís de Camões, e nos quinze anos mais em que ele se meteu em guerras na Índia, tendo sido ele próprio um herói da epopeia que escreveu. No regresso, pegou o mote *Se me levam águas, nos olhos as levo*, e disso saiu um poema que começa assim: *Se de saudade morrerem ou não, meus olhos dirão...* E nessas suas linhas, que podem me servir se não de certidão de nascimento, mas de batismo, ele via no espelho das águas a minha condição ambígua: *Todas são salgadas, porém as choradas, doces me parecem*. Enfim, se eram do mar, da saudade seriam. Navegar era preciso.

Eu nasci para marinheiro,
Mas pus os óculos e fiquei em terra.
Alexandre O'Neill

A esta altura parece claro que minha biografia começa mesmo é no tempo das grandes navegações. Quanta aventura, tanta desventura, conquistas e espantos, cobiça e sonhos. *Feliz o tempo que passou, passou. Tempo tão cheio de recordações...* Bota saudade nisso.

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

(Lágrimas de Portugal? Cá entre nós, isso não parece lavrado numa tabacaria da zona portuária, por um bardo alambicado que queria se passar por outra **pessoa**? E **pessoa** cujo estro iria deixar a posteridade a babar nas gravatas?).

Mas sim, assim me veem, por séculos, seculorum, amém. Uma enlutada viúva à beira do cais, a salgar o mar de fados, boleros e guarânias, sambas-canções, toadas, valsas, xotes, maracatus e baiões, e a acenar para o navio que lá vai à linha do horizonte, já a adentrar a fronteira da nostalgia. E, enquanto o mundo gira e a lusitana roda, Portugal volta a cantar um dos maiores sucessos de sua música ligeira: *Ó tempo, volta pra trás*. Quem anda em busca do tempo perdido está sentindo o que? Sodade, mô bem, sodade.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Fernando Pessoa

Do heroico tempo ficou-se a ver navios. E com *olhar esfingico e fatal*. E a fitar *o futuro do passado*, vendo entre a cerração um vulto baço, que torna. E de quem seria esse saudoso vulto cujo retorno se esperou, dia após dia, ano após ano, século após século? De quem poderia ser se não de *O Desejado*, o rei morto no campo de batalha em Alcácer-Quibir, no dia 4 de agosto de 1578, seis anos depois da publicação de *Os Lusíadas*?! Este, sim, salgou o mar com o mais transatlântico saudosismo legado ao mundo que o português criou, ao passar além da dor.

Eis-me aí: **passar além da dor**. Agora, sim, dá saudade da **pessoa** que escreveu isto, e não aqueles bafios marinhos lacrimosos e filosofantes, *tudo vale a pena se a alma não é pequena*, valei-me minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Haverá santa que me salve da poesia barata, a que deveras afaga e consola, e da qual nem aquela venerável **pessoa** ficou imune? Mas vamos combinar: uma coisa é o saudosismo individual, para consumo privado, sem perturbações da ordem pública; outra é o coletivo, que vem em cruzadas assustadoras em busca do futuro do passado, *heil!* Ideologicamente, porém, não favoreço apenas as margens direitas do mundo. Estou em todos os lados, todas as torcidas, correntes de pensamento, credos etc., onde quer que haja um coração que a seu modo sente saudade de tempos mais felizes – eis aí porque atualmente estou arreben-tando nas bolsas dos sentimentos, nas quais a minha cotação atinge índices nunca dantes imaginados.

Recentemente encontrei num romance brasileiro um personagem a dizer para o retrato oval do seu finado avô – um fervoroso fiel à igreja católica, apostólica, romana -, que só sentia saudade de duas coisas: o tempo dos boleros e o tempo dos comunistas, embora não soubesse exatamente por quê; talvez houvesse mais sonhos naquele tempo, ele acabou por concluir, ao final de seu solilóquio. Pode-se deduzir que uma saudade como essa é consequência dos estilhaços projetados pela queda do Muro de Berlim, acontecida em anos recentes do passado. Mas veja: *um mapa mundi que não inclua a Utopia não é digno de consulta*. Quem escreveu isso foi Oscar Wilde. E ele morreu no ano de 1900. Eu vim de longe e para longe vou, porque o ser humano está sempre sentindo falta de alguma coisa que acha que já teve melhor.

O teu perfume predileto exala
No piano saudoso, à tua espera.
Castro Alves

Presumivelmente cheguei ao Brasil acompanhando o movimento utópico dos barcos. Aqui me espraiei. Tanto mar, tanto chão, quanta selva. Então me desdobrei em duplo sentimento: oceânico e telúrico. Juntando os dois em um, dá a solidão de um país grande. No ano de 1836 tive a subida honra de ser homenageada em um livro que entraria para a história literária como o marco inicial do Romantismo brasileiro. Título: *Suspiros poéticos e saudades*. Chamemos isso de um *desconvite* à leitura. Autor: Gonçalves de Magalhães. Era o precursor de uma corrente que cantava o desgosto da vida, a infância, o amor impossível, a melancolia, a tristeza, ufa! O inefável poeta veio a se superar em outro volume, intitulado *Cantos fúnebres*.

Passos mais adiante, eu viria a me sentir muito mais bem tratada (ou retratada) nas mãos do maranhense Gonçalves Dias, que se consagrou como o primeiro grande poeta romântico do Brasil, e que sentia orgulho de ter em seu sangue as três raças formadoras do povo brasileiro, por ser filho de um comerciante português com uma mestiça de índios e negros. Pelo menos dois de seus poemas puxam a brasa para a minha sardinha: *Ainda uma vez, adeus* e *Canção do exílio*, este escrito quando ele cursava direito na Universidade de Coimbra e morria de saudades do Brasil: *Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá, as aves que aqui gorjeiam...* Eis aí uma sugestão de mote para o seguinte capítulo: *Do quanto a saudade esteve, está e sempre estará no coração dos exilados*. Mestrandos e doutorandos, mãos às teses.

Sim, sim, também tive alguma influência na lírica do pop star do Romantismo *made in Brazil*, e sua mais bela cabeleira, o baiano Castro Alves, que, embora tivesse colocado a sua pena a serviço de um mundo mais justo, comprometida com a construção de uma nova ordem social, e com a causa republicana e abolicionista, não deixou de ser também um flamejante poeta do amor e da melancolia. Na sua obra há pelo menos uns sete poemas com um *Adeus* no título. Em *Horas de saudade*, escreveu: *No piano saudoso, à tua espera/ Dormem sono de morte as harmonias/*

E a valsa entreaberta mostra a frase/ A doce frase qu'inda há pouco lias. Castro Alves e Gonçalves Dias foram os românticos brasileiros que deixaram saudades.

No Brasil se diz: “Triste é não ter de que sentir saudade”. E mais: “Saudade não tem idade”. Aqui me mimam, fazem-me cafunés, carregam-me nos colos, ora como vó coruja, ora como mãe gentil, ou mana do peito, ou filha querida, amada amante. E até me puseram no andor das *100 palavras para melhor conhecer o Brasil*, espécie de breve dicionário afetivo japonês-português, publicado em 2008 dentro das comemorações do centenário da imigração japonesa. Não deu para entender nos caracteres nipônicos que palavra corresponde à saudade, mas o certo é que ganhei um verbete amoroso, assinado por Paulo Nathanael Pereira de Souza, um educador paulista já premiado pela Academia Brasileira de Letras. Arigatô.

Aqui tenho data: 30 de janeiro. É o Dia Nacional da Saudade. Por que 30 de janeiro? Naveguei (nada a ver com uma volta às minhas origens, pois, pois) na Internet e não encontrei nenhuma pista. Escolheram uma data e pronto, estamos conversados. Homenagem é igual a cavalo dado: não se olham os dentes. Além do mais, em vez de continuar a pesquisa em outras vias, liguei-me catatonicamente a um programa dedicado ao assunto, na televisão. Um repórter saiu às ruas para saber de que as pessoas mais sentem saudades. Um nordestino que mora no Rio disse que de sua terra natal. Um carioca mostrou-se saudoso do tempo em que sua cidade vivia em paz, sem a violência atual. Outros, de um passado mais glorioso no futebol brasileiro. La nave vá. Ontem os heróis eram os dos mares. Hoje, os dos gramados.

Por fim, mas não por último, registre-se que há brasileiros que passam por mim fingindo que não me conhecem. Para estes, saudade e melancolia são sentimentos retrógrados, reacionários, bregas. Múmias paralisantes. Melhor devolvê-las a Portugal - de onde nunca deveriam ter saído -, aos cuidados

da alma imortal de Fernando Pessoa, aquele que em vida carregou nos dedos três anéis irreversíveis: a tristeza, a desgraça, a solidão.

Chega de saudade, decretou a dupla Vinícius de Moraes-Tom Jobim, ao compor a música tida e havida como o marco da Bossa Nova. Mas olha que coisa mais linda, mais cheia de graça: saudades do tempo de Tom e Vinicius. E de Caymmi, o que cantou as saudades da Bahia.

Antônio Torres é autor de 12 romances e mais seis livros, entre ensaio, contos e crônicas. Na sua obra, destaca-se a célebre trilogia ficcional, composta pelos romances: *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Traduzido em diversos idiomas, recebeu importantes prêmios nacionais, inclusive o Prêmio Machado de Assis, da ABL (2000), pelo conjunto da obra. Eleito em 2013, ocupa a Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras. Em 2019 tornou-se titular da Cadeira nº 1 da Academia Petropolitana de Letras. Seu romance mais recente é *Querida Cidade* (Rio de Janeiro: Record, 2021). Desde 2015 ocupa a Cadeira nº 9 da Academia de Letras da Bahia.



ESPANHA NORDESTINADA

FLORISVALDO MATTOS

A primeira incursão (talvez única, suponho) de análise crítica estruturada da poesia de João Cabral de Melo Neto, na Europa, deve ser creditada a um casal de espanhóis, Ángel Crespo e Pilar Gómez Bedate, que o conheceram, entre fins dos anos 1950 e inícios dos 1960, em suas sucessivas remoções como diplomata a serviço do Itamarati, na Espanha: de Barcelona para Sevilha e, depois, desta cidade andaluza para Madrid, a capital, percursos que o faziam residente na Espanha por 14 anos ininterruptos.

Desses contatos com o homem e a obra, essa num ponto de maturação formal que lhe atestava reconhecida proeminência entre os poetas da chamada Geração de 45, nasceria um opúsculo de 70 páginas, intitulado *Realidad y forma en la poesia de Cabral de Melo*, editado em Madrid (Gráficas Benzal, 1962), que dá uma panorâmica da produção poética de Cabral, de *Pedra do Sono* (1942) até *Serial* (1961), apontando-lhe as qualidades que já o faziam precursor de correntes estéticas posteriores, como o concretismo e a poesia-práxis, ambos de São Paulo, e o grupo de mineiros que girava em torno da revista *Tendência* e, por isso mesmo, um poeta à margem de sua própria geração.

Pedra do Sono (1942), o primeiro livro de Cabral, já revela para esses críticos, além dos referenciais de sensualidade e ironia do Drummond, de *Brejo das Almas* (1934), certa identidade com a reação que ali se iniciara “contra os excessos de liberdade do modernismo” e, de outra parte, refletia “o ambiente entremesclado de magia e realidade”, presente na obra tanto do mineiro

como do estreante pernambucano. Guiados apenas pelo título e pela aparência de suas imagens, identificam também no livro “uma ascendência surrealista”, assim como no plano formal, influências atmosféricas de Stéphane Mallarmé e Paul Valéry, sem que, no entanto, estas lhe atinjam a essência da criação poética.

“Ainda que não pareça, *Pedra do Sono* é um livro narrativo. Trata-se de uma narração cujo fio discursivo nos parece mais assemelhado ao cinematográfico que ao gramatical, posto que obtido por meio de imagens justapostas extraídas da recordação. Mas não da lembrança daquilo que o poeta contemplou desperto, senão das imagens oníricas”, dizem os autores, aludindo a uma comunicação apresentada por João Cabral ao Primeiro Congresso de Poesia de Recife (1941), sob o título de *Considerações do poeta dormindo*, para demonstrar como o poeta se desempenha, num terreno crítico e seletivo, “ante um material tão informe como o que provém do sonho”. (CRESPO; GÓMEZ BEDATE, 1962).

No entanto, observam, essa poesia mergulhada na atmosfera do sonho não pode ser chamada de onírica, mas de racional, porque está construída de forma claramente lógica, apesar das numerosas imagens de fundo irracional. Há sempre um processo lógico ordenando e justapondo imagens “evidentemente oníricas”, ao ponto de em alguns poemas o poeta recorrer a artifícios matemáticos e geométricos, para conferir elementos de precisão à expressão poética.

A tendência para instalar-se no reino do preciso cresce no livro seguinte, *O Engenheiro* (1945), no qual o poeta evidencia um progressivo e rápido distanciamento do mundo dos sonhos, emparelhado com “a iniciação indireta de seu peculiar realismo”; os dois analistas espanhóis surpreendem aí “uma nova etapa do caminho de investigação da forma e essência poéticas”.

Alça-se ao primeiro plano, no entender de ambos, uma nova faceta do construtivismo racionalista que se manifestava por trás do aparente automatismo psíquico de *Pedra do Sono*.

Nesse livro, se inicia um processo cujo desenvolvimento assumirá uma importância decisiva: os temas tratados já não procedem do mundo dos sonhos, como sucedia em *Pedra do Sono*, mas da realidade de que se serve o poeta, tomando assim pela primeira vez contato com o real, em função do problema que pretende formular e resolver e que outro não é senão o da origem, fim e existência atual da poesia. (CRESPO; GÓMEZ BEDATE, 1962).

O poeta contempla a poesia “com olhos de engenheiro”; no seu afã de construtor, reduz tudo a objetos materiais, tanto os minerais como as coisas dotadas de vida e movimento, e até mesmo os seres fantásticos, emergidos dos sonhos ou da imaginação. Tudo que é transparente, aéreo, diáfano, adquire solidez e equilíbrio. O poeta faz realmente do livro sua arte poética, montando através da própria poesia uma teoria do poema. O próprio material da escrita – a tinta, o lápis, o papel – adquire consistência através de um processo de materialização. Materiais mortos fazem nascer a matéria viva da palavra e finalmente a do verso, a do poema, a do livro. É lembrado (sem transcrição) o famoso verso de Mallarmé em que os materiais da escrita esgrimem com a brancura da página virgem, vencendo-a, como se atravessassem um deserto de obscuridade. (“*O nuits! ni la clarté déserte de ma lampe / Sur le vide papier que la blancheur défend*” (MALLARMÉ, 1893, p. 19-20) / “Ó noites! Nem a luz da lâmpada severa, / No infecundo papel que a brancura interdiz” – VEIGA, 1999, tradução).

Na perseguição de um ideário estético, próprio da plêiade de integrantes da Geração de 45, há de se encarar o poeta João Cabral de Melo Neto como inserido na vertente mais intelectualizada desse movimento, como seu “representante típico”, no dizer de Milton de Godoy Campos (1966), especialmente nas suas duas obras, *O Engenheiro* (1945) e *Psicologia da Composição* (1947), desde que nada se vê nele, seja concernente à primeira delas, “a da poesia de feição clássica,

de raízes entrelaçadas à grande lírica greco-latina”, seja à “que se liga à lírica tradicional luso-brasileira”. (CAMPOS, 1966). Assim deduzo.

A essa altura, as análises dos dois espanhóis instigam-me uma cogitação, que pode parecer afoiteza, mas, a meu ver, pertinente, a de comparação da estética da poesia desse pernambucano com a de fundamento racional do francês Saint-John Perse (1887-1975), em que o real (o objeto) se situa como ponto de partida, espécie de umbral, para que a elocução poética patenteie limites de configuração geométrica, pela intervenção do intelecto, desde que impera o racional na escrita de ambos, impulsionado por abstrações, como que em perene vigília, emergindo a poesia, o sonho, por meio de imagens, com o entrelaçamento dos dois processos pela palavra (BORGES, 1982). São ambos claramente poetas intelectuais.

É o que ocorre com Perse, em seu poema “Amers”, 1957 (*Marcas marinhas*, tradução em 2003), quando ele próprio, em carta a um poeta sueco (Dag Hammarskjöld), ao explicar a razão da escolha do tema, confessa, literalmente:

Foi a integridade mesma do homem – e do homem de todos os tempos, físico e moral, na sua vocação de poder e seu gosto do divino – que desejei erguer no limiar mais nu, em face da esplêndida noite de seu destino em curso. E foi o Mar que eu escolhi, simbolicamente, como espelho oferecido a esse destino – como lugar de convergência e irradiação: verdadeiro “lugar geométrico” e mesa de orientação, ao mesmo tempo reservatório de forças eternas, que possibilitam ao homem, esse incansável migrador, cumprir-se e ultrapassar-se. Tomei caminhada para o Mar como uma ilustração dessa busca errante do espírito moderno, imantado sempre pela atração mesma da sua insubmissão. (PERSE, 2003).

Nesse rastro chega-se ao poema “O cemitério marinho” (“*Le cimetière marin*”, tradução de Darcy Damasceno, 1949), de Paul Valéry, uma das influências do movimento de 45, de quem deveriam provir duas de suas principais características, limpidez de expressão e o apuro formal. (CAMPOS, 1966). Nas palavras do crítico Roberto Alvim Corrêa (1901-1983), que o define como “engenheiro”, a propósito desse poema citado, Valéry “foi o mais consciente dos poetas e denunciou, como ninguém, os elementos corruptores da linguagem” (1949). E arremata:

Ordenados em versos ou em prosa, os vocábulo tornavam-se para um meio de investigação, um dos mais seguros, por conterem ainda algo da descoberta primitiva. Os fenômenos observados importavam para ele – e isso em detrimento da ilusão, do irreal, do inventado, os quais só eventualmente requerem o dom poético. Valéry rejeitava toda manifestação formal de um mundo aproximativo. Só o retinha a exatidão possível do real e – a um tempo utensílio e termo, - a palavra, reduzida ao carbono, ao diamante, cortante e estrelado. Meio e fim, uma sucessão de palavras impunha-se ao artesão preocupado em cumprir o seu ofício. (CORRÊA, 1949).

O que faltaria dessas cogitações estéticas na poesia de João Cabral, arrisco a indagar.

Em *Perse*, tradução de Bruno Palma (2003), a operação poética funciona como busca de uma veracidade, que se mostre centrada na realidade da vida, da linguagem e da arte. Logo na entrada de seu poema sobre o tema que escolheu o Mar (em maiúscula, a remontar vagamente à dicção simbolista) está “em festa em seus degraus como ode de pedra: vigília e festa em nossas fronteiras, murmúrio e festa à altura dos homens – o Mar, ele mesmo nossa vigília, como promulgação divina...” Logo a seguir enuncia que “odor fúnebre da rosa não assediara mais os gradis dos túmulos”. (PERSE, 2003).

Poesia altamente intelectualizada, como a de João Cabral, que não esconde no fundo ressonâncias do surrealismo, cujo propósito, de inspiração freudiana, no dizer de André Breton, seu principal teórico, era confiar “na transmutação futura de dois estados aparentemente contraditórios, o sonho e a realidade, numa espécie de realidade absoluta, de supra-realidade”. (CHILVERS, 1996). Por essas e outras, o marco do surrealismo foi a incoerência doutrinária, ao optarem seus seguidores por uma multidão de caminhos.

Os dois críticos espanhóis tomam *Psicologia da Composição* (1947), que foi o primeiro livro publicado por Cabral na Espanha, como prova de avanço do poeta no terreno da poesia pura, sobre trilhas abertas pelo francês Paul Valéry, mas levando-a mais além, quando reduz “ao mínimo as reminiscências da poesia tradicional” e chegando “a um grau de rarefação da matéria poética que supõe uma negação do ato de produção”.

O grande propósito desses comentadores naquele momento era flagrar e demarcar a marcha de Cabral para a efetivação, em sua criação poética e através dela, de um desejo de comunicação e ampliação do que chamam de “círculo dos participantes de sua poesia”, decorrente de um processo de “clara consciência realista e social”. O salto se estabelece com a publicação, também em Barcelona, de *O Cão sem Plumas* (1950). O objeto poético, como ocorria nos livros anteriores, deixa de ser a poesia em si mesma. Cabral descobre-se escritor e homem nordestino. E será o rio Capibaribe o signo líquido identificado com o Recife que toma para empreender uma viagem de longo percurso e que, depois, serão a própria terra, agreste e sofrida, cortada ou não pelo rio, e seu povo, mais do que sofrido, o espaço telúrico e épico de construção de uma moral, que lhe facilitará a comunicação com o leitor.

Dá-se o que os dois críticos chamam “a conquista da realidade” por João Cabral. Para tanto, o poeta se vale da capacidade que lhe confere o pleno domínio e posse de um instrumental poético aperfeiçoado ao longo de sua fecunda primeira etapa criativa, o que lhe favo-

receu empreender uma tarefa só intentada com sucesso antes obtido pelos ficcionistas do ciclo nordestino, a partir de 1930. Resolve, então, como sugerem Crespo e Gómez Bedate, lançar ao mar a flauta refinada da poesia pura, que em contrapartida a ressaca devolverá – “e ele a recolheu nas águas de um rio nordestino: o Capibaribe”.

Segundo eles, Cabral “se vale agora de materiais extraídos da realidade, não de uma realidade estática, mas dinâmica, em suma, de um conflito social”, com versos “que estabelecem contraste entre a miséria representada pelo rio e o termo oposto do processo dialético-social”, a presença real da classe dominante que margeia suas águas – como diz ele em um verso, “mas de costas para o rio”. A necessidade de comunicação, represada pela opção formal dos livros anteriores, fechada com *Psicologia da Composição*, sem prescindir da palavra exata e concreta, avança para um novo acento, através do Capibaribe, numa expressão, como dirá o próprio poeta, “que o vale possa ecoar/ e seja cantado na feira”. É quando, tomado de inquietação pelos problemas sociais, publica em 1950 *O Cão sem Plumaz*, iniciando o tríptico do Capibaribe, que se completará com o *O Rio* (1954) e *Morte e Vida Severina* (1956). Cabral acrescenta ao ideal do termo exato o da simplicidade, inserindo ali “a tipicidade do drama nordestino no âmbito da poesia universal”. (CAMPOS, 1966).

Para compreender a opção cabralina por uma poética de acento mais popular, Crespo e Gómez Bedate estabelecem analogias estilísticas com ressonâncias de formas poéticas medievais, no propósito de alcançar “efeitos conversacionais”, e identificam relações de formas poéticas presentes em *O Rio*, que narra o trajeto do Capibaribe em direção ao mar, e em *Vida e Morte Severina*, com formas do *Romanceiro* espanhol, notadamente com o *Poema de Mio Cid*, observando-se até simetrias rítmicas e de rimas, que soam para eles como reminiscências, numa composição “que tão fielmente segue a técnica narrativa medieval”.

Nesses três livros, o poeta age como que atraído pela realidade contundente de lugares e vidas trágicas, olvidando-se da arte poética que

“com tanta exigência havia elaborado” anteriormente, optando agora por fazer do leitor um partícipe de sua obra e encarregando-o do “inevitável julgamento da realidade que se lhe apresenta”.

Se é do seu interesse – observam – a miséria dos lugares por onde desliza o rio nordestino e as gentes que nele vivem ou querem viver, primeiramente abordará o tema, fixando-se na qualidade das águas desse rio e as comparações com que os homens que à margem dele vivem lhe suscitam (*O Cão sem Plumas*); em seguida, fixará sua atenção (*O Rio*) no que poderíamos chamar de sua geografia; finalmente, o rio se tornará a passagem da ação, transferida ao retirante (*Morte e Vida Severina*), cuja miséria foi a inspiração dos três poemas. (CRESPO; GÓMEZ BEDATE, 1962).

Essa poética, oriunda da aproximação da realidade social, articulada com as experiências de sua poesia anterior, terá curso – “uma nova poética” – na obra subsequente de João Cabral, o poema *Uma faca só lâmina*, que proporciona aos dois críticos “um fascinante prazer intelectual” e os aproxima em definitivo da ideia de que essa poesia “nasce do choque ou fricção do instrumento poético com a realidade exterior, isto é, que não deve ser tema de si mesma”. Agora, o tema é a insatisfação que fustiga o homem e não o deixa repousar – a falta de algo de que o privaram: “Assim, essa inquietação, esse algo abstrato, possui a existência material e delimitada de um objeto pequeno, denso e pesado” – uma bala, um relógio, uma faca que se alimentam “do que não existe”, como a fome, em que a vida se mede pelo avesso.

À recuperação e reelaboração de formas medievais ibéricas e nos elementos de essencialidade hispânica, que ressoam no próprio romancero popular do Nordeste brasileiro, Crespo e Gómez Bedate creditam o desejo de Cabral de ampliar o poder comunicativo de sua obra, presente nos poemas do tríptico do Capibaribe, e (dizemos nós) que prossegue em outras criações do poeta, como as que integram o volume de *Terceira Feira (Quaderna, Dois Parlamentos e Serial*, 1961) e, mais adiante, *A escola das facas* (1979) e *Agrestes* (1985).

A necessidade de residir na Espanha, por imposições do serviço diplomático brasileiro, fez com que a paisagem e também a humanidade espanhola se entranhassem na poesia de João Cabral, de forma que Pernambuco e Espanha acabarão por se tornar os seus dois temas centrais e irão fornecer os elementos mais duradouros de sua obra. E não é de estranhar que o melhor dessas segunda e terceira *águas*, que estão a rolar desde a publicação do livro *Dois águas* (1956), tenha como sua marca definitiva um aprofundamento da consciência social do poeta, baseada numa regra moral e estética, que aproxima ou identifica os universos espanhol e nordestino, e amparada numa linguagem, cujo significado ultrapassa os objetivos alimentados pelo rigor formal da experiência construtivista – esta, pelo contrário, passa a se colocar a serviço de uma comunicação mais íntima entre o poeta e seu público.

É o que concluem Ángel Crespo e Pilar Gómez Bedate, em sua análise da obra de Cabral já em 1962:

[...] afirmamos que sua estética soube fundir o ibérico, o ibero-americano de Pernambuco, com o hispânico e que através deste poeta brasileiro, o espanhol resultou em elemento importantíssimo para a síntese de elementos cultos e populares que produziu uma das obras poéticas mais importantes do Brasil e, em geral, nos últimos decênios. (CRESPO; GÓMEZ BEDATE, 1962).

São essas premonições, de 1962 que irão ainda mais se confirmar com o livro *Sevilha andando* (1990), última publicação em livro de João Cabral de Melo Neto.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. *La cifra* (prólogo). 2ª ed. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 1982.

CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia Poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. (1a Série).

CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de Arte*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla; revisão técnica: Jorge Lúcio de Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1996

CORRÊA, Roberto Alvim. Prólogo a “O cemitério marinho” (*Le cimetière marin*). Tradução de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Edições Orfeu, 1949 (autorizada por Librairie Gallimard, Paris).

CRESPO, Ángel, GÓMEZ BEDATE, Pilar. *Realidad y Forma em la Poesía de Cabral de Melo*. Madrid, Espanha: Gráficas Benzal, 1962.

MELO NETO, João Cabral de. *Agrestes* (Poesia). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MELO NETO, João Cabral de. *Terceira Feira* (Poesia). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961.

PERSE, Saint-John. *Amers / Marcas marinhas*. Tradução, cronologia, introdução e notas. de Bruno Palma. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Florisvaldo Mattos é poeta e jornalista; professor aposentado da UFBA, pela Faculdade de Comunicação. Exerceu cargos em vários jornais, entre os quais os de editor-chefe de *A Tarde*, chefe de Redação do *Diário de Notícias*, ambos de Salvador, e de chefe da Sucursal do *Journal do Brasil*, na Bahia. Editou o suplemento *A Tarde Cultural*, premiado em 1995 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 1964, cumpriu pós-graduação de Aperfeiçoamento em Jornalismo, em Madrid (Espanha). Foi presidente da Fundação Cultural do Estado da Bahia (1987-1989). Desde 1995 ocupa a Cadeira n° 31 da Academia de Letras da Bahia.



ANTONIO CARLOS SECCHIN, LEITOR DE TODOS OS CABRAIS

ROGÉRIO FARIA TAVARES

João Cabral de ponta a ponta (Recife: CEPE, 2020, 568 páginas) é a quarta publicação em livro que o imortal Antonio Carlos Secchin, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dedica ao exame do legado cabralino. A primeira ganhou o título de *Poesia do Menos* (São Paulo: Duas Cidades, 1985). A ela seguiram-se *A Poesia do menos e outros ensaios cabralinos* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1999) e *João Cabral: uma fala só lâmina* (São Paulo: Cosac Naify, 2014).

O presente lançamento coroa a mais completa investigação sobre a obra de um dos principais poetas brasileiros de todos os tempos. Também disponível na versão digital, o volume empreende detalhada análise crítica de todos os vinte livros lançados pelo autor nascido no Recife em 1920, contribuindo para uma visão acurada de sua contribuição à Literatura em Língua Portuguesa. Como bônus, oferece aos leitores cinco ensaios sobre temas transversais à sua poesia, entre os quais o delicioso “Drummond e Cabral: afagos & alfinetes”, texto sobre as relações de amizade e de conflito entre o pernambucano e o mineiro, além de interessante entrevista concedida por Cabral ao autor, em 1980, e de uma rica conferência por ele proferida na Faculdade de Letras da UFRJ, em 1993. Um precioso caderno de imagens enriquece ainda mais o tomo, mostrando as capas de diferentes edições dos livros do poeta, com destaque para as mais raras, e as suas dedicatórias.

Em entrevista veiculada no canal da Academia Mineira de Letras no *YouTube*, Secchin relembra que começou a interessar-se pela obra de João Cabral ainda no final da década de setenta, quando lecionava em Bordeaux, no sudoeste da França. Encantado pela leitura, voltou seus estudos de Mestrado e de Doutorado integralmente para a produção do poeta, de quem acabou se aproximando por intermédio do professor Afrânio Coutinho, confrade de Cabral na Academia Brasileira de Letras (ABL). À antiga admiração somou-se, então, uma amizade que durou até o falecimento de Cabral, em 9 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro.

Aluno do Colégio de Ponte d’Uchoa, dos irmãos maristas, na capital de seu estado natal, em sua mocidade João Cabral frequentou o famoso Café Lafayette, aderindo a grupo poético próximo ao Surrealismo, movimento estético surgido na França na segunda década do século vinte, sob a liderança de André Bretton. Em 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde travou contato com Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, entre outros. Ingressando, em 1945, no serviço diplomático brasileiro, atuou em cidades como Barcelona, Madri e Sevilha. Em 15 de agosto de 1968, elegeu-se para a cadeira de número 37 da ABL, na sucessão de Assis Chateaubriand, sendo recebido por José Américo de Almeida.

Havendo estreado na poesia na década de quarenta, João Cabral é comumente situado entre os representantes da geração de 45, que também deu ao Brasil nomes como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Sucedendo o Modernismo iniciado na década de 20, a produção de meados dos anos quarenta dele se distinguiu claramente. Na visão de Secchin, a poesia cabralina pode ser vista como ‘mais ou menos órfã’: ‘Ela não guarda uma conexão com o que se fazia na Literatura aqui no país, sobretudo no território da poesia, o que não impede que Cabral dialogue com a prosa, por exemplo, de Graciliano Ramos. Mais de uma vez, ele também reiterou que suas maiores influências

vieram das artes plásticas e da arquitetura’. Aí, o professor cita Le Corbusier, cujo trabalho era marcado pela presença da racionalidade, da funcionalidade, da clareza e da claridade, traços incorporados pelo pernambucano em sua produção.

Os pontos comuns entre a poesia cabralina e os poemas concretos são, por sua vez, questionados por Secchin, que os taxa de superficiais: ‘Se considerarmos o rigor como um esforço de composição em oposição ao fluxo da inspiração livre, aí há uma convergência possível entre João Cabral e os concretistas. Mas o rigor, por outro lado, é algo que pode estar presente em qualquer expressão artística. Uma total divergência entre um e os outros é, certamente, a relação com a sintaxe. O concretismo desmonta o discurso, gerando algo que se pode qualificar como rarefeito, atomizado, em que o encadeamento das ideias se dá quase que por meio da relação espacial entre os elementos do poema. Não há, aí, uma relação linear e temporal, em que um elemento dá sequência a outro. A atomização concretista ‘espacializa’ o poema e ‘trunca’ a sintaxe num grau máximo, razão pela qual, às vezes, é possível ter belos poemas concretistas feitos de uma única palavra: um substantivo, um adjetivo, que depois começa a expandir-se. João Cabral, por outro lado, faz a extrema apologia da sintaxe. É um poeta sintático a não mais poder’.

Se não teve pais (nem irmãos), a obra de João Cabral tampouco deixou continuadores do mesmo nível. Para Secchin, o que um grande poeta geralmente tem são imitadores, porque é tão pessoal, tão novo na maneira de gerar a sua obra que quem quiser segui-lo o fará de modo diluído, correndo o risco de tornar-se um ‘sub Cabral’.

A relação do poeta com as palavras é outro ponto sublinhado pelo pesquisador: ‘Para João Cabral não existia a palavra poética, anterior ao poema, como rosa, esperança, alvorada. Isso é a baixa poesia. Isso é o que faz aquele que, incapaz de escrever, busca o que está num armário ou numa prateleira de belas palavras.

O destino disso é o fracasso ou o lugar comum. João Cabral dizia que a palavra se torna poética no bom poema, quando é posta para funcionar, tendo ou não presença na história da poesia'. Secchin igualmente lembra que o poeta evitava as chamadas 'palavras com lastro', pelo fato de já virem muito contaminadas. Ele julgava melhor trabalhar com palavras ditas 'não poéticas', por conta justamente de seu frescor, de um potencial muito superior ao daquelas de que era sempre preciso tirar os oitenta por cento de tradição que lhe formavam o peso. 'João Cabral nunca usou a palavra 'amor' em qualquer de seus poemas'.

A obsessão vocabular de João Cabral é mais uma de suas características marcantes. Secchin diz que o poeta tinha horror ao que era vago ou abstrato, preferindo compor poemas sobre o que os seus olhos efetivamente viam, o que acabou por delimitar o seu universo de referências: 'Esse universo é, então, elaborado, reelaborado e retrabalhado. Aparecem as ideias fixas, o vocabulário recorrente. É possível escolher vinte palavras e dizer: aqui está o poeta. Toda a obra cabralina, ou quase toda, é composta pelas variações de palavras como pedra, sol, luz, sertão, mulher, poema, Recife, Sevilha, Andaluzia...'

Leitor dos vários 'cabrais', Antonio Carlos Secchin divide a produção do poeta em 'duas águas'. A primeira - a que pertencem, claramente, "O rio", de 1954, e "Morte e vida severina", auto de Natal escrito em 1955, a pedido de Maria Clara Machado - é formada por textos que dispensam até a leitura. São suas produções para auditório e teatro e que João Cabral vai chamar de 'poemas em voz alta'. O leitor implícito, aí, é o leitor coletivo, com quem o autor estabelece um evidente pacto de comunicabilidade. A segunda é formada pelos ditos 'poemas de reflexão', em que é possível detectar um alto grau de contenção e uma elaboração discursiva muito intensa, que exigem, mais que a leitura, as diversas releituras. É a essa água que se referiu o poeta, várias vezes, em entrevistas para a imprensa: 'Quero uma poesia áspera, que não embale

o leitor e que seja difícil. Uma poesia que apresente obstáculos, a todo momento, à leitura. Não quero uma poesia lisa’, como costumava dizer.

Seja áspera ou lisa, seja porosa ou impermeável, a verdade é que a poesia legada por João Cabral é dotada da potência suficiente para vencer os desafios do tempo, permanecendo apta a impactar as gerações atuais e as vindouras, o que ocorrerá de modo ainda melhor se iluminada por construções críticas como a de Antonio Carlos Secchin, capazes de captar sua complexidade e suas sutilezas, seu caráter único e irrepetível.

Rogério Faria Tavares é jornalista, tem Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1995), é Graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), onde concluiu o Mestrado em Direito Internacional em 2004. Ocupa a Cadeira n° 8 da Academia Mineira de Letras, e é o seu atual presidente. Recentemente organizou a antologia *20 contos sobre a pandemia de 2020* (Belo Horizonte: Autêntica, 2020). É membro correspondente da Academia de Letras da Bahia.



CIDADES QUERIDAS

(Sobre o romance *Querida Cidade*, de Antônio Torres)

GERANA DAMULAKIS

Faz pouco tempo que estávamos conversando, Aramis e eu, sobre um ensaio de Ivan Teixeira, na revista *Metáfora*, ano 1, nº 11, de 2012, quando ele distinguia entre o assunto e o tema na literatura. O exemplo usado foi *Os Lusíadas*, apontando o assunto, que é a viagem de Vasco da Gama às Índias, enquanto o tema, entre outras hipóteses, é a expansão dos valores europeus pelo mundo. O assunto depende da escolha do autor, mas o tema resulta da interpretação do leitor porque o assunto é consensual, já o tema tem variações tantas quantos forem os pressupostos da leitura. E é aqui que começo a pensar sobre o romance *Querida cidade*, de Antônio Torres, por conta do assunto ser uma cidade querida e o tema, segundo a minha leitura, são as voltas para a cidade natal do personagem (várias voltas) – “A querida cidade de onde eu venho” (p. 421). E o tema; ah, o tema é um sonho e uma revisão de uma parte da vida ou partes da vida.

Escrevo como um convite ao conhecimento de *Querida Cidade*. E sabedora da admiração que Torres tem pelo escritor William Faulkner, vale evocar o cosmos particular de Faulkner, desde os flashbacks, os fluxos de consciência, até o correlato objetivo entre a natureza e as pessoas, até os cortes radicais de tempo narrativo; enfim, tudo a serviço do que é criado pela palavra e sua relação última com o vivido. Como diria T.S. Eliot, o contraponto emocional é encontrar o correlato objetivo em algo exterior que concretiza para o leitor o que se passa no interior do personagem. Com maestria Torres faz parte de tal linhagem de escritores.

Uma característica marcante da obra de Torres é o fluxo dos parágrafos junto à cadência das frases, pois ambos criam os efeitos de tempo largo, ou seja, quando a dramaticidade está suspensa para permitir digressões, quase que invariavelmente sobre música. Ela mesma, a música, é bastante evocada, inclusive na crítica ao que se faz atualmente com as letras clamando, com palavras chulas, tais como “rabas”. Pode-se dizer que a música conduz a narrativa para mais histórias serem contadas – como a do encontro com o saxofonista Rodolfo Novaes –; afinal “um romance é uma história cheia de histórias”, na definição dada por Antônio Torres em entrevistas que trazem a pergunta recorrente: “O que é o romance? São tantas histórias que o narrador chega a escrever “Epílogo do romance da tia” (p. 172), em pleno andamento do romance.

A narrativa de Torres quase sempre vem acompanhado de um álbum com as músicas certas para cada cena. O escritor Décio Torres Cruz enfatiza que o romance *Querida Cidade* é uma “narrativa pop e cinemática”; eu gosto bastante quando Décio chama a atenção para as citações envolvendo a música durante todo o livro e conclui assim: “a música acompanha a nossa leitura como uma trilha sonora de um filme a se projetar na tela de nossas mentes”.

Leandro A. Rodrigues escreveu acertadamente: “Se deitarmos a cabeça nas páginas deste romance, ouviremos música de excelente qualidade (Elis Regina, Tom Jobim, Luiz Gonzaga, Miles Davis). Se fixarmos o olhar nas linhas, aprenderemos sobre mitologia (náíades), veremos literatura de grande valor (Charles Baudelaire, Jorge Luis Borges, o próprio Antônio Torres, Vinícius de Moraes, Nelson Rodrigues, Manuel Bandeira, Olavo Bilac). Se nos ajoelharmos, entenderemos a religiosidade nordestina (Santo Antônio, São Francisco de Assis, Sagrado Coração de Jesus, Maria Santíssima). Se quisermos testemunhar a História, veremos vultos políticos (rui Barbosa, Getúlio Vargas, Cristiano Machado).

Se aceitarmos a convicção nacional, colocaremos a mão no peito com a certeza de que este é um país singular (Hino Nacional, cantos marciais). Se aceitarmos conhecer o Brasil, passaremos por diversas cidades (a fábrica, a verde, a velha, a bela)...”. Vou incluir mais um poeta no panteão dos que Torres evoca: trata-se do baiano de Belmonte, o grande poeta Sosígenes Costa, citado por conta de “o mais azul de todo os delírios”.

Os símbolos andam de mãos dadas com a história, ou as histórias. A linha narrativa central está na condução de tal simbologia sobre um homem ilhado pelas águas do tempo no último andar de um prédio alto, olhando ao redor e recordando a vida. O leitor não perderá de vista a maleta que aparece desde a lembrança de si mesmo como um menino saindo da roça para estudar no ginásio de uma cidade, até seu aparecimento colada ao último andar do prédio que se deslocou. “Na maleta tida como mágica”, poderia encontrar-se “um livro intitulado *Dores do mundo*” (p. 420). O leitor também não perderá de vista as caixas de fósforos, com as quais o menino construía cidades, símbolo que acompanha ainda as lembranças que ele tem do pai acendendo charutos, o pai que ele imaginou “subindo ao céu impulsionado pela [minha] própria baforada num charuto?” (p. 423).

A imagem inusitada é fascinante: “Onde já se tinha visto isso: o último andar de um prédio gigantesco, com um heliporto na cabeça, sem asas, nem motor, nem piloto, tripulação, nada, transformar-se num veículo de capacidade orbital, com autonomia para circular a grande altitude, unicamente para transportar um sujeito que nele se encontrava, cercado de água por todos os lados na cidade que acabava de morrer afogada” (p. 405). E mais fascínio encerra um retorno desse homem para seu ponto de chegada, só que trazendo resquícios consigo: “... quem estava descendo dos céus no pedaço de prédio que trazia – e nele era trazido – como último vestígio

de uma grande, vibrante, luxuriosa cidade, desaparecida sob as águas no mais implacável castigo imposto por forças divinas a um povo pecador...” (p. 411).

Desde o título, atentando para tal fato, vai ficando evidente que não é o menino relembrado, que não é o homem ilhado, pois é a cidade quem protagoniza a história: “Ficar onde? Naquela cidade dos pés juntos? Alguém ali a chamaria de querida? “Aqui é o nada.” (p. 424). A cidade dos pés juntos que dificilmente alguém chamaria de querida aparece passando por sua emancipação durante o romance; assim também, aparecem entre tantas cidades e tantas histórias os títulos de outros romances de Antônio Torres, tais como: *Um cão uivando para a lua*, *O cachorro e o lobo*, *Os homens dos pés redondos e*, inclusive, o título de seu livro de contos, *Meninos, eu conto*. As cidades invariavelmente importam nos textos de todos os títulos citados.

Posso retirar do próprio *Querida Cidade* a imagem que atravessa o romance e o conclui: “Sim, aquele senhor perdido no tempo e no espaço, completamente à deriva, [...] agora decolava, como se tivesse se tornado o dono do seu próprio rumo” (p. 405). Sabemos onde está o personagem, no alto de um edifício de uma cidade afogada pelas águas. A certa altura, ele sente que precisa “agradecer [à cidade], não só por ter, ao se afogar, me deixado com a cabeça de fora...” (p. 421). A cabeça significando o lugar das lembranças, o lugar de onde vem a narrativa.

Interessante é que não são nomeadas as cidades (o povoado, a cidade onde está o ginásio, a cidade grande que se afoga), assim como não há nomes para os personagens. Fiquei intrigada com os indicativos sobre as cidades, embora alguns sejam claros. Perguntei ao autor de *Querida Cidade* quem são: a fábrica, a bela, a velha e a verde. Eis a resposta por e-mail:

A fábrica pode ser qualquer cidade industrializada. São Paulo, por exemplo.

A bela, qualquer cidade a beira-mar, como o Rio de Janeiro.

A velha: qualquer uma das nossas capitais mais antigas (Salvador, Recife...)

A verde - essa tem toda a pinta de Alagoinhas, nos anos 50. Beijão.

AT

Se o volume *Essa terra* traz a divisão em quatro capítulos, a saber: “Essa terra me chama”, “Essa terra me enxota”, “Essa terra me enlouquece”, “Essa terra me ama”, tão importantes para a estrutura do romance, em *Querida cidade*, dá-se o mesmo: “Reflexos no espelho das águas (da cidade)”, “Se sua vida desse um romance”, “E pé na estrada”, “Enigmas” e “Ela” são de suma valia para a leitura na sua inteireza.

Querida cidade adensa a trilogia. O mesmo ocorre com o livro de contos *Meninos, eu conto*. Insisto: ambos, *Querida Cidade* e *Meninos, eu conto*, adensam a trilogia.

REFERÊNCIAS

O texto “A Madeleine brasileira”, de Leandro A. Rodrigues foi lido no evento “Expoentes da Literatura”, da Universidade Católica de Petrópolis, no dia 11 de setembro de 2021.

O texto “Querida Cidade, de Antônio Torres”, de Décio Torres Cruz foi enviado, via e-mail, por Antônio Torres a meu pedido.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TORRES, Antônio. *O Cachorro e o Lobo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TORRES, Antônio. *Pelo Fundo da Agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TORRES, Antônio. *Meninos, eu conto*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Galera Júnior, 2015.

TORRES, Antônio. *Querida Cidade*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

Gerana Damulakis é crítica literária, ensaísta e antologista, autora de livros como: *Guardador de Mitos* (1993), *Sosígenes Costa – o poeta grego da Bahia* (1996), *O Rio e a Ponte – À Margem de Leituras Escolhidas* (1999), *Antologia Panorâmica do Conto Baiano: Século XX* (2004), *Conversas com Hélio Pólvora* (entrevista, 2016) e *a antologia Nome de Mulher* (2017). É titular da Cadeira nº 17 da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris. Desde 2015 ocupa a Cadeira nº 29 da Academia de Letras da Bahia.



PRIMEIRAS ESTÓRIAS **DE GUIMARÃES ROSA**

CYRO DE MATTOS

São muitas as definições que procuram dizer o que é conto, esse gênero de aparência fácil, mas de difícil concepção e execução, como lembra Machado de Assis, um dos fundamentais contistas brasileiros de acontecimentos interiores. Devido à dificuldade para precisar o que significa, nenhuma definição basta para informar o que é esse gênero, cujas primeiras manifestações começam através da oralidade e se perdem em tempos remotíssimos.

Nomes que se tornam famosos na arte de contar história são os de Guy de Maupassant (1850-1893) e Anton Tchekhov (1860-1904). Admirador de Flaubert, Guy de Maupassant adotou a técnica realista para escrever cerca de trezentos contos, de temas variados, dispostos na ordem linear do acontecimento exterior. Anton Tchekhov vai substituir os momentos do princípio, meio e fim, no conto tradicional, pela atmosfera criada com os acontecimentos interiores do personagem, ao adotar assim uma nova técnica, em que entram situações psicológicas ou de natureza incomum, sem o tratamento linear dos episódios que acontecem na realidade exterior.

Em Guimarães Rosa não circula o verismo dos contos tradicionais, o realismo dos personagens vivendo suas limitações, atitudes duvidosas, perdas e dores, determinadas pelo ambiente exterior, ao redor das circunstâncias urbanas ou rurais. A alquimia da criação literária no contista mineiro responde pela combinação de vários tipos de mimese na transposição da realidade

como fundo para expressar outra realidade decorrente da fabulação e da linguagem inovadora. Funde a realidade como ela é no realismo, melhor do que é no idealismo (romantismo) e no grotesco pior do que é, construindo uma original unidade em que as palavras são plumadas e encantam com o seu ritmo consoante sonoridades, sinestésias e vocábulos inventados com novos sentidos. Os três níveis estéticos passam a coexistir a um só tempo, numa estranha desordem aparente, como até certo ponto ocorre com Clarice Lispector, forçando com isso que a crítica moderna não mais se submeta ao esquema de classificação metodológica tradicional dos gêneros literários. No circuito pendular da arte literária, a ficção de Guimarães Rosa espelha com novas técnicas para expressar o mundo rural do sertão mineiro de dentro e de fora, com trânsito no século vinte. Com outras vozes no discurso inovador, elementos modernos na linguagem constitutiva de falas e falares para expressar anseios, bravuras, ternuras. Assim, o ficcionista de Cordisburgo ousa inventar caminhos para libertar a obra literária da estrutura tradicional.

Diferente do que ocorreu com a prosa de ficção regionalista na América Latina, na qual se objetiva com veemência a humanização de grandes presenças telúricas, com a selva, o lhano, a zona andina e, no Brasil, as terras nordestinas da cana do açúcar, das secas no agreste, da civilização do cacau no sul da Bahia, dos pampas nas estâncias do Rio Grande do Sul, o conto e o romance contemporâneos tentam suplantar a visão esquemática da proposta naturalista, da voz onisciente da narrativa horizontal do drama no plano exterior das relações e situações episódicas. Como em Joyce, Faulkner e Cortázar, por exemplo, procura-se mergulhar no mundo em processo por meio de um pensamento fantástico, preferindo-se que a imagem do homem, decorrente de escavações metafísicas, substitua a geografia, o protesto e a denúncia. Dialogue com o mundo em termos de desconcertante riqueza criativa, espantosa poesia e humor raro da vida cotidiana.

Com suas sertanejices e bravuras, Guimarães Rosa inventa um novo discurso que subverte o sistema organizado do verbo, tecendo a linguagem com o canto e a plumagem das palavras. O tempo cronológico da narrativa linear também vai ser abolido através da fantasia submissa às novas técnicas introduzidas no texto de ficção como formas pioneiras de contar a estória. As categorias psicológicas e alusivas da poesia nas zonas ilógicas da ilusão tomam o lugar da linguagem realista para transmitir o rural agora com uma pulsação diferente. A prosa escorrida no fluxo ininterrupto do inconsciente, monólogos vazados de interioridades, neologismos da linguagem com seus potenciais semânticos e poéticos, as percepções sábias dos personagens ritmadas em observações penetrantes e lúcidas acerca do sertão, tudo isso faz de João Guimarães Rosa um dos grandes inventores da prosa moderna de ficção, colocando-o na companhia dos maiores transgressores da novelística mundial de todos os tempos.

A decadência da prosa de ficção regionalista na literatura da América Latina, por volta de 1940, fez com que a selva, o rio, o lhano e a zona andina não mais motivassem com a sua grandeza e particularidades os novos autores. Assim surgiram esses modernos ficcionistas interessados pela temática universal, buscando operar o conto e o romance não mais com os elementos supervalorizados da terra. Vale nesse tempo de desafio e sonho a imagem do homem contemporâneo com os vícios e virtudes de sua natureza pessoal em crise. Não se presta mais como elemento inserido em uma geografia particular de fundo telúrico, atuando com a sua natureza primitiva, às vezes sobressaindo no gesto pitoresco. Nessa aderência valorizada pelo ambiente da terra, o homem fotografado em sua ambiência rústica não serve para ser interpelado por uma literatura questionadora, cheia de fissuras e rupturas quando aborda um herói às avessas com fixações no mal. Recorre-se então a Kafka, Joyce, Faulkner, Proust e Virgínia Woolf como influências positivas para a consciência crítica

de novas técnicas no nível da história imaginada com ideias e no plano da elaboração formal.

Uma literatura questionadora da essência humana, tantas vezes com o seu lastro poético, vai surgindo para ocupar o lugar da geografia caracterizada pela paisagem física, que subjuga os valores do indivíduo. O homem e seus aspectos essenciais, sua luta de transcender e de afirmação do seu caráter servem de motivação agora para as criações de contistas e romancistas. E o que se percebe nessa mudança de atitude é o compromisso do escritor como testemunha do seu tempo, sem implicações de submissão do seu processo criativo à estética do regionalismo limitado, nem tampouco ao nível panfletário do conteúdo político.

O mineiro João Guimarães Rosa, que estreia em 1946, com os contos de *Sagarana*, vem se juntar a alguns desses autores que se inscrevem na nova corrente de renovação da prosa de ficção na literatura da América Latina. A transgressão esteticista do escritor mineiro vai acontecer no plano da linguagem e na ruptura de outros elementos tradicionais usados por autores que se preocupavam em contar a história como uma experiência de vida imbrincada num sistema verbal conhecido e previsível.

A criação de uma linguagem nova recheada de neologismos e valorização de termos arcaicos, a subversão da frase na sintaxe, no fraseio de coordenação lógica, o acontecimento ou situação apresentada dentro de um clima narrativo, em substituição do enredo sequenciado no tempo cronológico armado de acordo a realidade exterior, todas essas atitudes desconcertantes na estrutura do conto e do romance fazem de João Guimarães Rosa um dos autores impactantes que parte das relações regionais para o alcance de valores universais. Há na inventiva formal e do conteúdo uma percepção das mais experimentalistas ao nível de linguagem. Uma revelação na técnica revolucionária de narrar como ainda não havia acontecido na literatura brasileira.

Guimarães Rosa está na literatura brasileira como Joyce de *Ulisses* para a britânica, em termos de renovação na estrutura da novelística conhecida. Seus contos de estreia com *Sagarana* inauguram em nosso regionalismo uma maneira nova de apresentar as relações entre o bem e o mal, Deus e o diabo, o real e o mágico. Uma revolução formal desdobra-se para fazer aflorar o conteúdo, que acontece com a percepção sensitiva ao se aprofundar no mundo habitado por esse homem rústico no sertão mineiro. O coloquial misturado com a erudição do poliglota contribuem para a realização de legado valoroso, esplêndido de inovação ao nível da fala.

Todos os seus livros posteriores ao de sua estreia guardam essa marca transgressiva contínua, formadora com a reticência na ideia, entonação da palavra cantante com base nos movimentos rítmicos dos ponteios e voltas, andamento e diálogo nas notas, que a fazem soar como música, ecoar no texto como recurso extraído da imaginação viva em tons encantatórios e de instrumental linguístico vário, numa alquimia positiva para dizer da vida pura com suas sábias sílabas nas coisas, simples mundos intensos. Com seres humanos tristes, às vezes grotescos, despercebidos, rejeitados no cenário da comédia humana, mas agora vestidos de ternura, se reinventando como heróis populares, acontecendo no suspense, na transição de humanidades diversas. Fazem pensar e sorrir, envolvendo-nos dentro de um caso ou estória, novela ou romance, para permanecer na alma incrédula de quem exerce a leitura.

Em *Primeiras estórias* (1962), Guimarães Rosa reúne 21 contos breves ao largo de 176 páginas. No livro há contos breves para todas as percepções. Conto de menino, “As Margens da Alegria”, “A Menina de Lá”, “Os Cimos”, “Partida do Audaz Navegante”; de realismo mágico “A Terceira Margem do Rio”, “Um Moço Muito Branco”, “Nenhum, Nenhuma”; de bicho, “Sequência”; de amor em “Luas-de-Mel” e de humor em “Taranhão, Meu Patrão...” Contos instigantes com personagens estranhos,

assustadores e recatados, envoltos na áurea do mistério, como a mulher de “A Benfazeja”, do matador sem querer do conto “Os Irmãos Dagobé”. Solitário em sua morada enquanto os outros velam a vítima que causava o horror com a valentia desregrada, o personagem resolve comparecer ao velório causando pasmo a quem o vê. Não se entendendo como o matador ainda ajuda a carregar o caixão, em seu gesto inusitado, e por todo esse comportamento de solidão solidária vai ser visto como o restaurador da paz, violentada pelo caráter irracional e criminoso da vítima.

Contos em que a sonoridade do vocábulo reverbera a frase, torna o canto no fraseio com a beleza da plumagem, na fantasia que se estende com graça e melodia constante ao leitor, proporcionada com a vida em estado puro, em maciez de inocência, que faz com que a tristeza do menino com a doença da mãe seja posta de lado quando então descobre o tucano na árvore e no seu voo pelo amanhecer trazido por aquele olho fulgente do sol.

De repente, ouviu que, para consolá-lo, combinava maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingarda na asa. Não e não! – zangou-se aflito. O que cuidava, que queria, não podia ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato. (pág. 174, edição 1962).

Em *Primeiras estórias*, encontramos textos de ficção curta enfeitados com o canto emanado dos sons da vida e das cores de uma plumagem que alicia, recursos operados por autor habilidoso que dão no discurso poético uma fantasia particular, enfeixada com pulsações e sensações genuínas, às vezes de epifania, chegando a ser provocativa a partir do título dado à estória, que logo atrai para se saber o que ela esconde de encantador e comovente, como “Tarantão, Meu Patrão”, “Pirlimpisquice” e “Darandina”. De outras vezes, as manhas e artimanhas do autor consistem em contar duas histórias em uma, como em “Sequência”,

epopeia de uma vaca que resolve fugir de seus novos campos para retornar à antiga morada onde deixara seus mugidos ecoando no verde. O novo dono vai procurar a vaca fujona, e, depois de encontrá-la nos pastos da fazenda originária, seus olhos brilham com um olhar quente quando descobrem uma das filhas do fazendeiro.

A uma roda de pessoas. Às quatro moças da casa. A uma delas, a segunda.
Era alta, alva, amável. Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço
compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido. Da vaca, ele a ela diria: - “É sua.” No mundo nem há parvoíces; o mel do maravilhoso, vindo a tais horas
de estórias, o anel dos maravilhosos. Amavam-se.
E a vaca – vitória, em seus ondes, por seus passos.” (pág.69, edição 1962).

Um primor de estória em que entra bicho, com (dentro) a proeza da vaca puxando no final outra história, assinalada com o triunfo do amor, que fica na mente do leitor pulsando com o seu desfecho inusitado.

Para o leitor impaciente, a ficção de Guimarães Rosa pode ser cansativa dado o uso inverso da sintaxe, a linguagem mais para o poema do que para a informação naturalista dos fatos, expressa agora com neologismos e valorização dos termos arcaicos. Daí dizer que se trata de um ficcionista que escreve para filólogos não procede. Autores como Joyce, Faulkner, Kafka, Proust e Saramago, ou Clarice Lispector e Adonias filho, entre nós, não escrevem para o leitor acostumado às visões generalizadas da vida, usando para isso uma linguagem formadora do discurso denotativo, com vistas a uma leitura fácil do mundo, propensa ao conhecimento exótico/estranho do que decorre dele.

Em Guimarães Rosa encontramos o escritor filosófico, que trata temas universais, como a vida e a morte, o bem e o mal, Deus e o diabo, as questões que estão no sertão mineiro ao redor do homem ou em qualquer outro lugar. Filosófico e universal em seu regionalismo pessoal, proveniente de casos recheados de provérbios populares, impressões da flora e da fauna, acontecimentos imprevisíveis no desfecho, símbolos e mitos, é um escritor difícil, sim, que gosta de usar neologismos, processo que consiste em juntar os sufixos para a formação de novo vocábulo.

Em *Primeiras estórias* encontra-se “A Terceira Margem”, o conto mais famoso de Guimarães Rosa, uma alegoria que se serve do lugar intangível de uma canoa, que o pai escolhe para embarcar e ficar no rio separado da família. O filho em luto perpétuo leva a comida para o pai na expectativa de se encontrar com ele, o que não acontece. Até que envelhecido propõe ao pai ficar no seu lugar, o tempo se encarregara de fazer com que sua ausência distante da família não mais fosse necessária. O pai aparece, o filho recua, mas não toma o lugar dele. O que queria dizer Guimarães com essa alegoria, que provoca a contrariedade da mulher, a desesperança da filha, a insistência do filho? A impossibilidade, talvez, de se contactar com quem se tornou inalcançável como morador de outra dimensão. Um conto mágico, sem enredo, com uma atmosfera surpreendente, um estilo aliciador, que prende o leitor sem que revele o que o autor quis significar com a sua alegoria. Conto de atmosfera envolvente, que desliza como as águas do rio, até que se dissolvam no terminal de seu enigma.

É preciso conhecer as armas e bagagens na montagem do processo estético por um autor da beleza criativa de Guimarães Rosa, com a sua forma pioneira e única de forjar o discurso, modo inovador de contar a história e a memória do homem como ser do tempo e da morte nas instâncias regionais da vida. E assim, melhor dotado de instrumental crítico,

com uma cultura eficaz, íntimo de questões esteticistas, o leitor tornado cúmplice suficiente de uma narrativa complexa pode penetrar na grandeza desse autor mineiro, descobrir-se com suas invenções que apontam para as questões metafísicas e os enigmas da vida.

Leitura Sugerida

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*, contos, Livraria Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1962.

Cyro de Mattos é ficcionista, poeta, ensaísta, cronista, romancista e autor de literatura infantojuvenil. Editado também em Portugal, Itália, França, Espanha, Alemanha e Estados Unidos. Premiado no Brasil e exterior. Já publicou mais de 80 livros. Tem o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz, e é membro do Pen Clube do Brasil. Desde 2016 ocupa a Cadeira n° 22 da Academia de Letras da Bahia.



ROMANCES DE CARNAVAL

ARAMIS RIBEIRO COSTA

Com o mesmo sugestivo título, “Romance de Carnaval”, há, na literatura baiana, dois contos primorosos, de dois mestres indiscutíveis do gênero: Vasconcelos Maia e Hélio Pólvora. O de Vasconcelos Maia foi publicado pela primeira vez no seu livro de estreia, *Fora da vida*, (Edições Elo, 1946), sendo reeditado em *Histórias da gente baiana* (Editora Cultrix, 1964), livro que se tornou clássico na literatura baiana, não apenas por sua edição nacional de expressiva receptividade, mas principalmente por reunir o melhor da contística desse autor, podendo ser considerado o livro síntese de sua obra de contista. O de Hélio Pólvora, datado de 1987 e publicado inicialmente em suplemento de jornal, vamos encontrar pela primeira vez em livro no volume intitulado *Xerazade* (José Olympio Editora, 1989), comemorativo dos trinta anos de atividades literárias do autor e também uma edição nacional de larga aceitação. Ambos os contos, portanto, trazidos em livros consagrados pela crítica de todo o país, a mostrar a motivação, bem como a força dessa temática e do ambiente no qual ela foi inserida. Esse conto de Hélio Pólvora foi um dos escolhidos por ele para integrar a sua antologia pessoal editada em Portugal, *A guerra dos foguetões machos* (Orabem Editora, 2000), e encontra-se, reescrito, impulso que o autor não conseguiu conter na reedição de suas ficções mais antigas, no primeiro dos dois volumes de seus *Contos e novelas escolhidos* (Coleção Mestres da Literatura Baiana, ALB / ALBA, 2013).

A coincidência, ou a repetição de títulos, se não chega a ser um acontecimento corriqueiro, não é raro. No conto brasileiro podemos citar “A Cartomante”, de Machado de Assis, um de seus contos mais celebrados, incluído em *Várias histórias*, de 1896, e o de mesmo título de Lima Barreto, publicado inicialmente avulso, porém mais tarde inserido em *Histórias e sonhos*, de 1920. A comparação entre os contos não favorece Lima Barreto. Mas, ao imprimir à sua página o mesmo título, tratou o tema de modo bem diverso, de acordo com o seu estilo e técnica de desenvolver a ficção curta, com um enredo breve e alinhavado, a concentrar todo o impacto narrativo no desfecho, como numa anedota, distanciando-se completamente, tanto na forma como no conteúdo, da obra-prima do autor de *Várias histórias*.

Há também livros com o mesmo título. Quando Graciliano Ramos escreveu *Memórias do cárcere*, obra cujo segundo volume deixou inacabado e só foi publicada após a sua morte, já havia, há quase um século, nas prateleiras das livrarias brasileiras, as *Memórias do cárcere* de Camilo Castelo Branco, escritor não apenas de vastíssimo público no Brasil, como de marcante influência sobre conhecidos autores brasileiros. Isso não impediu que o mestre de *Vidas secas* desse o mesmo título às suas recordações de preso político, após a Intentona Comunista de 1935.

Finalmente, voltando a Vasconcelos Maia, agora autor do conto “Largo da Palma” (*Contos da Bahia*, Caderno da Bahia, 1950), há igualmente a concordância posterior de Adonias Filho, com o seu *O Largo da Palma* (Civilização Brasileira, 1981), título geral de um volume composto de seis novelas passadas no mesmo largo antigo e enladeirado da Cidade do Salvador que serviu de cenário a Vasconcelos. Essa última coincidência é a que menos concorda, pois que de um conto para um livro, apresentando no título do livro o acréscimo do artigo definido. Haveria outros exemplos conhecidos, tanto na literatura nacional quanto nas estrangeiras.

Tratando-se de contistas tão merecidamente respeitados, ambos baianos e contemporâneos (V. Maia e H. Pólvora), e de dois contos exemplares da nossa literatura, vale a pena incursionar por esses dois “romances” que recriam com tanta fidelidade e arte uma Bahia e um carnaval que já se perderam no tempo. É o que aqui tentaremos fazer.

O próprio título já fornece ao leitor dois indícios: primeiro “romance”, sugerindo uma história de amor ou de envolvimento afetivo; segundo “de carnaval”, dando a entender a efemeridade do próprio romance, como se os autores partilhassem da crença generalizada de que os romances que se iniciam no carnaval acabam invariavelmente na Quarta-feira de Cinzas. Quem sabe também o amor não esteja incluído na tradicional afirmação da terça-feira gorda, literalmente transcrita por Vasconcelos: “é hoje só, amanhã não tem mais nada”? Curioso que Vasconcelos Maia haja estendido a efemeridade do romance também ao Natal, em outro de seus contos magistrais. O “Romance de Natal” foi publicado no livro subsequente a *Fora da Vida*, o já citado *Contos da Bahia*.

Mas voltando aos dois contos do mesmo título, embora nenhum dos autores nascesse em Salvador, e sim no interior da Bahia, Vasconcelos Maia em Santa Inês e Hélio Pólvora em Itabuna, é a capital o cenário desses dois contos, o palco onde o grande e bom carnaval sempre aconteceu, desde os remotos tempos do entrudo, com a marca desagradável de suas brincadeiras de mau gosto, passando pelas décadas das cadeiras nas calçadas, dos desfiles das grandes sociedades carnavalescas, dos blocos nem sempre bem comportados a cantar marchinhas de época, do corso, também dos bailes à fantasia nos clubes sociais, até a festa explosiva dos trios elétricos a galvanizar as multidões em praças e avenidas. Tanto Vasconcelos quanto Hélio ficam naquele meio tempo, bem depois do entrudo e antes do trio elétrico, quando o carnaval, embora alegre, era tranquilo e até romântico.

Poderiam, ambos os contos, serem localizados nos anos 40 do século XX, a década imediatamente anterior à marcada pela invenção do trio elétrico, um carnaval que durava três dias, domingo, segunda e terça-feira, o tríduo momesco, o que posteriormente, com a festa estendida, passou a ser muito pouco. Falam de batucadas, confetes, serpentinas, lança-perfumes, fantasias e mascarados. Vasconcelos Maia dá ênfase aos clubes carnavalescos Cruz Vermelha, Fantoques da Euterpe e Inocentes em Progresso no esplendor de seus desfiles luxuosos, com carros alegóricos, arautos a cavalo, trombetas, porta-estandartes, rainhas e princesas, numa encenação e numa disputa entre eles que apaixonavam os foliões, que torciam para os seus clubes preferidos como se fosse para times de futebol. Hélio Pólvora transcreve trechos de marchinhas de época, uma delas famosíssima:

*As águas vão rolar
Garrafa cheia eu não quero ver sobrar...*

Ambos falam dos bondes e referem-se à Rua Chile dando-lhe a importância da época, quando era a principal rua da cidade.

O cenário é igualmente marcante, nos dois contos. Há a coincidência da citação de Itapagipe e da Calçada, bairros distantes do alvoreço do carnaval. Mas, enquanto Vasconcelos Maia desenvolve o seu enredo a partir de uma “ruazinha suburbana de Itapagipe, sem poesia e sem jardim”, com passagens retrospectivas na Avenida Sete de Setembro, Hélio Pólvora movimenta-se de preferência na própria Rua Chile, na Baixa dos Sapateiros e na Barroquinha. Embora não identifique a rua onde mora a sua personagem, Vasconcelos Maia estabelece o local quando, após a frase acima citada, diz que “o ruído do mar esvanecendo-se na Praia do Cantagalo chegava, com a preguiça e o aborrecimento costumeiros”. Já a personagem de Hélio tem residência bem definida: no “Jogo do Carneiro, nos fundos do Cinema Jandaia”.

É interessante anotar ainda, como pontos de concordância, os dois contistas referirem-se às três horas da madrugada como sendo a hora em que, praticamente, se parava de brincar o carnaval; o fato das personagens femininas de ambos terem nomes estrangeirados, a de Vasconcelos, Suzette, com dois “t”, e a de Hélio, Marly, com “y”; e ambas serem baixinhas, a ponto de Suzette se preocupar: “como seria na hora dos beijos?”. Mas, aqui, acabam as coincidências.

Tecnicamente os dois “romances de carnaval” são completamente diferentes. Vasconcelos Maia já começa na Quarta-feira de Cinzas, ou seja, após o carnaval. Na sua janela, Suzette espera o namorado, Edmundo, conhecido na véspera, em plena folia momesca. É o primeiro encontro marcado, o verdadeiro início do namoro. Enquanto o espera, seus devaneios a levam às cenas do dia anterior, quando se dera o conhecimento, e a outras, futuras, que provavelmente viriam a acontecer em consequência do namoro. Passa-se, dessa forma, a narrativa, em três planos: o presente, que é a espera, impregnada de expectativas, esperanças e sonhos, mas também de ansiedade e angústia; o passado recente, que ainda está vivo na sua memória, com as alegrias e as emoções proporcionadas, o que a embala em sonhos, levando-a a todas as esperanças; e o futuro, que ela imagina com a nitidez do seu desejo, a antecipar cenas com deliciosa riqueza de pormenores. A mãe, D. Ernestina, chamando-a com insistência para entrar por causa da gripe e do sereno, faz o contraponto entre a realidade e o sonho, entre a conveniência e o devaneio. Suzette insiste, é muito difícil pôr fim a uma esperança. Mas o namorado não aparece, nem dá nenhuma satisfação por faltar, o que equivale a dar por terminado o romance mal começado.

O conto de Hélio Pólvora inicia-se em pleno carnaval, “todos os barulhos das batucadas e dos foliões concentrados num barulho só, fino, finíssimo, nota aguda de violino”. É toda ação, do início ao fim, e passa-se diante dos olhos do leitor, todas as ações no presente, sem retrospectivas ou especulações para o futuro. Propositadamente, num clima de tensão e realidade,

não há devaneios, não há expectativas, não há ternura a perpassar os sentimentos de qualquer dos personagens, não há sequer alegria verdadeira, a alegria ou vem de modo artificial, por meio do éter inalado, ou de fora, do próprio ambiente carnavalesco. Ainda aí, não contamina os personagens, a não ser num rápido momento em que Marly, “na calçada, sacudindo as ancas, acompanhando o ritmo da batucada”, “rebola-se, toda faceira”, enquanto lança “sorrisos de banda” ao jovem que acaba de conhecer. Mas é tudo muito fugaz, uma alegria ou um estado de ânimo que intencionalmente não convence, como se as sombras íntimas que povoam as almas daqueles personagens não pudessem se dissipar com a simples batucada. Ao contrário dos do conto de Vasconcelos Maia, são personagens deliberadamente frios e talvez sem esperança. Sem qualquer crença no ser humano que circunstancialmente encontram. As sequências se sucedem e se encadeiam, como ocorreria se Hélio, em lugar de descrever, ligasse uma câmera e filmasse, registrando, em rápidas tomadas, não apenas a ação dos personagens, mas igualmente o movimentado entorno. Aliás, a sugestão de filmagem vem do próprio autor: “Daí em diante o filme se precipita, sem qualquer ordem cronológica, disparado na máquina, o operador longe da cabine. As imagens explodem como relâmpagos”. Porém, como a demonstrar que de fato é uma escrita com recursos e abrangência de escrita e não a rodagem de um filme, o contista registra também o cheiro das ruas, das pessoas e das frutas.

Enquanto no conto de Vasconcelos Maia as situações são vistas e sentidas por meio de Suzette, o enredo desenvolvendo-se a partir dela e seu pensamento revelado, no conto de Hélio Pólvora é o homem — que permanece anônimo para o leitor — o personagem principal. A circunstância de ser mantido incógnito, mas apenas para quem está lendo, pois diz o seu nome à personagem com quem provisoriamente convive, contribui para o desconhecimento do leitor a seu respeito, sendo dito apenas que se trata de um estudante em férias. É um personagem fechado em si mesmo,

que não revela história de vida, que não expõe sentimentos, deixando transparecer apenas tratar-se de um contumaz leitor, a ponto de lamentar, em determinado momento, estar a Biblioteca Pública fechada em pleno carnaval, onde gostaria de “passar duas ou três horas lendo ficção norte-americana, talvez uns contos de Jack London sobre homens e lobos solitários se arrastando pela neve”. Enquanto Suzette revela-se completamente, sendo muito fácil imaginar tudo sobre ela, o mesmo não se dá com o anônimo e conturbado personagem do conto de Hélio. Qualquer suposição sobre seu caráter, personalidade, existência ou não de conflito interior, teria de ser elaborada tão somente a partir de suas ações descontroladas ou impulsivas.

Após uma inalação exagerada de éter, “escorado na porta da loja, na Rua Chile”, em meio à multidão, ele perde os sentidos e acorda diante de Marly, uma foliã fantasiada de baiana e desconhecida que, a princípio, lhe parece uma “bruxa carnavalesca”. Travam conhecimento a partir de sua tragédia pessoal, de estar absolutamente só em meio a todo aquele tumulto, daquela forma anestesiado e vulnerável a viajar artificialmente por sua própria alucinação, porém, na realidade, a necessitar de auxílio. Brincam um pouco mais o carnaval, mas sem qualquer envolvimento ou emoção. A frase “eu te amo”, pronunciada por ele de súbito, é vazia de significação, Marly e ele próprio sabem disso. E ele vai levá-la em casa já de mãos dadas, mas sem que o gesto signifique qualquer envolvimento sentimental, não há nem mesmo atração física, tratando-se apenas de uma mera circunstância, quase um procedimento obrigatório naquela situação. Tenta beijá-la na boca, mas é outra iniciativa desprovida de qualquer desejo, unicamente porque lhe parece que deve proceder desse modo. Marly oferece-lhe a face e um anel, que tira do dedo.

Aqui uma curiosidade: enquanto Suzette, que em tudo e por tudo aparenta ser uma mocinha virgem e recatada, de família de classe média da Cidade Baixa, sujeita ao rigor da mãe, que a fiscaliza e submete, beija longamente Edmundo, um desconhecido,

Marly, ao contrário, mesmo demonstrando ser uma mulher sozinha e independente, ainda por cima enfermeira, como se vai saber depois, sonega o beijo na boca, oferecendo a face e, ato contínuo e num gesto inesperado, como se, por um momento, cedesse a um impulso romântico, e também simbólico, tira um anel do dedo e oferece-o. A contradição, entretanto, é cheia de significados, incluindo o fato de que, para Suzette, o simples beijo na boca pode ser uma grande e irresistível aventura, enquanto que, para Marly, com uma provável experiência de vida, que não é revelada, mas é passível de ser intuída pelo leitor, o beijo na boca pode não ter expressão alguma, sem um sentimento qualquer a motivá-lo. De todo modo, ambos os contistas oferecem, com suas cenas de beijar ou sonegar o beijo na boca, e, no caso do conto de Hélio, também o oferecimento do anel, um farto material para divagações.

Seguindo com o conto de Hélio Pólvora: combinado um encontro para o dia seguinte, no qual iriam a um baile no Garcia, surgem situações, onde a realidade confunde-se com o efeito do éter, aspirado do lança-perfume, e ele, à semelhança de Edmundo com Suzette, não comparece. É Marly quem vai procurá-lo, depois do carnaval, no seu quarto de pensão. O diálogo frio e a retomada do anel pressupõem o término do romance.

O perfil psicológico dos personagens masculinos é inteiramente dessemelhante, nos dois contos. Edmundo, o namorado de Suzette, parece um conquistador esperto e oportunista, que apenas quer se aproveitar da moça durante o carnaval, beijando-a na boca. O namorado de Marly, mesmo com a frase “eu te amo” e a tentativa do beijo na boca, afirmação que não convence e beijo que não se concretiza, não faz nenhum esforço no sentido de impressioná-la. Poderia estar atravessando uma grave crise existencial, não obstante, na época, fosse comum jovens usarem e abusarem do éter nas festas de Momo, mesmo sem crise alguma. Em todo caso, parece bem mais seduzido pelas emoções do lança-perfume que pelos atrativos físicos da moça que acaba de conhecer.

Da mesma maneira as duas, Suzette e Marly. Suzette é uma menina romântica e sonhadora que, efetivamente, se deixa impressionar pelo namorado gentil e bem falante, conhecido no carnaval. E beija-o, e faz planos, e é comovente o seu choro final, quando, desiludida, se convence de que ele não irá vê-la, tudo não passando de um engodo. Marly, aparentemente mais madura, não se envolve com a mesma facilidade. Teria alimentado algum sonho, alguma esperança em relação ao jovem estudante em férias na capital? Qual teria sido o verdadeiro motivo de oferecer-lhe o anel, e de ir procurá-lo na pensão após o carnaval? Apenas o resgate do anel? Fica a dúvida. No final, ao espremer-lhe um pequeno furúnculo, é mais uma enfermeira do que uma namorada. De qualquer modo, há uma distância enorme entre ela e Suzette.

Como se vê, apesar das concordâncias, ou confluências, como querem alguns, entre as quais, a mais evidente, é o próprio título, não há aqui qualquer imitação, ou mesmo inspiração de uma obra na outra. São duas obras-primas do conto baiano, em tudo dignas do nome e do prestígio de seus autores. Enfim, dois exemplares romances de carnaval.

Aramis Ribeiro Costa é autor mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *O Corpo caído no chão* (romance, 2018), *Histórias de mais ou menos amor* (contos, 2018), *Noite alta céu risonho* (contos, 2019) e *As meninas do coronel* (romance, 2020). Desde 1999 ocupa a Cadeira n° 12 da Academia de Letras da Bahia.



EU É UM OUTRO - RIMBAUD/ LACAN

URANIA TOURINHO

*Le génie n'est que l'enfance retrouvée à volonté.*¹

Baudelaire

Qu'il vienne, qu'il vienne

*Le temps dont on s'éprenne.*²

Rimbaud

O inconsciente é o discurso do Outro

Jacques Lacan

Lacan respondeu ao Dr. Leavy em uma das conferências pronunciadas nos EEUU: “Espero não terminar a minha vida sem ter encontrado uma coisa ou outra que poderei deixar para a posteridade, alguma coisa que terei inventado”.³ Essa frase foi proferida em 1975, cinco anos antes de sua morte. O que nos disse Lacan, e que leitura podemos fazer de seu dito? Nada além de uma insatisfação que não teria apaziguamento. Cinco anos antes de sua morte, constatava que não havia inventado o que o marcaria para a posteridade. É uma insatisfação que define um estilo na vida e que repousa na fronteira entre arte e psicanálise: uma interrogação inesgotável.

Poesia e psicanálise são difíceis de ser definidas, mas, sem dúvida, mantêm uma afinidade no uso da palavra, enriquecedora para o psicanalista.

Considero Freud e Lacan pensadores bem definidos nas suas diferenças, constatação que, em nosso entender,

traz um enriquecimento. Ouso afirmar que, no terreno da literatura, situo Freud mais vinculado ao universo do romance e Lacan ao da poesia. Lembremos de Jensen, Dostoiewski, Schnitzler, Goethe entre outros, que acompanharam Freud.

Arthur Schnitzler e Freud fizeram, no campo da medicina, um itinerário próximo: neurologia, hipnose, estudos clínicos das perturbações da linguagem. Ambos desenvolveram uma mútua admiração. Para Freud, Schintzler apresentava em seus textos um preciso senso clínico, chegando a desenvolver algumas ideias sobre a reação terapêutica negativa. Freud constatava que o escritor era capaz de externar um conhecimento profundo do psiquismo humano e que lhe havia sido necessário um tempo de pesquisa e trabalho para chegar a um conhecimento análogo. Escreveu ao dramaturgo em carta de 14 de maio de 1922:

[...] siempre que me dejo absorber profundamente por sus bellas creaciones parece me hallar, bajo su superficie poética, las mismas anticipadas suposiciones, intereses y conclusiones, que reconozco como propias. Su determinismo y su escepticismo — que la gente llama pesimismo —, su preocupación por las verdades del inconsciente y los impulsos instintivos del hombre, su disección de las convenciones culturales de nuestra sociedad, la obsesión de sus pensamientos sobre la polaridad del amor y la muerte, todo esto me conmueve, dándome un irreal sentimiento de familiaridad.⁴

Schnitzler, que nasceu no mesmo dia que Freud, tornou-se um verdadeiro alter-ego e não se poderia negar que uma estranha alquimia os unia.

A psicanálise é contemporânea do surgimento da poesia moderna — da arte moderna, se quisermos ser mais abrangentes —, aquela que, no dizer de Roland Barthes, “destrói a natureza espontaneamente funcional da linguagem [...] a palavra explode acima de uma linha de relações esvaziadas”⁵

Como na poesia, a palavra também perde, na psicanálise, a intenção de um discurso socializado e se apresenta com a abertura para muitas possibilidades.

Nesta comunicação, escolhemos um poeta para nos acompanhar: Arthur Rimbaud.

Em 1854, nasce Arthur Rimbaud. Dois anos depois, nascerá Sigmund Freud. Que proximidade marcará a existência dessas duas crianças, distantes no espaço geográfico Paris-Viena e na trajetória futura da vida? Que luta e que riquezas ambas encontraram na palavra? O que podemos afirmar com segurança é o lugar de Rimbaud no surgimento da poesia moderna e o de Freud no surgimento da psicanálise, na descoberta do inconsciente. Para um, o ato poético, para o outro, o ato analítico. A palavra no seu uso interrogou os dois. Contudo, pela contemporaneidade, trouxemos Rimbaud por ser “un essayiste du vers [...] il se recrée poétiquement dans chaque version du poème”.⁶

Arthur Rimbaud foi uma criança precoce, menino poeta que conseguiu dominar uma poesia cujo ápice ultrapassa quase toda uma geração madura, e revoluciona a tradição clássica e romântica da poesia francesa. Juntamente com Baudelaire, lançou os alicerces da poesia moderna. Na adolescência, já poeta consolidado, confienciava ao amigo Delahaye a sua ambição de escrever em uma língua nova, uma língua inventada. Dizia ele: “Para criar uma linguagem poética que fale a todos os sentidos, vou pegar palavras dos vocábulos eruditos e técnicos, de línguas estrangeiras, de onde for possível”.⁷ Um movimento de “alongar” a língua — *l'élangues* —, que seria, no texto de Joyce, tão caro a Lacan.

Em carta de 15 de maio de 1871 a Georges Izambard, seu professor, ele escreveu:

Quero ser poeta, e trabalho para me tornar *Vidente*: o senhor não está compreendendo nada e eu talvez nem lhe soubesse explicar. Trata-se de chegar ao desconhecido

pelo desgarramento de *todos os sentidos*. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é de fato culpa minha. É falso dizer: Eu penso: devíamos dizer pensam-me. — Perdão pelo jogo de palavras.

Eu é um outro. Tanto pior para a madeira que se descobre violino, e ao Diabo os inconscientes que chicaneiam sobre o que ignoram por completo!⁸

No mesmo dia, ele escreveu a Paul Demy, amigo de Izambard, com quem iniciara uma amizade:

O primeiro estudo de quem aspira a ser poeta é o conhecimento total de si mesmo; buscar a sua alma, inspecioná-la, experimentá-la, conhecê-la. [...] o poeta se torna o grande enfermo, o grande criminoso, o grande maldito, — e o Sabedor supremo! — pois alcança o *insabido*. [...] Que se arrebeite no salto rumo às coisas inauditas e inomináveis: outros trabalhadores horríveis virão; e começarão pelos horizontes onde o outro sucumbiu!⁹

Rimbaud não foi apenas um dos maiores poetas existentes, ele revolucionou a linguagem, ele ansiava por uma língua que fosse “da alma para a alma, resumindo tudo, perfumes, seres, sons: pensamento que se engancha a um pensamento e o puxa para fora”.¹⁰

É notável observarmos que, apenas nessas duas passagens de cartas, escritas em 15 de maio de 1871, o poeta antecipa Lacan, da mesma maneira que Schnitzler antecipava Freud. Aos 17 anos de idade — 1871 —, ele já nos alertava para o fato de que, em verdade, não pensamos, mas somos pensados, que o eu carece de significação, o saber é esse insabido, e o eu é um outro. Disse: “se os velhos imbecis tivessem descoberto algo mais que a falsa significação do eu....”¹¹

Lacan, já no final de sua vida, no Seminário *O momento de concluir*, em 20 de dezembro de 1977, enfatiza a relação da psicanálise com a poesia: “o analisante fala, faz poesia, [...] o que é da prática analítica é também poesia [...] A palavra inconsciente não é nada mais que a poesia com a qual se faz a história”.¹²

Inegavelmente, suponho eu, Lacan foi um bom leitor de Rimbaud. E Rimbaud, pela poesia, chega aonde Lacan vai chegar pela sua prática analítica. Lacan leitor de Rimbaud, Lacan leitor de Joyce. Talvez esteja aí o seu maior legado.

O poeta é sensível à nossa razão enganosa, não teme romper com os sentidos, pois sabe que é na luta contra a alienação da palavra, na busca de uma inexistente língua, uma língua privada e perdida, que o ato poético deve acontecer. E o psicanalista o acompanha nessa procura dos vestígios míticos que antecedem a cristalização materna do seu falar. Aqui surge Lacan conclamando os analistas a dar atenção a esse resto perdido a que denominou “lalíngua”. Uma procura compartilhada entre o poeta e o analista. “Encontrar uma língua!”, como procurava Rimbaud, para quem “A poesia não marcará mais o ritmo da ação; ela *estará na frente*”.¹³

O poeta se cala, não abandona a poesia, pois quem nasce poeta não deixará de sê-lo, mas emudece. Parte para uma terra estrangeira para vender armas. Armas para quê? E para quem?

Todo o seu ardor literário, todo o seu brilhantismo com as letras tem, contudo, um desfecho surpreendente, ou não, na medida da percepção de sua divisão. Se, antes, tudo era a poesia, aos 19 para uns, ou aos 21 anos para outros deixa as letras, partindo para viver na África, elegendo como ideal ganhar dinheiro, ficar rico. Rimbaud vive aí, em terra africana, outra etapa tumultuada da vida. Negociante de armas, amante das nativas. Adoece, um câncer no joelho que transforma seus últimos dias em sofrimento intenso e o leva para a morte.

Por que teria Rimbaud abandonado a poesia? Impulsionado pela sua divisão? Afinal, sentencionou ele: “Eu é um Outro”.

REFRÊNCIAS E NOTAS

¹ “O gênio não é senão a infância reencontrada livremente.” (tradução nossa). BAUDELAIRE, Charles. *Le peintre de la vie moderne*. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Robert Laffont, 1980. p. 794.

² “Que venha, que venha / A hora da paixão.” RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno*. Tradução de Paulo Hecker Filho. São Paulo: L&PM Pocket, 2011. v. 35, p. 68.

³ LACAN. “Conferência em Yale University Kanzer”. Publicação fora do comércio. 1975. p. 11.

⁴ “[...] sempre que me deixo absorver profundamente por suas belas criações parece-me encontrar, sob sua superfície poética, as mesmas antecipadas suposições, interesses e conclusões que reconheço como próprias. Seu determinismo e seu ceticismo — que a gente chama pessimismo —, sua preocupação pelas verdades do inconsciente e pelos impulsos instintivos do homem, sua dissecação das convenções culturais de nossa sociedade, a obsessão de seus pensamentos sobre a polaridade de amor e morte, tudo isso me comove, dando-me um irreal sentimento de familiaridade.” (tradução nossa) FREUD apud CAPARRÓS, Nicolás (Ed.). *Correspondencia de Sigmund Freud*. Tomo 4 (1914-1925). Madri: Biblioteca Nueva, 1999. p. 434.

⁵ BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura*. Tradução de Heloysa Dantas e Anne Arnichand e Álvaro Lorencini São Paulo: Cultrix, 1974. p. 143.

⁶ “um ensaísta do verso [...] que se recria poeticamente em cada versão do poema”. (tradução nossa) GUYAUX, André. Une introuvable version originale. *Le Magazine Littéraire*, Paris, n.489, sept. 2009, d p. 60.

⁷ RIMBAUD apud WHITE, Edmund. *Rimbaud: a vida dupla de um rebelde*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 33.

⁸ RIMBAUD, Arthur. *Correspondência*. Tradução de Ivo Barroso Rio de Janeiro: Topbooks, 2009. p. 35.

⁹ *Ibid.*, p.39.

¹⁰ Ibid., p. 40.

¹¹ Ibid., p. 38.

¹² LACAN, Jacques. “Seminário 25: O momento de concluir”. 20 de dezembro de 1977. Inédito.

¹³ RIMBAUD, Arthur. *Correspondência*. Tradução de Ivo Barroso Rio de Janeiro: Topbooks, 2009. p. 40.

Urania Tourinho Peres é psicanalista, fundou o Colégio de Psicanálise da Bahia. Tem diversos artigos publicados em coletâneas e revistas. Publicou os seguintes livros: *Mosaico de Letras*, (Ed. Escuta, 1999) e *Depressão e melancolia* (Jorge Zahar Ed., 2003). Organizou os livros: *Melancolia* (Ed. Escuta, 1996); *A culpa*, (Ed. Escuta, 2001); *Emílio Rodriqué – Caçador de labirintos* (Ed. Corrupio, 2004); *Frida Kablo: dor e arte* (2007); *Emílio Rodriqué: Velho analista do tempo novo*, (Editora Edufba, 2014). É autora do posfácio do livro *Luto e melancolia* (Ed. Cosac Naify, 2011). Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 40 da Academia de Letras da Bahia.



PROCLO E SEU HINO A HÉLIOS

ORDEP SERRA

HINO A HÉLIOS DE PROCLO DIÁDOCO¹

Titan das bridas de ouro, ó rei do fogo do espírito,
Ouve, lúçifer supremo que as chaves deténs da fonte
vivífica, ó tu que do alto nos mundos materiais
a correnteza nos vertes da mais pródiga harmonia.
5 Central no seio do éter, no coração do cosmo,
desde sublime sede, com o disco a fulgir, infundes
em tudo a providência que a mente nos desperta.
Nimbados por tuas chamas perenes, os planetas
em danças infindáveis, sem se cansar, sem falta,
10 aos terrestres enviam vivíficos influxos.
Segundo a revolução de tua carruagem,
tudo que nasce advém, sob o regime das Horas.
O prélio dos elementoa que antes se entrechocavam,
cessou quando tu nasceste de inominável Pai.
15 Cede-te o rigoroso coro das Moiras: elas
do cogente destino modificam a trama
se o queres — pois tudo podes, ó governante de tudo.
Veio de tua linhagem Febo que rege o canto
acorde com o divino, e com a cítara santa

¹ Para esta tradução, baseio-me na edição de van den Berg. VAN DEN BERG, R. M. Proclus' Hymns. Essays, Translations, Commentary. Köln, Boston, Leiden: Brill, 2001.

20 a estrondosa ressaca da geração modera.
Do teu benfazejo tíaso, dissipador dos males,
Paiéon despontou — e disseminou saúde,
a indene harmonia vertendo no vasto cosmo.
Hinos te dizem pai ilustre de Dioniso;
25 Chamam-te Átis Évio no seio da matéria;
outros qual doce Adônis em cânticos te louvam.
Receiam a ameaça do teu látego rápido
os demônios violentos, aos humanos nefastos,
prontos a molestar nossas míseras almas
30 a fim de que, no abismo da vida turbulenta,
padeçam tombo sempre, ao corpo conjugadas,
tendo esquecido a corte esplêndida do Pai.
Mas tu, ó melhor dos deuses, bom gênio, coroa de fogo,
Imagem do deus onigênere, ó tu que as almas exaltas,
35 ouve-me e torna-me puro sempre de todo pecado.
Acolhe meu rogo aflito: do lodo de aleivosia
livra-me: longe mantém-me das deusas Punidoras;
da onividente Justiça o célere olhar suaviza.
Sempre com teus socorros, escudo contra os males,
40 à minh'alma dispensa divina luz, de modo
a dissipar a bruma mortífera, venenosa.
Dá-me vigor ao corpo e a excelente saúde;
concede que com fama, na trilha de meus pais,
das Musas belas-tranças eu bem cultive os dons.
45 Ventura duradoura, da amável Piedade
prêmio, dá-me — se o queres —; pois tudo a termo levas
sem custo: tens poder, o mando ilimitado.
E se os fusos fatais em hélice girando
movidos pelos astros, má sorte me tramarem,
50 repele-a, Soberano, com teu fulgor infindo.

NOTA BREVE SOBRE PROCLLO E SEU HINO A HÉLIOS

Nascido em Constantinopla no ano de 422 de nossa era, o neoplatônico Proclo a princípio dedicou-se a aprender latim, direito romano e retórica com o mestre Leonas e com seu próprio pai, um rico advogado de origem lícia; mas logo se voltou resolutamente para a filosofia. Em Alexandria, fez-se discípulo de Olimpiodoro (o Velho), que o iniciou no estudo da lógica aristotélica. É possível que já nessa altura ele tenha tomado conhecimento da obra de Plotino, que o fascinou. Ao mudar-se para a Grécia, Proclo fez-se discípulo de Siriano — que sucedera a Plutarco na direção da Escola de Atenas — e com este se aprofundou no estudo sistemático das obras de Platão. A obra de Plotino foi parte, sem dúvida, dos ensinamentos que ele recebeu então. Na mesma altura, uma filha de Plutarco (o Ateniense, filho de Nestório) o teria iniciado nos segredos da teurgia. Marino, seu discípulo e biógrafo, assevera que Proclo era iniciado em diferentes ritos de mistério e até o fim de sua vida (faleceu em Atenas por volta de 485 de nossa era) mostrou-se devotado ao culto dos deuses, distinguindo-se por seu especial interesse pelos oráculos e pela magia.² Em sua época, era grande a influência de ritos e crenças orientais na vida religiosa dos gregos, sobretudo no Egito helenizado e nas comunidades helenas da Ásia Menor, onde Proclo viveu exilado por um certo período, entrando em contato com diversas expressões de religiosidade pagã, que o encantaram. Mais tarde, ele viria a assumir a direção da Escola de Atenas, como sucessor de Domnino, ganhando, por antonomásia, o título de Diádoco.

² Os escritos de Proclo são uma das fontes que temos para o resgate de fragmentos dos chamados *Oráculos Caldeus*: um conjunto de obscuros versos hexamétricos que corresponderiam a revelações divinas por suposto feitas a Juliano, o Caldeu, e a seu filho (Juliano, o Teurgo). Ver a propósito DES PLACES, E. *Oracles Chaldaïques*. Paris: Belles Lettres, 2001.

Motivado por suas experiências místicas e pelo amor à tradição ancestral dos helenos, Proclo Diádoco tornou-se um apóstolo dos cultos pagãos, hostil ao cristianismo, que repeleu com ardor. Marino registrou suas práticas piedosas e lhe atribuiu prodígios: sonhos divinatórios, curas milagrosas e o testemunho de aparições divinas. Seu apego à teurgia é um dos fatores da diferença entre o seu e o misticismo especulativo de Plotino. (Neste ponto, ele está muito mais próximo de Jâmblico). Em todo o caso, sua construção filosófica depende, no essencial, de Plotino. Torna-se impossível abordar sua obra sem uma referência, ainda que breve, ao pensamento do maior dos neoplatônicos.

O primeiro ponto a destacar quando se fala de Plotino é sua originalidade, nem sempre advertida por quem considera de modo superficial o neoplatonismo e seu maior expoente. É fato que Plotino venerava Platão e o citava de maneira quase devota; não há dúvida de que ele deve a Platão os fundamentos de seu sistema. É verdade, também, que ele tinha em alta conta Aristóteles e se considerava um seu seguidor. Mas já a maneira como ele harmonizou Platão e Aristóteles mostra a singularidade da sua abordagem do pensamento dos dois filósofos. Há um Platão construído por Plotino, e um Aristóteles que se lhe adapta de maneira surpreendente.

O autor das *Enéades* sofreu outras influências. Porfírio, que editou sua obra e o biografou, conta que em Alexandria ele foi discípulo de Amônio Sacas e teve como colegas Erênio e os dois Orígenes (o neoplatônico e o cristão), absorvendo do mestre o gosto pela especulação platônica com sabor religioso. Por outro lado, Porfírio diz também que Plotino admirava os brâmanes e chegou a alistar-se no exército de Gordiano III só para, nessa expedição, fazer contato com pensadores hindus e persas. Gordiano III foi logo derrotado e assim a viagem de Plotino fracassou; mas tudo indica que o filósofo teve acesso por outros meios ao conhecimento que tanto o atraía:

segundo consta da sua biografia, ele obteve em Roma os escritos de Numênio de Apameia, grande conhecedor de teologias orientais. Émile Bréhier chegou a aproximar o pensamento de Plotino dos Upanishads. Qualquer que tenha sido o peso de tais influências, a obra do grande filósofo nascido em Licópolis, no Egito, de fato o revela criativo e original como poucos. O vigoroso impacto de suas ideias no Ocidente deu-se a partir do século XV, quando Marsilio Ficino traduziu e comentou suas *Enéades*. Como se sabe, Ficino também estudou a obra de Proclo e tornou seus escritos conhecidos na Europa moderna.

O novo neoplatonismo renascentista inspirado em Plotino e Proclo penetrou sutilmente na teologia cristã, vindo a inspirar os místicos do Reno, por exemplo. Mais tarde influenciaria, também, os grandes pensadores do romantismo alemão. Não é difícil ver que Hegel bebeu em Plotino muita inspiração. Do mesmo modo, Proclo influenciou teólogos e filósofos modernos. Há quem credite a sua inspiração o germe da teologia negativa. Outros estimam que a leitura de seus tratados teria levado Hegel à descoberta de sua dialética triádica.

Além dos aportes de sua doutrina filosófica, Proclo transmitiu aos eruditos ocidentais um rico legado: segundo presumem notáveis filólogos, terá sido ele o responsável por uma compilação alexandrina de poemas antigos que só por essa via nos chegaram: a *Argonáutica Órfica*, os *Hinos Órficos*, os *Hinos Homéricos* e os *Hinos de Calímaco*. O fato indubitável é que essas obras nos foram transmitidas em manuscritos medievais (derivados do hoje perdido Códice de Arispa) junto com os hinos de Proclo.

Da abundante produção teórica deste pensador alcançaram nosso tempo ricos comentários a diálogos platônicos (sc. ao *Parmênides*, ao *Timeu*, ao *Alcibiades*, à *República* e ao *Crátilo*), assim como aos *Elementos* de Euclides,³ mais um ensaio

³ Já em seu período de formação, em Alexandria, ele estudara matemática

sobre a *Filosofia dos Caldeus* e o alentado estudo a que ele deu o nome de *Teologia Platônica* — sem falar de escritos menores, entre os quais avultam os fragmentos de seu *Comentário às Enéadas*. A meu ver, seus hinos devem ser contados entre suas obras filosóficas.

Num pequeno mas substancioso livro sobre o neoplatonismo, Jean Brun⁴ assinala diferenças importantes entre o procedimento expositivo de Platão e o de Plotino. Uma dessas diferenças merece destaque. O primeiro dos citados pensadores não raro recorre a mitos — que não só evoca como elabora — para ilustração de suas ideias. O segundo jamais apela a esse recurso. Em vez do emprego de narrativas míticas, em vez do jogo da mitopoiese, Plotino apela de forma sutil a uma rica imagética. Mas não é bem no seu repertório de imagens (muitas delas pertencentes às mais antigas “camadas de tropos fundadores do pensamento ocidental”, como diria Derrida)⁵ e sim na maneira como ele as explora — levando-as, não raro, ao limite do paradoxo — que a escrita filosófica de Plotino se mostra peculiar e inovadora. Um exemplo vem a ser seu uso sistemático da metáfora da luz, central em sua ontologia. É fato que já em Parmênides a oposição *lux x treva* tem valência ontológica e em Platão isto se reafirma com grande vigor. Mas, como bem mostrou Johann Kreuzer,⁶ é com Plotino que se verifica uma plena “metafisicização” da luz, pensada como um intermediário entre o inteligível e o sensível, uma espiritualidade real, ou uma realidade espiritual.

com Heron. Seu comentário sobre a obra de Euclides é uma das principais fontes para o estudo da matemática antiga. Ele também se interessou pela astronomia, como mostra seu tratado *Hypotiposes*.

⁴ BRUN, J. *O neoplatonismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

⁵ Ver a propósito o ensaio de Derrida intitulado “Mitologia Branca”, in DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. p. 265-354. Campinas: Papirus, 1991.

⁶ KREUZER, J. “Luz”. In: KONERSMAN, R. (ed.). *Dicionário das metáforas filosóficas*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 298.

Proclo acompanha Plotino na figuração luminosa do ser que emana do Uno intangível, mas preenche a estrutura metafísica do sistema plotiniano com novas figuras, tiradas justamente da mitologia. Assim é que faz corresponder as hênades a deuses do politeísmo helênico, que reaparecem sob formas novas em diferentes planos ou graus de realidade. Ele desdobra o elegante sistema de Plotino acrescentando-lhe, a cada nível, novas tríades e também hebdômades, subdivisões que marca com o selo das figuras divinas. Imagine-se um arquiteto que tome por modelo a edificação de outro e, ao replicá-la, acrescente-lhe novas galerias de muito capricho, assinaladas por uma imaginária marcante, ao cabo produzindo uma espécie de labirinto barroco. Em termos aproximados, cabe assim figurar a relação entre o sistema de Plotino e o de seu fervoroso seguidor.

O papel dos deuses e de suas metamorfoses conceituais na estrutura do rebuscado edifício teórico elaborado pelo diádoco é suficiente, a meu ver, para justificar a tese que acima enunciei: *os hinos de Proclo são parte integrante de sua metafísica*, complementam sua *Teologia Platônica* e a desdobram, de uma forma que, com certeza, surpreenderia Platão — e talvez encabulasse Plotino.

São sete os hinos de Proclo,⁷ todos em hexâmetros dactílicos, tal como os homéricos — de que, todavia, se diferenciam muito. A principal diferença corresponde à natureza da mundivisão que subjaz a uns e outros. Não há no mundo homérico (ou dos homéridas) a cesura entre o sensível e o inteligível, nem se registra no louvor que os aedos dirigem aos deuses qualquer sinal de desprezo pelo corpóreo. O seu cantar tampouco se apoia em uma base doutrinária ou teórica. Tem a ver com a mítica, não com a mitologia.⁸ De resto,

⁷ *Hino a Hélios, Hino a Afrodite, Hino às Musas, Hino comum a todos os deuses, Hino a Afrodite Lícia, Hino comum a Hécate e Jano, Hino a Atena dos muitos saberes.*

⁸ A propósito da diferença entre mítica e mitologia ver SERRA, O. “A antro-

um hino homérico nunca se apresenta como uma revelação de sabor esotérico. Por este aspecto, os hinos de Proclo aproximam-se dos órficos⁹ — de que se destacam, porém, por seu encaixe doutrinário mais preciso: afinal, eles pertencem a um sistema teológico bem definido. Os hinos órficos têm a ver com um certo corpo de crenças (algo flutuante), mas não derivam de um sistema.¹⁰

Os deuses de Proclo constituem símbolos que se apresentam com diferentes feições em cada dimensão cosmológica do seu sistema e assim refletem de diferentes modos o intangível de uma divindade transcendente.¹¹ As almas postas sob sua regência se relacionam por seu intermédio com a alma do mundo e é decaindo da órbita divina que elas se incorporam, na grande catástrofe da encarnação¹²; mas também sob sua regência elas podem ascender numa viragem progressiva, no *ánodos* cuja meta suprema se acha para além do ser, no Uno que corresponde ao anipotético de Platão. O sistema metafísico assim elaborado

pologia, a mitologia e sua escrita”. *Classica*, vol. 11/12, 1998/1999 p. 15-36.

⁹ É possível perceber nos hinos órficos ecos de elucubrações filosóficas, mas eles não chegam a ser propriamente doutrinários. Em todo o caso, as semelhanças entre a hinódia órfica e a de Proclo são por vezes muito acentuadas. Até hoje se discute se o chamado *Hino Órfico a Ares* não seria, na verdade, um hino de Proclo por equívoco incluído na coletânea órfica. Não há como negar a influência do orfismo (e do pitagorismo) na construção do sistema de Proclo, e nas obras de todos os neoplatônicos. De resto, hoje torna-se impossível negar a influência poderosa do orfismo em Platão. Ver a propósito BERNABÉ, A. *Platão e o orfismo. Diálogos entre religião e filosofia*. São Paulo: Anablume Clássica, 2011.

¹⁰ A propósito ver SERRA, O. *Hinos Órficos: Perfumes*. São Paulo: Editora Odysseus, 2015.

¹¹ No hino em apreço (verso 14) essa divindade transcendente é referida como o “inominável Pai”.

¹² “A estrondosa ressaca da geração”, nos termos do hino aqui traduzido, verso 20.

também se reporta à *imago mundi* da teologia caldaica, de acordo com a qual são sete os mundos materiais (a que o hino faz referência no terceiro verso).

É antiga a assimilação de Hélios a Apolo (Febo) e mais antiga ainda a teocracia que se verificou entre as figuras divinas de Febo e Paián (ou Paiéon), antigo deus curador dos helenos. Neste hino, Febo e Paián se ligam à linhagem solar de Hélios. Mais surpreendente vem a ser a ligação à mesma linhagem de Dioniso. Já a assimilação a Dioniso de Átis e Adônios era usual nas escrituras do orfismo: os chamados Hinos Órficos bem o demonstram.

Escritos teológicos dos neoplatônicos distinguiam várias classes de demônios, pensados como ocupantes de diferentes espaços entre a esfera divina e a humana.¹³ O hino em apreço faz referência, no verso 28, aos demônios chamados de *irracionais*. Eles seriam responsáveis por suscitar apego à terra e induzir a encarnação, limitando o impulso ascensional, libertador, de retorno ao Pai. O poeta invoca o deus Hélios para mantê-los afastados e suplica o apoio da divina misericórdia, exprimindo o temor das consequências do pecado: o castigo das deusas punidoras, consoante sentença de *Díke*, a Justiça. O primeiro verso do Hino Órfico à Justiça reza: “Cantô o olho da Justiça, onividente, formosa...” A celeridade que neste hino de Proclo se atribui ao olhar de Díke corresponde ao dogma segundo o qual a Justiça divina toma ciência instantânea de qualquer malfeito. Convém lembrar, também, que ao deus Hélios era sempre atribuída onividência, considerando que nada escapa ao olho luminoso do Sol. Isso o fazia ver como grande justiceiro. No hino de Proclo,

¹³ No sistema de Proclo, as almas demônicas se subdividem em três grupos: *anjos, demônios e heróis*. Mas a tradição da teurgia a que o poeta filósofo se reporta distingue também os demônios segundo o espaço cósmico que habitam e de acordo com sua natureza: há bons demônios (gênios bons) e *kakodaimones* de índole perversa. Elstes são os irracionais.

Hélios é uma divindade superior a sua manifestação solar e a todo o campo da Justiça. As deusas punidoras a que se refere o verso 37 são sem dúvida as terríveis Erínias, evocadas no Hino Órfico 69. Segundo uma praxe da hinódia religiosa, esta composição de Proclo termina com uma súplica e um testemunho de confiança no deus.

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.



ANNA RIBEIRO: ITINERÁRIOS DA VIDA E DA ESCRITA¹

NANCY RITA FERREIRA VIEIRA

Dentre os textos escritos pelas mulheres, comumente se associam a *correspondência*, o *diário íntimo* e a *autobiografia*. Gêneros que, conforme a historiadora Michelle Perrot (2008), ainda que não sejam tipicamente femininos, são, pelo seu traço privativo, comuns à produção de mulheres. Da correspondência, pode-se destacar que, até poucas décadas do século XX, se constituía em uma forma comum de sociabilidade, seja entre os familiares, entre amigas e até mesmo entre amores. Do diário íntimo², recomendado pela Igreja como “um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal” (PERROT, 2008, p. 29), há inúmeros relatos de personagens ou mesmo de autoras que faziam uso de cadernos pessoais em que registravam seu cotidiano, suas emoções e os acontecimentos corriqueiros. Algumas escritoras registram que, após o casamento, tais cadernos eram esquecidos. De “cadernos goiabada”, como os denominou

¹ Este texto, com algumas alterações, foi apresentado na Academia de Letras da Bahia (ALB), no Curso Castro Alves, em setembro de 2020, a convite do acadêmico Aleilton Fonseca, a quem muito agradeço.

² Martin Puchner (2019), ao discorrer sobre a história da literatura e o mundo da escrita, pondera que, muito embora haja uma crença difundida de que Santo Agostinho tenha inventado a “escrita de si”, com o relato de sua conversão ao cristianismo, tal escrita foi praticada “na corte Heian por mulheres extremamente cultas”, a exemplo do diário de Murasaki Shikibu, autora de *Romance de Genji*, e *Livro do Travesseiro* de Shonagon.

Lygia Fagundes Telles, a um novo suporte textual, os *blogs* entraram em cena nas últimas décadas e se tornaram uma forma de circulação de ideias e escritas cotidianas.

Entre os textos de caráter autobiográfico ou memorialístico, tem-se *Historie de ma vie*, de Georges Sand, de 1854; *Minha vida de menina* de Helena Morley, escrita em 1893; *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, romance epistolar de Ina von Binzer, publicado no Brasil em 1994, *Memórias de uma moça bem comportada* de Simone de Beauvoir, publicadas em 1958 e ainda *Longos serões do campo*, memórias escritas por Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, de que recorto o trecho abaixo³:

A primeira notícia foi-nos enviada da Bahia por meu tio Pedro Ribeiro, pedindo condução para si e toda a família. A narração dos horrores de que a Bahia já era teatro gelou-nos de medo. Lembro-me de que senti uma frieza intensa invadir-me todo o corpo e, como diziam ser a algidez um dos sintomas do cólera, a cada passo julgava-me invadida pelo mal. Multiplicavam-se os braseiros por toda a casa, envolviam-se todos em roupas de lã, mas o principal recurso de que se lançava mão era a oração. Não havia incrédulos naquela emergência! As rezas só eram interrompidas pelos trabalhos imprescindíveis ou para as escassas refeições.

(...)

Dir-se-ia que o terrível flagelo era um ser pensante e caprichoso. Às vezes atacava todo o lado de uma rua, ficando todas as casas desabitadas, ao passo que o outro lado permanecia incólume.

(...)

Felizmente o caprichoso e terrível viajante [asiático, como era chamado à época⁴] não nos fez outra visita! E isto há 66 anos.

³ A escolha deste fragmento, na conferência ocorrida na ALB, foi motivada pela analogia com o período mais intenso da pandemia da Covid-19 no país.

⁴ O *cholera-morbus*, que assolou a Bahia no final de março do século XIX é também denominado de “cólera asiática”. Assim chamada porque,

É bem certo que a natureza humana se afaz a tudo. Ainda as grandes dores, se não se extinguem, decrescem de modo que o espírito não conserva aquela tensão insuportável, a que ninguém poderia resistir. Pobres de nós se assim não ocorresse! Foi o que então aconteceu. Todos voltaram às suas ocupações habituais, apesar das tristes notícias que chegavam de quando em vez. Os adultos voltaram aos seus trabalhos, e Henriqueta e eu ao nosso aprendizado. (BITTENCOURT, 1992, v.2, p. 139; 140; 149).

Escritas no último quartel da vida, como a memorialista afirma, tais memórias foram escritas em 28 cadernos – passados a limpo por sua família, como se descreve na Introdução da obra *Longos serões do campo: Infância e Juventude*. Manuscritos vindos a lume somente no ano de 1992, pela Nova Fronteira, com a organização primorosa de Maria Clara Mariani Bittencourt.

Se há, como afirma a historiadora francesa, poucas *memórias* escritas por mulheres, tendo em vista sua pouca inserção na vida pública, muitas das autoras preferiram narrar a história de seu tempo, como se observa no trecho recolhido em que se encontram “escritas da vida cotidiana” (expressão de Philippe Lejeune, citada por PERROT, 2008, p. 27), no Recôncavo baiano do período oitocentista, no período do cólera.

A escolha deste longo excerto aponta ainda para o que julgo ser traços peculiares da escrita da autora, a saber: i. sua narrativa coloquial, envolvente e “cheia de graça”, que, como uma observadora arguta de seu tempo, apresenta um relato minucioso e dinâmico de sua época, articula vidas, delinea perfis psicológicos e oferece um panorama da forma de se viver naqueles tempos;

segundo os epidemiológicos teve início na Ásia, conforme descreve o pesquisador Luiz Antonio de Castro Santos, em seu artigo *Um Século de Cólera: Itinerário do medo*. In: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physics/v4n1/05.pdf. Acesso em 25/10/2020. É curioso que a Covid-19 também tenha sido erroneamente nomeada de “vírus chinês”.

ii. a forte presença da religiosidade ou ainda o caráter de “ensinamento moral” com que buscava delimitar suas obras, chamando-as de “literatura sadia” em contraposição às “más leituras” que julgava serem as responsáveis pelo desvirtuamento moral das leitoras e ainda iii. o caráter memorialístico de sua obra que percorre as mudanças significativas da Bahia na passagem do século XIX para o século XX – a Sabinada, as lutas pela Independência, a escravidão, o Recôncavo baiano e a cultura da cana-de-açúcar, a escravidão, a vida no campo/ a transferência para a cidade, com a derrocada dos engenhos, os costumes e os valores da época, a vida cultural notadamente no Recôncavo baiano – com seus festejos religiosos e mesmo na Capital, em particular nas festas pela Independência.

Antes de adentrarmos nesses traços com que caracterizamos a produção ficcional de Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, tratemos dos itinerários da vida. Nascida em 31 de janeiro de 1843, na Vila de Itapicuru, aos 2 anos passou a família a viver na cidade de Catu, onde residiu a maior parte de sua vida, mudando-se para Salvador definitivamente apenas em 1908, após a morte de seu marido, Dr. Sócrates de Araújo Bittencourt.

Alfabetizada pela mãe, ainda criança, suas memórias e seus biógrafos registram que Anna Ribeiro sofreu de uma doença nos olhos – provavelmente uma conjuntivite mal curada – que a acompanhou por longo tempo (20 anos, outros dizem, por toda a vida), fazendo com que as constantes recaídas exigissem dela períodos de recolhimento completo no quarto escuro, pois que a luz lhe era intolerável. As atribuições provocadas pela doença, se, por um lado, limitaram a menina curiosa e irrequieta que se dizia ser; por outro, a reclusão permitiu-lhe criar um mundo próprio, fantasiar mundos imaginários e, segundo ela mesma, treinar a memória repetindo de cor trechos da Bíblia, que aprendera com a mãe, experiências que a romancista/memorialista soube usar na composição de suas narrativas.



Anna Ribeiro aos 75 anos de idade

Na puberdade, pode aprofundar os estudos, aprender a escrever melhor – reclamava bastante de sua caligrafia, a ponto de pedir que passassem a limpo seus cadernos -, estudar música, francês, sob a supervisão rigorosa de sua mãe com receio de que ela apurasse as vistas e agravasse o problema de saúde e sob os cuidados de duas moças amigas da família, que estudaram no Rio de Janeiro.

No capítulo XIV de *Longos serões do campo*, ela comenta que teria tido “grande adiantamento se circunstâncias imprevistas não viessem a embaraçar-me nos estudos” (BITTENCOURT, 1992, v.2, p. 139), é o registro da epidemia do cólera morbo, a que se refere. É dela a afirmação de profunda tristeza, quando vê suas chances de estudos serem postergadas, como a vinda para a Capital para estudar na casa do tio, Pedro Ribeiro, lente da Faculdade de Medicina e o retorno quase imediato em função do estado de saúde da mãe. Com esse retorno à fazenda, os estudos foram mantidos graças à sua perseverança.

Da sua formação intelectual, sabe-se que foi acidentada, desordenada e inconstante, mas não se pode deixar de afirmar que a consolidação desta formação se deu por sua extrema vontade e desejo de instruir-se acima da média de mulheres “sinhaszinhas” de sua época, o que a levou a procurar, quando passou a morar em Salvador, as bibliotecas locais, a da Faculdade de Medicina ou mesmo a Biblioteca Pública, como observa o acadêmico Thales de Azevedo (1993), no artigo “Memórias de uma escritora”, ao confrontar as leituras feitas pela autora, registradas em suas memórias, com os catálogos dessas bibliotecas.

Em suas memórias, encontra-se uma longa lista de obras lidas pela autora, a exemplo de textos de cunho religioso, comuns à formação católica das moças, como *Flos Sanctorum*, Santo Agostinho, *A Tribuna Católica*, sermões e orações de Jacques Benigne Bossuet, e, evidentemente, a *Bíblia*, além da leitura dominical dos sermões e das histórias bíblicas contadas em meio às atividades da casa pela sua mãe, que foram fundamentais para a construção da religiosidade da autora.

Dentro do grupo literário, inúmeros são obras (e autores) que podem ser inventariadas, como: *O judeu errante*, *Os mistérios de Paris*, *A salamandra*, de Eugène Sue; *Rocamboles*, *A esposa mártir*, de Pérez Escrich, um dos seus autores preferidos *História de uma testemunha*; *O conde de Monte Cristo*, *A rainha Margot*, *Os quarenta e cinco*, de Alexandre Dumas; *Paulo e Virgínia*, de Bernadin de Saint Pierre; *Os miseráveis*, *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo; *Eurico, o presbítero* e *A história de Portugal*, de Alexandre Herculano. Há outros autores que são mencionados sem a indicação das obras que foram lidas, como: Ponson du Terrail, Racine, Corneille, Luiz Vaz de Camões, Eça de Queirós e de Camilo Castelo Branco. Os romancistas portugueses, segundo a autora, foram-lhe dados “por engano” por seu tio, pouco entendido de literatura.

Dentre os autores e autoras nacionais, poucos são os encontrados, mas entre eles são referidos: Afrânio Peixoto, Rui Barbosa, Visconde de Pedra Branca, a poetisa Narcisa Amália, a romancista Amélia Rodrigues, sua parceira nas revistas baianas

A Paladina e A VOZ da Liga das Senhoras Católicas, Albertina Berta, Castro Alves, Afonso Celso, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Gonçalves Dias, Euclides da Cunha, Tobias Barreto, Castro Mello, Aluísio de Azevedo e Júlio Ribeiro, estes últimos pouco apreciados pela autora baiana por não tolerar o excesso da linguagem crua presente em suas obras (VIEIRA, 1988, p. 25).

Essa lista exaustiva e, quiçá, monótona de autores citados por Anna Ribeiro objetiva percorrer os modelos lidos e aqueles que foram acatados ou rejeitados na sua formação intelectual.

Nota-se, de um modo geral, em seu **itinerário literário**, a presença dessa tradição cultural ocidental na forma de narrar típica dos folhetins oitocentistas e com temáticas caras ao Romantismo como os mistérios, a aventura, a traição, a vingança, a defesa dos valores morais, os interditos amorosos, o casamento, acrescidos sempre da defesa intransigente da educação para as mulheres – mote do que à época se chamava de “feminismo católico” -, forma de sobrevivência, caso perdessem os bens ou não se casassem, comportamento esperado para as mulheres daquele século e da sua classe social.

É possível perceber que o filão literário a que a autora se entrega não é muito diverso da produção aceita pelo público leitor da passagem do século XIX para o XX, como se pode observar por exemplo na produção baiana de Xavier Marques ou Afrânio Peixoto, autores coevos à autora, acrescido do que muito bem disse o acadêmico Jayme de Sá Menezes no artigo “A intelectualidade baiana oitocentista”, em que traça um panorama bastante expressivo daquela época, citando-o:

Registre-se, também, a influência que exerceu nos intelectuais baianos do século passado [XIX] o ardor épico e lírico que lhes foi transmitido por sucessos políticos e sociais como a Independência (1822), o Dois de Julho (1823), a Abdicação (1831), a revolta dos Malês (1835), a Sabina-da (1837), a epidemia do cólera morbo (1855), a Abolição (1888) e a República (1889).” (MENEZES, 1989, p. 148).

Destes assuntos elencados pelo acadêmico, Anna Ribeiro de Goes Bittencourt apenas não tematizou em seus romances, contos e folhetins (ao todo seis, além de cinco contos) sobre a Revolta dos Malês. Para o acadêmico, Anna Ribeiro, a primeira ficcionista baiana, era “uma das maiores escritoras baianas (...) romancista de mérito, exercitou a poética e escreveu apreciados contos” (MENEZES, 1989, p. 164), Esqueceu-se, porém, o acadêmico apenas de registrar a colaboração da autora na Imprensa católica local, em *A Paladina* e em *A VOZ da Liga das Senhoras Católicas*, com diversos artigos publicados no período de 1911 a 1918 (cerca de 16), por exemplo.⁵

Suas primeiras publicações aparecem em 1880, aos 37 anos, como artigos, logogrifos e poemas como “Amor materno” e “Avante! À excelentíssima senhora dona Annalia Vieira do Nascimento, depois da leitura de sua epístola ao Sr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro” (1881)⁶, nos periódicos: *Gazeta de Notícias*, *A Verdade* e no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*. É possível encontrar, para além dos poemas acima, o soneto “A caridade”, publicado em 1911 em *A Paladina*, diversos outros poemas dedicados a familiares e amigos, ao todo, 17 poemas – entre os publicados e manuscritos - parte desta produção foi encontrada nos arquivos da Fundação Getúlio Vargas.

Do poema tomado por Sacramento Blake como primeiro texto da autora de que se tem notícia, “Avante”, sabe-se que

⁵ Seus artigos tomaram um tom às vezes doutrinário, outras vezes didático-propedêuticos. No primeiro caso, apareceram artigos preocupados em investir contra alguns dos “males” que começavam a invadir as terras baianas, como o feminismo, a influência das lutas norte-americanas, cuja ressonância, no Brasil, ela irá denominar de “feminismo falso”. Dentre os didáticos-propedêuticos, encontram-se artigos instrutivos ou informativos sobre a saúde do corpo e da família, ou mesmo a preocupação de espaços de trabalho para as mulheres, como o Ateliê para as senhoras católicas.

⁶ Este é o primeiro texto publicado de que se tem notícia pelos seus críticos. Cf. BLAKE, 1883. v. 1, p. 95.

é uma resposta a uma polêmica levantada aqui na Bahia pela crítica de Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro à publicação dos versos da poetisa rio-grandense-do-sul, Annália Vieira do Nascimento⁷. O longo poema composto por 80 versos, divididos em 20 estrofes, cumpre o ideal de “sororidade” presente nos artigos de mulheres desta época e objetivava encorajar a poetisa rio-grandense a prosseguir na sua produção artística, ainda que se observasse a dificuldade de uma poetisa em se projetar, uma vez que os caminhos para uma mulher eram poucos e estreitos, é o que alerta o poema. O tom do texto é exaltado, repleto de exclamações, e a autora baiana vai louvando o papel da poetisa e da sua importância dentro das letras brasileiras, comparando a sua melodia à de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias. A autora baiana assume publicamente, com este poema, a defesa da escrita das mulheres e a crença na construção de uma literatura brasileira que incorporasse o discurso feminino.

E são também as mulheres eleitas por Anna Ribeiro como leitoras de suas obras, como se observa em seus prólogos, mesmo consciente de que o papel das autoras nas letras seria bastante penoso, a exemplo dos trechos recolhidos abaixo:

Se o argumento estiver mal desenvolvido, pedimos a indulgência do público para uma pobre mulher, a quem falceram os meios de ilustrar-se e cujos limitadíssimos conhecimentos são apenas devidos ao gosto pela leitura, na qual tem empregado as poucas horas vagas que restam à mãe de família.

(BITTENCOURT, *A Filha de Jefté*. 1882, p. 5).

Ou ainda:

⁷ Fato narrado no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro* de 1881, quando publica o poema “Avante! A Exma. Sra. D. Anália Vieira do Prascimo!”

Não me dirijo aos homens repletos de conhecimentos científicos e literários. Sei que estes não dignar-se-ão a folhear um livro de tão obscura autora. Falo a vós, minhas jovens patricias, que dotadas de inteligência e gosto, não vos contentastes com fúteis passatempos, e procurais na literatura amena uma agradável diversão ao espírito, colhendo ao mesmo tempo lições e preceitos que irão vigorar os princípios morais que já possuíis, dados por uma boa e sólida educação doméstica.

Não tenho pretensões a criar uma escola, o que seria incrível ousadia em vista da posição humilde que possa ocupar no mundo das letras. (BITTENCOURT, *Letícia*. 1908, p. 5).

Podemos dizer que essas “artimanhas literárias”, forma como a pesquisadora Zahidé Muzart (1990) intitulou prólogos como esses, se constituíram como estratégias encontradas pelas escritoras oitocentistas, para acessar a hegemonia literária em curso. Não se pode deixar de reconhecer que, no caso da autora baiana, esse ardil a fez estar presente na literatura baiana por 40 anos ou ainda mais se considerarmos as memórias publicadas *post mortem* no início da década de 90 e a repercussão alcançada.

Seu projeto ficcional se baseou na associação dos ensinamentos religiosos, com narrativas que buscassem fixar um conjunto de valores morais que deveriam nortear a conduta das suas leitoras. Considerada como *paladina da boa leitura* pelo seu neto Clemente Mariani (), ou a *Condessa de Ségur brasileira*, como a historiadora Kátia Mattoso (1992) a definiu, Anna Ribeiro intentava promover a *boa literatura*. Sobre isso, os manuais de educação para mulheres, à época, diziam ser a *má literatura* a grande responsável pela desmoralização da sociedade e aconselhavam ainda que “A mulher não deveria ler livros que lhe *perturbassem* os sentidos tendo em conta a sua tendência inata para o capricho e a mentira” (BARREIRA, 1994, p. 87, grifos nossos).

Entende-se, pois, porque a obra da autora foi indicada pelo Frei Sinzig (PAIVA escritora, 1997), o grande censor da

literatura à época, que se dedicou a estabelecer um guia para a leitura das mulheres católicas, condenando o que considerava a *má literatura*, responsável por subverter a ordem e a moral. A forte presença da religiosidade na obra da autora a faz ser classificada como uma católica.

Anna Ribeiro inicia e fecha seu ciclo de publicações com *histórias tiradas da Sagrada Escritura*. Sobrevive às letras na Bahia, das primeiras publicações esparsas nos jornais locais à primeira publicação em 1882 do romance *A Filha de Jefté*, deslizando suavemente deste campo para a ficção histórica ou mesmo de temas “realistas” – uso essa palavra com precaução - até retornar a esta temática com sua última obra édita *Abigail* de 1921.

O estudo sobre esta autora se desenvolveu com base nos estudos de arqueologia literária, de viés da crítica feminista, através do Projeto de Resgate de Escritoras, instituído pelo GT da ANPOLL A Mulher na Literatura, na década de 90. Como avalia Rita Terezinha Schmidt (2017, p. 25):

[essa] “virada historiográfica” dos anos 90 significou um comprometimento apaixonado com a recuperação da presença literária da mulher na era do Brasil pós-independência. As pesquisas de resgate dos escritos do passado abriram perspectivas para a reorganização de conhecimentos que até então tínhamos da historiografia literária brasileira e firmaram nossa consciência de fazer parte de uma corrente acadêmica transnacional cuja existência muitos colegas brasileiros queriam ignorar, a despeito do reconhecimento de teóricos renomados, como por exemplo Jonathan Culler.

Com base nessa premissa de recuperar o “vácuo histórico” (a expressão é de Schmidt, 2017) da literatura de autoria feminina no Brasil e no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres que foi publicada a coletânea *Escritoras Brasileiras do século XIX*, de 1999, já na segunda edição, que permitiu a circulação de obras dessas autoras silenciadas, por não terem suas obras reeditadas,

a exemplo das baianas Anna Ribeiro, Amélia Rodrigues, Ana Auran, Adelaide de Castro Alves. E exatamente nessa busca de preencher os vazios da história literária que se pode debruçar com um acervo bastante rico, para além das obras filiadas ao ideal católico, através da pesquisa de fontes primárias⁸.

Ao inventariar a produção da escritora, percebe-se que Dona Santinha, como era chamada familiarmente, produziu bem mais que romances de teor moralizante, superando-se ao ingressar nas formas literárias caras à sua época como os folhetins, contos e romances regionalistas - ou melhor dito - agrários e ainda o romance urbano. Do primeiro folhetim - *O anjo do perdão* - foi lançado pelo *Diário de Notícias*⁹ entre 1883 e 1884, nele percebe-se que a autora se volta para assuntos locais e devidamente em consonância com a sua realidade de moradora do Recôncavo baiano, cumprindo talvez a proposta de Visconde de Taunay que, ao ler seu primeiro romance, considerou ter a ficcionista qualidades, embora “devesse tratar de assuntos mais simples e mais próprios à sensibilidade do povo brasileiro”. Se por esta recomendação ou se pela sua

⁸ Registre-se aqui o agradecimento à equipe da Fundação Clemente Mariani, bem como à família Mariani, que muito auxiliaram nesta pesquisa. É importante destacar o cuidado da família em manter o arquivo da produção da autora baiana, evitando seu esquecimento e permitindo que sua obra seja revisitada contemporaneamente.

⁹ Não foi possível tomar contato com o único exemplar encontrado deste periódico no Instituto Histórico Geográfico da Bahia, em virtude das condições dele. A leitura que fizemos deste exemplar pertence à Biblioteca da Fundação Clemente Mariani, que possui uma cópia datilografada. Os críticos de literatura baiana que estudaram a obra de Anna Ribeiro - como é o caso do Dr. Júlio Barbuda sempre registram esta publicação com datas equivocadas, uns registram como lançada em 1883, outros 1885 e, de um modo geral, dizem ter sido feita na *Gazeta de Notícias*, o que não corresponde à verdade, o folhetim começa a ser publicado em 1883 no *Diário de Notícias* e prossegue até janeiro de 1884. A informação correta nos foi prestada pela pesquisadora da literatura baiana, Prof^ª Lizir Arcanjo a quem agradeço.

convicção de que o texto deveria ser “um documento da realidade”, esta narrativa inaugura, na minha percepção, o ciclo da cana-de-açúcar na literatura brasileira, sendo Anna Ribeiro sua precursora.

Embora seja o autor baiano Xavier Marques com *As voltas da estrada* de 1930 considerado pelo crítico José Aderaldo Castelo como pioneiro deste ciclo do Modernismo brasileiro, é inegável a anterioridade do folhetim de Anna Ribeiro, que é de 1883. Para Aderaldo Castelo (1996, p. 307):

Escrita por um autor que deve ser caracterizado como um romântico tardio, de acentuadas preocupações sociais entre o reacionário e o novo, a narrativa *As voltas da estrada* evoca um fim-de-século e começos do seguinte.... [Xavier Marques] ... é anacronicamente anunciador da representação do esplendor final e decadência da economia e civilização açucareira do Nordeste, a partir da extinção do trabalho escravo.

Ora, o cânone literário¹⁰, erigido sob um discurso linear e historicista sempre elegeu como iniciador de uma determinada tendência o primeiro texto a ser publicado por um certo autor, portanto, se a questão fosse apenas dessa ordem, a autora baiana deveria ter ao menos o seu nome citado como iniciadora de um veio literário a ser percorrido ao longo do século subsequente pela literatura nordestina. O fato de sua obra ter uma circulação local e seu nome ser citado apenas nas críticas circunscritas à Bahia, sem que efetivamente tivesse tido sua obra analisada, revelam que a questão é mais ampla. Essa falta de rigor com que as tentativas de historicismo literário tratam as próprias determinações que elegem na sua composição é evidentemente bastante sugestiva, e reveladora de que quando há igualdade de gênero é ainda possível reavaliar o cânone, do contrário, permanecem no esquecimento as obras de mulheres.

¹⁰ A discussão sobre cânone segue algumas das questões levantadas por Roberto Reis no texto “Cânon” (1992).

Ao estabelecer a fixação topográfica do lugar, a pintura estática do Recôncavo com seus tipos sociais e com seus costumes diversos dos padrões da cidade, a autora apresenta aspectos que denotam o traço regionalista comum à narrativa baiana a que todos os movimentos literários irão fixar em maior ou menor grau e “a contribuição sociológica” como registra Adonias Filho (1955)¹¹ a ser perseguida por Jorge Amado e Herberto Salles. Ela vai também delineando, nesse folhetim, o modo de vida das suas personagens mulheres, seu papel nas mudanças dos jogos econômicos e sua melhor capacidade de adaptação às circunstâncias, através da formação educacional e da crença inabalável na religião.

Os mecanismos de apresentação dessas mulheres estarão nos romances da autora legitimamente representados em face dos acontecimentos históricos e do modo de vida do Recôncavo. Deste modo, três obras da autora narram a vida de mulheres a partir do registro do processo de opulência e de declínio do ciclo da cana-de-açúcar na Bahia, partindo de referenciais próprios, visto que a sua origem é de família rural e proprietária de terras. São eles, como dissemos, *O anjo do perdão*, publicado entre 1883 e 1884, folhetim, e os romances *Letícia*, de 1908 e *Suzana*, inédito, escrito provavelmente na década de 1920.

¹¹ O regionalismo é um traço comum à narrativa baiana tido por Adonias Filho (1955) como um aspecto a que todos os movimentos literários irão em maior ou menor grau fixar e, ainda segundo o crítico e romancista — ele mesmo um representante, na literatura modernista, dessa temática — iniciado por Rosendo Muniz Barreto (*Favos e Travos* seu único romance, de 1872, uma vez que era notavelmente poeta) e Xavier Marques (que inicia carreira literária em 1884, com *Temas e variações* - poesia, e no romance em 1888). Não tratarei aqui da discussão contemporânea acerca do regionalismo, por não ser o tema principal deste texto, como se encontra em Durval Albuquerque Jr. (2011), Walnice Nogueira Galvão (2020), entre outros teóricos, ou mesmo na cuidadosa avaliação dos escritores contemporâneos como Ronaldo Correia Brito (2020).

No folhetim *O anjo do perdão*, a perspectiva é do momento de opulência da vida no campo, com os encontros de vizinhos e festas animadas, como a descrição das cavalladas, registro:

Este divertimento, umas das reminiscências das eras cavaleirescas, e que viera a substituir as justas e torneios em que os cavaleiros da Idade Média conquistavam os corações das formosas damas, que, em harmonia com as ideias da época, tinham em mais alto preço a gentileza, garbo e valentia, do que as qualidades da alma, não era inteiramente estéril. (BITTENCOURT, 1883, p. 62. datil.)

O registro do espaço físico é paradisíaco, inclusive com a lembrança da descoberta do Brasil por Cabral, caráter ufanista que indicará uma trajetória da literatura baiana desde os Seiscentos:

Nesta larga faixa de fértil território chamada recôncavo que se estende de norte a sul na Província da Bahia, tendo a leste a imensa planície líquida do Atlântico, e a oeste os vastos tabuleiros, denominados sertão, havia no ano de 1832 uma fábrica de açúcar ou Engenho, situado em um local encantador. (BITTENCOURT, 1883, p. 1. datil.).

A ficcionista dará relevo à situação da escravidão ao destacar o trabalho na lavoura, além das relações econômicas no ciclo da cana-de-açúcar:

Dali [da casa do proprietário] partia um largo trilho semelhante a serpente alvacenta que se estendia até o Engenho, edifício irregular e de mau gosto, mas que prendia a atenção pela boa qualidade das canas que enchiam os grandes picadeiros, prometendo uma abundante safra pela atividade que reinava em seu interior.

Viam-se os escravos movendo-se em todas as direções, obedecendo à rígida voz do administrador, que preparava o Engenho para a moagem. (BITTENCOURT, 1883, p. 1-2. datil.)

O enredo deste folhetim gira em torno da protagonista Clara, “o anjo do perdão”, que teve a honra ultrajada pela madrasta, com o intuito de apossar-se da herança deixada pelo lado materno, com a condescendência de seu próprio pai, Cláudio de Oliveira. É, juntamente com *Helena* (publicado de julho a outubro de 1901, no jornal *A Bahia*), as narrativas de conteúdo mais folhetinesco no sentido de enredos em que se investe mais no improvável e se apresenta maior número de espaços e ambientes onde se desenvolvem as ações. Nestes típicos folhetins à Eugene Sue, predomina certa visão maniqueísta dos personagens, enredos com inúmeras peripécias, rocambolescos talvez dissesse a pesquisadora Marlyse Meyer (1996) que estudou a presença dos folhetins na literatura brasileira.

Há ainda, nestes folhetins, episódios históricos relevantes para a história da Bahia, Sabinada¹² no primeiro deles, *O anjo do perdão*, e no segundo, *Helena*, o conflito da guerra da Independência em 1823, descrita como pano de fundo de uma história de amor entre um órfão brasileiro de origem portuguesa e uma jovem de mãe de origem indiana.

Em *Letícia, romance original* de (1908), a protagonista é uma jovem rica, criada com mimos por ser órfã e filha única de um abastado proprietário de engenho, leitora do Romantismo que não distingue o caráter de seu pretendente, por julgá-lo um elegante estudante de Direito da Corte. O romance parece fazer

¹² A Sabinada foi uma das revoltas do período regencial, ocorrida entre 1837 e 1838. O nome advém do seu líder, Sabino Álvares da Rocha Vieira, médico, político, jornalista e professor da Faculdade de Medicina. Reunindo pessoas de classe média e do comércio de Salvador, buscava um melhor sistema político para o Brasil, que, segundo seu líder, deveria ser federalista e republicano. A Sabinada tinha um compromisso com os escravos de que libertaria aqueles que pegassem em armas. Teve muita resistência dos senhores de engenho, que se colocaram a favor do governo. Para Luís Henrique Dias Tavares, essa revolta “indicou a proclamação da maioria de D. Pedro como a fórmula para a legalidade do Estado brasileiro — as províncias unidas sob a autoridade do Imperador D. Pedro II.” (TAVARES, 1974; FAUSTO, 1997).

um contraponto a *Senhora* de José de Alencar, visto que a autora considerava que a literatura romântica apresentava “perfis de mulheres altivas e caprichosas”¹³. No romance da autora baiana, narra-se o processo de decadência e de adaptação dos latifúndios após a abolição da escravidão, como se observa no seguinte trecho:

Dali a vista entendia-se sobre a vasta propriedade outrora tão florescente e na qual se percebiam os primeiros indícios de próxima decadência.

Sobre os extensos tabuleiros de grama verde-esmeraldina, viam-se manchas mais escuras de mata-pasto e outros vegetais que outrora apenas brotavam eram de pronto arrancados.

Nas extensas cercas já algumas estacas, deixando o prumo, se inclinavam para um lado. A grande casa do engenho, em outro tempo animada e alegre pelo movimento do trabalho, era silenciosa e triste como o condenado que, sem estar enfermo, sente que os seus dias estão contados. (BITTENCOURT, 1908, p. 99-100).

Neste romance, a autora explora pontos de vista diversos sobre a escravidão e a Proclamação da República, a exemplo do contraponto a esse discurso do cenário de decadência, quando o proprietário de terras pergunta a seu genro, advogado, morador da Corte, se não o entristecia a aparência dessa paisagem descrita, a que o interlocutor responde:

¹³ O trecho entre aspas foi retirado de uma citação de Nelson Werneck Sodré (FREIRE, apud SODRÉ, 1972, p. 236): “... já em 1885, uma escritora, Ana Ribeiro de Góis Bitencourt, colaboradora do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, publicado na Bahia, advertia a propósito dos novos costumes que eram introduzidos pela literatura romântica, ‘certas cenas um pouco desnudas’, perfis de mulheres altivas e caprichosas’, algumas pretendendo mesmo que ‘a união dos sexos promovida somente pelo amor e seja tão santa e pura como a que a religião e a sociedade consagra’”.

- Muito pouco, respondeu o mancebo, em comparação de outros espetáculos que não só me entristeciam, como me revoltavam. O que era horrível era ver pobres entes, iguais a nós, porque fazem parte da humanidade, vergando sob o peso de um trabalho embrutecedor, para alimentar o luxo, os caprichos e até os vícios de certos números de privilegiados. (BITTENCOURT, 1908, p. 99-100)

No último romance desse ciclo, *Suzana*, romance urbano e inédito, a decadência econômica do Recôncavo e a adaptação dos antigos proprietários de terra à vida na cidade e a seus novos empregos é o painel da história de amor retratada. A riqueza do Recôncavo e de suas famílias continuam representados, mas um novo traço aparece: *O Sr. Miguel que deixara de ser senhor de Engenho pela força das circunstâncias, conservava todo o fofo orgulho dessa classe, com razão chamada a aristocracia brasileira*.¹⁴

De poderoso senhor das narrativas anteriores a um homem eivado de um orgulho ultrapassado e fora do lugar, é assim que a escritora encerra o ciclo de opulência e insere o processo de decadência da cana-de-açúcar no Recôncavo baiano. Anna Ribeiro completa o ciclo, fiel intérprete desse passado de riqueza e de esplendor, com a representação de uma família que conviveu de perto com as agruras da perda econômica, tendo o pai morrido de desgosto e a filha, por ter estudado, se tornado preceptora. Este ciclo descrito também em suas memórias é o mesmo que apenas muitos anos depois encontraremos na trilogia do escritor pernambucano José Lins do Rego, *Menino de engenho*, 1932, *Banguê*, 1934 e *Usina*, 1936. Lins do Rego irá ser perpetuado no cânone literário brasileiro por esta temática, e Xavier Marques tido como seu antecessor.

¹⁴ Este romance, inédito, encontra-se em poder da família da autora nos arquivos da Biblioteca da Fundação Clemente Mariani. Edição datilografada, p. 61.

A primeira ficcionista baiana, não teve, porém reedições para que sua obra pudesse ser confrontada com as demais produções destacadas. Apesar de estudos esparsos sobre sua obra, a exemplo dos artigos escritos por diversos acadêmicos, a exemplo de Augusto Alexandre Machado (1952), Carlos Eduardo da Rocha (1981), Wilson Lins (1987), Jayme de Sá Menezes (1989), Ana Amélia Vieira Nascimento (1991, 1992), sua produção literária permanece convidativa para que se observe não apenas seu compromisso com o relato de sua época, como também sua escrita ficcional, nos moldes da literatura folhetinesca, presente na história da literatura brasileira ao menos até o início do século XX.

Ao tratar da obra das escritoras do século XIX a pesquisadora Constância Lima Duarte tomou de empréstimo o termo “memoricídio”, cunhado por Fernando Baéz para assinalar que, no processo de colonização dos povos latino-americanos, não apenas houve genocídio e etnocídio, mas também memoricídio, que, citando, “consiste na eliminação de todo o patrimônio, seja ele tangível ou intangível, que simboliza resistência a partir do passado”. (RAMPINELLI, 2003, p. 14).

A não circulação da produção literária de pessoas do sexo feminino constitui-se, pois, em uma forma de *memoricídio*, no apagamento dessa escrita que, de alguma forma, representa resistência ao quebrar as barreiras sociais a que estiveram vinculadas ou mesmo por apresentar uma época da qual só se tinha conhecimento por vozes consideradas oficiais.

Ao recuperarmos as obras de Anna Ribeiro firmamos o compromisso de garantir a legitimação de textos desta autora, inscrevendo-as ou re-inscrevendo-as na história da literatura baiana, afinal de uma escritora com tal pujança narrativa não cabe o esquecimento.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. Grupo Baiano. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955. v.2. p. 179-201.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

AZEVEDO, Thales de. Memórias de uma escritora. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 39, 1993.

BARREIRA. *História das nossas avós: retrato da burguesia em Lisboa*. 2. ed. Lisboa: Colibri, 1994. p. 87.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Longos serões do campo*. Org. Maria Clara Mariani Bittencourt. São Paulo: Nova Fronteira, 1992. v.1 e 2

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *O anjo do perdão*. Salvador, 1883. p. 1. datil. (Publicado no *Diário de Notícias*).

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *A Filha de Jephthé*; romance tirado da Escritura Sagrada. Salvador: Tipografia À Rua da Alfândega, 1882. 172 p.

BLAKE, Augusto Alves Victorino Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883. v. 1.

BRITO, Ronaldo Correia. Somos regionalistas? Entrevista a André Pelinser, Letícia Malloy e Vitor Cei para o projeto Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas, 09 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.ronaldocorreiaдебrito.com.br/site2/2020/06/somosregionalistas/>. Acesso em 10 out. 2020.

CASTELLO, José Aderaldo. Refletindo com o autor sobre “As Voltas da estrada”. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 42, p. 307, mar. 1996.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1997).

GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. *Literatura e sociedade*. São Paulo, v. 5, p. 44-55, 2000.

LINS, Wilson. A prosa de ficção na Bahia. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador: Academia de Letras da Bahia, n. 34, p. 9-16, jan. 1987.

MACHADO, Augusto Alexandre. A vida de Ana Ribeiro de Goes Bitencourt. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador: Academia de Letras da Bahia, p. 14-26, 1952.

MATTOSO, Kátia de Queirós. Une comtesse de Ségur: Anna Ribeiro. *Cahiers du Brésil contemporain*, Paris, n. 19, p. 109-114, set. 1992.

MENEZES, Jayme de Sá. A intelectualidade baiana oitocentista. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador: Academia de Letras da Bahia, n. 36, p. 147-170, nov. 1989.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. *Revista Travessia*, n. 21, p. 64-70, 1990.

NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira. As Memórias de D. Anna Ribeiro de Goes Bittencourt. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador: Academia de Letras da Bahia, n. 37, p. 181-188, mar. 1991.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira do. Os longos serões do campo. *A Tarde*, Salvador, 19 set. 1992.

PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PUCHNER, Martin. *O mundo da escrita; como a literatura transformou a civilização*. Trad; Pedro Maia Soares. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RAMPINELLI, Waldir José. *Lutas Sociais*. São Paulo, v.17, n.30, p.139-142, jan./jun. 2013.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

ROCHA, Carlos Eduardo da. Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, a primeira romancista baiana. *Revista do Conselho Estadual de Cultura*, Salvador: Secretaria da Cultura, p. 63-77, jan. 1981.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 7.ed. atual. São Paulo: DIFEL, 1982.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.

VIEIRA, Nancy Rita Ferreira [FONTES]. *A bela esquecida das letras baianas: estudo da produção intelectual de Anna Ribeiro*. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Nancy Rita Ferreira Vieira é Licenciada em Letras (UCSal), com Mestrado (1999) e Doutorado (2005) em Letras (Literatura Brasileira), pela Universidade Federal da Bahia. É Professora Associada III do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, com orientações em níveis de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Desenvolveu a pesquisa “Dois finais de séculos na Bahia: cenas de mulheres?”. É membro do Grupo de Trabalho A Mulher e Literatura da Associação Nacional de Letras e Linguística (ANPOLL). Coordenadora do GT A Mulher e Literatura (2012-2014). Tem atuação na área de Letras e Cultura, com ênfase em Literatura Brasileira, Crítica Feminista, Literatura Baiana.



O BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. TERESA CRISTINA, IMPERATRIZ DO BRASIL

ANTONELLA RITA ROSCILLI

O ano de 2022 marca no Brasil o Centenário da Semana de Arte Moderna e o bicentenário da Independência, mas esta data marca também o bicentenário do nascimento de uma mulher de origem itálica que dedicou sua vida inteira a este grande país: a princesa D. Teresa Cristina das Duas Sicílias, que virou esposa de Dom Pedro II e Imperatriz. Pertencia à família dos Bourbons, ramo cadete dos antigos Capetianos, terceira dinastia dos reis da França. Nasceu em Nápoles (na atual região italiana da Campânia), onde a dinastia dos Bourbons reinava desde o séc. XVIII.

Na época, Nápoles era uma das cidades européias mais avançadas e brilhava nos campos do pensamento, da pesquisa, da economia, da expressão artística, possuía lugares maravilhosos quais o Palácio Real Reggia di Portici, e o Palácio Real Reggia di Caserta denominada de “Versailles mediterrânea” pelo seu esplendor. Em Nápoles surgiu a primeira ferrovia italiana (Napoli-Portici); a estação marítima; a fábrica de porcelanas em Capodimonte; a arte do presépio; o Real Teatro de São Carlo, o Teatro Lírico mais antigo do mundo construído em 1737; o “Albergo dei Poveri”; como também o cadastro que garantia as propriedades; a delimitação do poder feudal em defesa da liberdade pessoal; um princípio da revolução industrial, com garantias sociais, de saúde e previdenciárias.

Protagonista do humanismo e centro iluminista de nível europeu, Nápoles era também referência da música clássica e da ópera através da Scuola Musicale Napoletana que, com seus quatro conservatórios musicais construídos no século XVI, deu origem àquele gênero de teatro musical chamado “opera buffa”. O filósofo suíço, escritor e músico Jean-Jacques Rousseau, em 1868, no seu *Dictionnaire de musique*, na página 360, assim escrevia: “Cours, vol à Naples écouter les chef-d’oeuvres de Leo, de Durante, de Jommelli, de Pergolèse! (Corra, voe para Nápoles para ouvir as obras primas de Leo, de Durante, de Jommelli, de Pergolesi)”.

A essência de toda esta história política e sociocultural cruzaria o Oceano Atlântico graças a D. Teresa Cristina de Bourbon, irmã do rei D. Ferdinando II de Bourbon. Ela constitui um elo muito importante, diria fundamental, entre os muitos caminhos que unem Itália e Brasil.

Em um passeio imaginário, através de muitos caminhos que unem Itália e Brasil, se podem fazer encontros de todo tipo. [...] Há também os que em vida tiveram fama e que após a morte foram esquecidos. Alguns deles foram rei ou rainha, ou pessoas que realizaram ações dignas de admiração, e que depois foram totalmente esquecidas (AVELLA, 2012, p. 19).

Começa assim ”Una imperatrice napoletana ai tropici. D. Teresa Cristina di Borbone sul trono del Brasile. 1843-1889”. Trata-se de uma obra de Aniello Angelo Avella, saudoso amigo e professor italiano da Faculdade de Lettere e Filosofia da Universidade “Tor Vergata” de Roma onde ensinava “Storia della Cultura dei Paesi di lingua portoghese”. Conforme Marco Lucchesi, poeta, crítico literário, escritor e tradutor brasileiro de origens italianas, Presidente da Academia Brasileira de Letras-ABL, “a poesia pode ser uma tentativa de dizer a chama através das cinzas” (AVELLA, 2012, p. 227). É dessa forma,

escavando as cinzas, que tentarei aqui reconstruir algumas partes importantes da história de D. Teresa Cristina de Bourbon.



1. Sala do Trono do Palácio Real – Nápoles – Itália

Fonte: [https://it.wikipedia.org/wiki/Palazzo_Reale_\(Napoli\)](https://it.wikipedia.org/wiki/Palazzo_Reale_(Napoli))

D. Teresa Cristina era filha de S.M. Francesco I de Bourbon, Rei das Duas Sicílias e da Rainha Maria Isabella de Bourbon, Infanta de Espanha. Nasceu no dia 14 de março de 1822, penúltima de 15 filhos. Naquela quinta-feira Francesco di Tocco, príncipe de Montemiletto e prefeito de Nápoles registrou seu nascimento às quatro e quinze da manhã. Sua madrinha batismal foi a tia paterna Maria Cristina, Rainha da Sardenha, esposa do Rei Carlo Felice de Sabóia. D. Teresa Cristina recebeu uma educação muito rígida e de alto nível por Mons. Agostino Olivieri, que tinha sido preceptor também do penúltimo Rei das Duas Sicílias.

A futura imperatriz do Brasil estudou vários idiomas, culturas clássicas, história, belas artes, música e arqueologia. Cresceu assim o gosto pela beleza artística e cultural nesta mulher itálica,

cujos destino era o de atravessar o Oceano Atlântico para viver no Brasil. Por D. Pedro II de Bragança (1825-1891), ela deixou sua amada pátria, o Reino das Duas Sicílias. Por ele deixou sua amada cidade de Nápoles e sua família.

As cartas entre ela e D. Pedro II foram muitas e em francês, idioma usado na época pelos nobres. O contrato de casamento foi assinado em Viena em 20 de maio de 1842. No dia 22 de maio de 1843 aportou no Golfo de Nápoles uma frota brasileira comandada pelo almirante Teodoro de Beaurepaire, constituída pela fragata “Constituição” e as corvetas “Dois de Julho” e “Euterpe”. Com elas vinha o embaixador extraordinário Ernesto Frederico de Verna Magalhães Coutinho e outras autoridades, damas da Corte e um capelão.

No dia 27 o embaixador extraordinário pediu solenemente ao rei Ferdinando II a mão da princesa. O casamento entre D. Pedro e D. Teresa Cristina aconteceu por procuração no dia 30 de maio de 1843. Os dois tinham um grau de parentesco, pois a mãe de Teresa Cristina, Maria Isabella di Borbone, era tia de D. Pedro I, pai do futuro esposo, e o pai S.M. Francesco I de Bourbon era tio de Maria Leopoldina d’Asburgo Lorena, mãe de D. Pedro II. Portanto, para o casamento foi necessário pedir permissão ao Papa Gregório XVI. O casamento foi celebrado no Palácio Real de Nápoles, diante do embaixador brasileiro José Alexandre Carneiro Leão, visconde de São Salvador de Campos. Quem representou o futuro esposo foi o irmão de D. Teresa Cristina, príncipe Leopoldo de Bourbon, conde de Siracusa, personalidade muito ativa na Arqueologia. A esposa foi representada pelo ministro das Relações Exteriores do Reino das Duas Sicílias, Don Fulco Giordano Antonio Ruffo di Calabria-Santapau.

Salvas de artilharia e grandes festas se seguiram para a satisfação de todos na Corte e vivas do povo napolitano. Os jornais da época, incluindo o *Giornale del Regno delle Due Sicilie*, não só deram notícia do casamento, como também publicaram

vários poemas escritos em homenagem a esta princesa tão amada. Hoje em dia os poemas se encontram na Biblioteca Nacional de Nápoles. Um deles se intitula “Ode” e é do poeta napolitano Ulisse Raffaele que em 1843 escreveu essas palavras:

Parti e ti sian propizi / Il cielo, i venti e l’onde / Ti veggan salva e incolume / le americane sponde / Che in noi di te l’immagine / Tua viva rimembranza / Né tempo o lontananza/Mai cancellar potrà. (Parta e que sejam propícios a você os céus, os ventos e as ondas / Te encontrem sã e salva / as praias americanas/ E em nós sua imagem / Sua viva lembrança / Nem o tempo nem a distância / Nunca apagará). (AVELLA, 2012, p. 67). Nossa tradução para o português.

A viagem para o Rio de Janeiro começou em 2 de julho de 1843. Ao navio Constituição seguiam as fragatas napolitanas Vesuvio, Partenope, Regina Isabella Amália onde viajou o príncipe Luigi de Bourbon, irmão de D. Teresa Cristina. A Imperatriz D. Teresa Cristina levou consigo mais de 1000 livros e uma bela coleção de mapas geográficos e mapas topográficos. “Foram embarcadas nas fragatas cinco carroças douradas, cristaleria, bronzes, serviços de mesa, tecidos, etc.” (MARIZ, 2008, p. 200). Entraram na baía da Guanabara na madrugada do dia 3 de setembro de 1843. A cidade estava toda embandeirada para festejar o acontecimento. Uma gôndola dourada levou o Imperador e sua irmã Januária até a fragata napolitana. A Imperatriz desembarcou somente na manhã seguinte, e ela e D. Pedro II foram diretamente para a catedral renovar o rito do casamento. Assim, D. Teresa Cristina de Bourbon começou sua vida de Imperatriz em uma terra estrangeira, mas que com o passar do tempo amou sempre mais. Este amor, no entanto, não enfraqueceu suas raízes italianas, aliás a Imperatriz manteve sempre um forte contato com seus parentes e com sua terra natal. O casal imperial teve quatro filhos: Afonso, Leopoldina,

Pedro e Isabel, esta última foi chamada de *Redentora*, pois em 13 de maio de 1888, sancionou a *Lei Áurea* (Lei Imperial n.º 3.353), que extinguiu oficialmente a escravidão no Brasil.

D. Pedro II amava a filosofia, as artes, as ciências, e permaneceu sempre ao centro da atenção de historiadores e estudiosos, mas sua esposa apareceu na historiografia oficial por muito tempo somente com o papel de “Mãe dos brasileiros” ou “Imperatriz silenciosa”. Apesar de ela ter desempenhado um papel muito importante na história do Brasil, o reconhecimento ainda permanece abaixo dos seus méritos. A imagem estereotipada é a de uma mulher de cultura limitada, silenciosa, que compensava a falta de beleza física com a bondade e as virtudes do coração.

Ao contrário, muitas pesquisas realizadas em arquivos italianos e brasileiros, revelam uma personalidade feminina de notável cultura e força, bem longe da imagem submetida; uma mulher influente na política, dispensadora de conselhos, incentivadora das artes, música, arqueologia e pintura. A sua biografia guarda muitas surpresas. D. Teresa Cristina de Bourbon soube respeitar, mesmo em meio a tanta dor e luto, o seu papel de Imperatriz e consorte, permanecendo sempre fiel ao marido. Fora das visitas oficiais, ele considerava inútil toda a pompa e rótulos da corte. Não usava jóias, nem usava vestes ricas quando desnecessário, falava informalmente e amigavelmente com todos os funcionários da corte. Ao mesmo tempo, sempre acompanhou com atenção as atividades de D. Pedro II, desempenhando o papel de sua conselheira de confiança.

Graças à sua presença, desde a chegada à bela cidade do Rio de Janeiro até a morte no exílio, os anos entre 1843 e 1889 se revelaram como um dos períodos-chave para o país e para o desenvolvimento das relações entre Itália e Brasil. Analisando várias fontes históricas, nota-se que até o argumento de que o casamento de D. Teresa Cristina de Bourbon com D. Pedro II fosse casual, conforme a historiografia oficial, foi na realidade um evento muito

importante na política atlântica e organizado graças à diplomacia da nobre família dos Bourbon que governava com afinco a inteira Itália do Sul. Prova disso é que, além do casamento entre D. Pedro II e D. Teresa Cristina, para reforçar ainda mais os laços entre a família dos Bourbons e a família dos Bragança, foi combinado também o casamento entre o príncipe Luís Conde de L'Aquila, irmão de D. Teresa, e a irmã do imperador, D. Januária, regente do trono brasileiro. Sob o patrocínio da Imperatriz Teresa Cristina, no Rio de Janeiro floresceram artes. A Baía de Guanabara, em registros muitas vezes comparados com o Golfo de Nápoles, tornou-se um destino favorável para muitos artistas do Reinado das Duas Sicílias. A cultura italiana se espalhou em várias camadas sociais do tecido urbano carioca, diferentemente do modelo francês que era mais elitista.



2. Imperatriz D. Teresa Cristina de Bourbon – 1876 c.

Fonte: https://it.wikipedia.org/wiki/Teresa_Cristina_di_Borbone-Due_Sicilie

Uma das grandes paixões da Imperatriz D. Teresa Cristina foi a arqueologia. Foi por isso que pensou em organizar com o irmão D. Ferdinando II, Rei das Duas Sicílias, um intercâmbio de peças arqueológicas de elevado valor cultural e com um forte significado simbólico. Foi assim que vários artefatos das antigas culturas de Pompéia e Herculano vieram para o Rio de Janeiro, e diferentes artefatos e instrumentos das culturas indígenas do Brasil foram para o Reinado das Duas Sicílias onde entraram a fazer parte das coleções do Museu Real dos Bourbons, em Nápoles.

Mas a ação da Imperatriz não se limitou em estabelecer um intercâmbio cultural com o Reinado das Duas Sicílias. Em 1824 virou proprietária das terras itálicas de Vaccareccia e Isola Farnese (antiga Veio), localidades próximas de Roma, que herdou de sua tia, a Rainha de Sardenha e Piemonte, D. Maria Cristina Amália Teresa de Nápoles e Sicília, irmã de Federico II e esposa do Rei Carlos Felix de Sabóia. A Rainha era apaixonada por artes antigas e arqueologia, e tinha organizado e financiado escavações em toda a área das suas propriedades.

Nestas terras foi de fundamental importância a descoberta da necrópole etrusca da antiga Veio, cidade que foi definida *pulcherrima urbs* (cidade esplêndida) pelo historiador latino Tito Lívio. Considerada por Dionigi de Halicarnasso, “a cidade mais poderosa dos Tirrenos”, na época de Rômulo, e “tão grande quanto Atenas”, Veio estava entre os principais centros políticos e de patrimônio cultural da Itália central. Mais antiga que a cidade de Roma, foi a cidade mais populosa do sul da Etrúria, especialmente entre os séculos VII e VI a.C., junto com Caere (Cerveteri). Berço da civilização etrusca, sede de florescentes oficinas artesanais, durante a era Arcaica, desenvolveu uma renomada escola de coroplastia (escultura em terracota) cujo expoente mais famoso foi o etrusco Vulca, chamado para criar as esculturas

do Templo de Júpiter Capitolino em Roma. De acordo com os conhecimentos arqueológicos atuais, foi também a cidade que introduziu na Itália o uso de decorar com pinturas as paredes dos quartos dos túmulos.

D. Teresa Cristina de Bourbon herdou, não apenas em termos legais e materiais, estas propriedades da tia no Lazio, mas herdou o amor e a dedicação da sua nobre parenta. Seu direito às terras foi confirmado em 1850 e em 1853. Decidiu, portanto, financiar algumas campanhas arqueológicas em Veio, onde foram encontradas muitas e importantes peças. As escavações foram conduzidas pelos arqueólogos Luigi Canina e Virginio Vespignani, pai de Francesco Vespignani, que virou procurador da Imperatriz em Roma. Entre os inúmeros objetos de valor inestimável oriundos das escavações, podemos destacar uma coleção de louças e cerâmicas e um busto de Antínoo encontrado em 1878, peça que foi doada pela própria Imperatriz à Academia Imperial de Belas Artes e que se encontrava no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Segundo os Relatórios Ministeriais sobre a Academia Imperial de Belas Artes dos anos 1880 e 1881:

Dignou-se Sua Majestade a Imperatriz ofertar à Academia um belíssimo busto antigo de mármore de Paros, representando Antínoo com os atributos de Baco. É o primeiro original de mármore antigo que entra para o estabelecimento, e foi descoberto nas escavações que, por determinação da mesma Augusta Senhora, se estão fazendo em Veio, nas vizinhanças de Roma, em terrenos de sua propriedade. (DAZZI e VALLE, 2009).

Importantes foram as trocas entre ela e o irmão rei D. Ferdinando II. Ela enviava para Nápoles peças das culturas indígenas que mostraram ao velho continente aspectos de uma civilização muito distante e desconhecida, que poderia estimular a curiosidade sobre a cultura do Brasil. Ao mesmo tempo,

os objetos que provinham da península itálica plantavam as sementes da tradição clássica no “Novo Mundo”. Vieram séculos da história de Roma, da Grécia, do Egito.

Destacamos que quando viajou para o Brasil, a Imperatriz levou consigo treze objetos em bronze doados pelo Rei. Conforme o documento III C5, 35, pertencente ao Museu de Nápoles, em 22 de junho de 1843, o Rei Ferdinando II presenteou à irmã, e futura Imperatriz do Brasil, com algumas peças em bronze. Foram selecionadas 13 ânforas de bronze para serem doadas a D. Teresa Cristina, as quais seriam previamente restauradas, antes de seguirem viagem. Trata-se, no entanto, de um presente diplomático, dado igualmente a outras personalidades como o Imperador da Rússia, o Rei da Baviera, e a Rainha de Nápoles, segundo consta no mesmo arquivo.

D. Teresa Cristina trouxe também uma série de peças arqueológicas da coleção da Rainha Carolina Murat, esposa do rei de Nápoles, Gioacchino Murat, e irmã de Napoleão Bonaparte (1808-1815), bem como peças de Pompéia e Herculano, como resultado das escavações de sua família desde meados do século XVIII. As treze preciosas ânforas de bronze se tornaram o núcleo da coleção em homenagem a ela no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Infelizmente, parece que se perderam durante o incêndio em 2018.

Juntamente com as coleções do Museu Nacional e os objetos em exposição no Museu Imperial em Petrópolis, a “Coleção D. Teresa Cristina” é conhecida por ser um dos principais depósitos culturais italianos fora das fronteiras nacionais. No entanto, no Brasil a paixão e a perícia arqueológica de D. Teresa Cristina é uma aquisição recente. Somente em 1996, por ser uma das precursoras na arte do mosaico, foi ao centro de uma exposição no Museu Nacional da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), organizada pela arqueóloga Maria Beltrão. Suas habilidades de arqueóloga foram reveladas para o grande público no ano de 2005 com a exposição

“Afrescos de Pompéia: a Beleza Revelada” realizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, que apresentou quatro preciosas peças de Pompéia. “Graças à Imperatriz, o Brasil pode contar com uma coleção arqueológica clássica de cerca de 700 peças, a maior da América Latina” (ZERBINI, 2007, p. 7). E ainda, em outubro de 2008 foi feita uma homenagem às qualidades artísticas de D. Teresa Cristina na arte do mosaico com a exposição “Rio Mosaico”.

A Imperatriz na época proporcionou a vinda de cantores, pintores, atores de teatro, cientistas e intelectuais italianos, como também incentivou a ida de artistas e intelectuais brasileiros para a Itália. Amante do canto lírico e da música em geral, graças à educação musical recebida em Nápoles, D. Teresa Cristina despertou muita admiração no Rio de Janeiro. Na obra “No Brasil de 1840”, o historiador brasileiro Afonso d’Escagnolle Taunay (1935, p.49) escreve que, em 1844 o diplomata francês Jules Itier, encontrando-se perto do palácio imperial, ficou impressionado com a beleza de uma voz feminina cantando uma ária de Rossini do “Barbiere di Siviglia”, e sua maravilha aumentou quando viu que se tratava da Imperatriz.

As atividades incentivadoras de D. Teresa Cristina não se limitaram ao campo artístico, pois ela influenciou significativamente também a composição dos fluxos migratórios. Se criaram as prerrogativas que promoveriam a formação da maior colônia de imigrantes italianos no exterior. Ela conquistou a confiança do imperador e passou a colaborar também nas decisões do Estado. Assim D. Teresa Cristina contribuiu a emitir leis para melhorar a situação da saúde pública e do ensino público, facilitando a chegada do exterior de médicos italianos, engenheiros, professores, farmacêuticos e advogados que queriam trabalhar para o tribunal brasileiro. Encontramos nas nossas pesquisas: documentos, fotografias de grande importância e beleza, nomes e obras de muitos artistas e personalidades,

trabalhadores altamente profissionais e artesãos, provindos principalmente do sul da Itália: os napolitanos Domenico e César Farani, o cantor de ópera Arcanjo Fiorito, o pintor Alessandro Ciccarelli e Nicola Antonio Facchinetti, estes últimos provindos da cidade italiana de Treviso.

De grande importância na época foi o discurso contrário à escravidão no Brasil. Já Gennaro Merolla, Cônsul Geral das Duas Sicílias, que morou no Rio de Janeiro entre 1832 e 1843, tinha escrito um documento denso, onde relacionava sobre a prática da escravidão com a qual tinham sido submetidos os povos africanos trazidos ao Brasil. Além da condenação da prática, definida abominável, Merolla acrescenta julgamentos severos sobre a inconsistência dos que professavam idéias liberais, mas que, em seguida, se serviam de escravizados. O interessante e inédito documento com o título “Memoria sul Commercio dei Neri e sui mali che dallo stesso ne derivano” (Memórias sobre o Comércio dos Negros e sobre os males resultantes do mesmo) surpreende pelas importantes denúncias sobre o tráfico de africanos escravizados. Encontra-se hoje em dia no A.S.N. (Archivio di Stato di Napoli) e ainda inédito no Brasil.

A este propósito, ressaltamos que no Rio de Janeiro a Imperatriz D. Teresa Cristina comprou a alforria de diversos negros escravizados, que libertava em praça pública. Em 1886, uma negra liberta chamada Maria Rosa enviou uma petição à Imperatriz. Pouco depois, D. Teresa Cristina presidiria uma cerimônia de libertação de escravos, que formaria parte de uma série de pródigas cerimônias de libertação por meio do fundo de emancipação da Câmara Municipal, o chamado Livro de Ouro. Maria Rosa evocou seu status de mãe de modo a angariar simpatias à sua solicitação. Ela pediu que sua filha escravizada, Ludovina, fosse liberta na próxima cerimônia. Maria Rosa evocou a família de D. Teresa Cristina, desejando-lhe longos anos de felicidade.



2. O Imperador D. Pedro II e D. Teresa Cristina de Bourbon
Óleo sobre tela - Joaquim Gomes Tourinho da Silva - 1861
Fonte: Acervo IGHB- Instituto Geográfico Histórico Bahia

A partir de 1845, o casal imperial empreendeu muitas viagens, primeiro no vasto território do império brasileiro, depois em países estrangeiros como o Egito, a Palestina, os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda e, finalmente, a Itália onde, visitaram o Mosteiro de São Bento em Montecassino, entre outros. E depois foram para Roma, onde encontraram com o Papa, Florença e Nápoles. Para D. Teresa Cristina, o retorno a Nápoles foi muito triste, porque sua cidade de nascimento, antes capital de um grande reino, tinha sido reduzida a província. Era o ano de 1871 e ela escreveria em seu diário: “Não posso descrever a impressão que senti ao ver, depois de 28 anos, minha terra natal,

e não encontrar mais as pessoas que eu amava”. Os Sabóia haviam derrubado os Bourbons e estavam à frente do Reino da Itália, proclamado em 1861. D. Teresa Cristina, embora distante, sofreu muito por tudo isso, tanto que, novamente em Roma em 1877, se recusou a ir ao baile da princesa Margherita de Sabóia, no Quirinale, para o qual o casal imperial brasileiro havia sido convidado.

Em 1888 eles estavam em Milão quando a filha, Princesa Isabel promulgou a Lei Áurea. Na imprensa italiana e particularmente na página 358 da Revista “*Illustrazione italiana*”, pela ocasião apareceram estas palavras:

È la terza volta che visitano l'Europa; L'imperatrice, colta, appassionata per l'arte, meridionale nell'anima, espansiva, affabile e buona, è la sua migliore compagna in tutti i suoi viaggi. L'imperatore ama l'Italia e i suoi uomini celebri, parla squisitamente l'italiano, ha tradotto il Cinque maggio del Manzoni ed ha una viva e vecchia amicizia per Cesare Cantù. Testè a Bologna volle assistere, come scolaro ad una lezione di Giosuè Carducci. (É a terceira vez que visitam a Europa. A imperatriz, culta, apaixonada pela arte, sulista de alma, expansiva, afável e bom, ela é sua melhor companheira em todas as suas viagens. O imperador ama a Itália e seus homens famosos, fala italiano primorosamente, traduziu Cinco de maio de Manzoni e tem uma amizade viva e antiga para Cesare Cantù. Em Bolonha quis assistir como aluno a uma aula dada por Giosuè Carducci). Nossa tradução para o português

D. Pedro II era amante, entre outras, das letras italianas, conhecia intelectuais e adorava Dante Alighieri, tanto que traduziu para o português o XXXIII Canto do Inferno da *Divina Comédia*.

Quando retornaram ao Brasil, as condições de saúde da Imperatriz não estavam boas. O casal imperial perdeu o primeiro filho e herdeiro ao trono Afonso de Bragança com apenas dois anos de idade em 1847; em 1850 morreu outro filho, Pedro de Bragança, nascido em 1848. Alguns anos depois a Imperatriz perdeu seu amado irmão, o Rei D. Ferdinando II, que faleceu em

22 de maio de 1859 na Reggia di Caserta. Além disso, ela tinha assistido impotente à queda do Reino das Duas Sicílias e à proclamação do Reinado da Itália, em 1861. Em 1871 a imensa dor causada nos anos anteriores pela morte prematura dos dois filhos, se renovou quando faleceu D. Leopoldina, a segunda filha, que morreu em um sofrimento terrível devido ao tifo, com apenas 24 anos de idade. Com tantas dores, a saúde da Imperatriz piorou e o casal imperial teve que voltar para a Europa para várias consultas.

O Império chegou ao fim em 15 de novembro de 1889, quando o Imperador foi deposto e no Brasil foi proclamada a República. Foi um golpe. Os conspiradores deram à família imperial 24 horas para deixar o país. D. Pedro II, D. Teresa Cristina e a filha, princesa Isabel, embarcaram para Portugal na madrugada de 17 de novembro. Em Portugal encontraram alojamento no “Grand Hotel”, no Porto. A Imperatriz morreu de ataque cardíaco em seu quarto de hotel, em 28 de dezembro de 1889, aos 67 anos de idade, no momento que D. Pedro II visitava a Academia de Belas Artes. Ao lado dela estava a fiel baronesa de Japurá, Maria Isabel de Andrade Lisboa, a quem D. Teresa Cristina teria dito: “Não estou morrendo de doença, mas de dor e tristeza” (ZARBINI, 2007, p. 24).

O jornal francês *Le Figaro* publicou notícia sobre a morte dela em 29 de dezembro: “A Europa se lembrará, com respeito, desta imperatriz morta sem trono, e de sua morte se dirá que foi o único arrependimento de seu marido em 46 anos de casamento”. No mesmo dia “Le Gaulois”, outro jornal francês, publicou estas palavras: “Era uma mulher boa e virtuosa. Dela a história não fala muito, porque nada pode dizer de mal”.

Conta-se que quando o Visconde de Ouro Preto, também exilado, aprendeu a notícia da morte da Imperatriz, foi até D. Pedro II e o encontrou profundamente desanimado, com uma edição recente da Divina Comédia nas mãos. D. Pedro não falou nada sobre a morte da esposa e apenas apontou para o necrotério. Quando o filho do Visconde, logo depois, teve que voltar à sala

para pegar o chapéu que tinha esquecido, viu esta cena: “Escondendo o rosto com as mãos finas e pálidas, o Imperador estava chorando, as lágrimas correram por seus dedos, escorregaram pela barba e caíram sobre as estrofes de Dante”. (CARVALHO, 2007, p. 234). Em seu Diário, naquele mesmo dia, D. Pedro II escreveu: “Ninguém pode imaginar minha aflição. Só posso lamentar a felicidade perdida, depois de 46 anos juntos. Em minha vida um vazio intransponível se abriu. Só o estudo poderá consolar minha dor”. Foram palavras de estima e amor para D. Teresa Cristina de Bourbon, a Princesa de Bourbon que para ele tinha cruzado o Oceano Atlântico, unindo dois Reinados. Naquele distante 17 de agosto de 1843, ainda a bordo do navio que a levaria para o Brasil, tinha escrito para ele estas palavras:

Mon très cher cousin et époux, je prie votre Majesté de croire à mon bien sincère attachement. Votre afeté cousine et épouse Thérèse. (“Meu querido primo e marido, peço a Vossa Majestade que acredite em meu apego sincero. Sua querida prima e esposa Thérèse”.)

REFERÊNCIAS

AVELLA, Angelo Aniello. *Una imperatrice napoletana ai tropici. Teresa Cristina di Borbone sul trono del Brasile 1843-1889*. Roma: Exòrma, 2012.

AZEVEDO, Evelyne. *A coleção Teresa Cristina: idealização e falência de um projeto cultural para o Brasil*. Concinnitas, A. 19, n. 34, dezembro de 2018.

BEDIAGA, Begonha (Org.). *Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999

CARVALHO, José Murilo, de. *Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

CASTILHO, Celso, Cowling, Camilla. *Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no*

Brasil. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/afro/a/R79Tk3R-G6HMKpN9hCyT3v7g/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

DAZZI, Camila, VALLE, Arthur (Org.). *Relatórios Ministeriais sobre a Academia das Belas Artes: Período Imperial*. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/documentos/rlt_mntr.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

ESCRAGNOLLE Taunay, Afonso, de. *No Brasil de 1840*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1935.

ILLUSTRAZIONE ITALIANA. Milano-Roma, A. XV, N. 21, 13 maio 1888, p. 358

JORNAL DO COMERCIO. Rio de Janeiro, n. 51, 22 de fev. 1843

MARIZ, Vasco. O Império brasileiro e o Reino de Nápoles e das Duas Sicílias. Revista IHGB, Rio de Janeiro, A. 169, jan. - mar. 2008, p. 193-208.

MEROLLA, Gennaro. *Memoria sul Commercio dei Neri e sui mali che dallo stesso ne derivano*. Archivio Storico di Napoli. s.d. (inérito).

RODRIGUES, Eugenio. *Descrizione del viaggio a Rio de Janeiro della flotta di Napoli*. Napoli: Batteli, 1844.

ROSCILLI, Antonella Rita. La principessa napoletana imperatrice del Brasile. *Patria*, Roma, A. 2014, p. 30-31. Disponível em: < https://anpi.it/media/uploads/patria/2014/30-31_ROSCILLI_n.8-2014.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2019.

ROSCILLI, Antonella Rita. Una napoletana imperatrice ai Tropici. Teresa Cristina sul trono del Brasile. *Sarapegbe*, Roma, A. 2, n. 5, jan. - mar. 2013. Disponível em: < <http://www.sarapegbe.net/articolo.php?quale=100&tabella=articoli>> Acesso em: 19 dez. 2019

ROSCILLI, Antonella Rita. Teresa Cristina di Borbone: Storia della principessa napoletana divenuta ultima Imperatrice del Brasile. Paese Italia Press. Disponível em: <https://www.paeseitaliapress.it/terza-fila/2020/03/14/teresa-cristina-di-borbone-storia-della-principessa-napoletana-divenuta-ultima-imperatrice-del-brasile/>. Acesso em: 20 fev. 2022

RUSSEAU, Jean-Jacques. *Le Dictionnaire de Musique*. Paris: Veuve Duschene, 1768.

VANNI, Julio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Comunidade, 2000.

ZERBINI, Maria Eugénia. A imperatriz invisível. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n.17, fev. 2007.

Antonella Rita Roscilli è escritora, pesquisadora e tradutora italiana. É Membro Correspondente pela Itália da ALB-Academia de Letras da Bahia. Bacharel em Língua e Culture Moderne na Università La Sapienza de Roma, com ênfase em Língua e Literatura Brasileira, e Literaturas Africanas de Língua portuguesa. Na Itália è editora e Diretora responsável de “Sarapegbe” Rivista Italiana Bilingue di Dialogo Interculturale. Autora de diversos livros de ensaios, divulga na Europa a cultura do Brasil através de conferências, artigos e iniciativas socioculturais. É Doutora em Cultura e Sociedade pelo IHAC-UFBA e Mestre em Estudos Multidisciplinares pela Facom-UFBA. Membro Correspondente do IGHB-Instituto Geográfico Histórico da Bahia. Biografa da memorialista Zélia Gattai, tem publicado a primeira biografia completa dela, além de outras obras e artigos acadêmicos nacionais e internacionais sobre a referida escritora. Trabalhou por mais de trinta anos na emissora pública RAI-Radiotelevisione Italiana.



A FOME NO BRASIL É UMA ESCOLHA DAS ELITES¹

LADISLAU DOWBOR

*É difícil fazer uma pessoa entender alguma coisa,
quando os seus rendimentos dependem de não entendê-la.*

Upton Sinclair

A economia tem sido apresentada como área técnica, que obedece a leis de mercado, em que as desgraças são lamentáveis, mas de certa forma inevitáveis. Os preços subiram, nos dizem, como se os preços pudessem subir sem que alguém os eleve. Fazem parte das desgraças sem padrinho a desigualdade, o desemprego, a miséria, a fome. A realidade é que há causas perfeitamente localizadas, mecanismos que podem ser explicitados, e responsáveis que têm identidade, sejam pessoas físicas ou jurídicas. Em geral o roteiro dos crimes contra a economia torna-se visível ao seguir o dinheiro. *Follow the money*, dizem os pesquisadores americanos. O escândalo da fome no Brasil permite entender melhor não só o próprio drama e o sofrimento que resulta, mas como se articulam interesses financeiros que organizam a economia em seu proveito. As narrativas permitem justificar qualquer coisa, como por exemplo a que atribui a paralisia econômica do país ao excesso de gastos, exigindo “austeridade” e “responsabilidade”. São narrativas apenas, acompanhadas de muito cinismo. As economias que funcionam são organizadas

¹ Baseado em artigo a ser publicado pela USP em 2022.

em função do bem-estar da população, e a análise da fome no Brasil é neste sentido muito instrutiva. O que estamos enfrentando tem causas, e responsáveis.

Vivemos em um país que produz muito alimento e tem muita gente passando fome. Para além do escândalo ético, isso é uma aberração em termos de organização econômica e social. No plano moral e ético, beira o criminoso: são 19 milhões de pessoas passando fome, das quais 25% são crianças, enquanto produzimos mais de três quilos só de grãos, por pessoa e por dia. Em situação de insegurança alimentar, ora têm ora não têm comida, são 116 milhões. Há poucos anos o Brasil tinha sido tirado do mapa da fome. Começo essa reflexão pela parte ética porque é a indignação que nos mobiliza, e parece que na Academia devemos de manter certa aparência de neutralidade. A fome não admite neutralidade e, em termos jurídicos, considerando a nossa Constituição, um governo não tomar nenhuma medida para assegurar o acesso básico à alimentação da população, quando os alimentos existem e em abundância, é no mínimo prevaricação. Não há argumentos quando crianças morrem de fome.

Um mecanismo perverso

Durante sete anos, eu trabalhei como consultor das Nações Unidas na África, e conheci países onde realmente era preciso “tirar leite de pedra”. Não é o caso do Brasil. Poucos entendem a dimensão do PIB brasileiro, até porque são somas muito grandes: 8,7 trilhões de reais não cabem na nossa imaginação. Mas a conta é simples: dividir o PIB, valor dos bens e serviços produzidos anualmente pelo país, pela população, mostra que o Brasil produz o equivalente a 13 mil reais por mês, por família de quatro pessoas. Uma soma que, não fosse a brutal concentração de renda e riqueza que temos, permitiria a todos uma vida digna e confortável. Bastaria uma redução moderada da nossa desigualdade para assegurar que as pessoas vivam bem. O problema central do Brasil,

estruturante, não é econômico. É um problema de organização política e social. E não há democracia que funcione com o grau de desigualdade que temos. Isso é uma farsa democrática.²

Um segundo ponto: os recursos no Brasil são apropriados por uma minoria de acionistas, banqueiros, gestores de ativos, intermediários financeiros de diversos tipos, gerando e reproduzindo a desigualdade. A Forbes publica o detalhe das fortunas dos 315 bilionários do país.³ Em poucas páginas temos o acesso às formas como é canalizada a riqueza do país. Na maioria, não são produtores, são manipuladores de papéis financeiros, que chamam de “investimentos” quando na realidade trata-se de aplicações financeiras. São os mesmos grupos que canalizam grandes somas para paraísos fiscais, para não pagar impostos. Esse sistema financeiro está drenando a economia.⁴

Outro ponto essencial é que essa forma de organização da economia, em que o dinheiro vai para intermediários financeiros, gerando mais aplicações financeiras improdutivas ou escorrendo para paraísos fiscais, em vez de ser reinvestido nos processos produtivos, gerando produtos, empregos e impostos, não resulta de leis econômicas. São opções políticas e sociais, que resultam de interesses organizados. As narrativas que encontramos nas teorias econômicas, de que se trata de mecanismos impessoais, “os mercados”,

² A simplificação dos 3mil reais por mês por família de 4 pessoas assegura ordens de grandeza. Podemos utilizar a Renda Nacional Líquida em vez do PIB, e seguir as ótimas recomendações do Stiglitz Report sobre contas nacionais, e fazer outros ajustes. Mas a realidade básica é que não faltam recursos. Ver a nota técnica *Além do PIB: medir o que importa* em <https://dowbor.org/2021/02/o-debate-sobre-o-pib-estamos-fazendo-a-conta-errada-abr-2.html>

³ Forbes – 315 bilionários brasileiros: lista das pessoas mais ricas surpreende em plena pandemia – Edição especial, agosto de 2021

⁴ Tratamos esses mecanismos em detalhe no livro *A Era do Capital Improdutivo*, em particular no capítulo 12 - <https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html>

constituem uma farsa científica. Com que tranquilidade os nossos manuais repetem a bobagem de Milton Friedmann, de meio século atrás, de “*the business of business is business*”, como se as atividades corporativas não precisassem levar em conta os impactos econômicos, sociais e ambientais das suas atividades!

Sabemos perfeitamente como tirar a população da fome e da miséria. O *New Deal* nos Estados Unidos permitiu, depois da crise de 1929, lascar um imposto sobre fortunas financeiras com alíquota de acima de 90%, e, com isso, financiou iniciativas na base da sociedade, apoio financeiro à população mais pobre, dinamização de infraestruturas em todos os municípios do país. Uma imensa iniciativa, uma opção política, um pacto. Dinamizou o consumo da base da sociedade, o que permitiu que as empresas voltassem a vender e também a empregar, e tanto os impostos sobre o consumo como os impostos sobre o processo produtivo geraram recursos para o Estado, e o dinheiro investido retornou.

Roosevelt assumiu que o dinheiro tem que servir para o que seja útil, e não só para encher o bolso de grupos financeiros. Essa visão do pacto é importante. É assim que funcionou a reconstrução da Europa nos 30 anos de ouro do pós-guerra, o chamado estado de bem-estar. Foram os grupos financeiros no nível internacional que quebraram os 30 anos de ouro e a partir dos anos 1980 entramos no sistema atual, esses 40 anos de neoliberalismo, uma farra financeira que levou a que 1% dos mais ricos tenham mais do que os 99% seguintes. Portanto, não só temos os recursos, como sabemos o que deve ser feito. O Brasil tinha saído do mapa da fome em 2012, ao adotar opções políticas, formas modernas de alocação de recursos, em função da sua utilidade social.

Temos os dados, temos os recursos financeiros necessários, temos as tecnologias necessárias, temos até a produção de alimentos em quantidades imensas, e temos o escândalo da fome. Não são mecanismos econômicos, são opções políticas,

articuladas com interesses corporativos. No sistema que se apropriou do país, temos um ministro da economia que diz que não pode gastar porque é ‘responsável’, como se fosse uma dignidade, enquanto os recursos necessários ao bem-estar das famílias são apropriados por intermediários financeiros, e o alimento é exportado em vez de alimentar a população. A mídia comercial, que vive da publicidade dos mesmos grupos, justifica a farsa.

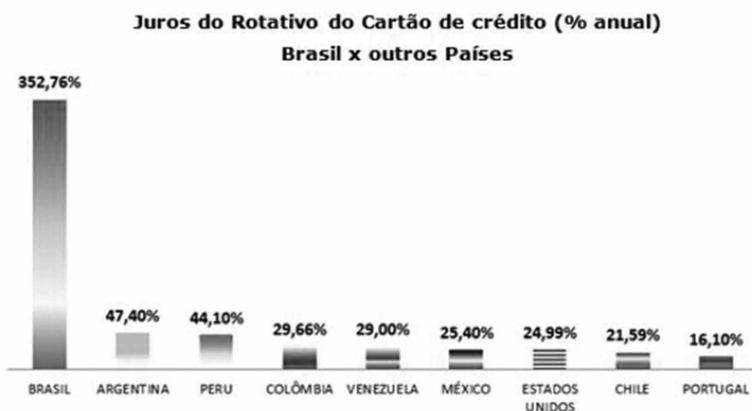
Para reduzir o déficit é preciso dinamizar a economia pela base, o que permite que venham mais recursos para o estado. Trata-se de aumentar as entradas ao invés de reduzir as saídas. A empresa produtiva, para funcionar, precisa de gente com dinheiro para ter para quem vender e de crédito barato para poder financiar produção. Isso vale para a China, para o Brasil e para qualquer país. No Brasil as empresas produtivas não têm nem uma coisa, nem outra. E temos 62 milhões de adultos no Brasil que estão atolados nas dívidas, dos quais 25% em bancarrota. Gerou-se um caos econômico, social e político.

Apropriação dos recursos

Não se pode desenvolver uma economia pagando juros que vão na faixa de 40, 50, 100%. O Banco Central apresenta os dados do rotativo no cartão, 349% ao ano. No Canadá é 11% ao ano. É agiotagem, usura. Na França, o crédito para pessoa física está na ordem de 3,5% ao ano. O BCB apresentou em 28 de janeiro 2022 a taxa média de juros no crédito livre: a média é 45% para pessoa física e 20% para pessoa jurídica. Isso aqui é um dreno. Como ordem de grandeza, esse dreno é da ordem de 15% do PIB, um trilhão de reais. Apenas 10% disso, quando muito, voltam para o processo produtivo. Não à toa a economia está parada há 8 anos.⁵ Os juros do rotativo

⁵ A exploração por meio de juros, para os bancos e outros intermediários (crediários em particular), é mais intensa do que a exploração salarial: não exige gerar empregos, nem produção, apenas controle online. Em particular,

do cartão de crédito no gráfico abaixo são de 2017, e dão uma ideia da agiotagem. No Canadá o juro correspondente é de 11% ao ano.



Fonte: Banco Central de cada país, exceto Estados Unidos: (credixardz.com).

Fonte: <https://www.proteste.org.br/dinheiro/cartao-de-credito/noticia/brasileiro-paga-os-maiores-juros-do-mundo>

Os recursos são drenados também pela evasão fiscal, migram para paraísos fiscais, alimentam sistemas especulativos. Os únicos setores que estão funcionando no Brasil, que estão dando dinheiro, são por um lado o setor financeiro, envolvendo não só bancos, como holdings, grandes lojas de crediário, gestores de ativos (*asset management*) e semelhantes; por outro lado, são os grandes exportadores de bens primários, petróleo, minério, madeira, soja, carne e semelhantes, gigantes financeiros de intermediação

as pessoas não entendem os mecanismos e é fácil torná-los permanentemente endividados. Para os números acima, ver *Estatísticas Monetárias e de Crédito* – BCB – 28 janeiro de 2022 - <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/histori-comonetariascredito> Para detalhes sobre os juros cobrados nos mercados ver ANEFAC (Associação Nacional de Executivos de Finanças, Administração e Contábeis - https://www.anefac.org/_files/ugd/bed087_91531ab-6f6f24849aaada3fe439441fa.pdf)

de commodities como a BlackRock. Esses dois grupos drenam recursos financeiros e recursos naturais. O país está se desindustrializando, pois rende mais fazer aplicações financeiras do que produzir, ainda mais quando a população está sem dinheiro e o juro para financiar a produção é absurdo.

O Brasil está vazando por todo lado em proveito desses grandes grupos corporativos. Nós temos um ministro que esconde 8,7 milhões de dólares com um nome fictício (*Dreadnought*) em paraíso fiscal. Temos a mesma coisa com o presidente do Banco Central. Nos dizem que temos que ter confiança na economia. Eles, por via das dúvidas, colocam o dinheiro deles em nomes fictícios em paraísos fiscais.

O eixo estruturante dos dramas econômicos que sofremos e em particular da tragédia da fome, é a desigualdade, baseada nesse dreno financeiro. Continuamos a chamar isso de capitalismo, mas o sistema mudou. O capitalismo tradicional era centrado no capital produtivo. Um fabricante de sapatos, por exemplo, pode ser criticado por explorar o trabalhador, mas para isso pelo menos ele tinha que gerar empregos. E também produzia sapatos, o que é útil, e pagava impostos, o que permitia ao Estado financiar infraestruturas e políticas sociais, essenciais tanto para as empresas como para as famílias. Hoje uma pessoa que paga 100 reais em uma papelaria com o cartão, na modalidade ‘crédito’, está contribuindo com cerca de 5% para os bancos. São 5% sobre dezenas de milhões de operações diárias com o cartão. Na modalidade débito será cerca de 2,5%. Permite drenar recursos, por meio da intermediação financeira e outros mecanismos, sem precisar gerar emprego nem produtos. E quanto aos impostos, desde 1995 lucros e dividendos distribuídos são isentos. Quem paga somos nós.

O dinheiro hoje é essencialmente imaterial. 97% da chamada liquidez é dinheiro imaterial. Como tudo passa pelos bancos, eles drenam porcentagens. Basta colocar uma pequena tarifa de por exemplo 12 reais sobre 18 milhões de donos de cartão, apertar Enter, e são 12 vezes 18 milhões que entram no caixa.

O sistema mudou. O dinheiro é apenas um sinal magnético, que roda na internet. Temos um sistema financeiro que se tornou global, enquanto os governos e os bancos centrais são nacionais: o descontrole se generalizou. Gera-se um dreno sobre a economia. Internacionalmente tem sido chamado de financeirização, de *extractive capitalism*, de *capitalismo parasitário* e outros nomes, mas um fato básico é que trava a economia em vez de fomentá-la.

Esse dreno da economia paralisa a demanda das famílias, o que reduz o emprego, e o travamento tando do consumo como das atividades empresariais reduz as receitas do Estado. O resultado é que a economia está estagnada desde 2014, quando se deram os grandes ataques à Petrobrás, a paralisia da Odebrecht e de outras grandes empresas responsáveis pela infraestrutura do país no quadro da Operação Lava Jato, somadas à guerra eleitoral e à preparação do golpe contra o governo Dilma Rousseff.

O fato é que estamos no nono ano de economia parada, com um déficit explosivo. Não se atinge o equilíbrio fiscal do Estado reduzindo investimentos, na linha da lei do Teto de Gastos, implementada em dezembro de 2016 pelo governo Temer. O que precisamos para garantir o desenvolvimento econômico é aumentar as entradas, dinamizar a economia pela base, e para isso é preciso investimento do Estado. Na fase Dilma, com Guido Mantega, o déficit foi muito moderado, porque os recursos foram direcionados para a dinamização da economia. Com o golpe, as prioridades se inverteram. A revista Forbes apresenta a evolução das fortunas dos bilionários do Brasil. Apenas 42 desses bilionários (em dólares), em plena pandemia, entre 18 de março e 12 de julho 2020, aumentaram suas fortunas em 180 bilhões de reais. Já eram bilionários. Aumentaram suas fortunas em 180 bilhões de reais em quatro meses, em plena pandemia, com a economia caindo, o equivalente a seis anos de Bolsa Família. E são rendimentos isentos de impostos.

Esse é o tamanho do dreno. O país está paralisado às custas da população, do investimento empresarial, das políticas públicas. É um potencial econômico do país, represado por falta

de políticas adequadas. Enfrentamos a subutilização da mão de obra, do solo agrícola, do capital, do potencial científico. E não há mistério quanto aos caminhos, já experimentados na fase dinâmica de 2003 a 2013. Basicamente trata-se de orientar a economia para o bem-estar da população. Se repassamos dinheiro para a base da sociedade, assegurando uma renda básica, elevação do salário mínimo e a ampliação das políticas sociais, reduzimos a miséria e a fome, e criamos demanda para os produtores. As famílias na base da sociedade precisam de um mínimo de estabilidade e de segurança, saber com que recursos complementares poderão contar, em vez das oscilações eleitoreiras que passaram a predominar.

Assegurar uma renda mínima de 200 reais por mês, para 150 milhões de adultos, custaria 4,8% do PIB. A evasão fiscal no Brasil, essencialmente praticada pelos ricos, custa muito mais aos cofres públicos. É uma questão de prioridade. Com dois adultos por família, seria possível assegurar 400 reais mensais, um ponto de partida. Nós temos os recursos, temos as tecnologias, sabemos o que deve ser feito. A fome e o conjunto dos vetores de desigualdade que se manifestam no Brasil não são problemas econômicos, mas sim de organização política e social. A existência ou não da fome no Brasil é uma decisão política, uma opção imposta ao país pelas oligarquias financeiras.

A produção da fome

A compreensão desse contexto é importante para entender a volta da fome no Brasil, e em dimensões tão dramáticas. Como vimos, no Brasil de 2022, apenas dois setores da economia são dinâmicos: a intermediação financeira, nas suas diferentes modalidades, e a exportação de bens primários, que constitui em grande parte uma descapitalização do país em proveito dos grupos de intermediação de commodities. A explosão radical da fome e da insegurança alimentar está diretamente ligada a ambos:

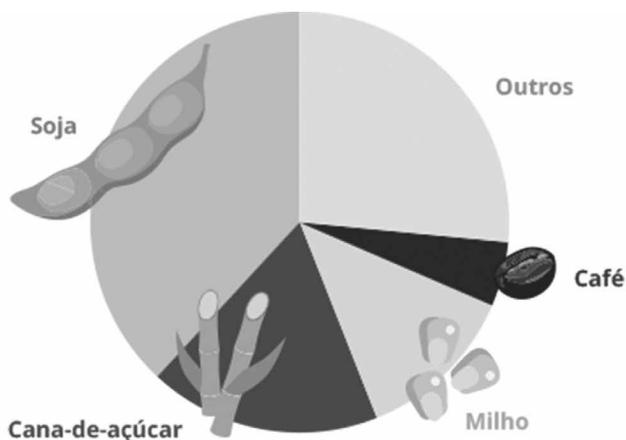
a apropriação dos recursos pelos grupos financeiros reduz a capacidade de compra da população, que não tem como pagar os alimentos, e a exportação dos alimentos pela agroindústria gera uma escassez no mercado interno e a subida descontrolada de preços. A política econômica se desvinculou dos interesses da nação.

Na era do controle dos principais produtos agrícolas por grandes *traders* de commodities, a lógica é a do lucro. Deixaram desvalorizar o real, o que favorece a exportação relativamente ao mercado interno. Em 2010, por exemplo, um dólar de produto exportado revertia em 2,5 reais para o exportador. Hoje, com um dólar de exportação, ganha 5,5 reais. Praticamente dobrou o interesse em exportar. Mas desde 1996, com a Lei Kandir, a produção para exportação é isenta de impostos. “Exportar é o que importa”, é o que proclamavam na época. Em outros termos, produzir alimentos para a população do país era taxado, mas não quando era para exportação. Esse sistema que perdura reforça ainda mais a deformação gerada pelo câmbio. Acrescente-se a isso a fragilização da capacidade de compra da população, e a subida de preços, e temos a crise completa.

No Brasil, considerando os volumes de alimentos produzidos e a quantidade de terra disponível, o processo é aberrante, mas ativamente sustentado por um governo determinado a “passar a boiada” por cima do povo. Caroline Oliveira, no Brasil de Fato, mostra como se trata de uma política: “Bovinocultura e soja foram as atividades mais financiadas pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em 2020, somando 59,9% dos recursos, seguidos pela produção de milho (14,4%). Enquanto isso, para a produção de arroz e feijão foram destinados apenas 2,53% dos recursos do Pronaf Custeio Geral.”⁶

⁶ Os dados são do estudo Análise do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar, elaborado pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social em parceria com o Núcleo de Estudos em Cooperação (NECOOP), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS, 17 de dezembro de 2021 - <https://>

O IBGE, no gráfico abaixo, escancara as prioridades da agricultura brasileira: “Soja é a lavoura com maior valor de produção do Brasil, seguido de cana-de-açúcar, milho e café.”⁷ Produtos que alimentam como feijão e arroz estão entre os “outros”:



Fonte: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html

É importante salientar que a desnutrição das crianças, atingindo milhões no Brasil, além do drama humano, terá impacto estrutural e de longo prazo: “A desnutrição está associada à maior recorrência de doenças infecciosas, prejuízos no desenvolvimento psicomotor, menor aproveitamento escolar e menor capacidade produtiva na vida adulta. Adultos que foram desnutridos quando crianças apresentam mais riscos de desenvolverem doenças cardiovasculares, diabetes e obesidade.”⁸

www.brasildefato.com.br/2021/12/17/produtor-familiar-de-arroz-e-feijao-recebeu-2-5-de-recursos-do-pronaf-soja-recebeu-26

⁷ IBGE – Censo Agropecuário de 2017 - Fonte: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html

⁸ Ariel Bentes e Carolina Cerqueira - *Desnutrição infantil: um problema para toda*

A deformação é planetária, ainda que no Brasil tivesse atingido proporções aberrantes. O UNFSS (U.N. Food Systems Summit) de 2021 levou ao comentário seguinte da organização *FoodSystems*: “Os sistemas industriais de alimentos, as cadeias globais de abastecimento e o crescente controle corporativo da governança de alimentos são responsáveis pelas ameaças existenciais inextricavelmente interconectadas que enfrentam as nossas populações e o planeta, inclusive a crise climática, o desmatamento, a perda de biodiversidade, a degradação da terra e dos oceanos, a poluição do ar e da água, a fome, a marginalização, e inúmeras violações de direitos humanos. Um modelo de desenvolvimento extrativista centrado no controle corporativo dos recursos, dos debates das políticas, e dos processos de regulação produziu um sistema global de alimentos, que mais recentemente deixou dois bilhões de pessoas em subnutrição e indigência. Além disso, os produtos industriais ultra-processados causam malnutrição, doenças não-transmissíveis ligados à dieta, e obesidade.”⁹

Os dados são dramáticos, e vão muito além da fome. Uma olhada nos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) revela que a indústria do cigarro gera 8,2 milhões de mortes antecipadas, 7 por usuários e 1,2 milhão por exposição passiva. A contaminação do ar, ligada às opções energéticas e outras, leva a 4,2 milhões de mortes por ano, a poluição da água outros 3,6 milhões. A obesidade mata cerca de 5 milhões de pessoas, e gera perda de qualidade de vida de centenas de milhões. O câncer mata cerca de 10 milhões de pessoas, em grande parte resultante do cigarro, mas também dos agrotóxicos e de tanta química descontrolada. As empresas que causam essas mortes conhecem

a vida – Nexo, 2 de fevereiro de 2022 - https://www.nexojournal.com.br/explicado/2022/02/02/Desnutri%C3%A7%C3%A3o-infantil-um-problema-para-a-vida-toda?posicao-home-esquerda=2&utm_medium=Email&utm_campaign=NLDurmaComEssa&utm_source=nexoassinantes

⁹ UNFSS – UM Food Systems Summit 2021 - <https://www.csm4cfs.org/wp-content/uploads/2021/09/Declaration-EN-2.pdf>

perfeitamente os números, e as causas. Mas a prioridade é obter mais lucros e dividendos para os acionistas, grandes grupos financeiros. Todos eles assinam os princípios de ESG. Lembram quantos anos já leva e que batalha para tirar o chumbo dos combustíveis? Ou para as empresas de tabaco reconhecerem que sabiam da ligação do cigarro com câncer? Os que contaminam a água e os alimentos com agrotóxicos são desinformados?

Trata-se de um sistema planetário que reflete, para muitos países, a reprodução, em pleno século XXI e com tecnologias muito mais avançadas – tanto de produção como de comercialização, transporte e dreno financeiro – do que tem sido corretamente qualificado de tecno-feudalismo, de neo-colonialismo, ou ainda de capitalismo extrativo. No essencial, gerou-se uma estrutura planetária de exploração corporativa, com os gigantes financeiros, como BlackRock, Bunge, Glencore e semelhantes orquestrando o conjunto. No plano global, é importante constatar que três grupos privados gestores de ativos (*asset management*), portanto intermediários financeiros e não produtores, gerem US\$19 trilhões, o equivalente ao PIB dos Estados Unidos.¹⁰

Poder econômico deste porte se transforma em poder político. Robert Reich, que foi ministro do trabalho de Clinton, diz o essencial: “Já em 2012, mais de 40% de todo o dinheiro gasto nas eleições federais veio dos mais ricos entre os mais ricos – não o 1% do topo, nem mesmo do décimo deste 1%,

¹⁰ “Computers run investment portfolios offering cheap “exchange-traded funds” that automatically track indices of shares and bonds. This has been so successful that the big three – US firms BlackRock, Vanguard and State Street – now manage \$19tn in assets, roughly a tenth of the world’s quoted securities...Markets are supposed to allocate capital efficiently. They plainly do not.” – The Guardian – March 21, 2021 - <https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/mar/21/the-guardian-view-on-finance-failures-made-errors-amplified-by-machines>

mas do topo do 1% do 1%.”¹¹ No Brasil, banqueiros estão no controle direto do Ministério da Economia e do Banco Central. O Ministério da Agricultura está na mão de agroexportadores.

Nesse sistema internacional, profundamente articulado com interesses nacionais tanto do agro como dos importadores de insumos, exportadores de madeira e o próprio governo central, o Brasil passa a ser simplesmente drenado. O resgate do bom-senso econômico e a volta ao Brasil sem fome implica, portanto, não só políticas internas adequadas, como o resgate da soberania que perdemos com o golpe. A fome no Brasil não é um acidente, é uma política centrada nos interesses corporativos, com um governo a serviço das elites.

31 de março de 2022.

Ladislau Dowbor é economista, professor da PUC-SP, consultor de várias agências da ONU. É autor ou coautor de mais de 40 livros, a exemplo de *Formação do Terceiro Mundo* e *O que é capital, Aspectos econômicos da Educação e Formação do capitalismo no Brasil*, publicado em diversos países e atualizado em 2010. Seu livro *Democracia econômica* apresenta 20 eixos de mudanças para o país e pode ser baixado na íntegra a partir do site do autor. *A era do capital improdutivo*, de 2017, esclarece como a crise econômica de 2014 está menos relacionada com o déficit fiscal dos países e sim com a drenagem que o sistema financeiro provoca no sistema produtivo, ao invés de irrigá-lo. Seus trabalhos estão disponíveis no site <http://dowbor.org>, de forma gratuita (Creative Commons). Contato ldowbor@gmail.com



¹¹ Robert Reich - *Beware of this deadly mix: oligarchic economics and racist, nationalist populism* – The Guardian, Feb 13, 2022 - “As early as 2012, more than 40% of all money spent in federal elections came from the wealthiest of the wealthiest – not the top 1% or even the top tenth of the 1%, but from the top 1% of the 1%.” - <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/13/us-republicans-oligarchs-economics-nationalism>

Poesia



QUATRO POEMAS

GLÁUCIA LEMOS

SONETO DO CURTO INSTANTE

A luz, rasgando a gaze da neblina
passa entre as folhas no infiltrar sutil,
indo enlaçar jiboias dançarinas,
no seu trançado às barras do gradil.

Mais ao alto do muro, a samambaia
joga renda comprida, recortada,
como babados de ondulante saia,
sorrindo ao sol que a banha iluminada.

Festa de luz ao canto da varanda,
no qual penumbra e luz fazem ciranda
na erva do chão, na rama da açucena.

Já a luz se vai na rotação do dia.
Deixa do curto instante da euforia,
breve, a efemeridade de algum poema.

SE TE AMAR NÃO FOSSE

A solidão aguça o olho da noite.
Rola no tempo o tédio da amargura.
Ah! Se te amar cantasse uma alegria
de mão a deslizar em suave colo,

se fosse como luva acetinada
que envolve a mão de que eu seria a luva,
a te vestir na exatidão precisa,
a mão serias tu, e nosso o gozo.

E se te amar um látego não fosse,
grande seria o festejar das bodas,
no abraço unificando um mesmo anseio!

Ah! Se te amar não fosse como um cardo,
como horizonte turvo, como um gume,
como morrer de sede olhando um rio!

DAS VELAS

Acostumei-me à solidão das velas
Vendo-as queimarem derretidas. Elas
Que nem entendem serem solitárias
De si só sabem se saberem velas.

Eis-me a sentir-me como irmã das velas
A incinerar as ilusões vulgares
Subo em seus fumos, desfaleço nelas
Qual desfalecem elas nos altares.

Velas que apagam. Velas que velejam
Sejam de preces, ou de mares sejam
Há sempre adeuses acenando nelas.

SALOMÉ

Faço a ronda da noite nos teus passos.
Nem sabes que onde a noite te celebra
Eu, peregrina, por tua alma habito.

Quando se esgarça a sombra na neblina
Quando a luz dorme e rompe-se a cortina
Da solidão no trâmite infinito,

Revejo a cicatriz então de um beijo
E a marca de batom que foi contigo
Na pauta do destino,

E eis que vem dançar lúbrica a saudade.
Tua boca me sorri numa bandeja
Ao som de um tango argentino.

Gláucia Lemos é bacharel em Direito e pós-graduada em crítica de arte. Trabalhou em jornalismo escrevendo críticas de arte e resenhas literárias em jornais de Salvador, Maceió, São Paulo e Aracaju. Tem publicados mais de trinta títulos em literatura adulta e infanto-juvenil. Entre suas obras, encontram-se os romances premiados *O riso da raposa* (1995), *A metade da maçã* (1988), *As chamas da memória* (1990) e *Bichos de Conchas* (2007). No conto, publicou, entre outros, *Procissão e outros contos* (1996). Entre seus vários sucessos na literatura infanto-juvenil, destaca-se o livro *As aventuras do marujo verde*, já na vigésima sexta edição. Desde 2010 ocupa a Cadeira n° 14 da Academia de Letras da Bahia.

CINCO POEMAS

FLORISVALDO MATTOS

NA CASA DE ASTÉRION

Tecer no azul do céu a cor da morte
Ou no verde do mar, na branca espuma,
E até não perceber quando se arruma
A casa onde a brisa, última consorte,
Descerra a porta para o Minotauro.
Apenas ouço-lhe o ruidoso trote,
Com o trágico de Borges holofote,
Igual à solidão em que me instauro.
Ele vem devagar, de agudo chifre,
Na tarde melancólica, de sombra
Vasta, que me rodeia e que me assombra,
Passo a passo, a exigir que me decifre.

Não sou Teseu, dispenso-me do luto.
Vence-me a dor dos urros que ainda escuto.

(Salvador, manhã de 05/03/2022)

SONETO DE MISTÉRIOS JUVENIS

À itabunense, poeta e ensaísta Heloísa Prazeres

Deixei Barro Vermelho, já era outono,
Levando no ombro o peso da saudade.
Ao despertar, pensando na cidade,
Para onde eu ia, me tirava o sono.

São mistérios que invadem o ser humano.
Miro o verde de sempre em despedida,
Cogitando já estar em outra vida,
Distante de grilhões do tempo insano.

Selas compostas, malas arriçadas,
Logo atravesso o rio de braçadas.
Sonhos há, que me servem de fortuna!

Subo no trem e, sepultando rastros,
Ao descer, ainda a confiar nos astros,
Mergulho nos mistérios de Itabuna.

(Salvador, tarde de 26/11/2021)

ESTA CASA JÁ FOI MINHA

Que casa antiga é esta que me olha da janela,
Em que tantas tardes passei e passaria?
Ela olha para todo lado, dia a dia,
E não se passam anos sem que pense nela.

Noite. Não sei por que me bate esta agonia
De tanto me passarem anos e ainda vê-la,
Como se vivesse uma vida paralela
À que bem distante vivi eu e viveria.

Nunca tive uma casa igual à que foi minha,
Em manhãs de mata e quintal sem flor daninha,
Viajando pelo mundo, tendo o que tiver.

No tempo longe de menino ou de rapaz,
Sei que essa casa ainda existe e ainda me quer,
Pousado em seu longo varal de amor e paz.

(Salvador, manhã de 09/01/2018)

ÂNSIAS DE AMOR

(Canção em versos de cinco)

Escreverei versos,
Versos, até o fim.
Se em dias adversos,
seja na varanda,
seja no jardim,
tardes de lavanda,
lembre-se dos versos,
lembre-se de mim.

E se a noite é vasta,
de lua a sorrir,
não apague a casta,
sempre escondida
faina de ir e vir.
Viaje pela vida,
que não é madrasta
deste meu sentir.

Vou por mares vãos,
carregando fardos,
e trago nas mãos
ânsias e temores
que sofreram bardos.
Arsenal de dores,
ânsias de amor são
espinhos de cardos.

Escreverei versos,
sim, com o coração,
de sons sempre imersos
nos rios da vida,
para uma canção,
que ficou perdida,
nada perversos,
mesmo em solidão.

(Salvador, tarde de 2021)

SONHADOR SONHADO, DE ELO EM ELO

No fundo da casa
de Sancho Alves de Melo,
havia um cavalo
que se montava em pelo.

E havia um buraco
de gerar pesadelo,
no fundo da roça
de Sancho Alves de Melo,

que só de mirá-lo
arrepia o cabelo,
a profundidade
turvava o Setestrelô.

Buraco que um homem
sozinho abria com zelo.
Não se sabe se era
branco, negro ou amarelo.

Solteiro na vida,
disse que era donzelo
e que ali chegara,
fugindo de um flagelo.

Toda noite invade=lhe
um sonho de castelo:
que perto havia ouro,
no chão, sem paralelo.

Essa alma sem nome
largou o *parabellum*
e, com ferro e suor,
deu ao sonho seu elo.

Cavou e cavou,
com os dias em duelo,
pensando em ao sonho
chegar sem atropelo.

Prosseguiu cavando
com amor e desvelo,
e o vento a saudá-lo,
tocando violoncelo.

Alma retirante,
ao sol lançava apelo
de que não sumisse;
na vida vale o anelo.

Pássaros cantavam
e, num momento belo,
folhas solfejavam
um som nada singelo.

No céu, via o Cristo,
montado num camelo,
lhe abençoar a vida
de fé, único modelo.

Os dias e as tardes,
sem nenhum engabelo;
somente o amor ao ferro
salva um pé-de-chinelo.

“Ouro, somente ouro,
é o prêmio por que velo”,
brada. Embaixo, a terra
vai virando farelo.

Respira quietude,
dela puxa o novelo.
De alimento apenas
frutas e cogumelo.

A ele importa menos
que da alta serra o gelo.
Sofrer já lhe foi.
Hoje não, hoje é o selo

da sorte no tempo.
Que venha tudo pelo
ar. Que soprem músicas,
ventos de Apolo Délio!

“Há de sair meu sonho
deste fundo magrelo!
Sonho que se vá
Bem melhor que não tê-lo”.

Saco de pó no ombro,
o corpo em dismantelo,
mais firme que um touro,
a puxar um rastelo.

O tempo vencido,
à força de martelo;
o saco na escada
rebenta o tornozelo.

Ao redor avista
de flores o labelo,
aves saltitantes,
a fugir de pinguelo.

Cacaueiros novos
tratados a cutelo,
bem melhor o peso,
torturando o canelo.

O vento zunindo,
com raiva de escalpelo,
finca-lhe na frente
mudo sinal de estrelo.

Afundado em ânsias,
no escuro, o peito nuelo,
só o ouro, o sonhado ouro,
é capaz de entretê-lo.

Um dia descobre:
está branco o cabelo;
se o sonho persiste,
não cogita perdê-lo.

Se a lua e as estrelas
guardam silêncio, ao vê-lo,
é que não quiseram
os deuses protegê-lo.

Dor funda e martírio
golpearam seu anelo.
Nada há para salvá-lo,
Nem mesmo o Setestrelô.

O ouro tão sonhado
dorme no cerebêlo.
Será que o recebem,
De volta a Cabedelo?

Com vinte mil réis,
de Sancho Alves de Melo,
chorou e partiu.
Nem Deus conseguiu vê-lo.

Este ingênuo cabra
sonhou um sonho belo.
Se pertence aos fados,
não dá para perdê-lo.

(Salvador, BA, 2020)

Florivaldo Mattos é poeta e jornalista; professor aposentado da UFBA, pela Faculdade de Comunicação. Exerceu cargos em vários jornais, entre os quais os de editor-chefe de *A Tarde*, chefe de Redação do *Diário de Notícias*, ambos de Salvador, e de chefe da Sucursal do *Jornal do Brasil*, na Bahia. Editou o suplemento *A Tarde Cultural*, premiado em 1995 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 1964, cumpriu pós-graduação de Aperfeiçoamento em Jornalismo, em Madrid (Espanha). Foi presidente da Fundação Cultural do Estado da Bahia (1987-1989). Desde 1995 ocupa a Cadeira n° 31 da Academia de Letras da Bahia.

DOIS POEMAS INÉDITOS

RUY ESPINHEIRA FILHO

UM SONETO DA ALEGRIA

*Diga-me: o que é uma alegria? E em que jardins
nascem as alegrias?*

William Blake: “Visions of daughters of Albion” (1793)

Escrever um soneto da Alegria
era o que hoje eu bem desejaria,
renovando os albores da esperança,
como nos claros tempos de criança.

Creio saber como é uma Alegria,
que baixa em nós em densa Epifania
e em nossa alma a Maravilha trança
e então dançamos de sua pura dança.

Mas raros os jardins dessa Alegria...
Longínquos sempre estão da nossa via,
que nos tece nos fados mais tristonhos.

Ah, um soneto da Alegria! Onde?
No mundo misterioso em que se esconde
a Flor de que florescem nossos sonhos...

OITENTA ANOS

Ainda falta algum tempo,
mas desperto, nesta segunda-feira, pensando nos 80 anos.
Ora, digo-me, enquanto me ergo da cama,
nem sei se chegarei mesmo a penetrar
essa aura que sempre foi
longínqua.

80 anos. Nunca me julguei temponauta
(como certa vez se expressou o poeta Drummond)
de tão longo curso.
Na verdade, achava que morreria com 20 anos,
como Álvares de Azevedo,
ou 24,
como Castro Alves.
Porque, afinal, sempre fui um poeta romântico...

Faço a cama, alívio a bexiga, lavo o rosto,
visto a roupa leve do dia,
calço as sandálias e então fito
o retrato que me fita da parede do quarto.

Sou eu mesmo, com poucos meses de nascido,
por trás de uma proteção de vidro,
numa cadeirinha sobre fundo azul,
em moldura oval de Madeira de Lei,
com ornamentos nas extremidades
e tinturas de um ocre escuro,
ele, o menino,
com um ar de quem quer conhecer o mundo,
e um sorriso interrogativo,
talvez algo irônico.

Quantos meses de idade? Não sei,
já não há avós nem pais para esclarecimento.
Lembro só que me disseram
que eu fui aquele menino
uma vez.

O que me leva a pensar no meu O livro de bêbê
(assim, com o de e os dois circunflexos),
e que minha avó paterna preencheu até
a página 90, ficando as outras 142
sem qualquer anotação
(devido, sem dúvida, ao fato de termos nos mudado
da capital para Poções, no sudoeste baiano,
por volta de 1945,
e eu perdendo o trono
de filho único,
pois já havia nascido o segundo
e mais cinco esperavam na fila).

Tomo o café da manhã, escovo os dentes,
pego o livro na biblioteca.
É um volume poderoso, de capa dura
e cores nas páginas.
E textos de vários autores,
como Mateus e Marcos
colhendo palavras de Jesus sobre os pequeninos,
uma certa Mrs. Dupanloup, um Dr. Donnadieu,
um Ellick Morn, um Dr. Von Ammon,
São Francisco de Sales,
entre outros.

Um livro histórico. Por ele fico sabendo
que nasci no dia 12 de dezembro de 1942,
um sábado, às 18 horas e 45 minutos,
na casa 231 do Amparo do Tororó, em Salvador.
Que meu primeiro banho foi no mesmo dia,
dado por Dona Augusta de Oliveira Mendes,
com assessoria das avós.
Que no nascimento tinha 52 centímetros,
no fim de dezembro 54,
em fevereiro do ano seguinte 63,
chegando a 85 em dezembro de 1944.
De lá para cá, acrescento, consegui apenas
aumentar até um metro e 61,
hoje certamente já não chegando mais a tanto.
Também é relatado que eu, ainda de colo,
ao sair com minha mãe para o ponto do bonde,
sorri, olhando para ela e (“maneiramente”,
como escreveu minha avó)
arranquei de sua cabeça o torço que usava,
caindo na gargalhada.
Já começava assim...

E agora aqui estou, à beira dos 80 anos.
Sim, temponauta de longo curso.
Atingindo mesmo a data,
certamente desencavarei um vinho respeitável
para um brinde.
Um brinde a quê? Por certo
ao mistério insondável da vida,
além dos irmãos que ainda estão aqui,
os amigos e os fantasmas amados.

Longas estradas, vastas navegações...
Leio mais umas páginas do livro
e o devolvo à estante.
Creio que, ao voltar ao quarto,
encontrarei o menino, em seu oval azul,
sorrindo, sorrindo, sorrindo
com ainda bem mais límpida
ironia...

Ruy Espinheira Filho é escritor, jornalista e professor da Universidade Federal da Bahia, graduado em jornalismo, mestre em Ciências Sociais e doutor em Letras pela UFBA, autor de dezenas de livros de poesia, ficção e ensaios, com diversos prêmios nacionais. A sua poesia reunida encontra-se no volume *Estação infinita e outras estações* (2012). Desde 2000 ocupa a Cadeira n° 17 da Academia de Letras da Bahia.

5 FABULAÇÕES EDÊNICAS

FERNANDO DA ROCHA PERES

LIRA DAS ORIGENS

Só havia o vazio
nos infindos espaços
que o entorno abraçava;
se teria de criar então
o mundaréu das coisas.
Não só uma extensão
mas uma imensidão,
como está dito e redito:
um vero firmamento,
onde coubesse tudo
e o amor fosse uma semente.
Um ser onipotente
o Alto Deus,
o Deus
de força absoluta,
pensava na criação,
engendrava os afazeres
e tinha iluminações,

e vontades ponderosas
para inventar do nada,
para preencher os abismos.
E então configurou-se
uma gesta de gestos
na feitura do mundo;
a terra e o céu
onde caberia tudo,
a água, o ar, o chão,
os bichos e os frutos.
Quando foi o dia derradeiro
modelou-se o homem,
que deu o nome às coisas,
(barro, pedra, rã, tigre);
e a criatura falante
vai ganhar companhia,
de uma mulher;
ambos conhecidos
como *Adão* e *Eva*.
E tudo começou assim,
desde muitos acontecedores
e em todos amanheceres.

LIRA ADÂMICA

Além da criação,
houve a nomeação
por mandado divino!
Nomear para conhecer,
plantar para colher,
eis a lição aprendida.
Adão de barro feito,
logo, o barrento, deu
nome as coisas; chão,
semente, minhoca, sapo,
bichos que rastejam
e saltam, entre plantios
do homem sobrevivente.
E o adâmico caminhante,
hoje, bem distante,
destrói os plantados
nas searas bíblicas:
as queimas da natureza
pródiga e edênica,
nominada por *Adão*.

LIRA DA INTERDIÇÃO

Instaurados foram
no Jardim do Éden,
o bem e o mal.
Onde tudo era paz
e fruição perene,
o *Alto Deus* impera
uma proibição:
- não comerás de um fruto
exposto a céu aberto
e a nudez consentida;
mas haviam os manejos
do demo, confiados na cobra,
que faz *Eva* transgredir
com sua beleza afoita
para comer do fruto
e oferecê-lo a *Adão*.
E assim deu-se o enlace
com a perda de um *Paraíso*,
no gesto do jovem *Adão*,
ao comer de uma espécie
dentre todas nominadas
e interdita ao gosto,
desde o começo do mundo
que hoje cohabitamos,
nas tramas da nossa vida
com os feitos do bem e do mal.

LIRA DILUVIANA

Noé abriu a janela da Arca
(Gn 8 - 6.7)

O dia e a noite
confundem-se nos entardeceres,
que são o começo de um tempo novo.
Há um átimo de luz e trevas,
véspera onde impera o *Corvo*
(ave vespertina e noturna)
na liturgia dos desvelamentos.
Presente no amanhecer
constante no anoitecer,
o *Corvo*, ao sair da *Arca*,
por ordem de *Noé*
vai conferir o pós-dilúvio
(constatação do caos e trevas),
ao voar sobre as novas mutações
e prenciar o possível amanhã
e desejados nascimentos.
O *Corvo* com seus gritos,
crocita o tempo de uma nova vida
na revelação de um recomeço,
do instante *vespernoturno*.

E a dita *Ioná*,
a *Pomba* consabida
(outra ave bíblica),
cumpre nova missão
na busca da *Oliveira*
que deita nas mãos de *Noé*;
e assim refia-se o todo
na terra, nos mares, no ar.

LIRA BABÉLICA

O céu e a terra
estão no firmamento,
e um *Alto Deus*
controla seus limites
e define seus acessos,
a todo ser falante.
Os descendentes de *Adão*
em sua genealogia
de enorme natureza,
constroem uma cidade
e dentro uma *Torre*,
para atingir o céu
que esgarça ar acima,
com gentes que falam
a língua que *Adão*
deu nome às coisas.
E o *Alto Deus* admoesta
contra a mesmice da fala,
e impede resoluto
a subida da *Torre*
de Babel inconclusa,
impossível de atingir
as alturas celestes,
e expulsa seus construtores
e dispersa os falares
em múltiplas linguagens;
e assim está definido
o chão no qual vivemos.

E o *Alto Deus* nos dá
o limite do inalcançável,
a lição do impossível,
a confusão das falas,
a dispersão na terra,
o que não abarcamos,
nem podemos construir.

Fernando da Rocha Peres é poeta e historiador, com vários livros publicados, entre eles *Horta de Poesia* (Poemas Portugueses), *Memória da Sé e Cantorio & Antigos poemas*. É professor Emérito da Universidade Federal da Bahia. Desde 1998 ocupa a Cadeira n° 25 da Academia de Letras da Bahia.

QUATRO POEMAS

CLEISE FURTADO MENDES

Ela

Por mim, ela pode afiar sua foice
e apagar a pequena vela
que está dentro de um ovo, que está dentro de um peixe
no fundo do mar.
Ela pode vir fantasiada
de Velha da Trouxa ou Cão-Chupando-Manga;
pode chegar travestida de barqueiro do Aqueronte,
enfeitar-se com o colar de Kali,
erguer o cajado de Iku ou os chifres flamejantes de Anhangá.
Por mim, ela pode pegar seu figurino em qualquer mitologia.
Pode se desdobrar como Cérbero,
a quem sobram cabeças,
ou se dividir em Moiras fiandeiras,
a quem faltam olhos.
Ela, a Indesejada,
pode trazer seus pactos, seus contratos,
trocando almas por faustos e esplendores.
Como queira.
Vai me encontrar bem distraída,
pensando as velhas bobagens,
a casa desarrumada,
as tarefas adiadas
e os pés topando as mesmas pedras
no meio do caminho.

Dias de abril (na Bahia)

Sob um céu assim
quase perfeito em sua limpidez,
sob um sol de generoso escândalo,
quase ecumênico
nas graças que distribui,
por esse vento que de manso acorda
cada pele, cada poro de cada pétala...

quase dá para acreditar
que os sobreviventes
limparão as estradas,
lavarão os bordéis e quintais do Sul,
os salões e os porões do Norte,
e, porque exaustos, em algum momento
quase se entenderão.

Assim é, pois lhe parece

Um elefante, dois elefantes, três elefantes
e a teia não cede;
muita gente se amola
se afia mais que faca
se esteriliza: sem fronteiras.

York, Yonker, nhoc!
A aranha devora e augusta degusta
as capitais e os capitais.

Enquanto a poesia se desculpa
da timidez das imagens,
por assim dizer: não é aranha,
é polvo.
Polvo expatriado
polvo que é povo
multi-mundial
e a líquida diferença
é mera semelhança.

Um elefante se gesta
cosmofágico, polígamo
obeso inflado inflando... plop!
Meu reino por uma agulha.

Mas a poesia advoga
a limpidez das imagens:
travestido em aranha,
é aranha, pois que tece
a trama o drama
apenas visível
ao olho nu.

Um pássaro de tão leve
assume a eterna falência
apenas aparente.

Cordel no Céu

Para Haydil Linhares, *in memoriam*

Seu menino, essa menina,
tome tento na toada:
canto aquela que se foi
para mais rica morada,
que subiu de patamar
e virou coisa encantada.

Pra cantar a que se foi
fiz esse verso rasteiro,
feijão-com-arroz, redondilha,
batida de cançãoeiro,
e ela havia de gostar
do seu jeito zombeteiro.

Arribou-se a nossa mestra:
foi cantar outros cantares,
fazer troça com São Pedro
pra respirar outros ares,
que nem santo escapa não
das troças de Haydil Linhares.

Foi-se a dama do teatro!
– disse alguém emocionada.
Mas dama é que ela não era,
e havia de dar risada
dessa frase tremebunda
bem que bem-intencionada.

Acho que melhor lhe quadra
sujeita desimpedida,
de coração verdadeiro
e língua desinibida,
mulher de fogo na venta,
uma Padilha atrevida.

Foi pro céu fazer cordel
não com anjinho barroco,
mas com gente irreverente:
se meu palpite não erra
vai tirar verso maroto
com Gregório e Guido Guerra.

Essa história de cultura
erudita ou popular
nunca teve seu aval
e nisso tinha bom faro:
tanto lia Maiakóvski
e Cuíca de Santo Amaro.

Seu menino, essa menina,
preste atenção um momento:
Haydil autora ou atriz
trazia divertimento:
Farsa da Boa Preguiça,
ou Função de Casamento.

Gostava de fazer rir
mas aquilo que escrevia
nem só de treta e deboche,
de pândega se fazia;
Ida e Volta, A Sombra Assombra,
misturam dor e poesia.

Da linguagem nordestina
fazia seu cabedal,
tirava sua sustança:
trovador de madrigal,
arruaceiro em forró,
tudo era a mesma dança.

Tudo era a mesma peleja
de divertir e ensinar,
e com teatro ajudar
quem estava no caminho:
meninos do Pelourinho
podem a história contar.

Era lírica e dramática,
escrachada e intimista,
sem muita aperreção:
fosse verso modernista,
litania de velório,
cantiga de mutirão.

Foi fazer cordel no céu
e de cá mandou chamar
personagens de montão:
Tomás Antônio Goteira,
Dona Henriqueta Severo,
que era dona de pensão.

De cá, já botou na lista
Ambrosina Embevecida,
Maria Amélia, a feminista,
Norminha de Dona Flor,
chamou também Podolório,
chamou Calixto e Das Dô.

Chamou Justina e Crescência
mais uma ruma de gente
fazedora de escarcéu:
a vadia Vardemira,
e o lesão do Francelino
pra fazer cordel no céu.

Vai, Haydil, calça o sapato,
São Pedro está lhe esperando
e tem um chapéu na mão;
alumiou-se o terreiro,
tem viola e violeiro:
vai começar a função!

Cleise Mendes é escritora, atriz, dramaturga e professora de Dramaturgia e Análise de Texto na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, desde 1975; tem publicado diversos livros, entre contos, poemas e ensaios sobre literatura e teatro; é autora de várias peças já encenadas, entre originais e adaptações. Desde 2004 ocupa a Cadeira n° 6 da Academia de Letras da Bahia.

TRÊS POEMINHAS BEM ANTIGOS E INÉDITOS

ARAMIS RIBEIRO COSTA

O RISO E A SAUDADE

Até parece mentira
Mas é a pura verdade
Um riso que a vida tira
É devolvido em saudade.

Também é dura verdade
Que nessa troca dorida
Do riso pela saudade
A vida nos tira a vida.

Sendo batalha perdida
O riso contra a saudade
Bem melhor viver a vida
Sem temer a realidade.

Esqueço a troca sofrida
Enfrento a dura verdade
A vida deseja a vida
Mesmo com dor e saudade.

20/6/1972

PARADOXO

Saudade não sei por quê
É uma dor diferente
A gente sente que dói
A presença de um ausente.

E nessa dor transparente
De quem sente mas não vê
A gente consome a gente
Num desejo sem poder.

Sofrer por quem foi da gente
E agora não mais ser
É tortura permanente
É viver e não viver.

Mas sempre permite a mente
Esse sentir e não ver
Essa dor que mata a gente
Mas dá força e faz viver.

18/07/1972

DO CRAVO E DA ROSA

A bela rosa chorava
Enquanto o cravo morria.
– Bem sabes que eu te adorava!
O pobre cravo dizia.

A bela rosa escutava
E mais escutar queria.
O cravo já não falava
A bela rosa inda ouvia.

Enquanto o cravo murchava
A rosa não entendia:
Se ele dizia que a amava
Por que a deixava e partia?

Quanto mais se perguntava
Mais chorava e padecia.
Pobre rosa, não notava
Que de dor também morria.

15/11/1972

Aramis Ribeiro Costa é autor mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *O Corpo caído no chão* (romance, 2018), *Histórias de mais ou menos amor* (contos, 2018), *Noite alta céu risonho* (contos, 2019) e *As meninas do coronel* (romance, 2020). Desde 1999 ocupa a Cadeira n° 12 da Academia de Letras da Bahia.

QUATRO POEMAS

NELSON CERQUEIRA

Cantiga 100

vem comigo ouvir a voz do vento
entrever o amor antes de cair o trovão
dos pássaros antes de perder as penas
do amarelo antes de se tornar marrom

vem comigo ouvir a voz do vento
quero acordar antes de ouvir os raios
antes da comédia de erra a caminho
e quero que chegues com um para-sol

vem comigo ouvir a voz do vento
voar com a música de velas dos saveiros
dormir sonhos de pescadores descalços

vem comigo ouvir a voz do vento
vem salvar esse amor de um naufrágio
vem rápido pois agonizo sem teu sopro

CinemaScope 11

deixaste-me mortal coberto de angústia
enquanto teus olhos feriam-me a face
foi numa semana religiosa em chicago
o sol cobria de fogo as águas dos lagos

perdi-te por uma hora de espera afogada
antes corri em busca de teu carro sagrado
que tenaz já abandonara as terras do olimpo
deixando-me seminu na volta sem chegada

vejo-te em cada frase estranha e retenho-me
beijaria a todos se pudesse com isso beijar-te
existe apenas uma memória tênue de teus seios

vejo-te no vento da noite e sorrimos juntos
deixaste-me semideus com coroa de flores
a correr de tuas mãos e inundar meus sonhos

CinemaScope 19

todo pavão está coberto de minhas penas
coloridas que ao se abrirem te ofertam a porta
mestra para entrar mas sem saída à vista
só o desejo prazer sofrimento e desespero

todo valor está em não estar com as estrelas
o pombo correio corre no céu com a bandeira
prometo roubar-te os pecados do momento
ganhar-te os beijos ao acordar com girassóis

um incerto impulso carnal me faz demônio
em risos a paz me espraia entre os dedos
fugir do engano é sofrer ao dobrar dos sinos

na âncora própria e vera de um céu medonho
muito tempo perdido em busca da razão
ao mover minha face para te sugar o sonho

Fiesta 47

peço melhoria na paisagem de minha vida perdida
ao escurecer de um riacho de pedras douradas
uma nuvem amarela de enxofre sobre as árvores
proibindo-me de comer aquela maçã de estradas

com o sereno da noite perturbei a luz do paraíso
chamei adão e eva para deitados comer um jambo
não havia maçã mas havia pecado em meu sorriso
uma jaula de inocência aberta para todos os tabus

quando adão sentou-se com eva em seu smoking
não era permitido comer a fruta nua sem as cascas
com faca suíça comecei a cultivar a porta de saída

um morro coberto de pedras de prata busca a vida
encontra apenas um livro de leis privações e morte
clamei adão de volta mas o dia já era noite para eva

Nelson Cerqueira é jornalista, escritor, ficcionista e ensaísta, tem graduação em Letras: Língua e Literatura Alemã pela Universidade Federal da Bahia (1975), é mestre (1978) e doutor (1986) em Literatura Comparada pela Indiana University (EUA), professor adjunto da Faculdade Helio Rocha e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFBA. Publicou vários livros, entre os quais: *Hermenêutica e literatura*. Um estudo sobre William Faulkner e Graciliano Ramos (CARA, 2003), *A Crítica Marxista de Franz Kafka* (CARA, 2005), *Pêndulo – poemas* (Imago, 2010), *A estética da recepção da poesia de Agostinho Neto* (Imago, 2011), *Uma Visita a Jorge Amado* (Imago, 2013), *O quinto segredo de Jane*, romance (Instituto Memória, 2020) e *Sonetos do Isolamento* (Instituto Memória 2021). Desde 2017 ocupa a Cadeira n° 4 da Academia de Letras da Bahia.

CINCO POEMAS

HELOÍSA PRAZERES

nome de família

róseas, douradas e azuis luzentes
de distinta origem trafegavam
musselines, tafetás e organzas
cambraias no colar encarecidas
enfeitadas com o bege das rendas

miçangas nos peitilhos dos vestidos
cromáticas lembranças de telas
matizes de saias em xadrez
alinhados com a delicada
seda de blusas pregueadas

das vestes não exalava o chocolate
sequer o odor do fumo dos charutos
acesos com as cédulas da prosperidade

portadora do nome de família
vesti a cultura do aparato
apreciando a arte das estampas
das tramas áureas dos Oliveira

grapiúnas

de um perene assobio guardo o som
desço mais uma vez à feira livre
do mercado e já reconto a saga
da viagem nortista ao eldorado

espaços da Mata Atlântica
de origem, amados, possuídos
cultivados, ambicionados
(testemunhei a quinta geração)

Almadina, Arataca, Barro Preto
Belmonte, Buerarema, Camacan
Canavieiras, Coaraci, Gandu
Ibicaraí, Ilhéus, Itabuna

plantados, recuados, construídos
o velho Odilon colado ao rádio
floria ou bem alto praguejava
sobre o que adulta descobri
razão de ser a cotação da arroba

Itacaré, Itajuípe, Itapé
Jussari, Pau Brasil, Santa Luzia
Ubaitaba, Ubatã, Una, Uruçuca

tolhida escuto o silvo e sei da bruxa
a amêndoa de ouro foi varrida
íntima e rugosa peregrinação
(banida a cultura cacauceira)

o fulgor embaçou em tempo breve
remanesceu da máquina o chumbo
a calçada da praça foi rachada
estação de ferro sobre trilhos

do meu assento eu sei a regra
sua alma, sua palma, sua paisagem

cosmopolitas

dos corredores do colégio feminino
ouço o acento de línguas modernas
faustoso magistério sul baiano
no reinado da cultura do cacau
dias de aparência encarecida
o centro do mundo era europeu
e a renda dos vestidos só viajava
dos portos da rival cidade irmã

doutas mães todas estrangeiras
ensinavam medievos saxões
- Vamos encenar o Beowulf
meninas quase também lendárias
entretinham-se entre heróis e dragões
(disputas das contendidas literárias)

um pacifista

reverberavam nas noites grapiúnas
os seus líricos estados de paixão
por sua causa cedo conheci
desvario desmesura coisa de doido varrido
a palavra poeta dita
nas tardes mornas tribunas dos
que lhe contavam a busca por Iolanda

nada soube do cantor ou da amada
os seus nomes eram récitas
de glórias prematuras em sessões
que ensaiavam a vida de políticos—
Firmino Rocha li nos poemários
pulsações e frêmitos que ancoravam
na angústia e na aflição

cravadas nas paredes da ONU
contra a Segunda Guerra suas palavras

*No caderno de números o verso
ficou sozinho. Adeus ribeirinhos
dourados. Adeus estrelas tangíveis.
Adeus tudo que é de Deus. Deram
um fuzil ao menino'*

Firmino boêmio terno sonhador
telúrico falava de sua gente louvava
a terra até que ouvi contar um dia
ingressou pés descalços camisa
de pijama num carro de praça
única vez quando um menino o viu
abraçado ao Canto do dia novo

a vigília dos peixes

Para Jamison

convincente é a vigília dos peixes
carentes de pálpebras para o breu
ancoram-se nas barbatanas –
seus débeis corpos
descem ao fundo e sobem
para respirar. Sem sono profundo
evitam serem varridos
pelas correntes oceânicas
repousam em estado de alerta
consoantes aos poetas

Heloísa Prazeres é poeta e ensaísta. Professora adjunta aposentada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Bacharel e Mestre em Letras pela UFBA, cumpriu doutorado em Literatura, University of Cincinnati, OH. EUA. Foi titular na Universidade Salvador, UNIFACS. Coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Publicou em livro, *Temas e teimas em narrativas baianas do Centro-Sul*. FCJA; UNIFACS; SECULT, 2000; *Pequena História, poemas selecionados*. Salvador: Quarteto, 2014; *Casa onde habitamos, poesia*. São Paulo: Scortecci, 2016; *Arco de sentidos, literatura, tradução e memória cultural*. Itabuna: Mondrongo (2018). *Tenda acesa, poemas*. São Paulo: Scortecci, 2020. *A vigília dos peixes, poemas*. São Paulo: Scortecci, 2021. Membro vitalício do International Alumni Association. Desde 2021 ocupa a Cadeira n° 26 da Academia de Letras da Bahia.

POEMAS

CARLOS CARDOSO

LIÇÃO

Ainda de fralda
já usava farda
não tive tempo para chupetas
nem canetas,
minha vida era somente
dores, penas e perdas.

Quando em pequeno
me perdi,
com ela aprendi
a não colecionar saudade
mas sim a cultivar felicidade.

Cada caminhada,
uma conquista,
cada queda,
uma lição,
sem emoção
enfrentar se tropeça,
razão
é um bem valioso
e sem preço.

(Carlos Cardoso, 2015)

SOMOS TODOS PRIMOS

Preto...

Damos esse nome a tudo que é ruim,

Será racismo? Preconceito?

Eu não sei!

Talvez simplesmente um conceito

Criado por alguém e não por mim.

Somos todos primos

Assim pensei.

Palavra negativa

Nem sempre é indesejada,

Há momentos na vida

Que a preferimos ter como resultado

Dos nossos exames, e não o vermelho.

Branco...

O símbolo da clareza

E de transparência!

Será?...

Será?...

Não será apenas aparência

Usada pelo mesmo pensador,

O inventor da impureza

Da minha cor?

Preto...

A cor de que revisto a minha alma

Quando ela em chama

Sofre a frieza

De como é tratada

A minha raça.

Não é racismo!

O que é, também não sei,

Somos todos primos

Foi o que pensei

Sem grande esperança!

Seja preto ou branco

Coloquemos o preto no branco,

Somos todos iguais

Supostos animais racionais

Ferozmente defendendo

O seu território de igualdade

Com o uso de imaturidade,

Ignorância e petulância.

Governados pelo poder dos braços

Abandonando toda a sabedoria do berço

Trocamos palavras por armas.

Os que ainda as usam
São de doidos declarados,
Maltratados e atirados às larvas,
Muitas vezes até mesmo condenados
Pura e simplesmente por dizerem o que pensam,
Somos Todos Primos?!...
Por ainda não ser o fim
Eu acredito que sim.

(Carlos Cardoso, 2016)

O MEU DESPERTAR

Nas andanças da minha caminhada pela vida
Parei, quando comecei a compreender
O sentido do entender.
Descobri que os olhos veem
Mas a mente enxerga,
Os sentimentos nascem
Cabe-nos a nós decidirmos a sua sobrevivência.
Não é uma questão de inteligência
Nem por força das circunstâncias
Onde somos muitas vezes ao submundo
Pelos nossos próprios querereres, levados.

Mesmo sendo conhecedor do todo o alfabeto
Descobri que eu era ainda analfabeto.
De A a Z vivia na ignorância
Quando o mundo, mudar pretendia
Com a minha ingênua sabedoria.
Nas minhas andanças, busco atenção
Dos que já partiram
Para justificar a discórdia
Entre os que me rodeiam.

Até agora, não consegui assimilar
A convivência não existente
No nosso presente.
Bens têm preço
O universo
Tem valor
Assim tanto quanto
O amor.

Se não o consegues melhorar,
Tenta não contribuir
Para o destruir.
Procura criar, criar, criar...

Carlos Cardoso (2016)

O MEU APLAUSO

Nascemos imperfeitos,
Uns são por nós perfeitos eleitos
Governando na imperfeição,
Cabe-nos a nós pagar a fatura.
A astúcia e a ganância
Vêm-se alastrando como epidemia
Se propagando pelos quatro cantos.

Eis o meu aplauso...

O manifesto de satisfação,
Um gesto de agradecimento.
Eu vivo aplaudindo em cada passo dado.
Bato palmas, quando ao irmão a mão estendo
E ela vai em vão
Porque o que me aguarda é um abraço,
Aí, abro os meus braços e aperto-o com apreço.

Bato palmas, ao entrar num recinto
Sorrir e este ser devolvido sem represálias.
Bato palmas, quando vejo pessoas
Apesar de todas as dores
Ainda distinguirem as cores,
Viverem sabores e darem boas novas.

Bato palmas,
Bato palmas ao saber que vieram de longe
Lá onde tudo é bem quente mas não é inferno,

E cá perto no inverno
Ao chegarem não se deixaram congelar.
Embora com muitos obstáculos
Mantiveram intactos os seus sonhos!
Bato palmas,
Para ti que vives a patinar sem te lamentares.
Para todos os que hoje plantam
Sem saber quem amanhã irá colher.
Bato palmas para aquele, por ter aprendido
Desde o fundo da sua alma a agradecer
E com calma o seu próprio futuro cultivar.

Bato palmas,
Bato palmas muitas vezes para não chorar
Ao ver o mundo aos poucos morrer.

(Carlos Cardoso, 2019)

PROCURANDO UM ESPAÇO

Vivo a vida toda
Em busca de um espaço no espaço
Porque cá na terra
Sou um sem terra,
Sem vida, nem esperança
O sobreviver perde graça.

Só sei que quando estiver
De braços dados com a morte,
Haverá terras para me abraçarem
Quando enterrar-me forem
Certamente, será o meu dia de sorte.

Estás lendo
A minha alma desnuda
Na expressão do meu lamento
Que contigo havia partilhado
Naquela noite surda.

Com o meu valor
Coberto de dor
Caminho em minha busca
Sem coordenadas nem bússola
Desgovernado pelo vendaval
Estou à beira do abismo fatal
Tendo asas e não podendo voar.

Antes que isso aconteça
Vou procurar um espaço no espaço.
No compasso dos meus passos
Sem me passar
Pretendo apenas escapar.

(Carlos Cardoso, 2019)

ESCRavidÃO MODERNA

A escravidão foi abolida no passado
Já lá vai muito tempo,
Para trás o sofrimento e o lamento
De quem na pele essa dura realidade viveu.

O que sabemos, são só testemunhos
Que de geração em geração,
Em herança vêm partilhando
Fazendo disto o único bem que Deus lhes deu.
Hoje livres e independentes julgamos ser,
Vivendo na despercebida dependência
Que julgamos normal por causa da tendência
E do desenvolvimento que tende a crescer.

Somos vítimas da tecnologia inovadora
Que como um toque de mágica avassaladora
Nos vai arrastando até à profunda escravidão
E de prontidão, seguindo os seus passos,
Estendemos a mão.

Somos prisioneiros desacorrentados
Submetidos às regras e às normas
Que julgamos ao nosso favor
Mas afinal não são nada mais nada menos
Que o nosso predador.
Somos escravos da nossa liberdade
Sendo destruídos pela própria vaidade!

(Carlos Cardoso, 2019)

SEREI

Esta canção já eu escutei mais de milhões de vezes
Como se fosse a primeira todas as vezes.
Na melodia da tua voz sensual
Viajo até à lua
Para te tirar o vestido vermelho
Em frente ao espelho
Não apenas para te ver nua
Nem apenas beber o espumante.
De hoje em diante
Eu serei o tal.

Serei o teu presente divino
Vindo do nada para ser o teu tudo
Quando cansada de fazeres asneiras
Ao pedir o que desejavas
Desististe de pedir o que necessitavas.

Serei teu amigo, conselheiro, marido e amante
Aquele companheiro sempre constante.
O tal sério que te ama com loucura
Em todos os lugares e em qualquer altura.

Serás amada como nunca foste,
Amar-te-ei por fora e por dentro.
Quando tiveres sede, eu serei a tua fonte
Embora sejas livre para voar
Serei eu o teu epicentro
Para quando decidires pousar.

Não me importa o tamanho dos teus saltos
Junto saltamos os obstáculos mais altos,
Atravessamos rios, lagos e planícies
Escalamos montanhas e planaltos
Exploramos todas as superfícies
Mas é na plenitude que achamos o nosso lugar!

(Carlos Cardoso, 2022)

Carlos Cardoso nasceu na localidade de Água Bôbô, em São Tomé, no dia 2 de outubro de 1974. Em 1997, mudou-se para Portugal, onde residiu e trabalhou até 2002, tendo depois emigrado para os Países Baixos (Holanda). Reside atualmente em Roterdã. É técnico de manutenção de máquinas e operador de processos de produções industriais, mas se considera um homem de mil ofícios, um autêntico amante da vida. Em 2016, recebeu o prêmio “Fantástico da Diáspora”, que distingue os são-tomenses que se destacaram em diversas áreas em todo o mundo. Em 2018, proferiu diversas palestras e participou de apresentações dos seus livros, principalmente no Instituto Politécnico da Guarda, e concluiu com êxito a formação de Orador inspirador. É autor dos livros de poesia: *Poesia para todos* (2015) e *Somos Todos Primos – Um diálogo de emoções* (2016), sendo este último fruto de uma parceria com Alda Batista. Em 2017, participou das antologias: *Abraço Poético Galiza-Cabo Verde*, *Nau da Lusofonia* e *Terra de Poetas* (as duas últimas do Grupo Souespoeta). *Rota Poética ao Sul – São Tomé e Príncipe*, fruto de parceria com João Furtado, é o seu mais recente trabalho literário.

Ficção



DESEJO DE MAR EM PRAIAS DESOLADAS

WALDIR FREITAS OLIVEIRA

De onde me encontro, sentada sobre o tronco abatido de um carvalho, à margem de um caudaloso rio, com suas águas a lançarem-se para a frente com ímpeto imenso, cobrindo-se de espumas, percebo que do seu leito profundo se elevam rochedos negros, surgindo isolados ou formando barreiras, antepondo-se ao curso da sua correnteza e tentando barrar-lhe a passagem. E essas espumas alvas assumem, neste instante, à minha frente, a forma de plantas aquáticas fantásticas ou de um véu mágico ocultando algo que a partir de então se tornará impossível de ser alcançado.

Meg Sauer, a mulher que fala, existiu, de verdade. Tanto quanto o rio que ela viu a correr, frente aos seus olhos, arrojando, com ímpeto, para a frente suas águas. Eu também vi este mesmo rio, fluindo sobre o fundo de um vale estreito ladeado por colinas altas, sobre uma delas erguendo-se um castelo, e na outra estendendo-se uma extensa estrada, na qual apareciam, sucessivamente, de tantos em tantos metros, bancos de madeira onde se acomodavam, sob o pretexto de vê-lo, em baixo, casais enamorados. O Neckar percorre a área urbana de Heidelberg, uma das mais românticas cidades da Alemanha, nela criando uma paisagem de beleza deslumbrante. E num daqueles bancos estivemos sentados, eu e Shasha, envoltos, certa noite, no vermelho que inundava os céus, sobre eles atirado por refletores gigantes, e nos sentimos, naquele instante, aprisionados pelos traços fortes e marcantes das silhuetas negras das muralhas e torres de um castelo imenso - o monumento histórico mais famoso daquela cidade.

Transporto-me, em momento curto de tempo imaginário, a um outro leito, este coberto por lençóis alvos, onde, faz pouco, entreguei meu corpo ao desejo de alguém que, a qualquer preço, queria possuí-lo. E relembro, mesmo sem o ter desejado, a desilusão que tivemos quando, insatisfeitos e exaustos, compreendemos que somente algo muito maior que o contato físico entre os corpos poderá conduzir-nos ao momento supremo quando os corpos se desintegram e se tornam energia pura, fulgor e encanto; e assim se transformam de mortais em imortais, de carne em sonho, de trevas em luz.

Meg Sauer esteve comigo, sobre um leito coberto por lençóis alvos, num quarto de hotel, já não me lembro onde, se em Paris ou em Londres. Muitos anos haviam se passado desde a última vez que dormira com um dos seus amantes. Sofrera muito com seu último romance e tomara a decisão de não voltar a sentir dores tão amargas e intensas como as do passado.

Há anos, deitava-me sozinha. Ao perceber, contudo, perto de mim, o som de uma voz que havia muito deixara de escutar, senti que ela estava a me trazer de volta a esperança e aos meus olhos tristes, o brilho que eles haviam perdido. Fui eu quem o chamou para dormir comigo. E fiquei encantada quando ele me pediu que o acompanhasse até uma loja de artigos masculinos, para ali comprar uma roupa digna de ser por ele vestida, naquela noite de encanto. Ele estava a mostrar-se, ao extremo, gentil.

Eu reencontrara Meg Sauer, por acaso, em viagem de passeio que fizera a Heidelberg. Havíamos vivido, ainda jovens, um romance intenso. Residíamos em Paris, num quarto de hotel de segunda classe, no Quartier Latin; e ali estivemos, como estudantes, desfilando por suas praças e ruas, nos dias turbulentos de maio de 1968.

Aos meus ouvidos soaram sons estranhos. Ruído de águas correndo e lançando-se do alto de montanhas com cimos ásperos,

sobre abismos profundos; silvo agudo de ventos rompendo distâncias incapazes de ser medidas tão vastos lbes surgiam os espaços a serem percorridos; estrondo de trovões que sacudiam os ares, faziam estremecer o solo e os braços de pedra dos montes. Quando não mais me julgava capaz de ouvir sons iguais, tão intensos e penetrantes, iguais em sua intensidade íntima aos que antes ouvira, enquanto lera a descrição dos combates travados por guerreiros dotados de extrema coragem e habilidade com o manejo de afiadas lâminas de espadas, adagas e punhais empunhados pelos que neles um dia se empenharam, lutando à sombra dos muros de Troia, nas praias distantes do Ponto.

Lembro bem de havermos lido, juntos, longos trechos da *Ilíada*, com a intenção de escrever breve ensaio sobre o realismo com que ali foram narradas as cenas de combates; bem como o tom trágico que em muitos deles foram envolvidos alguns dos seus personagens – Heitor e Aquiles, tomados como exemplos. E lembro ainda, termos comentado, enquanto os líamos, tido a impressão que ouvíamos o fragor provindo dos choques das espadas sendo manejadas pelos que neles se empenhavam; ele tornava-se, para nós, audível, tal o modo minucioso com que foram descritas as lutas então travadas.

Deitamo-nos nus e o seu corpo me pareceu um gigantesco mar vindo alagar praias que haviam vivido, por longos anos, ocultas do mundo, sem ondas ou marés que as inundassem. Bem longe da margem do rio onde até havia pouco estava. Mas ali, junto ao mar, não havia como aquele oceano, das praias se apossar – rochedos negros, com ristes afiados, barravam-lhe os passos; e inutilmente tentaram as vagas afastá-los para que pudesse avançar. E no fundo de mim mesma, eu sabia porque eles ali estavam; pois que fora eu mesma que naquelas areias, os colocara. E lbes pedi, então, mil vezes, quase em tom de prece, para que se afastassem e deixassem que o mar me afogasse. E repeti, por vezes quase em prantos – “Eu hei de conseguir!... Eu hei de conseguir!...” Tudo, porém, em vão. Eles não atenderam ao meu pedido.

O mar da Bretanha tem um azul estranho. É a pequenina ilha de Groix, perto de L'Òrient, dá-nos a impressão de haver nascido, de repente, do mar. Ao longo do seu litoral, alinham-se rochedos negros e ásperos. Poucos são os pontos da sua costa onde podem os barcos abrigar-se. Por isso ali existe um farol, que avisa aos navegantes que ali existem pedras, ocultas sob aquelas águas, e que se torna prudente delas afastarem-se. Marie Claire, depois de haver lido um romance para moças adolescentes, que ali se passava, passou a sentir vontade de conhecer os mares da Bretanha. Prometi levá-la até lá. Nunca, porém, cumpri o prometido; e ela morreu sem conhecer suas águas... Meg Sauer, porém, foi comigo, à ilha de Groix. Vimos, do alto, na maré baixa, rochedos erguendo-se de um chão com areias rosadas, e vimos, também, como as vagas sobre eles se lançavam, parecendo querer despedaçá-los. E ela reviu, em seu pensamento, a cena dramática da luta de gigantes travada entre eles e o mar.

E a noite prosseguiu, lenta; e, afinal, foi-se embora. Amanheceu. Sei que somente há sonhos enquanto o dia dorme. A noite continuará, para todo o sempre, sendo a câmara sagrada dos sonhos. As águas do mar não me afogaram o corpo leniente, carente e aflito. E veio o sol. E quando ele chegou, o mar cessou o seu avanço.

Neruda me revelou, em certo momento, ter sido capaz de escrever versos muito tristes, numa noite perdida no passado. *Puedo escribir los versos más tristes esta noche.* E também explicou porque conseguiu fazer tanto – a noite estava estrelada e a sua amada não estava consigo. E lembrou, ainda, que em noites como aquela, ele a tivera em seus braços, tendo-a depois perdido.

Senti, mais uma vez, sabendo, talvez, que ela poderia ser a última, naquela noite encantada, o odor do corpo de um macho. Sei que também as mulheres exalam pelos poros, um cheiro que revela seu desejo de amar. Embriagamo-nos, por certo, a respirá-los. Mas não conseguimos alcançar o alvo que havíamos colocado ao fim da nossa estrada.

Não creio que haja sido escrito, até hoje, texto mais carregado de erotismo que o de *O Amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence. Nele foram exaltados, como nunca haviam sido antes, os corpos dos amantes, em suas formas, seus meneios e até mesmo, em seus cheiros. Certa vez ouvi de Meg Sauer haver sido a sequência das cenas durante a qual os amantes correm nus, sob a chuva, a página mais erótica de toda a literatura por ela conhecida. (“**Ela abriu a porta e ficou a olhar a chuva súbita e grossa, que parecia uma cortina de aço. Desejou, de repente, correr sob a chuva. E num abrir e fechar de olhos, despojou-se das meias, depois do vestido e das roupas íntimas. Ele susteve a respiração. Os seios longos e ponteagudos, animalmente vivos, vibravam e saltitavam com os movimentos de Connie. A sua pele era côr de marfim sob aquela luz esverdeada. Voltou a calçar os sapatos de borracha e lançou-se, com uma gargalhada louca, a corre entre os pingos da chuva pesada, erguendo os seios, abrindo os braços... Era uma figura estranhamente pálida, levantando-se, baixando-se, curvando-se. A chuva caía e brilhava nas suas ancas fortes. Ergueu-se e pôs-se, de novo, a correr com o ventre exposto à chuva, e curvou-se, então, somente com o torso amplo e suas nádegas sendo oferecidas ao olhar do amante, numa espécie de homenagem, repetindo um preito selvagem. // Ele riu de modo estranho e despiu-se. Com um leve tremor, desatou a correr, exibindo a sua branca nudez à chuva que caía em bátegas.**”)

Vozes estranhas sussurraram dramas. Rostos severos nos encararam, raivosos. Dedos em riste foram apontados, ameaçadores, para os nossos rostos. Toda uma sequência trágica de gestos e palavras surgiu nos ares, frente aos nossos olhos e nossos braços, tentando intimidá-los.

Fantasmas que, severos e duros, ameaçam; duendes que, ásperos, prometem castigos; visões de rostos que apavoram são frequentes nos textos de Shakespeare. Ele viveu um tempo por eles intensamente povoado. Conviveu com eles. E eles se tornaram, afinal, personagens com grande atuação nos dramas e comédias que escreveu. Meg Sauer era uma grande admiradora de Shakespeare; e dentre os seus fantasmas, havia um predileto - o que apareceu a Hamlet, pedindo vingança, numa fria madrugada, em seu castelo em Elsinore.

Situações perversas haviam me levado, num passado distante, a colocar nas praias do meu corpo, aqueles rochedos negros que estavam agora a impedir o avanço do mar. Eu imaginara dever tê-los como muralha eficaz para proteger-me contra dores iguais às que antes sofrera, não valendo a pena agora lembrá-las. Decidira, porém, voltar a amar e a ser amada; e desejei, de verdade, naquele instante, ser possuída por aquele que comigo se deitara. Os rochedos não eram, no entanto, capazes, de diferenciar pessoas. Para eles, todos os homens, transformados em vagas, como lhes haviam sido por ela apontados, seriam iguais. Não havia como, dentre eles, distinguir os bons dos maus.

Como estudiosa dos textos clássicos, Meg Sauer não tinha dificuldade para conceber seres vivos transmutados em montes, rios ou vagas. Ela havia, um dia, imaginado os homens, como ondas revoltas, que do seu corpo queriam apossar-se. Tempos depois dos nossos encontros, quando cada um de nós havia já seguido para um destino incerto, ela se casara e se dera muito mal com o seu casamento. Sofrera muito enquanto assim viveu; e decidiu, então, partir para bem longe, para um lugar onde ninguém a conhecesse. Por um acaso feliz, comigo se encontrara em Heidelberg.

Quase em tom de suspiro, falei, então, ao ouvido do meu amado, palavras sagradas, faladas na língua que se tornara minha,

*tanto fora, durante anos, por mim manejada – **Ich liebe dich**. E ele sorriu, contente; ele somente conhecia, do alemão, essa frase banal.*

Meg Sauer tentou me ensinar alemão. Ela, apesar de francesa, pois nascera em Colmar, na Alsácia, falava essa língua como se fosse a sua própria. Quanto a mim, somente era capaz de reconhecer vinte ou trinta palavras na língua de Goethe.

*De manhã, bem cedo, ele partiu. Antes que o pessoal do hotel o surpreendesse, saindo do meu quarto. E após sua saída, olhando em torno, notei que, sobre o leito, ele esquecera a camiseta que comprara e vestira, pouco antes de deitar-se comigo. Guardei-a com cuidado. E a conservo como relíquia, nela havendo mandado pintar, em tom forte de vermelho, uma outra frase, que hoje me serve como consolo, sofrendo a saudade daquele momento mágico – **Ich habe es versucht**.*

Todos nós guardamos, com cuidado, coisas simples que nos fazem lembrar momentos felizes que vivemos. Por vezes, o esquecimento as cobre e as transforma em enigmas. Existe, entre os meus guardados, uma pena de pavão que conservo ao lado de uma mecha de cabelos e de uma fita verde, da qual, no entanto, não sei mais a razão de havê-la guardado. Sei bem sobre a fita verde e a mecha de cabelos; mas aquela pena de pavão passou a ser, para mim, somente uma simples pena de pavão.

Encontro, então, por acaso, numa revista mundana, uma frase que surge realçada do texto, por ter sido impressa com letras em negrito – “Só devemos nos arrepender do que não fizemos. Pois somos responsáveis por todos os nossos atos.” Arrependo-me, então, e muito, em verdade, por não haver tentado chegar, outras vezes, com o homem que amei, ao ponto final da nossa jornada. E afinal me pergunto - será que há tempo ainda para consertar o que fiz de modo errado? E enquanto escrevo esta confissão repleta de tristezas grandes,

imagino quantas amantes viveram, como eu, instantes iguais, deixando-se curvar frente à força de preconceitos e situações estranhas que somente serviram para lhes tolher os passos em suas caminhadas em busca de algo mais puro, guardado, talvez, muito perto de horizontes distantes, difíceis porém possíveis de ser alcançados.

Esta é a história de Meg Sauer; ou, talvez, a de Shasha. Pergunto qual delas existiu, de verdade. Embora haja dito, ao contrário, sobre Meg Sauer. No meu pensamento elas se confundem e acabam se tornando uma única personagem. Sinto saudades de uma e de outra. Não sei se ainda vivem e se, acaso, vivem, onde elas se agora se acham. Conservo-as, porém, com cuidado, na lembrança, do mesmo modo como fiz, certa vez, com uma fita verde, uma mecha de cabelos e uma pena de pavão, sabendo, no entanto, que elas acabarão, um dia, sem mais possuir qualquer significado.

19/01/2015.

Waldir Freitas Oliveira (1929-2021) foi historiador, ensaísta, pesquisador, jornalista, conferencista, com vários artigos e livros publicados. Foi Professor Adjunto, no Instituto de Geociências, da Universidade Federal da Bahia, onde lecionou, na Faculdade de Filosofia, as disciplinas Didática Especial da Geografia, Geografia Regional e Geografia Regional Americana. Foi também professor de Geografia no Colégio de Aplicação. Na Faculdade de Ciências Econômicas, ensinou Geografia Econômica. Pertenceu ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, e foi ocupante da Cadeira nº 18 da Academia de Letras da Bahia.



O LEGADO

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Miguel era um corretor de imóveis hábil e sedutor, que fez fortuna com negócios não muito lisos. Quando a velha secretária, muito amiga de Dona Abigail, esposa de Miguel, se aposentou, ele pôs anúncios nos jornais e nas revistas femininas copiando o Barão de Itararé: “Precisasse de uma boa datilógrafa. Se for boa mesmo, não precisa ser datilógrafa”. Imaginava que ela poderia ser o farol da imobiliária para seduzir novos clientes. Apareceram loiras, morenas, *hippies* sardentas e periguetes. Entrevistou todas e contratou uma jovem morena com muitos atributos físicos. Suzana logo se inteirou do perfil do patrão, dos clientes e funcionários e das rotinas do escritório. Controlava a agenda do chefe, seus telefonemas, seus exames médicos e remédios. Em pouco tempo deixou de ser apenas a datilógrafa boa, para ser a Senhora Secretária, a quem todos reverenciavam para ter acesso a Miguel.

O grande lance de Miguel foi um contrato de venda com exclusividade de um loteamento na periferia da *cidade*. O proprietário temendo que ele vendesse os lotes por preço vil, só para receber a comissão, estabeleceu no contrato um preço mínimo. Miguel colocou um *stand* de venda no local, fez publicidade nos jornais e em outdoors e conseguiu vender cerca de 30% dos lotes, com o que foi possível fazer a infraestrutura exigida pela prefeitura. Mas veio a crise econômica e as vendas despencaram. Com a inflação galopante o valor mínimo dos lotes tornou-se irrisório. Quando foi aprovado o Plano Real,

Miguel tomou um empréstimo no banco e comprou o restante do loteamento por preço de banana. Fez nova campanha publicitária, reajustou os preços e ganhou uma fortuna.

Virou um nababo. Andava com carros importados de luxo, comprou uma mansão para a família e presenteava prodigamente seus funcionários, que o adoravam. Miguel sempre teve seus casos. Dona Abigail sabia de tudo, mas fechava os olhos. Sabia que elas tinham a juventude, mas eram romances de estação, que duravam pouco. Ela, ao contrário, tinha a estabilidade do casamento, da família, era sócia do negócio e não deixaria ninguém a trapacear.

A velha secretária, muito amiga de Dona Abigail, a advertiu que com Suzana o caso era diferente. Ele andava com a moça para cima e para baixo e a levava em “viagens de negócios” para balneários, estações hidrominerais e até cassinos em *Punta del Este*. Quando Dona Abigail se deu conta de que não era mais um casinho, como ele teve muitos, passou a ter ciúmes clandestinos da rival, sem dar o braço a torcer de admitir que no seu negócio tinha uma nova sócia. Apenas deixou de frequentar o escritório.

Mas a felicidade de Miguel durou pouco. Um belo dia, ele se sentiu mal no escritório e bateu a caçoleta, de infarto fulminante, nos braços da secretária. Todo o escritório se mobilizou para organizar o enterro. Seu corpo saiu da imobiliária direto para a igreja do velório, enquanto os funcionários comunicavam seu falecimento aos numerosos clientes e amigos e distribuíam notas nas rádios e TVs. Os dois filhos do casal moravam no exterior e como os voos estavam lotados pelo carnaval não tinham tempo de chegar para o enterro.

No velório, a antiga secretária apresentava os novos funcionários a Dona Abigail: o gerente, os novos corretores, o guarda-livros, a copeira/faxineira e o chofer, que ela já conhecia. Suzana prudentemente se esquivou da apresentação. A viúva repetia a todos a mesma frase com pequenas variações:

– Muito prazer, Miguel sempre falava do(a) senhor(a) e elogiava a sua dedicação ao trabalho.

O enterro, muito concorrido, foi no final da tarde do dia seguinte. Quando os coveiros botaram as últimas coroas de flores sobre a sepultura, os presentes começaram a se retirar. Só a viúva, amparada pelo chofer, e a secretária permaneceram, sem conversar, debaixo do toldo armado pelos coveiros até o cemitério fechar.

Por dever de caridade cristã, mesmo desconfiada e a contragosto, Dona Abigail se sentiu obrigada a perguntar à moça se ela tinha condução. Ela respondeu que não. Então a velha senhora ofereceu carona. Por desencargo de consciência perguntou que função ela tinha na empresa. A secretária, para dissimular, disse que trabalhava na rua, como Relações Públicas. Na viagem, as duas não se cansaram de elogiar o bom marido e o bom patrão que o finado fora. Ao chegar à mansão, a moça saltou do carro e disse:

– Muito obrigado pela sua gentileza Sra. Abigail, estou à sua disposição para qualquer informação que a senhora precisar sobre a empresa. Aqui está meu cartão.

A senhora, curiosa em saber mais sobre a moça, perguntou onde ela morava e disse ao motorista para levá-la em casa. As duas se despediram formalmente. Passados três dias, Dona Abigail telefonou para o escritório dizendo que gostaria que alguém lhe relatasse a situação real da empresa. O corretor que a atendeu disse que quem melhor poderia fazer isso era o guarda-livros. Mas a viúva replicou que preferia alguém que não tivesse vínculo com a contabilidade ou a gerência.

– Neste caso, o melhor seria conversar com Dona Suzana, disse o atendente.

A viúva pediu, então, que a avisasse que a esperaria no dia seguinte em sua mansão, no final da tarde. Suzana se preparou para o encontro reunindo toda a documentação

da empresa. Na hora marcada, a moça apareceu com uma mochila cheia de livros e pastas. A viúva a recebeu cortesmente na sala de visitas e disse que antes de começarem a trabalhar ela iria preparar um chá, que sempre tomava às cinco da tarde. Dona Abigail sabia que a moça era a tal secretária, mas curiosamente já não sentia ciúmes, o marido estava morto. Não era a pessoa que ela imaginava, uma perigete vulgar exibindo os peitos e as coxas, não, era uma jovem muito elegantemente vestida.

Enquanto a senhora preparava o chá, a moça olhava os porta-retratos em cima de uma cômoda. Quando a senhora trouxe a bandeja com a chaleira, duas taças e sequilhos notou a curiosidade da jovem e passou a descrever as fotografias:

– Este era ele criança, na primeira comunhão, no nosso casamento, a família junta com os netos. Tenho muito mais fotos, que não sei onde guardei.

Depois daquela introdução, a senhora convidou a moça para ir para a sala de jantar e abrir os livros que trouxera. O primeiro documento que foi examinado foi o livro-caixa com suas colunas de “deve e haver”, tudo devidamente anotado com saldo positivo. Em seguida analisaram os extratos dos bancos fazendo a conciliação bancária. Tudo em perfeita forma. Depois, a secretária exibiu as promissórias do empréstimo bancário do chefe que haviam sido quitadas.

A viúva pediu, então, para a moça emitir seu juízo sobre a empresa. Ela disse que a empresa era sólida, tinha um grande patrimônio imobilizado e gozava de boa reputação na praça, mas que os funcionários estavam preocupados com o futuro da firma.

– A senhora pretende assumir a presidência da empresa?

– Vou aguardar meus filhos chegarem para decidir se vendo ou se algum deles quer assumir a empresa. Logo que eles chegarem, eu a chamo novamente. Você acha que eu teria condição de assumir a direção da empresa?

– Acho que sim. A empresa já está estruturada e é só repetir as rotinas.

Passados uns quinze dias a viúva não acordou bem. Dona Maria, a velha cozinheira e babá de seus filhos, lhe deu um banho de folha, fez algumas rezas e preparou uma garrafada, mas nada funcionou. Como os sintomas persistiam, telefonou para moça e disse que não estava se sentindo bem e gostaria que ela a acompanhasse ao geriatra. A moça não só a acompanhou como quis saber que remédios ela tomava. Na volta à casa, convidou a moça a entrar para mostrar os álbuns de fotos que havia resgatado em velhos baús. Aproveitou para apresentar a mansão: os salões sociais, os quartos do casal e dos filhos, as dependências de serviço e Dona Maria.

As duas passaram quase uma hora conversando e comentando as fotos dos álbuns que Dona Abigail separou. No dia seguinte a moça mandou pelo motorista uma planilha para Dona Maria, com o nome dos remédios, contra-indicações, as doses e os dias e horas que a patroa deveria tomar. Por esse cuidado a velha senhora, meio esquecida, ficou muito grata.

Num final de tarde, Dona Abigail pediu ao motorista para levá-la ao apartamento de Suzana. Quando a moça viu pelo olho mágico quem era, pediu um momento e recolheu todos os retratos do amante que estavam em porta-retratos sobre os móveis. A senhora entrou, elogiou a decoração e quis saber se o apartamento era próprio. A moça disse que sim, mas que ainda estava pagando à Caixa Econômica. A senhora, embora não acreditasse, se calou. Desconfiava que o marido tivesse dado a entrada do apartamento para ela.

– Você tem namorado ou noivo, minha filha?

– No momento não. Já tive, mas agora estou descansando.

– Descansando?

– Sim, o amor me vira pelo avesso. Por que a senhora pergunta?

– Porque você, vivendo sozinha neste apartamento, pode passar mal à noite e não ter a quem chamar.

– Será só isso a função de um companheiro?

– Não, mas é também. Você é uma jovem bonita e não terá dificuldade em arranjar um companheiro. Os homens não resistem à beleza feminina. Para nós a aparência é relativa, o que importa é a segurança que eles possam nos dar e a nossos filhos. Nós os agarramos com as pernas. Mas tem aqueles posseiros que se instalam, na calada da noite, no nosso coração e nos fazem sofrer.

– É o que se passa comigo, quero descansar.

A conversa não parou por ali. Passaram a se visitar, o que era um sufoco para Suzana, e ter que esconder, às carreiras, qualquer pista de sua relação com Miguel. Atendendo a seu pedido, a ajudou a fazer o enxoval do luto. Dona Abigail apreciava o bom gosto da moça e não comprava vestido, echarpe, bolsa ou chapéu sem ouvir os seus conselhos. Passaram a ir também a cinemas, teatros e shows, que ninguém é de ferro.

Os filhos finalmente chegaram. Depois de analisarem o relatório preparado por Suzana, quiseram ouvir o advogado, alguns funcionários e clientes para tomar uma decisão. Uma das primeiras a ser entrevistada foi a própria Suzana, que foi apresentada aos filhos como a pessoa que lhe estava dando apoio naquele momento difícil de sua vida.

Em uma reunião formal da empresa, com a presença dos filhos, do advogado e funcionários, Dona Abigail anunciou que a firma não seria vendida, pelo menos de imediato. Ela queria testar sua capacidade de gestão. Os funcionários aplaudiram e afirmaram que iriam dar todo apoio à sua gestão.

No dia de finados as duas se viram no cemitério, mas a moça disfarçou e foi colocar seu buquê de flores na sepultura de um desconhecido e ali permaneceu fingindo fazer orações. Na saída, Suzana disse que foi visitar a sepultura da

sua mãe de criação. Inevitavelmente a conversa escorregou para o falecido.

A senhora passou a contar confidências a ela sobre o marido, seu fino humor, seu jeito galante de tratar as mulheres. Disse da paixão que tinha por ele, embora não confiasse em sua fidelidade. Mas ele era um bom marido e pai e ela se sentia confortada de ser a matriz. A moça mais ouvia que falava e desconfiava que a senhora sabia de seu relacionamento com o marido e contava aquelas histórias para lhe provocar ciúmes.

A viúva e a Relações Públicas, como passou a ser conhecida dentro da empresa, passaram a trabalhar juntas e continuavam a sair para compras, cinemas e teatros. Um belo dia, Dona Abigail disse que a promoveria à Assistente da Presidência da empresa, com salário correspondente. O anúncio caiu como uma bomba e Suzana teve um surto de pânico em silêncio. Com essa função sua relação com a família se estreitava muito. Quando Dona Abigail descobrisse que ela fora amante de Miguel, a poria para fora da empresa e ela teria que recomeçar a vida do zero. De qualquer modo, ela não podia continuar vivendo aquela farsa. Precisava ter uma conversa franca e dizer à viúva que tinha sido amante de Miguel, desse no que desse. Tomou coragem e falou. Para a seu espanto a velha senhora disse:

– Você pensa que eu sou tonta? Eu sei disso desde que você entrou na empresa. Você nunca foi Relações Públicas, sempre foi a secretária boa que ele levava para resorts, para estações de água, para shows e cassinos. Eu morria de ciúmes de você, mesmo sem lhe conhecer, e deixei de ir à empresa por sua causa, durante quatro anos. Sofri calada por muito tempo, mas agora ele está morto e não somos mais concorrentes.

E assim a viúva finalizou:

– Eu e você, apesar da diferença de idade, temos os mesmos gostos e vivemos sozinhas. Por que você não aluga o seu apartamento e vem me fazer companhia nessa mansão enorme?

Você pode trazer para aqui seus trastes, seus objetos de estimação e seus retratos. Somos boas amigas. Amamos o mesmo homem e isso nos une. Venha morar comigo!

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista (UFBA), com Doutorado em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza (1970). É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e escritor. Coordenou o *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. Recebeu a Medalha Mário de Andrade, do IPHAN, em 2017, e a Medalha Edgar Graff, do IAB-BR em 2019. É autor de livros em sua especialidade e de projetos de restauração. Publicou, como organizador, o livro *Thales Azevedo, a arte de escrever e pintar* (Edufba, 2015), e também *A memória das pedras: contos e crônicas* (ALBA, 2017) e *Navegação Errante: Memórias de Viagens* (Mondrongo, 2021). Desde 1991 ocupa a Cadeira nº 2 da Academia de Letras da Bahia.



O RIO

GLÁUCIA LEMOS

Ali, a vinte metros ele passava. Com água barrenta. Ficava despiando pela vigia. Havia uma cruzeta de ferro para que não pudesse passar uma pessoa. Atrás da cruzeta havia também uma tela de arame grosso. Para evitar a passagem de mão portadora de carinho ou de mensagem. Muito menos passassem beijos ou simplesmente palavras. Mas podia passar pensamento. Lembranças podiam passar.

Brincava à margem do rio. Corria e se banhava em suas águas turvas do barro do leito e da lama vermelha que arrastava à passagem. Pescava camarões e enlodava os pés. Amava o rio. Um pedaço muito grande do seu mundo restrito. O rio era toda a sua alegria. O que de melhor tinha na vida, onde o pouco era tudo.

Um dia as águas barrentas levaram seu pai. Manhã nunca esquecida daquela infância. O corpo raquítico escorregando na pedra limosa. A cabeça chocando-se com a pedra maior, o grito de susto. Depois o corpo caindo para a viagem das águas. As bocas aflitas dos irmãos clamando por ele. O rio e suas águas barrentas arrastando o corpo do homem desmaiado, impotente. Até que sumiu correndo mais que as pernas dos filhos. O pai tornou-se alguém encantado que foi morar para sempre no mistério das águas.

Bem ali. A vinte metros da parede. Os olhos passando pela vigia da cruzeta e da tela de arame grosso.

De noite os grilos cantando nas touceiras. O ruído das águas correndo. Os braços vigorosos de João enlaçando seu corpo. A boca de João nos seus olhos, no seu rosto, em sua boca, em seu pescoço.

As mãos grandes de João nos seus braços, nos seios, nas costas, nas nádegas, nas coxas. João... O corpo de João, quente, poderoso. Depois da impossível recusa, a entrega. Os grilos cricrilando em volta. O escuro quase completo. O silêncio quase palpável. O cheiro da resina do mato misturando-se ao cheiro meio doce, meio licoroso, do pescoço de João. E a cumplicidade do rio. O ruído ininterrupto tão constante, conseguindo fazer parte dos rumores do dia e também dos silêncios da noite. Sempre indo, sempre indo, não voltava nunca? Não trazia a hora do amor na noite escondida.

O ventre começando a crescer. Logo todo mundo iria perceber. João, cadê você? O filho que a gente fez naquela noite à beira do rio, você nem quer saber que estou gerando? Ninguém dava notícia de João.

– João foi embora para a capital e nunca perguntou por mim nem pelo filho que ele botou no meu ventre. O que vou fazer com um filho sem pai? Todo mundo vai me chamar de puta. Esse vai ser o meu nome, nessa vila tão pequena. Todo homem da vila vai querer deitar comigo, mas nenhum vai querer ser meu namorado. João, por que você foi embora de repente? Que é que você fez da minha vida?

Chá de folha disso, chá de folha daquilo, a dor nos rins, uma contração, uma náusea. Outra contração... Nasceu o meu filho, meu Deus, valei-me! Nasceu? Não, não nasceu, morreu o meu filho. Senhor, eu matei o meu filho... Eu queria ter meu filho. Ia ser um homem. Pequeno, esbranquiçado, parecendo de cera. Uma cabeça enorme para o projeto do corpo, com a tripa do umbigo compridona. João, esse boneco de cera ia ser o nosso filho. Ia ser bonito como tu. Ia ter essas costas morenas que tu tens, João, mas não seria enganador que nem foste comigo. Eu não ia deixar ele crescer cruel como foste comigo. Eu ia ensinar a ele a ser amoroso como eu sou. Ainda não tinha cabelos, nem unhas, nem dedos divididos, o meu pobre filho. Era um projeto. Agora, o que vou fazer com ele? Onde vou jogar o resto do que seria o meu filho?

As águas barrentas foram levando pela correnteza o corpinho mal-formado, misturado a folhas podres, a peixes miúdos e a fezes de animais. O filho nas águas vermelhas, o rio levando para onde? Para o nunca mais. Até que sumiu. Tinha sido um momento tão bonito, João. Mas só ficou um filho morto.

O rio matou o pai e sepultou o filho. Sempre ele desde que ela nascera, desde antes de todas as vidas que existiam por ali, o rio acompanhava tudo.

Tempo depois João voltou. Doutor. Casado com moça da capital. E com o filho bonito da outra, que nasceu completo porque não foi feito à beira do rio.

– O mesmo rio que levou meu pai, o mesmo rio que levou meu filho, João, ainda vai levar o teu filho também. Vai levar, João, Juro que vai.

Agora ali, a vinte metros da vigia ainda estava ele acompanhando sua vida. Não sabia mais do tempo em que o amara. Agora odiava as suas águas com o ódio mudo que se vota às indiferentes testemunhas das nossas dores maiores. Dele não conseguia desligar-se. Tinha que ficar espiando, espiando suas águas correrem sempre, sem jamais se cansar, como num maldito masoquismo. Tinha que passar bem ali, a vinte metros da sua cela, ligado a ela como o cordão umbilical de um feto. Perseguido-a. Repassava todos os dias passo a passo a sua vida

Pela cruzeta de ferro e pela tela de arame grosso da vigia não podia passar ninguém, mas o rio era mais forte. O rio podia passar.

Trazia seu pai, seu filho, e o filho da outra para dentro da cela, todos os dias, trazendo com eles sua dor e sua culpa. E também todas as noites quando despertava com o barulho das águas acordando o silêncio para acordá-la também. O rio não dormia e não a deixava dormir.

Lá ia levando o corpo do pai desmaiado, afogado. O filho mal-formado matado às escondidas, e o corpo completo, robusto, do filho da outra, que a vingança, em uma noite qualquer,

deu de presente ao rio para levar também. Esse rio só fala de coisas amargas.

Rio assassino... rio cúmplice...

– Um dia ainda mato este rio.

Gláucia Lemos é bacharel em direito e pós-graduada em crítica de arte. Trabalhou em jornalismo escrevendo críticas de arte e resenhas literárias em jornais de Salvador, Maceió, São Paulo e Aracaju. Tem publicados mais de trinta títulos em literatura adulta e infanto-juvenil. Entre suas obras, encontram-se os romances premiados *O riso da raposa* (1995), *A metade da maçã* (1988), *As chamas da memória* (1990) e *Bichos de Conchas* (2007). No conto, publicou, entre outros, *Procissão e outros contos* (1996). Entre seus vários sucessos na literatura infanto-juvenil, destaca-se o livro *As aventuras do marujo verde*, já na vigésima sexta edição. Desde 2010 ocupa a Cadeira nº 14 da Academia de Letras da Bahia.



HISTÓRIA DO MEU GATO TRAVESSO

CYRO DE MATTOS

A mãe dizia que ele era um gato muito travesso. Desde que chegou à nossa casa, ainda pequeno mexia em tudo, não sossegava. Quando estava grandinho, uma vez ficou puxando cada ponta da toalha que cobria a mesa, já arrumada com os pratos e talheres para a refeição do almoço. De tanto puxar com as mãozinhas a ponta da toalha, faltou pouco para que os pratos e talheres não viessem abaixo. Isso só não aconteceu devido à cozinheira Zefa, que surgiu de repente e impediu que o desastre acontecesse. Ameaçando o bichano com uma vassoura, dando uma ordem severa, ela botava Travesso para fora da sala quando algum dano estava prestes a acontecer em razão de mais uma de suas travessuras.

Não ficava barata que ele não perseguisse, fazendo que o bicho corresse e desaparecesse o mais rápido, por alguma fresta no rodapé de madeira do piso da sala. Lagartixa ficava longe dele, permanecia lá no alto ou então se escondia atrás do quadro pendurado na parede. Ratos desapareceram de dentro do forro, deixando de fazer barulho à noite, naquela correria nervosa com guinchos e chiados seguidos, que chegavam a acordar os que estavam dormindo, ferrados no sono, nos quartos que ficavam no primeiro andar do sobrado. Com medo da visita indesejada de Travesso, certamente aqueles ratos, que sacudiam o forro, na correria inquieta, iam procurar um esconderijo no forro de outra casa onde pudessem continuar a fazer barulho e soltar seus guinchos durante à noite.

Até sapo desapareceu do quintal, mudando a morada para o quintal do vizinho onde ficava coaxando à noite ou comendo algum inseto durante o dia, sem a presença inconveniente de Travesso, com aquela boca arreganhada, as unhas afiadas à mostra, o gesto ameaçador pronto para dar o bote a qualquer instante.

Os pombos já não mais pousavam no muro, por precaução preferiram fazer o ninho no telhado de outras casas próximas, onde não existia um bicho travesso como aquele gato, de focinho esperto, pelo amarelo, que soltava mais o seu brilho sob a luz do sol radiante, na manhã de verão. Ora andava macio, apalpando, ora farejava o que só ele pressentia como algo que lhe parecia perigoso e deveria ser apanhado.

Fazia estrago nos ovos que encontrava no ninho dos pombos. Não gostei quando isso aconteceu no ninho que os pombos fizeram no buraco do muro do terraço. Aborrecido, reclamei com ele, dizendo que em cada ovo ia nascer um filhote de pombo, que ficaria grande e voaria com os pais para festejar a vida pelos ares.

Passarinho que se atrevesse a catar migalhas no piso do terraço. Estirado no banho de sol, Travesso ficava se fazendo de alheio à cena da ave, catando as migalhas que o canário na gaiola derramava quando estava comendo o alpiste. Ele, ali, no pátio como se estivesse dormindo, e, de repente, um salto, e, mais que de repente, coitado do passarinho, que se mostrara indiferente com a presença dele.

Travessura pra lá, travessura pra cá. Os de casa comentavam suas traquinagens, sorriam e gostavam quando uma delas acontecia, cada uma melhor do que a outra. Fomos acostumando com as suas aventuras, terminando sempre em travessura ou proeza inacreditável, que deixava os de casa de boca aberta ou sorridentes quando tomavam conhecimento do que ele fora capaz de fazer com nova façanha.

Traquino, inquieto, era mesmo um gato travesso, como os de casa costumavam chamar ou gostavam de dizer, daí ter ficado

com o nome de Travesso. Soltava miado linguarudo quando o cheiro de comida na cozinha despertava a fome. De uns tempos para cá, não se conformava apenas com o pires cheio de leite que colocavam para ele no canto da cozinha. Nem com as partes de pelanca que eram retiradas da carne pela cozinheira e colocadas na pequena vasilha de plástico para ele se empanturrar. Miava, miava, queria mais e mais.

Para não se transformar num desses gatos lerdos, de barriga grande, de tanto comer, preguiçoso e modorrento, a mãe começou a comprar o saco de ração e colocar três vezes ao dia um punhado dela para ele na vasilha de plástico.

Meu pai era alfaiate, pensava em ficar rico um dia, para que isso acontecesse achava que duas coisas eram necessárias: ser trabalhador e econômico. Achava que tinha de trabalhar sem descanso e ser um homem econômico nas coisas graúdas e miúdas, a começar com certas despesas domésticas que ele considerava como inúteis. Exemplo, não se deveria gastar dinheiro com a compra de ração para manter um gato traquino como aquele, que só gostava de fazer todo tipo de travessura, como aquela em que mordeu tanto o travesseiro que terminou rasgando o seu forro. Não via qualquer graça naquelas travessuras do gato, que os de casa gostavam de comentar e sorrir. A ração que a mãe vinha comprando ultimamente no armazém do português para o gato não fazia qualquer sentido. Um desperdício, era o mesmo que jogar dinheiro fora, observava o pai.

– O dinheiro é difícil de ganhar, fácil é gastar com inutilidades sem bom proveito - dizia com a voz pausada o pai, o rosto sério, a voz grave como se estivesse se dirigindo ora à mulher, ora ao filho.

Desde o início o pai não gostou quando o bichano chegou ao sobrado pelas mãos da cozinheira Zefa. Sorrindo, com aquele sorriso que alumiava o rosto gordo, ela disse que a surpresa prometida ao filho da patroa estava chegando naquele instante. Foi só a gata deixar de amamentar aos gatinhos,

uma feira de seis, a alegre preta Zefa foi dando cada um deles aos vizinhos do bairro popular onde morava. Reservou para o menino da patroa o mais arisco, de pelo brilhoso como a luz do sol no verão.

De uns dias para cá, Travesso deu para sair à noite e voltar no outro dia pela manhã. Isso no início deixou-me preocupado. Poderia um dia esquecer o caminho de volta para a casa, não retornar mais, virar um desses gatos sem dono, que andam sem rumo pela rua e à noite viajam pelos telhados, saltando de muro em muro. É comum acontecer uma briga feia entre eles quando um deles acha alguma coisa no passeio ou no monturo de lixo, que serve como alimento e para atenuar a fome. A disputa pelo achado podia causar uma briga demorada com consequências desastrosas, como a perda de um olho, arranhaduras no corpo e pedaço de orelha arrancado.

– Mãe por que Travesso deu agora para sair à noite e só voltar no outro dia?

Ela respondeu que quando um gato se torna adulto, à noite vai procurar uma companheira para namorar. Fica enamorado quando encontra a parceira. Mas antes de acontecer o namoro, sempre aparecem outros concorrentes, que querem também disputar a eleita. Aí começa a disputa, briga de verdade, feroz, com mordidas e arranhaduras. Quem for mais valente e melhor guerreiro vai ganhar dos outros e, no final, a eleita ficará como a namorada do vencedor, tornando-se a parceira fiel dele dali em diante, durante dias.

Então era por isso que ele acordava à noite e ouvia aqueles miados demorados entre os gatos no telhado. Uns miados assustadores, ferindo o silêncio da noite, que pareciam sair da garganta deles como se fossem uma mistura de gemido prolongado e grito de ódio. Ressoavam como um anúncio de guerra danada prestes a acontecer daí a pouco instante. Gato que não fosse valente saísse ali de perto do campo de batalha. Tive calafrios quando pensei que certamente Travesso estaria no meio daquela

gataria miando alto em disputa da namorada, a guerra perto de começar para valer.

Três dias, três noites. Não conseguia dormir direito, comia pouco, não me concentrava nos estudos. A mãe preocupada. O pai até certo ponto contente com o sumiço de Travesso. O que teria acontecido com ele? Teria sido batido, vencido, escorraçado, ferido e até mesmo morto por outro rival em algum combate que estivesse em disputa a namorada?

Andei perguntando aos amigos da rua onde eu morava se algum deles sabia do paradeiro de Travesso. Perguntei também às esposas dos vizinhos, como Dona Jô, a mulher do seu Filó, o dono do armazém que vendia ferro e telha de alumínio na avenida do comércio; à Dona Creuza, a mulher de Seu Miranda, o funcionário do Banco do Estado; à Dona Adelina, a mulher de seu Zeca, o dono da Farmácia Popular, a que vendia os remédios com o preço mais barato na cidade. Ninguém soube me dá qualquer notícia sobre o paradeiro que Travesso havia tomado.

Até que no oitavo dia de seu desaparecimento, lembrei-me de Dona Totonha, uma velha gorducha e sorridente, que tinha barraca de bolo de aipim e doce na feira, aos sábados. Ela morava numa casa de taipa avarandada, com quatro águas, as paredes com o reboco esburacado, a tinta velha desbotada, erguida próxima ao rio. Havia um quintal grande nos fundos da casa, que ia dar na beira do rio, parecendo uma xácara, com mangueira, jaqueira, goiabeira, parreira, jenipapeiro, abacateiro, abiu, pé de carambola, cajá, cajarana, pitanga e sapoti. Quando as árvores apareciam com os galhos cheios de fruta madura, os passarinhos faziam uma festa, o cenário do quintal era o do paraíso para os meninos com os olhos cobiçosos, o rosto cheio de gula. iam até lá no sábado para encher as capangas de frutas maduras, aproveitando que naquele dia a velha Totonha estava na feira vendendo na barraca seus bolos e doces.

Pela manhã, a velha ficava no pátio dos fundos lavando a roupa na bacia. Passava a manhã inteira lavando roupa para pendurar depois no quaradouro. De tarde gostava de ficar no pátio,

sentada numa cadeira de vime, que balançava. Recebia o sopro ameno do vento no rosto enrugado. Escutava os passarinhos fazendo algazarra nas árvores, bicando as frutas maduras. Às vezes cantava uma cantiga tola, que ninguém entendia o que queria dizer.

Como essa:

*Você diz que bala mata,
Bala não mata ninguém,
A bala que mata mesmo
É a dos olhos de meu bem.*

Os mais velhos comentavam que ela ficou viúva cedo. O marido era dono de um caminhão velho. Morreu numa curva da estrada, já perto de chegar à cidade. O caminhão furou o pneu, descontrolado desceu a ribanceira. Só parou lá no fundo do buraco enorme, que encobria um sobrado. Ninguém conseguiu retirar o caminhão lá de dentro, ficou lá no fundo do buraco como uma coisa velha, amassada, a carroceria foi arrancada para fora. O motorista foi jogado para fora da boleia antes de o caminhão chegar ao fim da ribanceira. Como não tinha filho, dizia-se que a velha Totonha ficava cantando aquelas cantigas tristes na cadeira de vime, quando caía a tarde, porque tinha saudade do marido.

Uma gata de cor cinza com listras brancas na barriga fazia companhia à velha, que andava a passos arrastados. Para onde ela ia, a gata seguia, ora dando pinotes atrás, ora miando a seu lado. Parecia mais um desses cachorros que só não ficam perto do dono quando ele não está em casa. Então pensei comigo, sentindo o coração que batia acelerado, o meu gato Travesso talvez estivesse de namoro com a gata da velha Totonha. Resolvera passar por lá uma boa temporada, até quando o namoro durasse com a gata. Fazia semanas que ele havia sumido de nossa casa, a cada dia que passava eu ia ficando mais triste.

Quando cheguei à casa da velha Totonha, sem demorar perguntei:

– Dona Totonha, a senhora viu se andou por aqui um gato amarelo, chamado Travesso?

– Não sei se esse é o nome de um gato com os olhos cor de ouro e de pelo amarelo que apareceu por aqui – acrescentando – e que até ontem namorava a minha gata, mas parece que o namoro acabou e os dois deram para se estranhar.

Quem primeiro apareceu na sala foi a gata da velha Totonha, soltando uns miados esticados como se estivesse estranhando minha presença ali na casa da sua dona. Chamei, a seguir, pelo nome de Travesso várias vezes, e nada que ele desse sinal de vida que estava por ali. Já estava até perdendo a esperança de tanto chamá-lo, ele sem aparecer. Até que chamei pela última vez e então tive a surpresa agradável quando ele, no passo desconfiado, apareceu na sala. Veio para junto de mim, o rabo em pé, roçou o corpo em minhas pernas. Soltou da garganta nervosa miados demorados, a velha Totonha sorriu enquanto a sua gata, com os olhos abertos e orelhas empinadas, ficou escutando tudo em silêncio, acomodada no canto da sala.

Passsei a mão na cabeça de Travesso, várias vezes, e ele me lambeu. Então agradei à velha Totonha por ter tomado conta do meu gato Travesso nesse tempo em que ele sumiu lá de casa e ficou de namoro com a sua gata. Tomei-o nos braços e peguei ligeiro a direção do sobrado, alegre como se estivesse flutuando pela rua, os pés pisando nas pedras do calçamento como se fossem de algodão, com um gato acomodado nos meus braços a aquecer-me o coração.

Tempos depois, a velha Totonha mandou um recado pela cozinheira Zefa. Dizia que a sua gata tinha parido uma ninhada de seis bichanos, o pai deles era o gato Travesso. Estava me dando de presente um dos bichanos, justamente aquele que no focinho, olhos cor de ouro e pelo amarelo mais parecia com o pai.

Fiquei contente com o recado que recebi da velha Totonha, estava resolvido a aceitar de bom grado aquele presente que caía do céu. Mas logo recusei quando lembrei que meu pai ficaria mais zangado, se eu me atrevesse a criar outro gato no sobrado onde morávamos. Um bichano que poderia ser tão travesso como o meu gato Travesso.

Cyro de Mattos é ficcionista, poeta, ensaísta, cronista, romancista e autor de literatura infantojuvenil. Editado também em Portugal, Itália, França, Espanha, Alemanha e Estados Unidos. Premiado no Brasil e exterior. Já publicou mais de 80 livros. Tem o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz, e é membro do Pen Clube do Brasil. Desde 2016 ocupa a Cadeira nº 22 da Academia de Letras da Bahia.



BRASILIANA

ORDEP SERRA

O telejornal me distrai. A polícia filmou o bacana arrasando uma mala cheio de dinheiro. Prenderam, mas não cortaram o cabelo dele. Era crueldade. Agora ele está preso em casa. Eu também, só que num barraco de merda. Lá fora tem bala zunindo. Por isso me deito embaixo da cama. A tevê está no chão. Assim posso ver. Em cima da mesa, ela também corria perigo. Imagino um tiro no nariz do repórter. Claro que não pega, só arrebenta meu aparelho. Puta que pariu, se a polícia entra nesta porra, estou fodido. O indivíduo embaixo da cama, tá na cara que é suspeito. Atiram primeiro e perguntam depois. Se me levanto, dou mais chance para a perdida me encontrar. Não é improvável. Se cruzam fogo nesta direção, estou lascado: a minha porta vira peneira, minha janela sai voando. Quem duvida? Para as armas que eles têm, essas paredes são de cuscuz. Tonhão morreu sentado na poltrona, com um rombo nas fuças. O azar tem uma pontaria da porra. Mas dizem que foi de perto, que a milícia invadiu sua toca. Todo cuidado é pouco. No chão, feito um cão. Defender minha vida besta. Três meses de salário atrasado. Se eu morrer hoje, será uma economia para os cofres públicos. Nada mal. Me livrei de uma, caí na outra, da frigideira saltei para o fogo. Saí inteiro do protesto, primeira vez que participo. Era coisa leve, mal comparando: cassetete e jato d'água no menu principal. Mas bala de borracha não é mole. Machucou Joana, lascou os dentes de seu marido. Escapei porque Deus é bom. Entrei na igreja na hora certa, pouco antes do gás de pimenta. Foi culpa dos mascarados que apareceram quebrando tudo. Black

blocks, é como se chamam. Policiais disfarçados, diz a turma do sindicato. Fodam-se todos. Vim para casa, sosseguei o facho. Lar, doce lar, que alívio da porra. Aí fudeu, meia hora de tiroteio. Por enquanto. Este silêncio não me engana. Sou escaldado. A pausa acabou, tá vendo? Um tiramão bem perto. Vim para o quarto rastejando, não posso dar sopa com meus ossos. Eles usam uns fuzis da porra, granada, submetralhadora. Me deitei no chão, mas antes liguei a tevê, que desci da mesa. Não sei o motivo, não sei como explique, mas embaixo da cama eu me sinto melhor. Esse tiro foi mesmo pro lado de cá, puta merda. Com certeza é disputa de ponto. Com polícia no meio. Ou miliciano. Só não entendo por que tão cedo. Tem nada não, o telejornal me distrai. Dou risada com a zona política. Pegaram mesmo o bacana, o homem de confiança do chefe. Preso no apartamento de luxo. A Justiça determinou. Assim são as coisas: ele é barão, eu sou indivíduo. Se não me cuida, sai no jornal: o indivíduo resistiu. Acharam maconha com o indivíduo. O indivíduo estava em local suspeito. Claro, este bairro todo é suspeito. Fico tranquilo embaixo da cama. A tevê no chão, diante de mim. O jornal me distrai. Tem guerra na Síria. A Coreia lançou um foguete. Terrorismo. Ainda bem que estamos em paz. Deus é brasileiro. As instituições funcionam perfeitamente. Quanta disputa por essa boca de fumo. Deve estar rendendo igual a um banco. Três meses de salário atrasado. Roer o osso da miséria. Jesus me salva. Não tenho jeito para o tráfico. Roubo, nem pensar. As instituições funcionam perfeitamente. O crime compensa, mas não é para mim. Sou pé de chinelo, vou logo em cana. E ladrão de verdade come a minha bunda. Então fico em paz, aqui na merda. No festival da bala perdida. As instituições funcionam perfeitamente. O telejornal me distrai. Criança baleada na barriga da mãe. Por enquanto, dá pra enganar a fome. Mais tarde arranjo uns bicos. O advogado falou, eles são inocentes. Fodem com tudo e

são inocentes. Minha mulher me mandou dinheiro. Me deu corno mas manda dinheiro pela vizinha, sua manicure. Puta que pariu, minha mulher é gente boa. Saiu na hora certa. Michou a grana. Michou o macho. A casa furada de bala, o pão que o diabo amassou, o barnabé que ninguém respeita. Agora ela vive com um sujeito que é grande no tráfico. Não guardo raiva, não sou ingrato. Estou comendo da banda podre, mas Deus é bom. Jesus me salva. A vizinha garante que eu melhoro de vida se der a grana ao pastor. Impossível, dona: este tutu é o da barriga. Se Deus quiser, no fim do mês a gente recebe. Sai uma parte do atrasado. O prefeito promete. Mas o pastor não aceita promessa. O menino baleado na barriga da mãe. Vou trocar de canal. Porra, hoje não tem jogo. A vizinha deu sua pensão ao reverendo. Foi abençoada. E continua na merda. Daqui a pouco me ajeito. Amanhã é outro dia. Duas horas no ônibus, oito no batente. O peefe na esquina. E mais duas horas de sacolejo. O chefe também está lascado. Enrolo, saio mais cedo, ele fecha os olhos. Chico me disse que no interior é pior ainda. A professora passou vergonha. O agiota cobrou, ela não quis abrir as pernas. É como disse o conterrâneo: lá o carro pega, os bandidos mandam, obedece quem tem juízo. Tal como aqui. Mas nem se fala no assunto. A professorinha tomou formicida. O agiota era tio dela. O conterrâneo chegou ontem. Explodiram o caixa eletrônico. O povo de lá vem na lata velha receber o dinheiro. Seis horas de viagem, pista esburacada. Queria saber onde os sacanas acham tanto dinamite. Tem nada não, o jornal me distrai. Vai faltar água. Mais tarde a chuva chega arrasando. As instituições funcionam perfeitamente. Baleado na barriga da mãe. Desenvolvimento. Ele é barão, eu sou indivíduo. Se eu tivesse cabeça, entrava na política. Cem milhões, duzentos milhões. Sai na tevê, a polícia prende. Mas solta logo. Na cana braba só pés de chinelo. Tudo amontoado. Aí vem a briga das falanges. Preso degolado, preso esquartejado. Um açougue. Pés de chinelo.

Pretos, baianos, cabras da peste. Tudo carniça. Deus me livre, eu sou honesto. Sou quase branco, família boa. Meu primo Zacarias se fodeu no crack. Jesus me salva. O filho do padeiro malha o tempo todo. É um touro. Com sorte, ele entra no Big Brother. E pode lascar-se como qualquer um. Deus é bom, mas a polícia chega atirando. Baleado na barriga da mãe. Corpo aberto. Jesus me salva se eu ganhar na loteria. O jornal está de fuder. Não cortaram o cabelo dele. O dinheiro foi devolvido. As instituições funcionam perfeitamente. O filho do padeiro sonha com o Big Brother. A televisão vai pifar. Quanta propaganda. Pistas vazias, os automóveis correm bonito. O salário no próximo mês. A grana do ano passado. Acabou o noticiário. Não curto novela. No outro canal é só pregação. Me perdoe, pastor, não tenho medo do diabo. O tiroteio já está parando. Semana passada foi na outra rua. Os meninos no pátio da escola. De um lado a polícia, do outro os bandidos. Quem foi, quem não foi. Treze anos, a pequena. Ou doze, não me lembra bem. O enterro no dia seguinte. A polícia vai apurar. Puta merda, meu Pai do Céu. Josina agora é de outro. Eu tenho sorte, ela pensa em mim. Manda dinheiro para o corno querido. O que mais se vê é desempregado. Sou funcionário, graças a Deus. Carteira assinada. Três meses que não recebo. O deputado tem décimo quarto. Superamos a crise. Os corruptos estão na cadeia. Quer dizer, estão em casa. Em dois ou três a Federal botou enfeite: dormem com a tornozeleira eletrônica. E pijama de seda, claro. Choram na beira da piscina mas comem do bom e melhor. Aqui é diferente. O que mais se vê é desempregado. Eu sou funcionário, porra. Carteira assinada. E me casei de papel passado. Guardarei o dinheiro. O diabo não me dá medo. O Brasil tem futuro. Baleado na barriga da mãe. Dá gosto ver os automóveis na televisão, deslizando nas pistas vazias. Até no mato eles correm. Automóveis de luxo, beleza. Queria ver na avenida, na hora do racha. O diabo é corno que nem eu,

não me faz medo. A fome é pior. Jesus me salva. Graças, o tiroteio parou. As instituições funcionam. Olha o povo contente tomando cerveja. Cada gata que vou te contar. Quanta alegria na tevê. Amanhã eu tento a loteria. Não vou mais a protesto. Deus é bom, o diabo disse. Minha mulher mandou dinheiro. Vou dormir em cima da cama.

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.



NO RANCHO DO REGALO

FRANKLIN CARVALHO

A árvore é tão elegante que distribui os seus galhos em frações de ângulo, para equilibrar o peso sobre o seu corpo, e o tronco não verga, não tomba. A copa quase forma um círculo, e as folhas e os ramos também compõem o baile aéreo, expandindo-se somente no esquadro milimetricamente calculado. Que cérebro comanda isso? Onde reside a inteligência da planta?

Entro em casa e, no banheiro, salta sobre a minha perna a jia que espreitava no frio azulejo. É jia ou rã? Ela ri, enquanto indago.

Na sala, cercam-me os gatos para conferência. Nenhum bicho se parece mais com uma cobra do que um gato. A mesma cabeça triangular, os mesmos olhos verdes, o corpo que brilha, o jeito esguio e sinuoso de escapar dos apertos e o surgimento mal-assombrado em lugares imprevisíveis. Nenhum animal mais egoísta, bajulador e artiloso, nenhum mais traiçoeiro com os da sua própria laia, nenhum mais humano. E eu tenho dois.

Pergunto aos gatos como põem no mundo os filhos para que estranhos os sustentem. Sabem que as crias não caçam para comer, que dependerão dos homens, mas, mal as desmamam, desprezam os filhotes à caridade alheia, malandros.

Mais tarde, o professor Elinho chega com um cesto de histórias da vila do Quererá. Uma raposa raquítica ronda a vila, e à noite as veredas têm estranhas aparições, que escondem o rosto justamente porque são humanas, porque um dia, de dia, foram homens, moças, velhos, moços e se perderam ou perderam a vida antes do que esperavam.

A raposa apareceu pela primeira vez há muitos anos, conta Elinho. Naquela época as covas do cemitério da vila afundavam, e foi necessário chamar uma missão de padres para benzer o sítio dos ausentes. Não foi tudo isso um tatu, professor? Não era o Anhangá, entidade índia? Eles que devoram defuntos. Elinho não entra em detalhes, mas diz que houve paz por muito tempo, depois da missão, e agora voltam os espantos, justamente quando os homens derrubaram o muro do cemitério para ampliar o terreno. O Quererá toca a chamar o vigário, mas o padre quase descrê. Estão nessa luta.

À noite, a vizinhança do rancho do Regalo senta na porta de casa, vendo os carros que trazem nuvens de poeira e são as notícias. Um homem vai devagar, um cachorro vai devagar, um burro vai devagar. A essa hora, a estrada de barro é mesmo mais fresca que as casas de alvenaria. Abro o portão e os gatos fogem para o mato mais escuro, procurando algum canto entre a lua e Nova York.

Facilmente me acostumo com o absurdo, e também me demoro do lado de fora. Agora sou mais um como estes daqui, a contemplar a noite sem novidade nenhuma.

Franklin Carvalho é jornalista e escritor, natural de Araci-BA. É formado pela Universidade Federal da Bahia, e tem pós-graduação em Direito do Trabalho. É autor dos livros: *Câmara e cadeia* (2004), *O encourado* (2009) e *Céus e Terra* (Record, 2016), obra vencedora do Prêmio SESC de Literatura 2016 e do Prêmio São Paulo de Literatura em 2017. Em 2020, publicou o livro de contos *A Ordem Interior do Mundo*, vencedor do Prêmio Academia de Letras da Bahia. Seu livro mais recente é o romance *Eu, que não amo ninguém* (2021).



A FAMÍLIA QUE REDESCOBIU O TEMPO

CICERO G. DE SENA NETO

Toda manhã o ritual na família era idêntico. Mal despertavam, o primeiro ato era acessar o celular para abrir o Zap. Iam para o café da manhã ouvindo e enviando mensagens. Mal se cumprimentavam. Em realidade, as saudações aos distantes pelas mídias eletrônicas eram constantes e efusivas, enquanto que aos presentes eram praticamente inexistentes. Os que ficavam em casa, cada um ia para sua torre, ou melhor, quarto, e de lá continuavam teclando assim como os que iam para a mesa. O isolamento de cada um com sua própria TV e seu mundo digital de WhatsApp, Instagram, Facebook, Twitter, Tik Tok e outras mídias se tornaram rotina. A impressão é que ao corpo humano foi adicionado mais um membro: o smartphone. A frequência de uso do equipamento era tão incorporada que mesmo estando na mesma casa, enviavam mensagens uns aos outros. Alguns dormiam com o celular caindo das mãos, e não poucas vezes entraram no chuveiro com ele ligado. Com o tempo, o diálogo olho no olho foi rareando até desaparecer.

Em toda a família o sentimento era uniforme: a passagem do tempo já não era a mesma. Algum mecanismo extraordinário teria alterado a rotação da Terra e acelerado a passagem dos dias. Tudo começou a transcorrer velozmente. “Já estamos em janeiro? É seu aniversário de novo? Não acredito, parece que foi ontem. Meus Deus, estou fazendo 18 anos e parece que fiz 15 ontem! O que está acontecendo com o tempo?”

De repente, chegou a pandemia da Covid-19 que transformou o mundo em pandemônio. As atividades coletivas são proibidas com suspensão de todo o comércio presencial, clubes, escolas, campeonatos esportivos e tudo o mais. O mundo entra em pânico, com medo, angústia e em quarentena.

O patriarca convoca a família e declara que a partir daquele fim de semana todos mudariam para fazenda situada no interior. Foi uma gritaria com veementes protestos dos jovens.

– Mas pai, lá não tem wi-fi, como vamos viver sem? Como viver sem Zap, séries, streaming? Prefiro morrer...

O pai foi inflexível. – Não temos opção. A empresa está fechada por tempo indeterminado, estamos sem receitas e muitas contas para pagar. Indo para a fazenda reduziremos os custos e lá poderemos ver como torná-la produtiva e gerar renda. A reação dos filhos foi uníssima – Não vou! Ok. Entreguem-me os celulares e os cartões de crédito. Maria – a empregada – irá comigo e a mãe de vocês. Mas pai! Não tem choro nem vela. Ou vão ou se virem sozinhos. Vamos sair às 6:00h da manhã. Foram todos.

Não parecia uma viagem, mas um cortejo fúnebre. O percurso foi realizado com semblantes amarrados e silêncio sepulcral. Quem parecia estar curtindo era o patriarca com irônico sorriso na face.

Os primeiros dias eram como se estivessem de luto. Poucas palavras eram trocadas entre si e o pai começou a ficar preocupado. Os filhos e a mãe começaram a dar sinais de síndrome de abstinência e só faltava “delirium tremens” pelo jejum de aparelhos digitais. Para passar o tempo, estabelece um programa de trabalho de acordo com a “aptidão” de cada. Para a esposa, além de coordenar os empregados da casa, solicitou a mudança das cores dos ambientes; à filha que gostava de animais, incumbiu de supervisionar as ovelhas e bezerros recém-nascidos, ao filho ver as pastagens e o extenso plantio de frutas cítricas.

O que no início era uma forma de ocupar o tempo pela ausência dos equipamentos digitais foi se tornando um trabalho absorvente que preenchia o dia com atividades físicas laborais e a noite propiciava sono precoce e relaxante. Nunca haviam dormido tão cedo.

A família redescobre antigas afinidades que estavam adormecidas sob espessa camada de bites, zap, streaming, mídias eletrônicas. A adolescente relembra o apreço pelos animais da fazenda. Cuidava com extremo zelo das ovelhas recém-nascidas como autêntica genitora. Seu irmão descobre o prazer das cavalgadas matinais pelas veredas da fazenda e a apreciar o espetáculo de ver brotar do útero da terra as frutas que até então brotavam da geladeira. Os pais esquecem do zap e ficam absorvidos com as demandas do dia a dia. Todos reiniciam o velho hábito da leitura e os abandonados clássicos saem da empoeirada estante.

A família começa a ver a natureza em seu esplendor. A aurora e o pôr do sol passaram a ser espetáculos diários observados. O tempo passou a ser aferido pela posição do sol. As noites passaram a ser contadas de acordo com a lua da semana. Os pássaros eram um espetáculo à parte, com seu colorido e sinfonia. Os animais da fazenda tinham sua própria orquestra. Os cachorros que no início ficavam presos, após a soltura se integram ao ambiente como se neles tivessem nascidos, para sufoco das galinhas.

E o dia passa a ser vivido hora a hora como sempre foi até recente passado. A sensação de vivenciar o tempo passa a ser intensa. A sensação pré-pandemia de que o tempo voava não havia mais. O sentimento era de que os nove meses transcorridos eram surpreendentemente nove meses.

O casal, já no outono da vida, antes da quarentena estava ansioso e sentia-se angustiado pela passagem rápida dos dias e pela idade, entendia que o fim estava próximo e não estava vivenciando a vida. Na fazenda o dia era vivido em sua plenitude.

Convocam reunião familiar e comunicam aos filhos que doravante passarão a viver definitivamente na fazenda. Para surpresa de ambos, os filhos aplaudem a decisão e declaram que também desejam o mesmo. Voltarão para concluir os estudos e prestarão vestibular, ela para veterinária, ele agronomia. Após formatura pretendem se estabelecer na fazenda...

E o tempo, senhor da razão, indiferente aos desígnios humanos, continua imutável desde os primórdios da mãe Terra, alternando dia e noite, aurora e crepúsculo, lua nova e lua cheia, sol e chuva em inexorável jornada ao infinito.

Cicero G. de Sena Neto é advogado, empresário e escritor. Membro titular da Cadeira nº 1 da Academia de Letras de Porto Seguro-BA e do Movimento Nacional Elos Literários. Possui dois livros publicados, *Histórias Que Vivi* (2017) e *Causos e Crônicas* (2021), além de inúmeras participações em coletâneas. Atualmente, está prestes a lançar mais dois livros.



TROPICÁLIA

MARIA FERNANDA TOURINHO PERES

DESSE LUGAR DE ONDE EU ESTOU, QUE EU NÃO SEI QUE É, mas desse dia que sei 25 de janeiro ano de 2022, olho pr'ali, pra passado, lá em anos tão de longe, e não consigo entender como de ter nascido e vivido até esse dia de hoje, e chegado aqui nesse lugar que não sei onde é, mas que sinto vazio de tudo dentro de mim, como se tudo tivesse sido arrancado desde vida minha até eu quem eu sou. Penso que algum antigo meu fez coisa muito, muito de errado, no tempo que lá de onde eu vim não era ainda país mas era terra nossa, com povo nosso e regra nossa, e crenças nossas que era tudo tão diferente e foi se acabando por que chegou povo outro naquele tempo depois. Lá, onde não era um país meu ainda, mas que tinha terra nossa, não sei dizer se teve paz em algum tempo, de história minha, de história de meu povo, só conheci de dor e de morte. Se vivia com terra, e planta, e água e bicho, e pedra que tinha muita, de todo jeito, e vento e chuva e sol e tudo mais criado por Nzambi Mpungu. Até chegou um, dizendo dono de tudo, dele mesmo que era Rei em outro lugar e chegou em terra nossa e disse ser dela dono, não Rei. Toda aquela terra, com planta, e água e bicho, e pedra e vento e chuva e sol e povo diferente um do outro, tudo mais criado por Nzambi Mpungu, disse sou dono. E dali, daquele tempo, morreu todo povo meu, as avós das avós minhas e avôs também de avós minhas e dos avôs meus, também avôs e avós, avô de longe porque era avô do avô que era ganga e cuidava de mente e de corpo de todo mundo que ali vivia. Morreram cortados, da cabeça, perna, braço, tripa e ficaram os pequenos,

Bimbana-mbana, filhos desses meus tão longe mas meu de sangue e de cor e de língua e de crença. Eram meus lá de longe no tempo e foram cortados pelo dono da terra nossa que virou país, deixou de ser a terra nossa. Não consigo entender como de ter nascido e vivido até esse dia de hoje: se cabeça de Bimbana-mbana também tivesse sido cortada ou perna ou braço, ou tripa, não tinha tido nascimento e morte e tudo tinha ali parado e hoje, 25 de janeiro ano de 2022, eu não tivesse aqui nesse lugar e sentindo vazio esse de tudo dentro de mim, como se tudo tivesse sido arrancado desde minha vida até eu quem eu sou. Mas os pequenos vingaram e cresceram, e aprenderam como fazer, e casaram nkaka de mãe minha, Ngud minha, e de pai meu, Tata meu. Nkaka, vô e vô, casaram e nasceram Ngud e Tata que foram Nkaka meus. O dono do país, que falava uma língua outra diferente da nossa, não vingou. Outros donos vieram, e morte, e tanta e tanta, mas os pequenos, Bimbana-mbana, foram sempre vingando, crescendo e casando. Sem Nkaka, sem Ngud, sem Tata. E isso nunca, nunca acabou, e muito do povo meu foi pra outros lugares, terras, do outro lado do mar ou do mundo. E cresci, sem saber porque nasci que só via morte e não tinha Nkaka mais, nem Tata, nem Ngud. E não teve outro filho que vingou, só eu que fiquei de todos e de todo o tempo de dor e morte. Que cresci e lutei sem saber por que, porque o que eu defendia, não defendeu Nkaka, Ngud e Tata, e morreram todos e outros foram e fiquei e lutei. Penso que nasci de Esumu dia nfuíla, de uma coisa errada como chama pecado, que veio lá de trás no tempo, e só crianças foram vingando e no fim do fim ficou eu, e foi pra mim castigo, Lolama, porque de história minha, de história de povo meu, só conheci de dor e de morte. Vim pra essa terra mãe, que abraça e recebe muitos de nós que não podem viver na terra nossa que virou lugar de dor e de morte, Luvilu, Ntambi, Fu kia fuíla, Lúfua, morte. E cheguei aqui e queria abraçado por uma mãe-terra. Não podia ficar na terra minha,

que tava virando adulto, Akola, e na terra minha ia trabalhar sem receber, morrer como todos os Akola da minha família, na terra minha iam me espancar até a morte, como fizeram com tantos antes de mim, e depois iam cortar corpo meu, tirar tripa minha, deixar vazio de tudo dentro de mim, arrancar desde minha vida até eu quem eu sou. E fui eu, sozinho, que era o último da família minha, Kanda minha. E atravessei mar e cheguei na terra mãe, que acolhe e abraça, e hoje estou nesse lugar, que não sei que é, nesse dia que sei que é 25 de janeiro do ano de 2022, e tento falar e não consigo, e tento mexer e não consigo, e sinto vazio de eu, como se tripa minha tivesse sido tirada. Mas eu estou na terra mãe, que abraça e acolhe, nesse lugar que não sei onde é, mas que é frio e escuro. Que sou último, que depois de mim não tem nenhum, e antes de mim não tem ninguém. Que sinto vazio de tudo de dentro de mim, como se tudo tivesse sido arrancado desde vida minha até eu quem eu sou, Moïse.

Maria Fernanda Tourinho Peres é médica, professora do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Esse texto foi publicado originalmente na revista *Mundo Desejante*, no Facebook.



Discursos



DISCURSO DE POSSE

LIA ROBATTO

a princípio era o verbo e o verbo se fez ritmo

e veio habitar entre nós
no teatro castro alves

e o teatro se fez praça
“a praça do povo”
o campo grande do mundo

“o mundo que é um teatro onde cada homem
tem um papel (vital) a apresentar” e não só
representar senão re-presentar

cada um de nós presente em todos os outros
e além do presente no passado e no futuro

(Fragmentos do poema “MOBILIZAÇÃO” de PEDRO XISTO.
Salvador, 1978, para Lia Robatto e seu universo de dança

Ó damas e cavalheiros, deem-me licença para passar e me apresentar nesta cerimônia de posse da Cadeira nº 15 desta histórica Casa. Em primeiro lugar, quero lamentar o triste momento de pandemia que o Brasil está passando, o que impede minha plena alegria por essa honraria. Mas quero manifestar meu grande orgulho de ser aqui acolhida, chegando com o propósito de participar ativamente das atividades dessa relevante agremiação.

Qualquer forma de associação oferece a seus participantes a sensação de pertencimento que está me afetando agora. A melhor forma de nos percebermos e nos conhecermos é através do outro. E nós, artistas, escritores, criadores, produzimos nossas obras em permanente busca de uma recepção que se coadune com nossas concepções de vida, legitimando nossas identidades, apreciação essa que se revela através da reação sensível do público ouvinte, leitor, espectador, enfim, do outro, que é intérprete de nossas ideias. A minha posse como membro desta academia vem atender a esse desejo latente de reconhecimento de meu trabalho como profissional da dança. O dia de hoje é, sem dúvida, um dos pontos mais altos de minha carreira. Confesso que a primeira vez que alguns de vocês vieram me consultar se eu aceitaria ser indicada para concorrer a uma vaga como membro desta academia tive um sobressalto. Tenho que admitir meu constrangimento em aceitar essa honraria pelo fato de não me sentir pertencente à área de letras, mesmo tendo escrito três livros, alguns prefácios e muitos artigos em publicações especializadas, porém são todos textos sobre as questões da dança, o que não me habilita a ser incluída neste encantado universo literário. Até que tomei conhecimento do conceito de afinidades eletivas culturais da Academia de Letras da Bahia. Rege o seu estatuto que ela tem como objetivo: “o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural baiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza, inclusive nas áreas das ciências e das artes”.

Entendi que, com muita honra, fui indicada e eleita como integrante dessa instituição, representando a área da dança da Bahia, lugar onde me sinto confortável, e espero, conforme minhas possibilidades, contribuir no esforço de manutenção e recriação da prodigiosa cultura da Bahia, incluindo a dança contemporânea baiana que tem conseguido sobreviver à falta de políticas públicas desejáveis, e, principalmente, sobressair-se com sucesso no cenário nacional e internacional.

Quero agradecer a Luís Antonio Cajazeira Ramos, acadêmico que precedeu seus confrades na ideia de minha primeira indicação

para entrar na Academia de Letras da Bahia, agradecer com carinho aos adeptos dessa proposta no momento inicial, Urânia Tourinho, Fernando Peres e Paulo Ormindo. E não tenho palavras para prestar minha gratidão a Ordep Serra que, tão generosa e brilhantemente, me apresentou aos membros desta Casa. Um quinteto de pessoas admiráveis e queridas que muito me orgulho por terem assim me prestigiado. E, claro, quero agradecer aos acadêmicos que me aprovaram e, nessa cerimônia, a todos vocês, aos confrades e congreiras que estão agora me acolhendo.

Sempre senti prazer em frequentar esporadicamente esta Casa, um ambiente atraente de cultura, onde a maioria dos membros são meus conhecidos ou colegas de longa data, quando não diletos amigos desde a juventude. Acadêmicos que conheci através de meu marido Silvio Robatto, com os quais ele costumava colaborar com suas fotos, além de partilhar de amizade e algumas experiências culturais. Também tive o privilégio de trabalhar sob a direção ou de ser colega de muitos de vocês na Universidade Federal da Bahia, na Fundação Cultural, no Conselho de Cultura do Estado da Bahia e em diversas outras instituições de ensino e cultura. São muitas as personalidades históricas que formaram o notável quadro de membros dessa centenária instituição, pessoas que contribuíram de forma contundente para o desenvolvimento político e sociocultural da Bahia. Menciono apenas o patrono da cadeira 35, Manuel Vitorino Pereira, por ser o ilustre bisavô materno de meu marido, Silvio Pereira Robatto, e foi um médico que chegou a Presidente da República por um breve período. Mas não posso deixar de destacar os acadêmicos que são considerados ícones da cultura baiana, como o casal Jorge e Zélia Amado, Mãe Stella e João Ubaldo Ribeiro, com quem tive a oportunidade de conhecer e até frequentá-los vez por outra. Peço desculpas, devido à grande extensão de confrades, por não nomear todos aqueles acadêmicos atuantes que muito admiro, vários dos quais tenho o privilégio de usufruir de sua amizade.

Este meu discurso é de cunho memorialista que remonta especificamente aos primórdios da minha carreira. Vou narrar o período que aqui cheguei, no final dos anos cinquenta, levantando lembranças pessoais inclusive os ambientes familiares e universitário onde cresci e que mais me influenciaram, incluindo o contexto sociopolítico cultural no qual desenvolvi meu processo de formação como profissional da dança. Fatos que determinaram todo meu destino de vida tanto de ordem afetiva, pessoal, como coreógrafa e como arte-educadora, aspectos para mim inseparáveis. Trata-se de uma percepção subjetiva de acontecimentos esparsos com valor simbólico, matéria que inspirou meu trabalho criativo como artista. Esse texto terá um caráter de ordem pessoal, lembranças que mais me tocaram emocionalmente. São relatos que podem contribuir para elucidar como foi se formando toda uma geração de profissionais das artes na Bahia. É uma narrativa sem distanciamento, com todo o risco e o sabor de vida vivida, cheio de evocações de situações significativas que o passado ainda hoje me provoca, com envolvimento e comprometimento de quem foi afetada pelos acontecimentos relembrados.

Nasci em 1940, no coração da cidade de São Paulo, onde vivi num ambiente bem urbano. Filha de Pedro Xisto, procurador do Estado de São Paulo, homem de cultura com uma visão futurista e poeta concreto, a quem invoquei com um fragmento de seu poema referente a meu espetáculo “Mobilização”, quando abri esse discurso. Minha mãe, Hebe de Carvalho, era artista plástica, uma das pioneiras do ensino livre de arte para crianças. Cresci numa família em que se respirava arte. No final dos anos 40, meus irmãos e eu, então com oito anos de idade, tivemos nossa iniciação artística nos cursos de arte para crianças do MASP sob direção de Lina Bo Bardi recém-chegada ao Brasil. Lá tínhamos aulas de apreciação de cada obra que estava sendo adquirida para o acervo do museu, em fase de implantação por Pietro Maria Bardi. Até hoje me emociono quando me deparo com certas obras notáveis do acervo do MASP que conheci ainda criança, como, por exemplo, *La Petit Danseuse*,

uma escultura em bronze de Degas. Eu e meus irmãos desfrutamos de espetáculos de balé no lindo Teatro Municipal de São Paulo e de concertos de música sinfônica como membros da Sociedade Cultura Artística. Em 1951, com 11 anos de idade, fui à inauguração da I Bienal Internacional de São Paulo. Depois continuei visitando quase todas as Bienais subsequentes, mesmo morando na Bahia.

Meu aprendizado formal em dança começou na Escola de Bailados da Cidade de São Paulo, aos nove anos de idade, onde tive um choque de expectativa em termos de expressão e muita dificuldade com a técnica do Balé Clássico. Quando eu tinha 12 anos de idade descobri, encantada, a dança moderna. Entrei para a companhia de dança vinculada ao Museu de Arte de São Paulo, sob a direção e coreografia da polonesa Yanka Rudzka, na qual eu era a mais nova entre os 20 selecionados. Eu me sentia muito bem com a linha pioneira de dança expressiva de Yanka, tanto que, em poucos anos de formação em seu grupo, eu já era solista. Quando Yanka veio fundar a primeira Escola de Dança de nível universitário no Brasil, aqui na Universidade da Bahia, me convidou como sua bailarina e assistente.

Conheci a Bahia através do olhar apaixonado por meu cicereone, Silvio Robatto, então estudante de arquitetura e por esta terra tive um misto de estranhamento e deslumbramento. Silvio fotografava tanto a arquitetura dos imponentes sobrados e das igrejas barrocas com seus entalhes dourados, assim como as ocupações da periferia pela população carente da cidade, tais como as precárias construções palafitas dos Alagados ou as singelas casinhas de plati-banda das cidades do interior. Silvio documentou e me apresentou às manifestações culturais de Salvador, do recôncavo e do interior, as áridas áreas da caatinga, uma Bahia fascinante, apesar de toda sua assimetria com suas diferenças ambientais, sociais e culturais. Compreendi a Bahia também pelo olhar agudo de Alexandre Robatto, meu futuro sogro, um dos pioneiros do cinema na Bahia, que registrou sua terra nos anos 40 e 50, tais como seus clássicos filmes, *Pesca de Xaréu* e *Vadiação*. Sua casa, um ambiente cultural

onde tive oportunidade de conviver com relevantes artistas e intelectuais baianos, brasileiros e estrangeiros que a frequentavam. Dr. Robatto me ensinou a conhecer os saberes e as “manhas” dessa terra. Com nossas constantes andanças pela Bahia, fui descobrindo a magia das manifestações populares de herança africana e as manifestações regionais do sertão agreste, com sua beleza telúrica e humana como as que pude sentir em Canudos e Monte Santo. E foi inspirada nesse ambiente e repertório cultural diverso e contrastante que criei meus espetáculos, tendo a noção de que essa terra é constituída por sistemas de signos diferenciados e me impregnando de um sentido barroco.

O Grande Salto para a Modernidade

O gradual processo de urbanização de Salvador e o progresso técnico e econômico da Bahia, decorrente de vários fatores, com a preponderância das atividades petrolíferas, provocaram transformações em seus aspectos políticos e sociais, ocasionando um significativo desenvolvimento cultural a partir da década de 40, após um longo período de marasmo. No início dos anos 50, a Bahia estava preparada para dar o grande salto para a modernidade.

Todo esse movimento tivera a valiosa contribuição do grande educador baiano Anísio Teixeira uma década atrás. No pós-guerra Anísio Teixeira integrou estudos sobre educação na UNESCO e no Governo de Otávio Mangabeira (1947 a 1951) voltou à Bahia para assumir a Secretaria de Educação e Saúde do Estado quando implantou uma renovação do ensino público com o projeto de ensino integrado, uma experiência piloto do sistema Escola Classe associado a Escola Parque, “numa educação dinâmica e libertadora, onde a arte tem sentido primordial”. Nessa gestão, Anísio Teixeira apresentou um projeto visionário da criação do grande Centro Educativo de Arte Teatral, o Centro Educativo de Arte Teatral no Teatro Castro Alves. Mas, por diversos motivos, o projeto foi interrompido.

O novo TCA de Bina Fonyat, um projeto arquitetônico belíssimo, premiado nacionalmente, lamentavelmente, cinco dias antes de sua inauguração foi quase totalmente incendiado em julho de 1958, reconstruído nove anos depois e finalmente inaugurados em março de 1967 no governo de Lomanto Júnior. Portanto a ideia da interdisciplinaridade já estava posta por Anísio, tanto no projeto original do TCA como na Escola Parque.

Nesse fértil período, Salvador renovou sua dinâmica e propiciou tal ebulição que abrangeu uma nova dimensão na educação, nas artes e na cultura. Edgar Santos captou esse momento e concretizou esse impulso, em boa hora, criando em 1946 a Universidade da Bahia, congregando as escolas e institutos já existentes, das mais variadas áreas de ensino, e criando novos cursos universitários.

É importante lembrarmos que o sucesso da implantação das novas escolas de arte na universidade deu-se no contexto do movimento de artistas independentes que estava em curso na Bahia nesse período. Por aqui atuavam figuras notáveis desbravando a modernidade local, como por exemplo, o artista plástico Rubem Valentim que já traçava suas primeiras imagens concretistas simbólicas a partir da sua ancestralidade, assim como Mário Cravo, Carlos Bastos e Caribé. Esse último, artista querido que eu tive o privilégio de ter dois espetáculos com cenário e figurino desenhado por ele, “Os Sertões” e “Boi Espaço”, além do prefácio de meu livro *Dança em Processo*. Vários outros artistas que tiveram condições de estudar fora ou pela sua capacidade criativa, vinham imprimindo novas perspectivas e conceitos estéticos. Aproveito a oportunidade para destacar importantes intelectuais baianos dos anos 50 que atuavam em diversos campos, com notoriedade na área cultural, abarcando duas gerações, com a maioria dos quais tive breves contatos, porém marcantes, além dos já citados, Cid José Teixeira, Clarival do Prado Valadares, Diógenes Rebouças, Frederico Edelwais, Hélio Simões, Luís Henrique Dias Tavares, Jorge Amado, Jorge Calmom, José Calazans, Milton Santos, Pierre Verger, Thales de Azevedo,

Remy de Souza, Riolan Coutinho, Rômulo Almeida, Valentim Calderon, Walter da Silveira, entre tantos outros e ainda poucas porém importantes figuras femininas como Hildelgardes Vianna, Maria Célia, Mãe Senhora, Olga do Alaketo, Rosita Salgado Goes, Yedamaria. Na área de espetáculo Adroaldo Ribeiro Costa que formou algumas gerações de atores e atrizes nas suas encenações com destaque a Dona Alexandrina Ramalho que trouxe para a Bahia grandes artistas internacionais inclusive bailarinos do Ballets Russes e da dança moderna e expressionista destacando o professor pianista Sebastian Benda que veio a ter um papel marcante no início da Escola de Música da Universidade da Bahia. E por fim Edgar Santos, o admirável fundador da Universidade da Bahia, que mereceu vasta literatura a seu respeito, possuía uma clara diretriz: a contínua modernização da Bahia. Ele foi um inovador que pensava grande, antevendo um futuro significativo para sua universidade e o bem público para a Bahia. Seu espírito empreendedor e sua convicção na urgência fez que providenciasse planos desenvolvimentistas audaciosos que incluíram o projeto do ensino das artes sob o signo da modernidade.

Em grande parte, devo minha vida profissional à Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, onde me graduei e segui carreira universitária. Essa Escola é a pioneira do país no ensino de dança em nível superior, com os primeiros cursos de bacharelado em dança profissional e licenciatura em dança, criada em 1956 sob a direção de Yanka Rudzka. Todo movimento de dança moderna, que tanto influenciou a Bahia e o Brasil, começou com a vinda de Yanka, uma coreógrafa polonesa com formação na escola da dança expressionista germânica. Lais Salgado Góes, Dulce Aquino, Margarida Parreira Horta e eu, fomos as primeiras professoras de dança de cursos de nível universitário do Brasil. Destaco alguns professores que vieram para a Escola de Dança da Universidade da Bahia, o diretor Rolf Gelwsky e a professora Mônica Krugmam, da Alemanha, os professores Klaus e Angel Vianna, de Minas Gerais, o professor e coreógrafo Clyde Morgan, dos Estados Unidos, entre outros professores.

Deixo para nomear em posterior ocasião outros colegas de meu tempo e das gerações mais novas. Publiquei o livro *Passos da dança*, em coautoria com Lucinha Mascarenhas, onde procurei registrar, sem esgotar, a maioria dos profissionais de dança relevantes da Bahia que tenham atuado dentro e principalmente fora da Universidade, no período de quatro décadas. No seu início, a Escola de Dança da então Universidade da Bahia, não tinha um corpo docente qualificado como os Seminários Livres de Música que contavam com mais de cinquenta músicos da orquestra sinfônica e professores, a maioria formada no exterior, tais como seu diretor J.H. Koellreutter, Sebastian Benda, Ernst Widmer, Yulo Brandão, entre outros. E a Escola de Teatro que, além de seu diretor Martim Gonçalves, começou com um elenco de dez notáveis profissionais de teatro entre eles, Domitila Amaral, Ana Edler, Gianni Ratto e João Augusto, com suas carreiras artísticas internacionais consolidadas. O mesmo não se deu na recém-criada Escola de Dança. A falta de uma equipe de professores experientes com uma devida formação em dança, muito prejudicou o processo de implantação da Escola de Dança. Isso justifica a minha contratação em 1958 como Instrutora de Ensino Superior, na função de assistente de Yanka, aos 18 anos, ainda sem graduação. Vale destacar que no Brasil não existia ainda nenhum curso de nível técnico nem universitário na área de dança. Eu me graduei em magistério superior e profissional em dança aqui, graças aos sábios conselhos de Urânia Tourinho, pois tive dúvidas em obter uma outra formação universitária para complementar a dança, área em que eu já atuava.

Seria importante destacar que todo o movimento artístico-cultural da Bahia, dentro e fora da universidade, teve inspiração na revolução da educação e cultura proposta pelo grande educador Anísio Teixeira uma década atrás. Em meados da década de 50, Edgar Santos criou o Museu de Arte Sacra, sob a direção de Don Clemente da Silva Negra, o CEAO e Centro de Estudos Afro Orientais, sob a direção do Prof. Agostinho da Silva. A Universidade da Bahia

colaborou na fundação do Museu de Arte Moderna sob a direção da Arquiteta Lina Bo Bardi e promoveu importantes eventos culturais e produções artísticas de abrangência nacional e internacional, como a histórica exposição da Bahia na Bienal de São Paulo de 1958 e os Simpósios Internacionais Luzo Brasileiros em 1959.

O ambiente da Universidade da Bahia nos primórdios das três escolas de arte era de efervescência e configurava uma comunidade de sentido. Alunos de várias outras áreas, não só de artes, que vieram a se revelar grandes personalidades, frequentavam espontaneamente as atividades das nossas escolas de arte, como Caetano Veloso, Fernando Peres, Glauber Rocha, Helena Inês, José Carlos Maciel, Orlando Senna, Nicolau Kokron, Paulo Gil Soares, Tom Zé, Urânia Tourinho e outros que tais. Foi aí que conheci Silvio Robatto. Esse ambiente gerou, dentro e fora da universidade, uma produção artística rica em experimentalismos, a chamada arte de vanguarda, onde a Bahia se destacou no cenário nacional.

Contracultura, a Arte de Protesto

Eu fui fortemente marcada pelas posturas da juventude dos anos 60, dividida em dois movimentos opostos e, eu diria, complementares: por um lado, estava acontecendo uma mudança radical no comportamento dos jovens da classe média ocidental, com o surgimento do movimento *hippie* e suas propostas de convivência em comunidade, voltada para a natureza, com experiências psicodélicas, rompendo com sistemas convencionais de educação, trabalho e família, a favor da liberdade, do amor e paz, inaugurando um novo modo de vida. Por outro lado, num movimento contrastante, militavam jovens comprometidos com uma política progressista, lutando contra as injustiças sociais e a favor das minorias; na universidade, crescia uma política estudantil de esquerda, através da UNE, União Nacional dos Estudantes, brutalmente reprimida pela ditadura militar. As manifestações de dança moderna, pós-moderna e contemporânea no Brasil vieram um tanto

a reboque desses movimentos, sendo minha mestra uma pioneira. Só dez anos depois dos espetáculos de Yanka Rudzka é que as produções coreográficas de vanguarda nacional começaram a se afirmar nacionalmente. Em 1967, os paulistas José Agripino de Paula e minha grande amiga, Maria Esther Stockler, ela, aluna de Maria Duschenes e professores norte-americanos, criaram espetáculos de Dança-Teatro de extrema vanguarda, que renunciaram o Movimento Tropicalista brasileiro, então, em plena gestação, como “Tarzan, Herói do Terceiro Mundo” e “Rito do Amor Selvagem”, com o Grupo Sonda. Aqui na Bahia, o Teatro Vila Velha, casa de espetáculo com projeto de Silvio Robatto, construído com um notável esforço pela Companhia dos Novos, que minha cunhada a atriz Sônia Robatto integrava. O Teatro Vila Velha foi liderado por João Augusto, que criou todo um movimento de música e artes cênicas de vanguarda, acolhendo produções da contracultura, onde, inclusive, foram revelados Ton Zé, Caetano Veloso, Maria Betânia, Gal Costa e Gilberto Gil.

Nesses anos 60, o mundo todo protestava: a luta dos negros nos Estados Unidos, liderada por Martin Luther King, covardemente assassinado; também nos EUA, a mobilização contra a guerra do Vietnã; a revolução cubana liderada por Fidel Castro; a descolonização de muitos países da África, especialmente as colônias portuguesas. O movimento político universitário internacional, que culminou com os estudantes de Paris, em maio de 68. Aqui no Brasil, as frustradas tentativas do movimento de esquerda na luta contra a terrível repressão pelo golpe da ditadura que perdurou por 20 anos. No Brasil, apesar da repressão, surgia o Cinema Novo, liderado pelo genial Glauber Rocha e, na MPB, o breve, porém incisivo, Movimento Tropicalista, integrado pelos baianos Caetano e Gilberto Gil. Esses movimentos transformaram a mentalidade e posturas daquela geração. A partir de então fui despertando para uma consciência mais crítica, porém sensível, formando a pessoa e artista que sou.

Foi muito significativa para a Bahia a sua Primeira Bienal em 1966, onde os ícones da arte de vanguarda como os “bichos”, esculturas articuláveis de Lígia Clark e os “parangolés” de Hélio Oiticica, foram premiados, entre outros. A Bienal da Bahia, montada no então Museu do Carmo, teve a importante participação na sua organização de Clarival Valadares, de Riolan Coutinho e de nosso confrade Juarez Paraiso. Eu também participei oficialmente dessa Primeira Bienal da Bahia, com meu recém-criado Grupo Experimental, num espetáculo coreográfico com música ao vivo, onde eu explorava formas abstratas efêmeras da dança através do uso de objetos e tecidos elásticos pelos bailarinos. Vale notar que, lamentavelmente, a ditadura fechou e confiscou as obras da II Bienal da Bahia em 1968, que já estava montada no convento da Lapa. E alguns dos artistas foram presos.

O ambiente agitado de nossa casa

Silvio, como arquiteto, projetou e construiu nossa linda casa, inaugurada em 1969. A efervescência cultural da época contaminou o nosso ambiente familiar. Nossa casa era frequentada por figuras as mais instigantes que apareciam, permaneciam ou sumiam. Situada na Federação, nossa casa se tornou um ponto de encontro de gente de várias gerações e diferentes atividades, que traziam novas ideias, propostas e trabalhos criativos, como generosamente salientou o confrade Paulo Ormino. Sem nos darmos conta, sem a menor pretensão, ali foi se revelando parte das propostas artístico-culturais que estavam surgindo. A casa tinha espaço para ensaios de dança, escritório de arquitetura e laboratório de fotografia. Professores da faculdade de arquitetura levavam seus alunos para visitas. Recebíamos visitas constantemente, numa intensa atividade, desde altos bate-papos, reuniões de amigos ou preparação de espetáculos, inúmeras festas comemorativas, onde se dançava muito e ainda tinha área para brincadeiras das crianças e sua turminha.

No entanto, apesar de toda essa agitação, a gente conseguia levar uma vida familiar bem estruturada. Por lá estiveram muitos artistas e intelectuais ilustres em passagem pela Bahia, além de tantos desconhecidos e vários bailarinos e artistas colaboradores de nossos trabalhos, e sempre presentes, é claro, nossos queridos amigos mais íntimos, alguns membros dessa academia.

Senhoras e Senhores,

Cumprindo o antigo rito acadêmico da imortalidade, mantendo sempre presente nossos antecessores através da lembrança de seus feitos e glórias, passo a exaltar os notáveis vinculados à cadeira número 15 dessa academia que, com toda honra, venho rememorar aqueles que somaram suas ilustres trajetórias para relevarem a consistência da missão da Academia de Letras da Bahia, a começar pelo Patrono da cadeira número 15, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiiana.

Nosso patrono nasceu em 1812, na cidade baiana de Valença, e morreu em 1867, aos 54 anos, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Viveu uma época de mudanças profundas na sociedade brasileira, com a dinâmica da modernização do país, sob influência das ideias positivistas, tais como a abolição da escravatura e a substituição da servidão e mão de obra dos cativos pelo trabalho remunerado dos imigrantes europeus e por brasileiros assalariados, assim como os incentivos à indústria do país. Desde o Segundo Império, foi implementado no Brasil a consolidação do Exército e da Marinha, culminando no maior conflito armado da história do Brasil, a Guerra do Paraguai. Apesar das mazelas da guerra, foi uma época de crescimento das grandes cidades brasileiras, da construção em larga escala das estradas de ferro, a introdução dos telégrafos e a aquisição dos primeiros aparelhos telefônicos. Nesse contexto, formou-se a personalidade do Barão de Uruguaiiana, que atuou nas políticas públicas do Segundo Império. Ângelo Moniz teve uma atuação relevante no país, assumindo os seguintes cargos: presidente do Conselho de Ministros,

Ministro da Fazenda, Ministro da Guerra e Secretário de Estado dos Negócios, lutando por uma política de economia, através do desenvolvimento das rendas internas e aduaneiras. Ângelo Moniz da Silva Ferraz deve seu título de Barão de Uruguaiana ao seu prestígio junto a Don Pedro II, quando o convidou a acompanhá-lo a uma visita à cidade de Uruguaiana, na qualidade de Governador do Rio Grande do Sul.

Continuando as memórias da academia, relembro o perfil do fundador da Cadeira n° 15, Otaviano Moniz Barreto. Baiano de Santo Amaro da Purificação, doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia em 1883, no período do Segundo Império, uma monarquia parlamentar federal, exerceu a profissão de médico e militou na imprensa, reforçando a luta pela libertação dos escravos.

Otaviano Moniz Barreto foi um ilustre político do século XIX. Já no regime da República, foi eleito e reeleito para o cargo de Deputado Estadual por três mandatos, e no governo de Luis Vianna exerceu o cargo de Inspetor de Ensino, prestando os mais relevantes serviços à educação na Bahia, ocupando, também, o cargo de Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, até 1900. Foi eleito Conselheiro Municipal e presidente do mesmo Conselho. Foi também Senador Estadual por dois mandatos. Escreveu artigos sobre finanças e história, além de notáveis discursos e conferências.

Tenho agora o prazer de falar do nosso saudoso Hélio Simões. Conheci o professor Hélio Simões através de meu marido, Silvio Robatto, que volta e meia colaborava com ele através de suas fotografias, nos mais diversos projetos culturais. O professor era sempre muito animado com o fazer cultural, gentil e solícito. Segundo Jorge Amado em *Bahia de todos os Santos*: “um homem feito de delicadezas, de interesse humano, de amizade, um poeta não só de nos versos com que assinalou original presença na poesia brasileira, mas também na maneira de ser e de viver, na maneira de dar-se aos interesses vitais da comunidade e da cultura...”. Professor de Literatura Portuguesa, fundou o Instituto de Estudos

Portugueses na Universidade da Bahia e foi o primeiro diretor do Instituto de Letras da UFBA. O professor foi um importante elo de aproximação da UFBA com a cultura lusitana, notadamente nos Colóquios de Estudos Luso-Brasileiros. Comprometido com a arte, foi um assessor cultural informal da reitoria, atuando também fora da universidade, participando de eventos e apoiando os artistas, com uma visão avançada para sua época, que adotou desde os primeiros momentos do movimento modernista local *Arvo e Flexa*.

Caros confrades e congreiras,

No cumprimento desse significativo ritual de posse da cadeira nº 15, tenho a honra de falar sobre meu antecessor, João Carlos Teixeira Gomes, que merecidamente obteve em vida as glórias do reconhecimento em várias instâncias, principalmente nessa academia onde recebeu as devidas homenagens, com amizade e ternura de seus confrades e de merecida celebração por parte desta instituição.

Obras, escritos, cargos, João Carlos exerceu muitos ao longo de sua irrequieta vida. Muitos foram beneficiados com sua inconfundível marca. Tantos são seus feitos que, se eu me propusesse a listá-los e comentá-los, como mereceriam todos, ocuparia um tempo infundável. Tudo somado é ainda pouco para tanto talento e força com que enfrentou e usufruiu a vida em toda sua plenitude. Se Joca se contentasse em ser professor de Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, onde foi chefe, em três mandatos, do Departamento de Letras Vernáculas, já estaria de bom tamanho, mas não parou por aí, foi além, lecionando na Escola de Biblioteconomia e Documentação e na Faculdade de Comunicação, ambas da UFBA, alternando a regência das disciplinas de literatura e jornalismo.

Esse ilustre jornalista, que ajudou a fundar em 1958 o *Jornal da Bahia*, na sua sofreguidão de comunicador, desejava atuar sempre muito mais, experimentar várias funções, exercendo todas as possíveis atividades da área, tais como repórter, secretário, chefe de reportagem, redator-chefe e editorialista.

João Carlos Teixeira Gomes, com um perfil confiante e afoito, embarcou em renovadas aventuras, ávido e voraz, viajando, a trabalho ou por prazer, fazia parte de seu desejo inesgotável de abarcar o mundo, conhecer paisagens, cidades e, principalmente, povos diversos. Por vezes indignado e mobilizado contra todo atraso e injustiça social, por vezes animado de expectativas, algumas utópicas, com atitudes temerárias, com seu desassombro, procurou mudar o rumo e corrigir o cenário político ao seu redor, tais como sua célebre e acirrada luta contra Antônio Carlos Magalhães. Nunca foi tímido e nunca se acomodou em posturas “meeiras”. Com sua vontade insofreável de corrigir e transformar o mundo, se fez homem de campanhas e lutas, desfraldando a bandeira de suas causas. Um pendor ético e revolucionário, encarnado como comunicador, usou a palavra como arma de sua luta, mas sem relegar o lado sensível e poético da vida.

Um balanço da história de João Carlos Teixeira Gomes mostra que suas realizações foram múltiplas. Um homem só, atuar tanto como professor, jornalista, romancista, poeta e militante político revolucionário é para poucos. Sua produção literária publicada demonstra a amplitude de seu universo de interesses. Destaco o polêmico *Memórias das trevas*, que teve quatro edições, a primeira em 1997 e a quarta em 2001. Sua última obra, *A brava travessia*, publicada em 2016, se divide em três partes, como o título indica, pela junção das quais o autor cobre uma substancial parcela da sua trajetória profissional. Publicou mais de 12 livros, com relevância para a monumental biografia de seu dileto amigo e companheiro desde a juventude, Glauber Rocha, que o considera, para além de gênio, um vulcão de temperamento e ideias indomáveis.

Finalizo minha louvação a João Carlos Teixeira Gomes compartilhando com muitos o inquestionável fato de que se trata de uma personalidade relevante da nossa intelectualidade baiana, comprometido com as questões políticas, sociais e culturais dessa sofrida, mas também abençoada, terra.

Senhoras, Senhores

Continuando o ritual de posse nesta academia, sigo a apresentar a vocês um resumo do conjunto de minhas atuações. Tentei expressar coreograficamente toda minha vivência, produzindo um conjunto de mais de 40 espetáculos temáticos, que mereceu uma fortuna crítica com cerca de 60 artigos assinados e publicados a respeito. Tive o privilégio de contar com a colaboração de mais de 500 bailarinos ao longo de minha carreira. Intérpretes criativos que muito enriqueceram meu trabalho, que integraram meu Grupo Experimental de Dança, ou bailarinos e atores convidados, além de bailarinos de outras companhias, como o BTCA, grande parte deles, durante o processo de ensaios, se tornaram meus amigos. Apesar de importância para mim e de terem construído uma carreira significativa na área, são tantos colaboradores que é impossível citá-los aqui. Destaco apenas aqueles que até hoje convivem mais intimamente comigo e alguns dos quais que também trabalharam comigo como professores das escolas que criei, tais como Beth Rangel, Carlos Petrovich, Conceição Castro, Deolindo Checucci, Dina Tourinho, Elísio Pitta, Fátima Suarez, Ivete Ramos, José Possi, Lais Salgado, Lucinha Mascarenhas, Léo Reis, Marcelo Moacir, Marta Saback, Márcia Carvalho, Rita Brandi, Rita Lacrota, Sônia Gonçalves, Suki Villas Boas, entre muitos outros queridos profissionais da dança.

Conceito de Dança

A minha postura na dança é marcada tanto pela busca de novas formas de expressão como pelo domínio da linguagem do movimento corporal, pela busca do sentido do gestual e pela exploração estética, conceitual e dramática do espaço cênico. Sempre contei com a colaboração de artistas plásticos, figurinistas, compositores musicais, dramaturgos e com forte inspiração na literatura, tais como: diretores de teatro, Alberto D'Áversa,

José Possi, Márcio Meirelles, Lindemberg Cardoso, compositores, Ernst Widmer, Walter Smetack, Tom Zé, Tuzé, Fernando Cerqueira, artistas plásticos, Jacyra Oswald, Caribé, Chico Liberato, Jota Cunha, entre tantos outros. Desenvolvi uma perspectiva sobre a cultura local que foi além do encantamento, numa reflexão crítica, com um distanciamento construtivo, sem perder a percepção sensível das manifestações abordadas. Acredito que a arte pode reequilibrar ambientes excessivamente opressores, racionais ou tecnicistas pelo pensamento sensível, onírico ou pela brincadeira e até pela irreverência, compartilhando diferentes padrões estéticos. A arte do movimento atende a questões psicofísicas, sendo o próprio corpo o instrumento de trabalho, depositário de nossas vivências pessoais e marco de nossas heranças genéticas, étnicas e culturais. Dar forma a uma obra coreográfica propicia a mim um sentido à minha vida, quando posso idealizar livremente, optar por ideias conflitantes com uma legítima autoridade advinda da capacidade de decisão artística, o que nem sempre em nossa vida real é possível. Sempre me sinto entre desbravadora confiante e ao mesmo tempo fragilizada, tomada por todas as incertezas artísticas, onde não há fórmulas que garantam o acerto da obra em processo de criação. Essa atividade autoral me dá a sensação de um desdobramento e revelação de mim mesma e de uma visão de mundo. Na dança tentei encontrar o sentido da nossa existência e uma partícula do mistério do mundo.

Mas eu precisava entender todo esse processo criativo do movimento corporal, e a palavra é, sem dúvida, o instrumento por excelência para reflexão e análise, o que a dança não dá conta. Daí eu ter me voltado também para a escrita. Tive que aprender a transpor em palavras tudo o que sempre expressei dançando. Foi e ainda é uma tarefa difícil e desafiadora. Meus textos mesclam fundamentos teóricos com relatos de experiências, memórias e sensações de ordem subjetivas. Eu fui aprendendo a organizar ideias fugazes sobre a dança, uma linguagem do indizível, transformando conceitos estéticos efêmeros

e narrativas coreográficas ambíguas em textos mais consistentes e objetivos, em busca de uma possível elucidação do inexplicável da arte. Não sei em que medida consegui alcançar esse objetivo.

Dança Ambiental

Houve um momento em que percebi que o palco italiano não continha dimensão suficiente para abarcar todo esse universo que eu gostaria de revelar e recriar em meus espetáculos. Extrapolando a casa de espetáculo convencional, parti para ocupar outros espaços, em coreografias ambientais e itinerantes de grande porte, quebrando com o formato convencional de espetáculos, numa busca de novos conceitos e estéticas cênicas. Tive que descobrir estratégias criativas para driblar a censura e desfraldar a bandeira da liberdade, tais como imagens significativas e metáforas gestuais, dificilmente percebida pela polícia castradora, mas pouco inteligente, da ditadura.

Minhas coreografias foram fotografadas por Silvio Robatto, algumas das quais agora exibo para vocês, constituindo uma parcela importante de meu acervo, constituído de fotos, críticas, matérias jornalísticas, anotações de processos coreográficos e ensaios de espetáculos, projetos de montagens, planos de aula, programas impressos e imagens – filmes, vídeos, entrevistas –, hoje sob a guarda do Centro de Memória da Bahia da Fundação Pedro Calmon.

Como profissional da dança, tenho a satisfação de ter desenvolvido a capacidade de realização. Percebi desde cedo que não bastava ter talento, não bastava ser criativa, não bastava ter boas ideias, que era preciso ter capacidade de empreender para apresentar o produto final de um projeto. Procurei me empenhar em concluir minhas propostas de ensino ou de obras artísticas, desenvolvendo a competência de realizar toda a cadeia produtiva necessária. Para isso, desenvolvi processos de pesquisa artística e criação coreográfica além de práticas da dança próprias,

que tentei sistematizar em meu primeiro livro, *Dança em processo: a linguagem do indizível*, publicado pela Edufba em 1994. No meu segundo livro, *Passos da dança*, que escrevi junto com Lucinha Mascarenhas, tentamos levantar, sem conseguir esgotar, o contingente de profissionais da dança e instituições voltadas à dança na Bahia, com seus depoimentos históricos, publicado em 2002 pela Fundação Casa Jorge Amado. Como arte-educadora, desenvolvi métodos de ensino que também tentei sistematizar no meu terceiro livro, *Dança, uma via privilegiada de educação*, também publicado pela Edufba, em 2012, no qual faço um relato de minha experiência de criação da Escola de Dança e Capoeira e da Companhia Jovem de Dança Gicá no Projeto Axé, uma organização social que atende meninos em situação de rua sob a admirável direção de Cesare La Rocca, que muito me ensinou sobre o poder e a abrangência da arte-educação para meninos prejudicados socialmente.

Exerci atividades acadêmicas durante 25 anos, como professora da UFBA, atuei como gestora cultural, especificamente na área das artes cênicas na FUNCEB, onde tenho orgulho de ter criado a Escola de Dança, que vem atingindo grande número de alunos de uma camada social que antes não tinha acesso à dança, formando bailarinos e coreógrafos. Diversos deles seguiram os estudos universitários e hoje são profissionais com uma carreira consolidada, apesar das dificuldades da área. Ensinei na Escola Parque de Anísio Teixeira, onde implantei o ensino de dança, *idem* na Escola Técnica da Bahia. Participei de muitas comissões, fui membro do Conselho de Cultura da Bahia por 12 anos, chegando a ser sua presidente. Recebi honrosos prêmios municipais, estaduais e nacionais e, coroando minhas realizações, agora sou agraciada com essa entrada para a Academia de Letras da Bahia.

Completei 81 anos em janeiro de 2021. Claro que gostaria de ter feito muito mais, mas foi o que deu para fazer. Como é bom ter vivido plenamente desde muito nova, arriscando muita coisa, talvez um tanto ingênua e irresponsavelmente!

Ao relatar meus feitos para vocês, me dei conta que para minha honra, não foram os importantes prêmios e provas de reconhecimento que recebi ao longo de minha carreira como artista, mas foi ter tido o privilégio de ter convivido com tanta gente, das mais modestas às mais notáveis. Minha fortuna pode ser mensurada pelo rol de pessoas que foram importantes referências para mim ou com quem tive a oportunidade de usufruir de companhia ou de seus conhecimentos, cada qual na sua área do saber e do fazer, por mais discretas que fossem, e de ter compartilhado da amizade e confiança de personalidades para mim significativas assim como de ter contado sempre com o apoio incondicional dos meus diletos camaradas e familiares mais próximos.

Orgulho mesmo tenho é de ter construído uma vida rica de realizações com meu parceiro por 50 anos, o arquiteto e fotógrafo Silvio Robatto, que me ensinou a desvendar sua terra, a Bahia, hoje minha também, e de ter sabido usufruir das suas múltiplas qualidades como um homem de bem que soube e me ensinou a ser feliz. Esse orgulho se estende à criação de nossos filhos, Lucas e Pedro Robatto, ambos músicos da Orquestra Sinfônica da Bahia e professores doutores da Universidade Federal da Bahia, dois filhos e quatro netos que também sabem dos segredos e sabores de singrar por estes ventos dessa linda e acolhedora terra e mar da Bahia.

Ao terminar meu discurso, quero louvar Ordep Serra, o novo presidente da Academia de Letras da Bahia, a vice-presidente, Edilene Matos, o primeiro secretário Carlos Ribeiro, assim como toda a sua valorosa equipe de secretários, tesoureiros e diretores que, por seu alcance de ideias e sua competência, que hão de imprimir um novo conceito e novo tempo de realizações. Desejo muito sucesso nesse empreendimento.

Nesta Casa, convivem relevantes representantes da nossa sociedade em diálogos e debates, confrontando eventuais divergências e diferenças de linhas de pensamento,

exercendo o importante ofício do livre pensar, comprometidos com o bem-estar e a cultura da Bahia. Temos a missão de contribuir, cada qual na sua área de atuação e com sua linguagem, para a construção de uma sociedade mais justa, soberana, criativa e próspera. Somos portadores dos variados pensamentos e sentimentos da nossa gente, tão diversos como suas múltiplas identidades.

Muito Obrigada.

Salvador, 17 de março de 2021.

Lia Robatto é diretora, coreógrafa, dançarina e professora aposentada da Escola de Dança da UFBA. Pioneira da Dança Moderna no país, concebeu e levou à cena diversos espetáculos que marcaram época. Atuou também em atividades de dança e educação em instituições como Escola Parque, Escola Técnica Federal da Bahia, Escola de Arte Integrada e Instituto Casa Via Magia. Realizou atividades de curadoria para o Mercado Cultural, em Salvador, entre 1999 e 2004, e para o Ateliê de Coreógrafos (Bahia), entre 2003 e 2006. Reconhecida, premiada e condecorada, reúne parte de sua experiência artística nos seus livros: *Dança em Processo, a linguagem do indizível* (1994), *Passos da Dança*, em coautoria com Lúcia Mascarenhas (2002) e *A Dança como Via Privilegiada de Educação* (2012). Desde 2021 ocupa a Cadeira nº 15 da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE RECEPÇÃO A LIA ROBATTO NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

ORDEP SERRA

Estamos em festa, amigos. Uma bela ciranda nos enlaça, envolve-nos a todos no espaço luminoso de um rito afortunado. Acolhemos a graça que transforma o corpo em música, recebemos a bênção dos movimentos inspirados, recebemos Lia Robatto. Tenho a honra de saudá-la, mas não estou sozinho nesta recepção. Além dos que se fazem presentes desde longe, navegando nas ondas eletrônicas, outros acadêmicos nos aparecem na tela da memória, movidos por imortal carinho: ligam-se a nós neste belo momento através de uma rede ainda mais sutil, que atravessa o tempo. Como deixariam eles de festejar quem tanto os encantou?

Prestem atenção, meus amigos: Jorge Amado está sorrindo e a seu lado Zelia Gattai joga beijos. Edgar Santos aplaude, feliz de ver o ingresso em nossa Academia de uma estrela da constelação de artistas que floresceu na Boa Terra por obra e graça de sua inspiração, transmitindo a sua universidade o viço de uma beleza radiante.

Não há dúvida, Mestre Muniz Sodré: Mãe Stella também está contente. Afinal foi em seu terreiro que Lia foi declarada baiana por Oxum. A profecia da Senhora da Beleza realizou-se logo, pois ninguém a pode contestar, nada resiste a seu comando. A própria Lia conta com graça essa história e revela que as palavras divinas

pronunciadas pelo Orixá numa língua musical foram-lhe então traduzidas por um grande artista, um intérprete do sagrado que alcançaria elevado destaque nesta Roma Negra: Mestre Didi, ninguém menos. Conforme o futuro Alapinin revelou à jovem dançarina, Oxum predisse e determinou que ela ficaria para sempre ligada a esta terra onde os deuses dançam. A fim de consumir seu decreto soberano, a deusa se valeu do mais poderoso de seus feitiços: o amor. Coube a um talentoso arquiteto e fotógrafo baiano o privilégio de fazer cumprir-se o mandado divino, a profecia de Oxum. Com gratidão saudemos Sívio Robatto, homem abençoado. Ele é também uma presença incontestável no dia de hoje. Somos uma Casa da Memória, nossa instituição vem a ser um de seus templos. Por graça da Mãe das Musas, como a chamavam os antigos helenos, podemos acolher um ilustre cortejo, acompanhar a bela ciranda a que Lia se integrou, desde sua chegada a nossa terra.

Um grupo se destaca, atendendo ao chamado de Edgar Santos. Já vemos com clareza Joachim Kollreuter, o maestro inspirado, trazendo consigo Ernst Widmer e Walter Smetak, à frente de uma fantástica constelação de músicos reunidos para o seminário de que logo brotariam Lindenbregue Cardoso, Rinaldo Rossi, Jmary Oliveira, Fernando Cerqueira, Paulo Costa Lima e tantos outros. Numa ala paralela, vem Martim Gonçalves, puxando um cordão não menos esplêndido. Veja, querida Cleise Mendes, quanta riqueza! Repare como brilha o cordão que de súbito se divide e se multiplica. Aí vem João Augusto com os Novos, preparando o ninho de múltiplos talentos. Olhe só quem aparece de repente, de câmara na mão e um mundo de ideias na cabeça: ele mesmo, Glauber Rocha, o encantado da Terra do Sol.

Mas a festa está só começando. Vamos aplaudir com carinho a divina Yanka Rudzka, que nos deu a joia chamada Lia Robatto e abriu caminho para a formação da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Já enxergo Rolf Gelewsky

a firmar-lhe os alicerces — e entre seus pupilos encontro um grupo de queridas amigas, à frente Dulce Aquino e Laís Salgado Góes, hoje dançarinas coroadas por uma longa história de sucessos. Lia também, como Dulce, viria mais tarde a assumir a direção da famosa Escola, depois de ter fundado e dirigido grupos de grande prestígio. Maravilhosos corpos de baile entram assim em nossa festa.

Mas o cortejo não acabou. O apelo do Mestre Jorge Amado faz surgir a nossos olhos um bando colorido de artistas de que ele se cercava, e que a dança de Lia fascinou. Querido Mestre Juarez Paraíso, olhe quem vem nesta procissão: Carybé, Mario Cravo, Genaro de Carvalho, Mirabeau Sampaio, Calazans Neto. Eles atravessam a casa iluminada de Alexandre Robatto e logo nos alcançam com o encanto de sua força criativa. Eu os vejo a seu lado, Mestre Juarez, pois é você que os reúne e representa nesta nossa pequena, mas calorosa, cerimônia de recepção.

Estamos a reviver um momento magnífico, um período brilhante em que a Bahia se fez vanguarda artística do Brasil. Ouço o violão mágico de João Gilberto, sinto despontarem os brotos da Tropicália. Tempo vibrante de Salvador, tempo de Lia, que ela prolonga até hoje com seu encanto.

Não chegam sozinhos os artistas. Juntam-se a eles homens ilustres que alcançaram grande nomeada em diferentes áreas, lutando por justiça, reclamando educação para todos, plantando cultura e fraternidade. Entre eles, reconheço com emoção os vultos gigantescos de Abdias Nascimento e Anísio Teixeira.

Mas deixo agora aos amigos e amigas, confrades e confrades, o trabalho de reconhecer os demais participantes do coro luminoso que invade nossos corações na festa de Lia, formando um delicioso afoxé — presidido, sem dúvida, pelo Caboclo que a nova acadêmica celebrou de modo genial num espetáculo inesquecível.

Como é de praxe, devo cumprir outro rito, um protocolo de apresentação, mesmo sabendo que todos aqui conhecem a trajetória luminosa da nova acadêmica. Começarei falando da menina adorável que floresceu num lar de artistas, filha de uma pintora e de um poeta inovador que fazia dançarem as palavras. Numa casa com vocação de vanguarda, onde se respirava cultura, num ambiente banhado em música, a menina bem cedo teve sua inclinação artística manifesta e estimulada com vigor. Quis a boa fortuna que ela vivenciasse o florescimento do Museu de Arte Moderna de São Paulo, convivesse com grandes nomes das artes cênicas, desfrutasse do que havia de mais novo e criativo na metrópole paulista em matéria de arte, literatura, música, teatro. O momento da epifania foi sua descoberta por Yanka Rudzka, que, além de iniciá-la no conhecimento dos processos criativos da dança moderna, ainda a conduziu a nossa terra, como que guiada pelos deuses para aqui encaminhá-la ao zênite da carreira e fazê-la assumir sua vocação de baiana. Pois é evidente que Lia nasceu com esta vocação. Só assim se explica a facilidade com que absorveu os jeitos e manhas, os saberes, os caprichos, as artes de nosso povo. E se tornou capaz de interpretá-lo como poucos. Tem um quê de feitiço a poderosa alquimia de sua dança, que combina o que há de mais refinado na arte coreográfica moderna com ricas expressões de nossa mais pura lavra popular. É mágica sua leitura do corpo sertanejo, das ondulações sensuais do Recôncavo, do fluxo vigoroso de gestos ancestrais oriundos das profundezas de nossas fontes africanas.

A inesquecível Lina Bo Bardi, em sua passagem por nossa terra, nos brindou com exposições do que havia de melhor no campo das artes plásticas do chamado Primeiro Mundo e ao mesmo nos revelou a maravilha do design popular baiano. Lia fez coisa parecida e foi mais fundo no seu mergulho, na ousadia da transposição, no jogo de combinações arrojadas,

revelando e simultaneamente criando uma escrita de movimentos, uma semiologia carnal, uma gramática de signos móveis que nos identifica e ao mesmo tempo nos surpreende. Ela incorporou a sua rica inteligência de bailarina e pesquisadora o melhor que temos: a tradição de inventar. A Bahia que Lia tem na alma é tão inquieta e vigorosa, tão provocante e arrebatadora que se espalha pelo corpo de seus dançarinos com uma força incontável. Sua imaginação coreográfica transborda. Lembrem-se amigos, de como ela envolveu uma praça inteira em inconsútil roupa de dança; de como ela desnudou de forma fantástica o belo edifício de nosso maior teatro, em cujo ventre mergulhou os espectadores para em seguida torná-los espetáculo, depois de os hipnotizar com a móvel grafia de bailarinos que de diferentes modos lhes traduziam o espaço e o reinventavam, convertendo-o em ator e drama. Lembrem-se, amigos, de como, ao toque desta feiticeira, o Teatro Castro Alves dançou. Recordem a arrebatadora passagem dos Caboclos como um vagalhão a derramar-se pelo Ibirapuera, carnavalizando de forma lírica, poderosa e rebelde, a Bienal Latino-Americana. São apenas dois exemplos. Lia Robato tem um curriculum riquíssimo, como dançarina, coreógrafa, produtora, educadora, pensadora da dança, teórica respeitada neste sutil domínio da estética, criadora e inovadora em artes cênicas, doutora com vasta bagagem de pesquisa e experimentação, mestra admirada tanto no Brasil como no exterior. Seu prestígio no mundo artístico brasileiro é extraordinário, tão grande quanto merecido. E seu prestígio internacional está fora de dúvida. Atestam-no sua participação em congressos em diferentes países, os cursos que ministrou na Cidade do México, em Buenos Aires, em Florença, por exemplo, para não falar do convite que recebeu do Governo dos Estados Unidos da América da Norte para, durante um mês, estabelecer contato com a vida artística e cultural daquele país, percorrendo diferentes cidades.

Lia Robatto então atuou como uma espécie de embaixatriz de nossa cultura e de lá nos trouxe um rico cabedal de conhecimentos, que, em contato com sua criatividade, resultaram em ganho exponencial para seus alunos e seu público.

Durante os anos de chumbo da ditadura militar que infelicitou nosso país e teve um impacto brutal sobre as instituições culturais, tolhendo suas atividades, Lia Robatto soube resistir com astuta firmeza, driblando habilmente a censura, superando barreiras com sabedoria, abrindo espaço para a liberdade com o vigor de sua arte. Sua tenaz e sutil resistência nos serve hoje de exemplo. Em tempos de escuridão, pessoas assim são indispensáveis.

Merece destaque, também, o trabalho de nossa nova acadêmica como educadora dedicada e generosa. Para a Academia de Letras da Bahia, é motivo de orgulho receber em seu seio uma colaboradora de Anísio Teixeira, grande homem para com quem todos os brasileiros têm uma dívida de gratidão. Esta dívida é mais cogente ainda para os baianos e sobretudo para nós, acadêmicos, em face do compromisso que temos com a educação, com a cultura, com a inteligência. Merece profundo respeito a mestra que participou com dedicação e carinho do belo projeto da Escola Parque. Ao festejá-la, temos a grata sensação de estar homenageando também a memória de um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

Chamo a atenção dos amigos para uma característica da novel acadêmica: faz parte de sua natureza a generosidade. Ela o tem mostrado muitas vezes. Sua participação no Projeto Axé dá claro testemunho disso. Uma vocação amorosa parece mover Dona Lia, mestra de uma dança que ampara e protege, que alenou muitas crianças e jovens ao longo de sua carreira, expandindo com o brilho da arte sua infatigável maternidade.

Lia poeta, você está em casa. Não lhe dou esse nome por simples capricho, não o emprego de forma gratuita. Você o merece, não só por ter traduzido em dança textos líricos e dramáticos,

mas sobretudo por ter, com sua luminosa sensibilidade, com sua vigorosa inteligência estética, criado muitos poemas cênicos, muitos e brilhantes corpoemas. Não acredito que meus sábios ouvintes reclamem desse neologismo que talvez soe bárbaro, mas considero necessário. Os gregos que nos legaram a palavra “poeta” a entendiam de forma muito mais elástica do que hoje o fazemos, quando a aplicamos apenas aos agentes de um só modo de criação estética. Eles reconheciam a poesia em suas obras de arte as mais variadas. E nunca se cansaram de dizer que as Musas eram dançarinas.

Seja bem-vinda a sua nova casa, querida acadêmica Lia Robatto.

Salvador, 17 de março de 2021.

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é Alalá do Luaréu (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.



LUZES NA HISTÓRIA

PELAS PALAVRAS DE UM MESTRE

Discurso de posse na Cadeira nº 1

EMILIANO JOSÉ

Este é um momento especial. Uma distinção, honraria, ser recebido como integrante da Academia de Letras da Bahia. Saúdo a todas, a todos com imenso carinho e respeito.

Saúdo o querido presidente, Ordep Serra, de quem me orgulho ser amigo há mais de 30 anos. Exemplo de intelectual público, atento sempre às melhores causas da humanidade.

Saúdo o querido arquiabade do Mosteiro de São Bento, dom Emanuel D'Able do Amaral, e o faço em reverência a uma instituição secular, defensora dos direitos humanos, capaz de abrigar e defender perseguidos políticos durante a ditadura militar, e em reverência ao intelectual, integrante dessa Academia, principal responsável pela indicação de meu nome a essa Casa, surpreendendo-me.

Saúdo ao religioso comprometido com os humilhados e ofendidos, a suceder nomes extraordinários, como dom Jerônimo de Sá Cavalcanti e dom Timóteo Amoroso Anastácio, símbolos da resistência e acolhimento de perseguidos políticos, como o abade dom Majolo, cuja coragem impediu, em 1912, a demolição do Mosteiro de São Bento pretendida por J. J. Seabra com seu *urbanismo demolidor*, conforme o registro feito pelo nosso querido amigo e confrade, Fernando da Rocha Peres, em sua notável obra, *Memória da Sé*.

Saúdo a todas as companheiras integrantes da Academia, a todos os companheiros. Cumprimento numa distinção a dois integrantes: Florisvaldo Matos e João Carlos Salles.

Florisvaldo Mattos, não fosse o conjunto de sua notável obra, poeta, sua condição de memorável jornalista, a estreitar laços com minhas atividades profissionais, e haveria *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*, a indicar proximidade com o querido professor Luís Henrique Dias Tavares, meu predecessor nessa Cadeira número um. Ao saudá-lo, cumprimento de modo muito especial aos meus colegas jornalistas e da área de comunicação, acadêmicos desta casa.

A João Carlos Salles, amizade de décadas, de quem guardo a imagem do menino de 15 anos em reunião do jornal *Em Tempo* em 1977. Desde então, pude acompanhar seus passos, seu notável crescimento intelectual, filósofo de dimensão nacional e internacional. Ao distingui-lo, faço-o sobretudo pela sua condição de reitor de nossa Universidade Federal da Bahia, em segundo mandato, e pelo seu sólido e corajoso desempenho em favor da Universidade brasileira, presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior entre julho de 2019 e julho de 2020.

A voz dele elevou-se em defesa da natureza pública, laica, universal, fundada na ciência e na produção intelectual autônoma, de nossa Universidade, contra a atitude obscurantista e repressiva, e de cortes orçamentários do governo federal. Ao lembrá-lo o faço com o coração voltado também para os tantos dessa Academia nascidos sob as bênçãos e saberes compartilhados na Universidade Federal da Bahia, primeira universidade pública desse Estado. Ao distinguir os dois, cumprimento, abraço a todas as irmãs, irmãos desta Academia.

Chego a essa Casa porque sou jornalista.

Foi o jornalismo a me dar régua e compasso.

Digo isso por verdadeiro.

E como homenagem aos meus colegas de profissão, a lutar sempre pela liberdade de expressão, pelo direito do povo de ser informado, pelo exercício cotidiano na busca incansável da verdade. Duro exercício, tanto pelas dificuldades vindas do Estado

quanto das corporações monopolistas de comunicação, cujos interesses estão invariavelmente vinculados às classes dominantes, distantes da vida das maiorias espoliadas, os mais pobres, contingente a crescer assustadoramente nos anos mais recentes.

O jornalismo me fez escritor.

Ali pelo final dos anos 60, era apaixonado por futebol. Pelo Santos Futebol Clube mais especificamente. Como resistir ao time de Pelé? Pretendi então ser jornalista esportivo. Acompanhava os jogos pelo rádio, admirava narradores, repórteres de campo, comentaristas. Ouvir os jogos pelo rádio é experiência única, os mais velhos sabem. Acreditava-me bom redator, dera aulas de redação a colegas no ginásio. Procurei a sucursal do “Jornal do Brasil” em São Paulo. Queria um estágio. Nada. Recebido com indiferença, quase desprezo. Não, não nasceria ali a minha vida de jornalista.

A Revolução, amante implacável, me arrastou, me levou à luta contra a ditadura e ali pelo final de 1968 já era clandestino. Dois anos depois, preso na Bahia, quatro anos confinado na Penitenciária “Lemos Brito”.

Na prisão, fui o redator do *Jornal de Notícias*, publicação em meia folha de papel ofício escrita à mão, notícias de não mais de três linhas tiradas de meia em meia hora de um radinho de pilha, distribuídas mais ou menos ali pelas 19 horas entre os companheiros, em exemplar único, devidamente queimado na última cela. Primeira experiência real como jornalista.

Recém-saído da prisão, a *Tribuna da Bahia* me acolheu, corajosa e solidária. Outubro de 1974. Iniciava ali minha trajetória profissional. Tive vários mestres no jornalismo. Homenageio quatro deles. Na *Tribuna da Bahia*, José Barreto de Jesus e Gustavo Falcón. No *Jornal da Bahia*, Césio Oliveira. No “*Estadão*”, Carlos Navarro Filho. Cada um, de seu jeito, me deu régua e compasso. A eles, reverência, sempre.

E como se chega ao escritor?

É uma construção. Nem sempre percebida por quem a vive. Entrevistei um ex-colega de prisão, Olderico Campos Barreto,

ali pelo ano de 1978. Levei o conteúdo para Mariluce Moura, respeitada jornalista e amiga, viúva de Gildo Macedo Lacerda, assassinado pela ditadura, e a quem ela nunca pôde sepultar. Pensava em publicar a entrevista em algum veículo. Mariluce leu atentamente a entrevista, e me desaconselhou. Contrapropôs: faça um livro sobre Lamarca. Segui o conselho. E surgiu *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*, escrito por mim e por Oldack Miranda, hoje na 18ª edição, um best-seller.

De lá para cá, foram 15 livros, o último deles, *O cão morde a noite*, autobiografia a cobrir da minha infância à saída de prisão, passando por ditadura e pela minha própria tortura.

Há três livros sobre a imprensa e o restante são biografias ou relatos sobre o período da ditadura no Brasil e na Bahia de modo especial.

Uma pergunta paira sobre essa produção – qual o parentesco entre ela, pautada numa herança jornalística, ou, se quiserem, em técnicas jornalísticas, e a literatura? Pergunta a pairar, quem sabe, na cabeça das ilustres companheiras e companheiros dessa academia, e a me perturbar, creiam.

Não deixo de refletir sobre isso. Nunca me rendi à ideia da supremacia absoluta dos fatos, tão cara ao jornalismo. Por mais sejam os fatos a matéria-prima essencial da atividade jornalística, eles jamais deixam de estar submetidos a uma interpretação.

Essa interpretação não pode ser encarada apenas como um atributo individual. Ela nas redações nasce, se desenvolve a partir de cadeias de poder, decorrente do rumo editorial de cada veículo, e os jornalistas são levados a seguir tal rumo, além, é claro, de incorporarem valores sociais bem mais amplos advindos de instituições como a escola, a família, as religiões, do Estado – da ideologia dominante, enfim.

Não se quer, com isso, eliminar os momentos de iluminação de um repórter, a escapar do círculo de giz do pensamento hegemônico, socialmente constituído. Os fatos, para resumir, são, assim, levados ao distinto público de acordo com uma interpretação.

Quando olho para trás, observo: enquanto sobrevivida da atividade cotidiana do jornalismo, e não posso deixar de ser grato a isso, corria para as margens, de modo a produzir uma obra a ser caracterizada como simbiose entre jornalismo e literatura. Não, não quero ser pretensioso, embora possa parecer. Ressalto, não para me defender: muitos dos meus colegas, extraordinários jornalistas, fizeram e fazem isso: literatura. Valendo-se do jornalismo.

Quando penso nas biografias, nos inúmeros relatos sobre a repressão no Brasil, nos tantos livros sobre o período, penso em personagens, a propiciar um dos encontros entre a literatura e o jornalismo. Vou atrás dos fatos, incontornáveis, embora nunca congelados, e passo, a partir deles, a esculpir os meus personagens. São construídos por mim, a partir de meus referenciais, e passam muitas vezes a me guiar, e isso não quer dizer que fuja à realidade, sempre diversa, múltipla, colorida.

Os diálogos vão aparecendo, sendo construídos, nem sempre como ocorreram, porque impossível muitas vezes recuperá-los como tal, correspondendo ao acontecido, não obstante. Tudo checado, perguntas e mais perguntas, pesquisa e mais pesquisa.

Como qualquer romancista, durmo e acordo pensando em meus personagens. Sonho com eles. Sou atormentado por eles. Tomado por eles. E o texto deve abrigá-los, reconhecê-los. Choram, se emocionam, sofrem, são vítimas de violências e eu devo traduzir isso em suas humanidades, a partir dos fatos, meu chão.

O texto escapa ao chão, voa.

Sem perder o chão de vista.

Estou refletindo sobre isso, sobre meu trabalho, pela primeira vez, aqui, diante dessa Academia. Ainda vivo um processo relativamente doloroso de libertação dos grilhões do fato, tal e qual o jornalismo me educou. Penso nisso e acho curioso. Tão essenciais, os fatos, se não nos acautelarmos transformam-se em grilhões a oprimirem o texto, a inibir a criatividade.

O jornalismo me deu a base, a insistência na checagem das coisas, para não partir de dados falsos. A partir dessa base, então, voar, criar, admitir a subjetividade dos personagens, desenvolvê-la. Não como romance, mas a partir da vida deles, delas, envolver o leitor na teia da existência humana, tão diversa, tão rica, exuberante. Estrutura e superestrutura, a antiga metáfora a me orientar.

Dou de barato possam ter razões os argumentos contrários a qualquer parentesco rigoroso entre jornalismo e literatura. Ter razões não significa concordar com eles, mas dizer de sua coerência interna. Afinal, o jornalismo parte dos fatos, está ancorado neles, já se disse. A literatura, na imaginação, não obstante nunca fuja do ofertado pela vida. Insisto, no entanto: é possível e real o parentesco entre jornalismo e literatura.

Tive a sorte de só trabalhar personagens da história alinhados, próximos das ideias defendidas por mim. Sorte, não: fiz escolhas. Personagens fortes da história, capazes de tantas atrocidades, esperam ou tiveram biografias. Justo, tivessem ou venham a ter. Minhas escolhas são conhecidas.

Talvez tenha me sentido tentado a voos teóricos em torno da relação entre o jornalismo e a literatura por conta das lições de mestres da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, onde fiz a graduação, o mestrado e o doutorado. Foram vários. Destaco um, orientador de meus Mestrado e Doutorado: Albino Canelas Rubim, exemplo de professor, intelectual e homem público. A ele serei sempre grato, e ao destacá-lo, honro os demais.

De mim, creio bastar. Dizer: os outros sabem muito mais de nós. Quando nos avaliamos, em geral fracassamos. Por isso, me contentaria se me considerassem o que verdadeiramente sou: jornalista. Simples assim. Dei de escrever sobre as dores do nosso País, da ditadura e seus horrores, de nossa ancestralidade escravocrata, das heranças marcadas pela brutal desigualdade, pelo racismo, a nos afrontarem nos dias de hoje de modo obsceno. Essas buscas marcam meus escritos.

E dou outro passo, agora.

A cadeira número um, ocupada a partir de hoje por mim graças à generosidade das companheiras e companheiros dessa Academia, tem como patrono Frei Vicente Salvador, homem de rica trajetória, autor de *História do Brasil*.

Tentou evangelizar índios. Admirava Bartolomeu de las Casas, defensor da ideia de que os únicos donos do Novo Mundo eram os indígenas. Dele, dirá Darcy Ribeiro, foi o primeiro intelectual assumido como inteligência do povo nascente capaz de olhar nosso mundo e os mundos dos outros com olhos nossos, solidário com nossa gente.

O primeiro ocupante dessa cadeira número 1, José de Oliveira Campos, deixou trabalhos considerados indispensáveis a quem estuda nossa História, como o estudo sobre limites territoriais entre Bahia e Espírito Santo e a biografia do educador Abílio César Borges. Foi diretor da Biblioteca Pública.

Afrânio Peixoto, sucessor de José de Oliveira Campos, conforme registra Luís Henrique Dias Tavares, foi durante anos afastado do que era considerado grande literatura. Com o passar do tempo, foi abraçado como um escritor capaz de retratar bem a sociedade atrasada do interior baiano. São lembrados seus romances *A Esfinge*, *Bugrinha*, *Maria Bonita* e *Fruta do Mato*.

José Wanderley de Araújo Pinho notabilizou-se como político. Antecessor de Luís Henrique Dias Tavares na Academia de Letras da Bahia, deputado federal mais de uma vez e prefeito de Salvador duas vezes. A vocação, no entanto, foi encontrada na História. No estudo, na pesquisa, na formulação histórica, realizou-se. Essa afirmação vamos encontrar também no professor Luís Henrique Dias Tavares, um devotado admirador de Araújo Pinho, para quem ele teria aberto caminhos e clareiras para a história social do Brasil. Ensinou-o a ir às fontes originais.

Outro passo, agora, o mais importante. Falo do mestre, meu protagonista aqui. Do mestre Luís Henrique Dias Tavares. Ele me precedeu nessa Cadeira número 1.

Gosto, gosto muito, de uma apreciação de Antonio Candido sobre os homens de alto relevo. Primeiro, são reconhecidos e avaliados em âmbito restrito apenas pelos que partilham o seu modo de ver. Mas quando vai sendo percebido que a ação e o pensamento, a sensibilidade deles correspondem ao que há de mais profundo nas aspirações e necessidades de todos, o significado deles vai se alargando até despertar a admiração e o respeito mesmo dos que não concordam com as suas ideias.

Os protestantes acabam admirando São Vicente de Paulo, os ateus admiram o fervor corretivo de Martinho Lutero, os comunistas homenageiam João XXIII. Dizia isso para referir-se a Carlos Marighella, em prefácio ao livro escrito por mim sobre o dirigente comunista. Dirá: independentemente de estar ou não de acordo com as ideias de Marighella, qualquer um reconheceria nele um dos que encarnaram o que o Brasil contemporâneo tem de melhor: a luta para superar a iniquidade que encharca a nossa vida social e nos faz ser uma das nações mais injustas da Terra. A luta da esquerda.

Aqui, falamos de um historiador, um historiador de alto relevo. De morte muito recente. A avaliação sobre a trajetória dele, sua obra de modo especial, ainda cobrará algum tempo para ser madura, consistente. E então, ele emergirá maior, agigantado se cotejado com os olhares atuais, extraordinário historiador, vida dedicada à História e, em determinado instante, até como protagonista político, militante comunista. Permitam-me o alerta: não trato aqui do ficcionista, apenas do historiador.

Minha aproximação com o professor Luís Henrique deu-se primeiro pelos seus livros. Depois transformada em amizade, eu discípulo, ele mestre. Amizade à distância, respeitosa, encontros raros. Era sempre surpreendido pelo carinho, atenção dele, sempre maior do que o merecimento.

Havia um elo forte. Amizade com seu filho, Luís Guilherme Pontes Tavares. Fomos contemporâneos na EBC – Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Ali nasceu nossa amizade.

Em cada encontro nosso, perguntava pelo pai dele. Em cada lançamento de livro meu, lá estava o mestre Luís Henrique. Tenho o seu insuperável *História da Bahia*, carinhosamente autografado por ele, datado 23 de julho de 2003.

Houve outro momento significativo de aproximação entre mim e o mestre. Corria o ano de 2009. O deputado Luiz Alberto, também do PT, estava à frente de projeto destinado a inscrever os nomes de João de Deus do Nascimento, Manuel Faustino dos Santos Lira, Lucas Dantas do Amorim Torres e Luís Gonzaga das Virgens e Veiga no Livro dos Heróis da Pátria.

Fui o relator – era deputado, também pelo PT.

Produzi um texto circunstanciado sobre o enforcamento dos quatro mártires na Praça da Piedade, todo ele fundamentado na *Sedição Intentada na Bahia em 1798*, obra do mestre. Os quatro tornaram-se heróis da Pátria, a partir daquele projeto. Soube: ele gostou muito do meu texto, publicado no quarto volume da minha série “Galeria F – Lembranças do Mar Cinzento”, quarto volume, ano de 2012.

Rica trajetória, a do meu protagonista. Desafiadora a quem queira percorrê-la. A mim, cabe tão somente revelar alguns traços dela.

Jovem, antes dos 20 anos, toma gosto pelas ideias comunistas. Mergulha em leituras marxistas, busca respostas para os dramas sociais e políticos do mundo. O teatro é porta de entrada para a militância. Envolve-se profundamente com o Partido Comunista do Brasil, mais tarde Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Caminha ao lado de nomes conhecidos do partido: Heron de Alencar, João Falcão, Mário Alves, Giocondo Dias, Boris Tabacof, Ariovaldo Matos, Darwin Brandão, Alberto Vita, João Batista de Lima e Silva.

A militância sobrepõe-se ao estudo das disciplinas naquela primeira metade dos anos 1940, no Colégio Central. Não era aluno de boas notas. Participa ativamente dos três números da revista-jornal *Evolução*, fechada pela ditadura Vargas. Milita na União dos Estudantes da Bahia (UEB), entidade representativa dos estudantes universitários.

A arrancada intelectual de Luís Henrique Dias Tavares, as âncoras de sua brilhante trajetória acadêmica, podem ser encontradas entre os anos 1940 e o início dos anos 1950, fundadas no estudo e na prática do marxismo.

E o jornal *O Momento*, sua grande experiência.

Em 1945, abril, o PCB resolveu, na Bahia, lançar o jornal *O Momento*, primeiro jornal comunista nessa nova fase no Brasil. João Falcão, já veterano militante apesar de jovem, escolhido diretor. João Batista de Lima e Silva, secretário de redação. Mário Alves, redator-chefe. Dois experimentados profissionais. Luís Henrique Dias Tavares, nem chegados aos 20 anos, ingressa no jornal como foca.

A todo vapor, militante disciplinado. Vinha de longe sua atração pelo jornalismo. Mal chegado aos 16 anos, no Ginásio Clemente Caldas, em Nazaré das Farinhas, ao lado de alguns colegas, funda o *Parlapatão*, onde publica o seu primeiro texto de ficção. Já criticava a situação agrária do município – suas inclinações à esquerda se revelando.

A primeira edição de *O Momento* circulou no dia 9 de abril de 1945. Quase um ano depois, 31 de março de 1946, transforma-se em jornal diário. Luís Henrique, o tempo todo tomado pela atividade no PCB, agora como jornalista em *O Momento*. A chegada dele à Universidade, só em 1948. Cursar Geografia e História, bacharelado e licenciatura, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia, curso concluído em 1951.

Antes de seguir adiante lembrar peripécias do nosso personagem como militante e jornalista.

Guerra Fria, Getúlio sofre um golpe em 1945. Dutra e Otávio Mangabeira, irmanados na repressão aos comunistas. O jornal *O Momento* duramente perseguido. Conjuntura difícil para os comunistas. Cassação do PCB e dos mandatos dos parlamentares comunistas. Horizontes turvos naquela segunda metade da década de 1940.

Governo Mangabeira proíbe debates a céu aberto promovidos pelo jornal *O Momento*, em agosto de 1946.

Mais grave, o empastelamento em 1947. Em maio, dia 7, havia sido cassado o registro do PCB.

Às primeiras horas da noite do dia 22 de maio, um caminhão do Exército para à porta do jornal.

Deles, saltam alguns oficiais e muitos soldados.

Fortemente armados, arrebentam tudo a machadadas.

Terror.

Os jornalistas, atônitos.

Arrombaram a porta da gerência, invadiram a oficina. Danificaram as máquinas impressoras e a linotipo. Destruíram tudo.

As críticas do jornal ao presidente e general Eurico Gaspar Dutra teriam motivado o empastelamento. As relações entre o governador Otávio Mangabeira e os comunistas se deterioravam velozmente. O jornal não deixou de circular após o empastelamento. No dia seguinte, saiu um boletim de uma página, edição histórica com a manchete:

“Não é possível calar a voz do povo!”

Ao se iniciar o ano de 1948, 28 de fevereiro, Mangabeira reprime violentamente comício organizado pelo PCB. Vários dirigentes e militantes do partido, entre eles Giocondo Dias, Luís Contreiras, Clóvis Hildérico, João Cardoso e João dos Passos são presos.

Também jornalistas de *O Momento*, entre os quais, Luís Henrique Dias Tavares, encarregado pelo jornal para cobrir o comício. Repressão violenta, com a morte do jovem bancário Luiz Garcia, abatido a tiros.

Luís Henrique, jogado num camburão. Pequeno e magro, 38 quilos, levado até o prédio da Secretaria de Segurança Pública, na Piedade, imobilizado sob as botas de um policial. Entra na Secretaria debaixo de empurrões e cassetetadas, depois obrigado a lavar as latrinas das celas. No dia seguinte, libertado.

No olho do furacão, ia se afirmando como militante e como profissional de jornalismo.

Em 1950, dividia-se entre *O Momento* e a revista *Seiva*, renascida naquele novembro, com o subtítulo de “Mensário de Cultura Nacional e Popular”.

Jornalista já consagrado naquele renascimento da revista, torna-se redator-chefe. À frente de um time de jornalistas e intelectuais de primeira, entre os quais Walter da Silveira, James Amado, Jacinta Passos Amado, Quintino de Carvalho, Ariovaldo Matos, José Gorender e Camilo de Jesus Lima. Circulou até junho de 1952, cinco números editados.

Marcou época a revista *Seiva* desde o seu nascimento, por inspiração de João Falcão, bênção do PCB, em dezembro de 1938. Em julho de 1943, proibida de circular pelo governo Vargas. Foram 18 edições nesse período, agrupando a fina flor da intelectualidade brasileira. Wilson Falcão, diretor, e Jacob Gorender, secretário, foram presos e processados pelo Tribunal de Segurança Nacional.

Nosso protagonista permaneceu no jornal até julho de 1952 – sete anos de intensa, dedicada militância. O afastamento não se deu por rompimento com o PCB, mas como ele definia “por circunstâncias da vida”. Continuou durante algum tempo integrando a lista de intelectuais colaboradores do jornal, principalmente na página cultural.

Em julho de 1951, casa-se com Laurita Serra Pontes. Diplomado em dezembro do mesmo ano pela Faculdade de Filosofia em Geografia e História, Luís Henrique sai em busca de trabalho. Acaba secretário do deputado estadual Carlos Anibal Correia, do PTB. Por mediação do mesmo parlamentar, consegue um contrato de professor no Colégio Central.

Quando se casou, constituiu família, encarou a realidade, viu-se diante da necessidade de um trabalho a lhe dar condições de sustentar-se e aos familiares.

Professor no Colégio Central, sentiu o quanto a atividade o absorvia. Jornada estafante: entrava no colégio às sete da manhã,

saía quando faltava 15 minutos para a meia-noite. Chegava em casa, preparar as aulas do dia seguinte, não obstante o cansaço e o horário. Dia seguinte, às sete, no colégio.

Início de 1953, presta concurso público. Aprovado com distinção, torna-se completa e definitivamente professor. Talvez aqui seja o marco decisivo na existência dele: seria professor e se entregaria inteiramente à História, agora uma paixão, a acompanhá-lo por toda sua longa vida.

Talvez caiba já perguntar do percurso acadêmico de nosso protagonista.

Doutor em História por concurso de Livre Docência, com defesa de Tese, prova escrita e oral. Pós-doutorado na Universidade de Londres, ocasião em que escreveu o livro “Comércio Proibido de Escravos”. Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, *Doutor Honoris Causa* da Universidade do Estado da Bahia.

Sócio da Academia Portuguesa de História e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Recebeu da Academia Brasileira de Letras prêmios literários tanto por livros de ficção quanto pela produção acadêmica no campo da História. Recebeu o título de Cavaleiro da Ordem do 2 de Julho, título outorgado pelo Governo do Estado da Bahia em 2011. Diretor do Arquivo Público do Estado da Bahia, entre 1959 e 1969, distinguido por ter valorizado a arquivologia, dando foros acadêmicos ao conhecimento arquivístico, incentivando-o, estimulando-o, conforme pesquisas e estudos da doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Maria Teresa Navarro de Britto Matos, também professora associada do Instituto de Ciência da Informação da UFBA.

Deixou um grande legado, e dele carece falar um pouco, por merecimento.

Seu *História da Bahia* tornou-se imprescindível, e foi, enquanto esteve vivo, uma obra em movimento. A última edição, a décima segunda, revista e ampliada, abarca dos primeiros povos indígenas a habitar o território baiano ao governo de João Durval Carneiro,

o último governador baiano sob a ditadura. No plano nacional, alcança a promulgação da Constituição de 1988. A edição comemorava os 60 anos do lançamento do livro, e surgiu em 2019, e me recordo de uma reunião celebrando o acontecimento na própria Academia de Letras da Bahia, de que participei.

Todo livro tem história.

O jovem professor Luís Henrique encontra-se casualmente com seu ex-professor do Colégio Central, Luís Monteiro. No Instituto Histórico da Bahia.

Ao deparar com o ex-aluno envolto em pesquisas naquele dia, Monteiro fez-lhe apelo: escrever um livro didático sobre a História da Bahia. Apelo imperativo – assim definido pela professora Consuelo Novais Sampaio.

O ex-aluno não se fez de rogado: meteu mãos à obra.

A primeira edição surgiu pela Editora Civilização Brasileira, com cento e poucas páginas, já um livro primoroso, para ultrapassar atualmente mais de 550 páginas. Publicação a fazer história, a ficar para a história, instrumento essencial de alunos, professores, pesquisadores.

As professoras Maria José de Souza Andrade e Marli Geralda Teixeira, na apresentação da décima segunda edição, elencam os principais aspectos dessa obra. Texto-síntese único sobre a Bahia, abordagem a cobrir cinco séculos. De uma elaboração sempre contextualizada nos planos nacional e internacional, com abordagens políticas e socioeconômicas, entremeada pelo tratamento cultural e pelo estudo da vida cotidiana de Salvador e do interior da Bahia.

Há a presença permanente do povo, do homem comum, do pequeno comerciante varejista, ambulantes libertos ou escravos, soldados, a ampla diversidade dos de baixo, e, também, defendendo seus interesses, dos grandes proprietários de terras, comerciantes de grosso trato, e representantes do poder.

Nada lhe escapa.

Há os registros do pagamento de impostos, preço dos alimentos, escassez de produtos de uso constante, epidemias

devastadoras se abatendo sobre a população. É livro, como registrado pelas duas pesquisadoras, além de tudo, a indicar uma rica bibliografia, levantar polêmicas e propor novas pesquisas.

O nosso protagonista não será marcado apenas por esse livro – e fosse *apenas* ele, estaria inscrito na História como autor indispensável. Foi além, muito além.

Seu maior destaque, talvez, situe-se no mergulho dado na chamada “Revolução dos Alfaiates”, às vezes conhecida como Revolta dos Búzios: *História da sedição tentada na Bahia em 1798*, considerada pelo professor em História Social, Pablo Iglesias Magalhães, do curso de História da Universidade Federal do Oeste da Bahia, como obra seminal.

Trabalho precioso.

Pelo rigor emprestado à pesquisa, tirando grande parte dos véus que encobriam o episódio. Demonstra que o movimento de 1798 inscrevia-se num quadro histórico rico e complexo, na linha universal das revoluções democrático-burguesas, da profunda contradição entre a velha ordem da exploração colonial mercantilista e a nova ordem capitalista evidencia a luta dos brasileiros pela autonomia nacional e o drama das discriminações em sociedades marcadas pelo sistema de trabalho escravo.

A primeira edição surge em 1975, quarenta e cinco anos já passados. Na última edição, a segunda, há um apêndice chamado “A noite dos condenados”, texto do próprio mestre Luís Henrique, lido em Lisboa, no dia 31 de maio de 2006, na Academia Portuguesa da História, de quem ele era sócio de mérito.

Texto apaixonante, arrisco dizer comovente.

Compartilha a compaixão do Frei José do Monte Carmelo, Prior do Convento de Santa Tereza em Salvador. Acompanha a execução dos quatro heróis da Pátria pelos olhos do religioso, com seu tom de piedade, *registro de uma dor que não desaparece*, conforme a palavra do professor.

A execução no dia 8 de novembro de 1799, o esquartejamento dos corpos, a distribuição dos pedaços pelas ruas da cidade,

pelo Dique do Desterro, Largo de São Francisco, Rua Direita do Palácio, Cidade Baixa. O espetáculo, não obstante de terror, espetáculo. Para servir de exemplo, intimidação.

O calor dos dias 9, 10 e 11 de novembro de 1799 apressa a decomposição dos corpos. Urubus descem sobre eles. No dia 11, Irmãos da Santa Casa de Misericórdia pedem ao governador Dom Fernando José de Portugal a retirada dos corpos das ruas para o bem da saúde de todos os habitantes de Salvador.

Em vão.

O espetáculo não pode parar.

Os corpos esquartejados ficaram nas ruas até a madrugada do dia 15 de novembro.

Só então foram retirados e enterrados em locais até hoje desconhecidos.

Ouso dizer: este livro e suas variações em torno do tema deixam transparente o olhar do autor, seu compromisso com as classes dominadas em luta e em busca de espaço político.

Um dos exemplos do prosseguimento em torno das lutas do período, girando em torno do episódio da Revolução dos Alfaiates, é a obra *Da Sedição de 1798 à Revolta de 1824 na Bahia*.

Ao olhar esta publicação, lembrar *Sedição Intentada na Bahia em 1798* e *História da Bahia*, para ficarmos apenas nessas três obras, creio podermos pensar em um historiador capaz de revelar a dura luta de classes da história da Bahia, sem arroudes. Como foi sangrenta, como as classes dominantes foram violentas, como fizeram correr sangue pelas ruas, becos, vielas, estradas da Bahia. Ao percorrer os escritos do mestre, o leitor encontrará uma história marcada por muita luta, resistência à opressão, levantes, cabeças rolando literalmente, e não apenas na Revolução dos Alfaiates.

No Levante do Terço Velho, de 1728, 23 soldados são apontados como cabeças da movimentação, dois deles condenados à forca, e depois de mortos, seus corpos esquartejados no quartel do Campo da Pólvora. Esquartejar, um hábito, uma rotina.

No Levante dos Periquitos, onde o autor localiza semelhanças com a Confederação do Equador, levante do 3º Batalhão da 1ª Linha, chamados dos Periquitos por causa da cor verde da farda. Estavam frustrados com a institucionalização autoritária do Império no Brasil, com a tendência à submissão das classes dominantes ao poder executivo central, com as limitações, inibições das camadas médias. Insatisfeitos com a manutenção de um sistema socioeconômico construído com sangue e fel ao longo de mais de três séculos, conforme o verbo inflamado e verdadeiro do mestre Luís Henrique.

Aqui, outubro de 1824, Levante dos Periquitos, tombou o governador das Armas da província da Bahia, coronel Felisberto Gomes Caldeira por balas dos insurretos, e foram condenados à morte dois heróis da guerra da Independência, major Joaquim Sátiro da Cunha e tenente Gaspar Lopes Vilas Boas, sem processo escrito.

Nosso protagonista não se contentou.

O livro *Independência do Brasil na Bahia* é outro exercício de um grande historiador. A luta dos baianos para garantir a libertação definitiva de Portugal é olhada de modo abrangente. Os diversos atores aparecem com nitidez, até chegar ao 2 de Julho de 1823, com a vitória brasileira. A realidade nua e crua aparece aos olhos dos leitores.

É da tradição baiana incorporar um arco de triunfo às comemorações anuais do Dois de Julho.

Esse arco e o cortejo cívico que se forma todos os anos na Cidade do Salvador – do Largo da Lapinha para a Praça da Sé e da Praça da Sé até o Campo Grande – são as únicas manifestações que recordam e celebram no Brasil a vitória da guerra pela Independência do Brasil na Bahia. O mestre registra isso. Mas não fica nisso.

Ele quer a verdade do 2 de Julho de 1823.

Dirá, com o rigor do historiador: não foi um dia festivo, mas um dia de muita dor e sofrimento.

A gente leva um susto.

O grande historiador é assim: a história a emergir da pesquisa e revelada pela palavra escrita não tem a natureza triunfal, com o adorno dos vencedores.

Sob os arcos do triunfo sempre correm verdades incômodas.

Naquele Dois de Julho de 1823 a cidade assiste a um espetáculo dantesco: milhares de soldados marcham famintos, corpos doentes, martirizados por bichos-de-pé nos pés e nos corpos, impaludismo, tifo e tuberculose.

Problemas e mais problemas não limitados apenas ao alojamento em quartéis imundos e quase demolidos e em conventos igualmente sujos e estragados. Não se resumia à alimentação precária, aos soldos atrasados.

Não houve um desfile marcial, um exército libertador imponente entrando em Salvador.

Se o olhar se amplia, o leitor observará o voo de águia do historiador, a recusar a visão idílica da luta, e a botar o dedo na ferida da chaga obscena da escravidão.

Há outra guerra embutida na guerra pela Independência: a guerra dos escravos contra a escravidão – nosso protagonista dirá isso.

Alguns dias após a celebrada, histórica Batalha do Pirajá, de 8 de novembro de 1822, houve episódio pouco conhecido.

No dia 19 de novembro, 200 escravos negros, homens e mulheres, possivelmente nagôs, atacam posições avançadas do exército brasileiro próximas de Pirajá. Foram combatidos e aprisionados, 50 deles fuzilados por ordem do general Pierre Labatut, comandante do Exército Pacificador – 30 homens e 20 mulheres.

O mestre Luís Henrique não aceita a conversa de manipulação por parte de militares portugueses, que provocariam as revoltas dos escravos e escravas. Não. Os levantes e tentativas de levantes de negros escravos devem ser entendidos como episódios autênticos e profundos e refletiam de fato a revolta dos escravos contra a escravidão:

“Sim, contra a escravidão, questão embutida na guerra pela Independência do Brasil na Bahia” – dirá assim, com essas palavras, o professor Luís Henrique Dias Tavares, para que não nos esqueçamos.

A olhar problemas ignorados, nosso incômodo protagonista trata ainda dos conflitos entre os soldados dos batalhões patrióticos e soldados do Batalhão do Imperador, conflitos acirrados no pós-Independência.

O governo imperial foi deixando em banho-maria a questão da incorporação dos soldados dos batalhões patrióticos, integrados por negros escravos ou libertos. Eram diferenças gritantes entre os soldados voluntários baianos e os do Batalhão do Imperador. Os do Batalhão do Imperador já chegaram à Bahia como soldados do Exército, com direitos assegurados.

Não era o caso dos milhares de soldados negros escravos, soldados negros libertos e soldados brancos pobres dos batalhões incorporados ao Exército no decurso da guerra, egressos dos canaviais e das lavouras de fumo e de mandioca. Da luta, no entanto, é inescapável ao historiador o fato de a Bahia ter contribuído para a Independência do Brasil ao se revolucionar contra as cortes e o governo do rei D. João VI e aclamar o governo do príncipe dom Pedro com armas nas mãos. Dessa forma, negou o projeto de conciliação que manteria o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e o projeto do Governo do príncipe dom Pedro que chegou a examinar a possibilidade do rei D. João VI voltar para o Brasil e ser aclamado rei do Brasil.

Tinha, é necessário, dizer, um olhar dialético sobre a história.

De seu pós-Doutorado na Inglaterra, resultou “Comércio Proibido de Escravos”, onde evidencia como o modo de produção capitalista participou daquele comércio proibido, envolvendo os principais países capitalistas avançados de então, com destaque para os EUA, mas incluindo-se também França e Portugal.

O capitalismo não parava os negócios com o escravo, considerada pelo autor como uma mercadoria. Não dispensaria de repente uma atividade econômica que na palavra de uma testemunha que o viveu na sua enormidade, o médico norte-americano Joseph E. Cliffe, era o mais lucrativo negócio sob o sol naquele momento.

A análise do procedimento dos capitais dos grandes países capitalistas de então não o deixa perder de vista que tal comércio não é feito apesar do Brasil, mas com o Brasil. Não há inocência brasileira, revela nosso impertinente protagonista. A classe dominante brasileira participou decididamente desse comércio. O Estado monárquico-constitucional unitário brasileiro comportou-se como Estado de uma classe dominante enraizada na propriedade da terra, e para tanto precisava dos escravos, desse comércio e da exploração da força de trabalho da mão de obra escrava, conforme o cristalino diagnóstico do mestre.

Deixo de lado tantas contribuições garimpadas em tantos livros e publicações do mestre. Não resisto, no entanto, à tentação de realçar o quanto era preocupado com os trabalhadores submetidos à escravidão no Brasil, o quanto em seu trabalho isso está presente, subjacente, quando se trata do período de vigência do modo de produção escravista.

Não fosse a presença subjacente, nas linhas e entrelinhas, bastaria a leitura do seu trabalho sobre os escravos no livro *Da Sedição de 1798 à Revolta de 1824 na Bahia* para entender o quanto ele se interessou pela sorte dos dez escravos envolvidos na Revolução dos Alfaiates, tratando-os um a um naquele estudo.

Dez escravos foram presos e incluídos na devassa da Revolução dos Alfaiates. Vários presos por delação de seus próprios senhores, temerosos de serem envolvidos na devassa, até porque vários deles estavam de fato envolvidos naquela luta.

A questão não é a quantidade, dirá o nosso mestre. A questão é que eram escravos. Entre eles, apenas um escravo africano preso. Souberam de conversas e encontros conspirativos de homens livres.

Escravos urbanos com atividades domésticas, ou escravos artesãos de aluguel, viviam próximos de seus senhores e podiam escutar suas conversas sobre o levante. Seus senhores, “homens de consideração”.

Os escravos, ouvindo uma conversa aqui, outra acolá, interessaram-se por aquilo, a dizer respeito à própria existência deles: libertarem-se da escravidão, da miséria e dos maus-tratos, da total discriminação social e de cor a que viviam submetidos. Dez deles presos, responderam interrogatórios e acareações com outros presos e acusados.

Na sentença final, poucos foram libertados. Os sentenciados, condenados a açoites no pelourinho, no Terreiro de Jesus, a presenciar a morte dos quatro heróis da Pátria na Praça da Piedade, seguida do esquartejamento de seus corpos, e a embarcar depois para o degredo em áreas fora do domínio de Portugal na Costa Ocidental da África, o que significava, na prática, condenação à morte.

A questão é que eram escravos.

Simplex, a conclusão do mestre.

Nas pesquisas dele, quem for a elas, encontrará, no episódio dos dez escravos, um judicioso advogado, José Barbosa de Oliveira.

Nomeado pelo Tribunal da Relação para a defesa dos acusados, produziu, como diz o mestre, corajosa, erudita e notável defesa de cada um dos réus. Na avaliação de Luís Henrique Dias Tavares, é um dos maiores documentos da advocacia brasileira. Um bom exemplo, a servir para os dias atuais, passados já mais de dois séculos.

Concluo, revelando, como diria Antonio Candido, mais e mais o homem de alto relevo.

Nosso protagonista nunca foi de bravatas.

Corajoso, sempre foi.

O episódio foi contado ao professor Pablo Iglesias Magalhães, doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Enquanto, numa visita à residência dele esperava pelo filho Luís Guilherme, Magalhães ouviu do próprio mestre essa história.

Estava Luís Henrique posto em sossego em sua residência, no final dos anos 1960, logo depois do AI-5.

Policiais chegam à casa dele.

Levaram um susto com a grandeza da biblioteca particular do professor.

Um dos policiais perguntou-lhe:

– Quais desses livros são subversivos?

A pergunta talvez pretendesse resolver o dilema do policial sobre que livros apreender.

– Quais desses livros são subversivos? – insistiu o policial.

Luís Henrique não relutou:

– Todos.

O policial, olhando estupefato para aquele homem tão pequeno e tão ousado.

E o professor completou:

– Todos os livros são subversivos.

Termino, por fim, dando-me o direito de imaginar o abraço de dois amigos: Luís Henrique Dias Tavares e Waldir Pires.

Dou asas à imaginação, dou-me o direito desse abraço em tempos de abraços represados.

Estudaram juntos no “Clemente Caldas”, em Nazaré das Farinhas, no ginásio.

Depois, no Colégio Central.

Cada um a seu modo participou ativamente da história da Bahia e do Brasil. Esta Academia quis juntar os dois, mas Waldir morreu antes de poder integrá-la.

Os dois encerraram suas existências recentemente.

Nesse abraço de dois homens de alto relevo, ainda lembrando Antonio Candido, revela-se a esperança, a força da razão, a presença iluminista, o sonho de liberdade, o ideal da igualdade, a defesa da ciência, e a certeza de que a democracia é utopia a ser perseguida sempre, mais ainda quando ela tenta se afastar de nós.

Mais ainda quando uma hecatombe nos atinge, 300 mil irmãos mortos em decorrência principalmente do negacionismo obtuso,

da desrazão, da afronta à ciência, da perda de noções elementares da civilização, do desprezo ao povo, à democracia.

Temos certeza: os dois bradariam conosco, com toda a força de seus espíritos iluministas, de suas almas envoltas pelo amor à humanidade:

Democracia, sempre.

Ditadura, nunca mais!

Obrigado.

Salvador, 19 de março de 2021.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria José de Souza; TEIXEIRA, Marli Geralda. *A história de um livro*. In História da Bahia: texto de apresentação de Luís Henrique Dias Tavares. Salvador: EDUFBA, p. 15-18, 2019.

ANUÁRIO da Academia de Letras da Bahia. *Academia de Letras da Bahia*. Salvador: Quarteto, jul. 2017. 270 p.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de *et al.* *II Centenário da Sedição de 1798 na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1999, 96 p.

FALCÃO, João. Comunicação sobre a Revista Seiva. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 39, p.251-259, maio,1993.

FALCÃO, João. *Giocondo Dias: a vida de um revolucionário*. Rio de Janeiro: Agir, 1993, 412 p.

FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, 460 p.

FALCÃO, João. *Valen a pena: desafios de minha vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, 454 p.

MAGALHÃES, Pablo Iglesias. *Sedição tentada na Bahia em 1798: posfácio a Luís Henrique Dias Tavares*. Salvador: EDUFBA, p.135-147, 2016.

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto. A formação de pessoal em arquivologia na Bahia: marcos históricos e institucionais. *Revista Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, jan/abr. 2021. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1625/1603>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto. Governança e arquivos: a gestão Luís Henrique Dias Tavares no Arquivo Público do Estado da Bahia (1959-1969). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v38n78/1806-9347-rbh-1806-93472018v38n78-07.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

MATOS, Florisvaldo. *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1998, 178 p.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*: prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Salvador: Editora Corrupio, 2009, 280 p.

SALVADOR, Vicente do. *Wikipédia*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vicente_do_Salvador. Acesso em: 16 mar. 2020.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *O mestre Luís Henrique*. In Nas margens, no leito seco: posfácio de Luís Henrique Dias Tavares. Salvador: EDUFBA, p. 87-105. [2013].

TAVARES, Luís Henrique Dias. *[Trajetória no jornal O momento]*. Entrevista concedida a Sônia Serra. Salvador, 30 ago.1984.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *Comércio Proibido de Escravos*. São Paulo: Editora Ática, 1988, 158 p.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *Da sedição de 1798 à revolta de 1824 na Bahia*: estudos sobre a sedição de 12 de agosto de 1798, o soldado Luís Gonzaga das Virgens, os escravos no 1798, Francisco Agostinho Gomes, Cipriano Barata e o Levante dos Periquitos. Salvador: EDUFBA, p.254, 2003.

TAVARES, Luís Henrique Dias. Discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, 14 de julho de 1968. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, vol. XXII, p.47-53, 1972.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2019, 551 p.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *Independência do Brasil na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005, 248 p.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *Sedição intentada na Bahia em 1798*. Salvador: EDUFBA, 2016, 170 p.

Emiliano José é Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (1999), jornalista, político, escritor e biógrafo, atuou nos jornais *Tribuna da Bahia*, *Jornal da Bahia*, *O Estado de S. Paulo*, *Movimento*, *Em Tempo*; foi colaborador de *A Tarde* e *Correio Braziliense* e das revistas *Afinal*, *Visão*, *Caros Amigos* e *Carta Capital*. Como professor da UFBA, lecionou na Faculdade de Comunicação e no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea. Foi vereador em Salvador e deputado estadual e federal pela Bahia. Publicou cerca de 18 livros, entre os quais: *Lamarca, o capitão da Guerrilha*, *Lembranças do mar cinzento*, *Imprensa e poder: ligações perigosas*, *Waldir Pires, biografia*, *Carlos Marigbella*, *O cão morde a noite*, e *Balança mas não cai: memórias do jornalismo*, obra autobiográfica lançada pela Edufba, em 2022. Desde 2021 ocupa a Cadeira n° 1 da Academia de Letras da Bahia



SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO EMILIANO JOSÉ DA SILVA FILHO

DOM EMANUEL D'ABLE DO AMARAL, OSB

Excelentíssimo Presidente Ordep Serra, em cujo nome cumprimento as autoridades presentes, os demais confrades e confreriras, bem como os amigos e familiares do novo Acadêmico.

Senhor Acadêmico Emiliano José da Silva Filho:

O ano de 2020 passará para a História como um tempo que ninguém esperava e que trouxe muitos sofrimentos e reflexões sobre o verdadeiro sentido da existência humana. Todos fomos atingidos: nossas famílias, nossos amigos e as diversas instituições.

A Academia de Letras da Bahia também foi atingida e teve que mudar sua rotina, com muitas limitações no início desta pandemia. Aos poucos fomos retomando a vida acadêmica de forma virtual.

Tivemos dois momentos muito felizes que trouxeram uma verdadeira renovação para este sodalício: a eleição de Lia Robatto e a de Emiliano José. Um verdadeiro bálsamo para nossa Academia.

Estando para completar doze anos que participo desta Academia, percebi ao longo destes anos que a eleição de um novo acadêmico é sempre um momento especial na vida da academia. Como uma família se renova e se alegra com o nascimento de uma criança, também um novo membro renova a vida e a identidade da Academia. Por isso toda posse é um dia especial para a Academia e para o novo imortal.

Para a sucessão do saudoso e querido confrade Luís Henrique Dias Tavares, na cadeira número 1 que tem como patrono Frei Vicente do Salvador (1564-1636/9), o “Pai da Historiografia brasileira”, escolhemos Emiliano José, político, jornalista, professor e escritor.

Nosso confrade Emiliano José nasceu na cidade de Jacareí, no vale do Paraíba, no Estado de São Paulo no dia 5 de fevereiro de 1946. Veio para Salvador em 1970. Optando pela Bahia, aqui construiu sua vida como político, jornalista, professor e escritor.

Formou-se em jornalismo (1980), fez o mestrado (1994) e o doutorado (1999) em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Exerceu o jornalismo nos seguintes jornais: *Tribuna da Bahia*, *Jornal da Bahia*, *O Estado de S. Paulo*, *Movimento*, *Em Tempo*; colaborador de *A Tarde* e das revistas: *Afinal*, *Visão*, *Caros Amigos* e *Carta Capital*.

Foi professor da Faculdade de Comunicação da UFBA desde 1983 e se aposentou em 2008. Foi Presidente do Conselho Estadual de Cultura e Membro do Conselho de Redação da revista *Teoria e Debate*, da Fundação Perseu Abramo.

O novo imortal tem histórica militância política, desde o combate à ditadura militar (1964-1985), passando por exercício de mandatos como deputado estadual pelo PMDB-BA (1988-1989), vereador de Salvador pelo PT-BA (2000-2002), deputado estadual PT-BA (2003-2005) e deputado federal pelo PT (2009-2011).

Recebeu o título de Cidadão de Salvador pela Câmara Municipal em 1996, Título de Melhor Deputado em Plenário, Imprensa, 1989 e Destaque na luta contra a Intolerância Religiosa, Associação Cultural de Preservação o do Patrimônio Bantu (ACBANTU).

Em 15 de fevereiro de 2017 foi nomeado como Superintendente de Apoio e Defesa aos Direitos Humanos, da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social

Sua atividade como escritor é densa e com informações históricas importantes. Tem muitos estudos sobre a ditadura militar e sobre a imprensa brasileira e suas relações com o poder.

Seu primeiro livro *Lamarca, o Capitão da Guerrilha* em parceria com Oldack de Miranda foi publicado em 1980, já está na décima sétima edição (2015). O livro é o resultado de um brilhante trabalho investigativo. Trata-se de um relato da trajetória combativa de Carlos Lamarca, ex-capitão do Exército Brasileiro que se tornou um dos líderes da luta pela democracia. Na décima sétima edição, a história de Lamarca foi enriquecida e ampliada, e lança novas luzes para se compreender sua vida e seus ideais. O livro serviu de base para os filmes “Porta de Fogo” de Edgar Navarro, de 1984, e “Lamarca” de Sérgio Rezende em 1994.

Publicou *Narciso do Fundo das Galés: Combate político através da Imprensa* (Salvador: Editexto, 1992). O livro é uma coletânea de artigos publicados na imprensa de 1984 e 1989. Segundo o publicitário Sydney Gomes de Rezende “Aquilo que os políticos, sociólogos e economistas chamam de análise de conjuntura ganha agora um importante instrumento. O livro de Emiliano José é isto: uma impressionante análise dos anos que vão da abertura de Figueiredo até a Nova República”.

Em 1995 publica *Imprensa e Poder: ligações perigosas* (Salvador: Edufba), estudo sobre a CPI de PC, de Collor e do Orçamento, numa análise inédita. Nesse livro Emiliano mostra que a imprensa tem escolhas políticas, defendendo um programa político. A imprensa brasileira sempre atacou qualquer experiência reformista, recusando sempre a aceitar governos progressistas e de esquerda. O livro é uma versão resumida da dissertação de mestrado que o autor defendeu na Faculdade de Comunicação da UFBA. É uma verdadeira crítica à Imprensa servidora de interesses políticos. Ele defende que o jornalismo só pode sofrer modificações profundas para melhor, se a sociedade tomar consciência da importância da comunicação. Se interferir para que a mídia brasileira não continue monopolizada.

O livro *Carlos Marighella: inimigo número um da ditadura militar* saiu em 1997, Editora Sol & Chuva, São Paulo, Casa Amarela. Com um excelente prefácio do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, o livro com três capítulos é um estudo minucioso sobre A Morte, A Memória e A Vida de Carlos Marighella. Rico em informações históricas e detalhes. O capítulo primeiro A Morte é aberto com o lindo poema “Vai, Carlos, ser Marighella na vida” de nosso confrade José Carlos Capinan, de maio de 1994.

No ano 2000 começou a ser publicado *Galeria F: lembranças do mar cinzento*. São Paulo, Casa Amarela. Era o resultado de uma série, que o autor publicou em capítulos no jornal *A Tarde*, de Salvador, entre agosto de 1999 e julho de 2000. A segunda parte saiu em 2004, a terceira em 2008, a quarta em 2012 e a quinta em 2016. A repressão na Bahia na época da ditadura militar continua a ser desvendada por Emiliano José. A ideia original era a de documentar o drama dos presos políticos encarcerados na penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, nos anos 70. Emiliano se deu conta de que seus personagens da vida real tinham história e aí não conseguiu mais parar.

Em 2002 nosso confrade Emiliano publicava *As Asas Invisíveis do Padre Renzo*, traduzido para o italiano pela Editora San Paolo, em 2003 com o título *Don Renzo Rossi: um prete fiorentino nelle carceri del Brasile*. O livro narra a história de Padre Renzo, missionário italiano de Florença, que visitava os presos políticos do Brasil e fazia o contato destes com suas famílias. Logo no início da edição em português encontramos quase que um subtítulo “Um anjo nos cárceres”. Uma excelente história de um homem comprometido com os direitos humanos e que foi um excelente apoio para os presos políticos. Depois que retornou à Itália, vinha anualmente a Salvador visitar os amigos e sacerdotes, passando sempre por nosso Mosteiro de São Bento.

Em 2010 saiu *Jornalismo de Campanha e a Constituição de 1988*, com prefácio de Antonio Albino Canelas Rubim. O livro é o resultado de sua tese de doutorado, defendida na Faculdade de Co-

municação da UFBA, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. O autor pesquisou o discurso da mídia na década de 1988 a 1998 e mostra como a imprensa mergulhou de cabeça na desconstrução da Constituição de 1988 e na implantação do projeto neoliberal no Brasil. O “jornalismo de campanha” definido por Emiliano José começa na Era Collor, assume a ideologia neoliberal, faz lobby por reformas antissociais, demoniza as empresas estatais e santifica as privatizações. É desta forma que o autor reconstrói a maneira como foi comunicada à época de grandes transformações no Brasil.

Em 2015 foi publicado *Intervenção da Imprensa na Política Brasileira 1954-2014*, pela Fundação Perseu Abramo, São Paulo. O livro reúne artigos publicados de fevereiro de 2013 a maio de 2014 na revista *Teoria e Debate*, da Fundação Perseu Abramo. Neste livro o autor retrata com estilo exemplos da história recente do Brasil que explicitam a relação da mídia (muitas vezes golpista) com o poder. De Vargas a Goulart, da ditadura a Collor, de FHC a Lula e Dilma, todos esses personagens são analisados à luz da intervenção da mídia.

Em 2018 saiu o volume 1 biografia de Waldir Pires. O volume 2 saiu em 2019. Convidado pelo autor para fazer a orelha do volume 1 escrevi: “Editado pela Versal, o livro revela dois aspectos importantes para os leitores: a competência do brilhante escritor, que, neste primeiro volume, traz para os nossos dias a biografia de um dos políticos mais influentes dos últimos setenta anos e, ao mesmo tempo, a história política do Brasil desse período. Emiliano José preenche uma lacuna sobre a História Política Contemporânea. ... Com certeza Emiliano José é a pessoa mais indicada para transmitir essa história porque, além de sua competência como jornalista e escritor, acompanha a vida de Waldir Pires, como amigo e discípulo, desde 1979 até os nossos dias. Esta é uma obra densa, em dois volumes, com muitas informações, tal como é densa a vida do biografado, com muitos acontecimentos marcantes na esfera estadual, nacional e internacional”.

Editado pela Edufba em 2020 e lançado em fevereiro de 2021, *O cão morde a noite*, com um excelente prefácio “Liberdade para Emiliano” de nosso confrade, Reitor da UFBA, João Carlos Salles, é um livro de memórias desde a infância de Emiliano até 1974. Neste momento cito um texto do prefácio do confrade João Carlos Salles: “Um livro infindo, a ser explorado com imenso prazer por quem deseje uma boa leitura e uma literatura de formação. Biografia sim, mas literatura profunda. E uma literatura em profusão, com os fatos escorrendo, de sorte que o narrador tem muitas vezes que acalmar o leitor, avisar que voltará a esse ou aquele assunto que teima em aparecer; como que do nada, como fonte ainda úmida apesar da distância. Desenhos malandros de uma escrita que se vai encorpando, deixando-se levar e guiando-nos; o escritor não nos larga a mão um instante sequer. E são fatos e nomes, de gente e de bicho, que vemos brotar do livro, no começo ainda indistinto, sem que vejamos se sairá dali, da vivacidade do menino, um conto regional ou a biografia de um militante”.

Querido confrade Emiliano, esta Academia teve acadêmicos jornalistas, políticos, professores, escritores, eclesiásticos... etc. A riqueza desse sodalício e da convivência acadêmica é essa diversidade de pessoas e de ideias. Todos empenhados para trabalhar pela literatura e pela promoção da cultura, dando o melhor de si.

Na sucessão do saudoso acadêmico Luís Henrique Dias Tavares, olhamos para tua vida e para tua obra. Você se destacou como jornalista, como político, no magistério e como escritor. Encontramos muitas semelhanças entre você e o último ocupante desta Cadeira n° 1, Luís Henrique Dias Tavares. Ele também foi jornalista, perseguido político, professor e escritor. Luís Henrique dedicou-se à Literatura e à História. Sua historiografia deu grande contribuição à história da Bahia e do Brasil, preenchendo várias lacunas.

Caríssimo confrade Emiliano, tua obra também dá uma excelente contribuição à compreensão dos acontecimentos no período da ditadura militar (1964-1985) e a relação da mídia com o poder em nosso país.

Para a Academia de Letras da Bahia é uma honra tê-lo como acadêmico. Hoje em nome de meus confrades e confreriras faço esta saudação relembrando tua vida e tua obra.

Com certeza tua participação na vida acadêmica será muito frutuosa!

Seja bem-vindo à Academia caríssimo confrade Emiliano José!

Salvador, 19 de março de 2021.

Dom Emanuel d'Able do Amaral é presbítero católico, historiador, Arquiabade do Mosteiro de São Bento, em Salvador- Bahia, e presidente da Congregação Beneditina do Brasil. Desde 2009 ocupa a Cadeira n° 37 da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

ROGÉRIO FARIA TAVARES

Boa noite, senhoras e senhores.

Saúdo a mesa diretora dos trabalhos dessa sessão, comandada pelo presidente Ordep Serra e pelo primeiro secretário, fraterno amigo, acadêmico Carlos Jesus Ribeiro.

Sensibilizado, integro-me hoje, na qualidade de membro correspondente, à Academia de Letras da Bahia, o colegiado que é símbolo e síntese da qualificada intelectualidade do estado. Comovido, expresso minha perene gratidão a todos os acadêmicos pela gentileza com que me acolheram em sua companhia.

Não fosse a pandemia que há mais de um ano nos ameaça e nos agride, estaria eu, a esta hora, com imenso prazer, no majestoso prédio da Avenida Joana Angélica, no bairro de Nazaré, em agradável confraternização com os amigos de Salvador.

Não foi possível...

De todo modo, guardo na retina a imagem mais viva de quando visitei o imponente solar, tomando parte nas celebrações do primeiro centenário da instituição, em 2017. Naquela ocasião, impressionei-me com a beleza do chamado ‘Palacete do Caquende’, antiga residência da família do governador Francisco Marques de Góes Calmon, depois Pinacoteca e Museu do Estado, em seguida Museu de Arte da Bahia, e, finalmente, desde 1983, a sede definitiva da Academia.

São do presidente José Calasans Brandão da Silva as palavras que resumem a saga do Solar Góes Calmon: “Solar afortunado

aquele, de longa existência, onde viveu um dos mais distinguidos casais da Bahia, onde se localizou um dos maiores acervos culturais do Estado, onde floresceu um dos mais brilhantes salões da cidade. O poeta podia repetir que ‘ali outrora retumbam hinos’, sem saudosismos, porque ali continuam a retumbar novos hinos?”.

Se nobre é o espaço físico em que se reúne a Academia de Letras da Bahia, mais potente ainda são a sua história e a trajetória dos que a ela se vincularam, ao longo de 104 anos.

Entre os patronos que inspiram seus trabalhos, estão luminares da cultura da Bahia e do Brasil, como Gregório de Matos, Sebastião da Rocha Pita, o Visconde de Cayru, Cipriano Barata (este, tributário de minha antiga admiração), Francisco Gê Acaiaba de Montezuma (fundador do Instituto dos Advogados Brasileiros, a que sou filiado), André Rebouças e Castro Alves.

Entre aqueles que passaram por seus quadros, impossível não mencionar Afrânio Peixoto, Luís Vianna Filho, Dom Lucas Moreira Neves (mineiro de São João del Rey), João Ubaldo Ribeiro, Dom Avelar Brandão Vilela, Jorge Amado, Zélia Gattai, Ruy Barbosa, Clementino Fraga e Octavio Mangabeira.

Da galeria de membros correspondentes, a que a partir de hoje tenho o orgulho de pertencer, indispensáveis são as referências ao fraterno amigo Antônio Carlos Secchin; a Maria Beltrão, minha confreira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; a outro amigo, Paulo Roberto Dias Pereira, confrade na Academia Carioca de Letras, e, finalmente, ao chanceler Celso Amorim, expoente da Diplomacia Brasileira, eleito na mesma reunião em que conquistei meu assento na ALB.

Leal aos critérios de excelência sempre seguidos na ocupação de suas cadeiras, a Academia de Letras da Bahia continua agregando os expoentes das Letras e das Artes da província mãe do Brasil, em ato de permanente apreço pelos valores mais caros à sua gente. Como não há tempo para homenagear devidamente todos os atuais membros dessa Casa de Cultura, peço licença para fazê-lo na figura do acadêmico Carlos Jesus Ribeiro,

que proferirá, daqui a pouco, o discurso de recepção a mim, nessa sessão virtual. Jornalista, mestre e doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal da Bahia, é autor de vasta obra literária, formada por contos, romances e ensaios. Cito apenas alguns: *Já vai longe o tempo das baleias* (contos), de 1982; *Chapada Diamantina*, de 1985; *O homem e o labirinto* (contos), de 1995; *O chamado da noite* (romance), de 1997; *O visitante noturno* (contos), do ano 2000; *Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga* (ensaio), de 2001, e *Um século de jornalismo na Bahia: 1912-2012*, editado em 2012.

Obrigado, Carlos, pela amizade, pelo empenho e pelo zelo com que tornou possível essa sessão de posse.

Não posso, no entanto, passar à seção seguinte de meu discurso sem evocar a memória do amigo que primeiro levantou a possibilidade de meu ingresso na mais importante Casa de Cultura da Bahia. Com saudade, reverencio, nesta sessão, o nome de Edivaldo Machado Boaventura, um dos mais atuantes educadores brasileiros dos últimos cinquenta anos, e herdeiro, dos mais fiéis, do legado imenso de outro gênio baiano, o professor Anísio Teixeira. Professor Titular Emérito da Universidade Federal da Bahia, foi Secretário de Educação nos governos de Luís Vianna Filho e de João Durval Carneiro, quando conduziu gestão arrojada, comprometida com o sucesso. Entre os feitos de Edivaldo Machado Boaventura, destaco a criação do Parque Castro Alves, o primeiro do gênero no Brasil, e o Parque de Canudos. A fundação da TV Educativa da Bahia foi também obra sua. Tenaz, inaugurou mais de quinze mil novas salas de aula nas mais diversas regiões do estado. Incentivou a alfabetização rural e a educação continuada de adultos. Viabilizou o reconhecimento da Universidade Estadual de Feira de Santana, a consolidação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e o surgimento da UNEB. Seu amor pela causa da Cultura fez com que se elegeesse para a Cadeira n° 39 da Academia de Letras da Bahia ainda bem jovem, em 8 de julho de 1971, quando foi saudado por Edith Mendes da Gama e Abreu.

Com o brilho que lhe era característico, presidiu a Casa de Arlindo Fragoso por dois biênios, concluindo sua segunda gestão em março de 2011 e deixando benéfica herança, assim qualificada por Consuelo Pondé de Sena: “Cumpriu, primorosamente, o seu dever e todo aquele que cumprir fielmente as tarefas que lhe são destinadas reafirma a grandeza de seu caráter. Por isso, permanecerá na memória da instituição como um de seus mais dinâmicos, amáveis e compreensivos dirigentes”.

Meu confrade no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, imprimiu marca indelével na história da Educação brasileira. Ao professor, ao gestor público, ao acadêmico e sobretudo ao amigo Edivaldo, serei para sempre grato.

Pois bem, senhoras e senhores.

Motivado pela lembrança de Edivaldo Machado Boaventura, exemplo de vigor, espírito incansável, sigo adiante e aproveito o momento para, rapidamente, enaltecer os laços que unem baianos e mineiros. À generosidade daqueles, sempre responderemos com o melhor de nosso afeto. Aos convites da Academia da Bahia, a Academia Mineira estará integralmente disponível, com muito gosto, como é de seu feitio – gregário, relacional e inclusivo. Juntos, tenho a certeza de que esses dois ‘Espaços do Saber’ poderão fazer muito pela cultura brasileira.

Fundada em 1909, em Juiz de Fora, município progressista da zona da Mata Mineira, a chamada Casa de Alphonsus de Guimaraens transferiu-se para Belo Horizonte, então com apenas dezoito anos, em 1915. Depois de muitas décadas sem um pouso seguro, conquistou sua sede própria em finais dos anos quarenta, graças ao presidente Heli Menegale, mudando-se em 1987 para o Palacete Borges da Costa, à Rua da Bahia, mítico endereço da vida literária belo-horizontina, cantado em prosa e verso por autores como Nava e Drummond. Aí nos reunimos, portanto, há mais de trinta anos, continuando a realizar, no presente, o que os idealizadores de nosso grêmio sonharam no começo do século vinte.

Detentora de um acervo bibliográfico e documental de mais de trinta mil itens, a Academia guarda, preserva e divulga, nos mais recomendados padrões técnicos, a História Intelectual de Minas Gerais, ciente da sua importância permanente. Entre as mais de dez coleções que habitam a sua sede, estão as de Milton Campos, Eduardo Frieiro e Vivaldi Moreira. A ‘Drummondiana’ é outro destaque. Doadada por Furnas Centrais Elétricas, contém mais de duzentas crônicas do poeta de Itabira datilografadas e anotadas por ele, a caneta. A Biblioteca dos Acadêmicos reúne as joias dos que passaram por nossa Casa, como Abgar Renault, Afonso Arinos, Cyro dos Anjos, Henriqueta Lisboa, Juscelino Kubitscheck, Pedro Aleixo e Tancredo Neves.

Fundada em 1922 pelo presidente Mário de Lima, a revista da Academia continua circulando, oferecendo ao seu público poemas, contos, crônicas e ensaios. No final do ano passado, publicamos o número 79, contendo sessenta textos distribuídos em mais de seiscentas páginas, capa assinada pelo acadêmico-pintor Carlos Bracher e ‘orelha’ da lavra de Letícia Malard, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais.

Outra iniciativa de nossa entidade, no campo editorial, foi a recente edição do livro *20 contos sobre a pandemia de 2020*, em que se podem ler histórias inéditas de duas dezenas dos mais renomados contistas do estado, como Frei Betto, Ivan Angelo, Paula Pimenta, Eliana Anastasia Cardoso, Cris Guerra, Carlos de Brito e Melo, Olavo Romano, Cidinha da Silva e Ana Cecília Carvalho, entre outros. Fruto de parceria entre a AML e a Autêntica Editora, o livro já está à venda em todas as plataformas que comercializam literatura na internet, e foi uma das contribuições culturais da Academia para iluminar, pelo menos um pouco, esse túnel escuro que nos coube atravessar, na atualidade.

Mais uma linha de ação que incrementamos, durante a pandemia, foi a presença em redes sociais como o Instagram e o Facebook, onde difundimos nossa mensagem com grande frequência. O canal exclusivo no YouTube está mais ativo que nunca.

Se, antes da peste, promovíamos intensa programação cultural em nossa sede, agora persistimos, toda semana, veiculamos uma aula inédita e exclusiva nesse famoso canal de postagem de vídeos. Em um ano, conquistamos cerca de dois mil seguidores. Nosso acervo áudio visual aí disponível já conta com mais de duzentas conferências.

Sintonizada com as exigências de seu tempo, conectada aos mais arrojados meios de comunicação de hoje em dia, a Academia Mineira de Letras se orienta pelo diálogo aberto e franco entre a tradição e a contemporaneidade, ciente de que o fenômeno literário, nos tempos que correm, não acontece somente nos gabinetes refrigerados, nas universidades ou entre aqueles favorecidos pela renda ou pela sorte. Ele emerge em territórios antes pouco estudados, como as periferias, as comunidades mais carentes, os quilombos, as aldeias indígenas, o cárcere. Não é aceitável, pois, fechar os olhos para a riqueza das manifestações culturais que caracterizam o Brasil do século XXI, um país que, mesmo tão sofrido, resiste aos obstáculos mais perversos que se colocam em seu caminho, teimoso e obstinado na produção do belo e do bom. A Academia, por isso, acolhe, efusiva, todas as reflexões úteis à fina compreensão da literatura atual, abrindo espaço, tanto na sua revista, quanto em suas redes sociais e em sua programação cultural, às expressões mais representativas do presente.

Tal conduta, certamente, é a que a sociedade mineira espera de seus acadêmicos e de todos aqueles que levantam as bandeiras da Cultura, das Letras e das Artes. Não há como mantê-las erguidas sem o entendimento de que são instrumentos para educar e formar as novas gerações, algo que não se faz sem empatia, solidariedade, diálogo e encontro com o outro, qualidades que, ao fim e ao cabo, definem o tão louvado ‘espírito acadêmico’. Tal atitude só se sustenta se baseada no respeito pleno às diferenças, na convivência suave e elegante entre os opostos, na crença de que só a Democracia e os valores civilizatórios salvam a Humanidade da Opressão e da Barbárie.

É assim, estimulado por tais valores, que me engajo, hoje, entre os membros correspondentes da Academia de Letras da Bahia, sabendo que estou entre os que mais têm a aprender com a convivência com grupo tão honrado. Ainda tocado pela grandeza de aceitarem meu ingresso nesse venerável colégio de mentes brilhantes, só posso dizer às confeitras e aos confrades baianos, nessa noite de júbilo:

Muito obrigado!

Belo Horizonte, 23 de março de 2021.

Rogério Faria Tavares é jornalista, tem Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1995, é Graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), onde concluiu o Mestrado em Direito Internacional em 2004. Ocupa a Cadeira n° 8 da Academia Mineira de Letras, e é o seu atual presidente. Recentemente organizou a antologia *20 contos sobre a pandemia de 2020* (Belo Horizonte: Autêntica, 2020). Desde 2021, é membro correspondente da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE RECEPÇÃO A ROGÉRIO FARIA TAVARES, MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

CARLOS RIBEIRO

Senhores acadêmicos, prezados confrades da Academia de Letras da Bahia e da Academia Mineira de Letras, todos presentes nesta cerimônia;

Prezado Rogério Faria Tavares:

O senhor chega a esta centenária Casa na privilegiada condição de escritor prolífico, jornalista atuante, pesquisador, apresentador, educador. E como presidente dessa magnífica instituição irmã da nossa Academia de Letras da Bahia e também centenária Academia Mineira de Letras que recentemente comemorou seus 110 anos de existência em plena forma, em cerimônia realizada no amplo auditório do anexo de sua magnífica sede, localizada (vejam só) na Rua da Bahia, Centro de Belo Horizonte.

Posso dizer, com grande alegria e satisfação, que recebê-lo em nosso sodalício, como membro correspondente, significa muito mais do que uma mera formalidade. Significa um elo forte e consistente que unirá estas duas instituições no que representam de mais importante: nos valores éticos, culturais e nos princípios filosóficos tão necessários nestes tempos difíceis e desafiadores que vivemos.

Mas quero enfatizar que o senhor, ilustre confrade Rogério Faria Tavares representa também um tipo muito especial de escritor e intelectual da contemporaneidade. Um escritor que,

diferente de muitos dos seus antecessores, não se restringe mais, como em passado recente, ao binômio bastante conhecido do escritor-jornalista ou do escritor-funcionário público. Aquele que, por exigência crua e direta da sobrevivência, precisa de um emprego que o mantenha vivo enquanto constrói a sua obra.

Refiro-me, portanto, a uma outra dimensão, mais contemporânea, daquele binômio: a do profissional que, movido pela necessidade imperiosa de intervir no cenário cultural, social e político do seu tempo e lugar, age, com grande energia e disciplina, em diversas frentes, caracterizando-se como escritor múltiplo. Múltiplo por serem múltiplas as áreas nas quais atua, bem como, lembra-nos a professora, ensaísta e ex-presidente da nossa ALB, Evelina Hoisel, em seu premiado livro *Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019), nas várias tipologias discursivas que adota: a ficcional, a teórica, a crítica, a pedagógica.

Diz ela, que,

O escritor múltiplo tem como antecedente o “poeta-crítico” da modernidade, conforme conceituado por Paul Valéry e pelos demais fundadores da modernidade. O poeta-crítico do início do século XX era simultaneamente escritor criativo, poeta, teórico e crítico. O escritor múltiplo, que emerge na segunda metade do século XX incorpora à sua atuação a atividade pedagógica exercida em instituições de ensino de nível superior, e esse dado é importante não só para distingui-lo do escritor do início do século XX como também para configurar outro ambiente cultural e acadêmico prevaLENTE a partir dos anos 1950 e 1960 no Brasil. (HOISEL, p. 9).

São muitas e consistentes as qualificações do nosso ilustre confrade. Apresentaremos aqui apenas as que consideramos mais afins a esta instituição. Nascido em Belo Horizonte, a 24 de abril de 1971, Rogério Faria é doutor em Literaturas de Língua Portuguesa (aprovado em primeiro lugar, com nota máxima – 100 – na seleção

de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2016), diplomado em Estudos Avançados de Direito Internacional e Relações Internacionais pela Universidade Autônoma de Madrid, em 2009, com a dissertação “Entre el Poder y el Derecho: El Consejo de Seguridad y la Corte Internacional en la situación del Sudán” (2009)]. Recebeu o título de Mestre em Direito Internacional pela Universidade Federal de Minas Gerais com a dissertação “Do direito de comunicar na Sociedade Internacional”, em 2004; obteve a Especialização em Gestão de Negócios (MBA Executivo), pela Fundação Dom Cabral / Universidade da Columbia Britânica – UBC, do Canadá, em 2003, e a Especialização em Marketing (Pós-Graduação Lato Sensu) pela Fundação Dom Cabral, em 2000. É formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1993, e em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 1995.

Intelectual dinâmico e produtivo, Rogério Faria transita com grande habilidade e eficiência pelas áreas do direito, do jornalismo – e da literatura, construindo pontes que se revelam oportunas e necessárias no nosso muitas vezes fragmentado tecido social. Participou em 2013 do Programa Internacional: Formação em Comunicação Corporativa Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) pela Syracuse University (EUA, 2013), atuando nos verões de 2010, 2011 e 2012 como Pesquisador Visitante no “The Irish Centre for Human Rights”, em Galway (Irlanda), em 2004 no Curso de Direito Internacional Público na Academia de Direito Internacional de Haia em Haia (Holanda), entre outras atividades.

Não menos importante é o seu trânsito entre diversas mídias e linguagens. Em sua extensa atividade profissional destacamos sua atuação como produtor, repórter e apresentador do Canal 23 de TV a cabo; repórter da rede nacional (Rede TV); apresentador do programa “OAB Cidadania”, patrocinado pela seção mineira da Ordem de Advogados do Brasil; coordenador de Projetos Especiais da PUC TV; pesquisador no Centro de Direito Internacional (CEDIN); professor de Direito Constitucional

e de Direitos Humanos no Centro Universitário – UNA; editor e apresentador do programa “Pensamento Jurídico”, veiculado pela TV Justiça (STF) e pela TV Comunitária de Belo Horizonte; chefe adjunto da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, e apresentador do programa “Rede Mídia”, na Rede Minas de Televisão.

É membro e sócio correspondente das seguintes instituições: Comissão de Comunicação da Arquidiocese de Belo Horizonte (2001-2002), Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – titular da cadeira de número 71, Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Pen Clube do Brasil, Academia Carioca de Letras e, como já foi dito, membro efetivo e presidente da Academia Mineira de Letras.

Detentor de diversos prêmios, títulos e comendas, Rogério Faria é autor de mais de uma centena de artigos publicados em periódicos e sites; capítulos publicados em Livros, e discursos em revistas especializadas, além dos seguintes livros: *Contribuições para a história dos advogados brasileiros: depoimentos concedidos a Rogério faria Tavares* (2016), *Contribuições para a história Instituto dos advogados de Minas Gerais* (2016), *Reflexões sobre o Direito e a Vida* (organizador), em 2005, e *A Noite dos Mascarados*, em 1983. Autor também do roteiro, do texto e da direção de *Tempos de Alkmim* – Um documentário sobre a vida de José Maria Alkmim, para a PUC TV, em 2001.

Dentre suas publicações mais recentes constam a organização do livro *20 contos sobre a pandemia de 2020* (Belo Horizonte: Autêntica, 2020), para o qual convidou vinte contistas mineiros para escreverem ficções sobre a pandemia, dentre os quais destacam-se os nomes de Frei Betto, Ivan Ângelo, Cidinha da Silva, Paula Pimenta, Cris Guerra, Jacques Fux, Carlos de Brito e Melo e Eliana Cardoso. E *Contribuições sobre a História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* - Entrevistas concedidas a Rogério Faria Tavares.

Foi, portanto, sem hesitação que, em 11 de abril de 2019, acolhemos a indicação do seu nome pelo nosso saudoso acadêmico Edivaldo Machado Boaventura, e recomendamos ao plenário sua aprovação para integrar o quadro de membros correspondentes da Academia de Letras da Bahia, com a absoluta certeza de que será um correspondente ativo, prolífico e devotado, além de perfeitamente afinado com os princípios e objetivos desta instituição.

Acrescento a este discurso a satisfação que tenho de integrar com o ilustre confrade, a diretoria do Fórum das Academias Estaduais de Letras, fundado no dia 4 de maio de 2018, em cerimônia realizada na Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte (MG). Naquela oportunidade, manifestei minha grande satisfação por representar a Academia de Letras da Bahia no momento histórico de fundação dessa instituição. Satisfação amplamente acentuada por se dar, este acontecimento, no solo encantado e encantante das Minas Gerais cujo patrimônio cultural e mais especificamente arquitetônico e literário é de imensurável importância para o nosso país, para o Continente Americano e, quiçá, para o mundo.

Como filho do litoral nordestino, afeito aos amplos horizontes de céu e mar, manifestei a minha profunda admiração por essa terra que nos legou páginas inesquecíveis em verso e prosa, proporcionando-nos o conhecimento essencial do que somos, em nossas múltiplas e muitas vezes contraditórias identidades.

Se, em nossas paisagens litorâneas, estendemos as vistas, sem obstáculos, até onde o fio do horizonte nos permite enxergar, aí, nas *alturas* das Minas Gerais, temos também o privilégio de mirar as vastas amplitudes de nossas próprias subjetividades através das obras de seus grandes artistas e escritores, dentre os quais cito, com base nas minhas preferências pessoais, autores da minha mais alta estima: Drummond e Rosa, os maiores, grandes entre os grandes; Sabino, artífice magistral de biscoitos refinados, em suas crônicas, temperadas com o humor marcante

de suas narrativas, sem esquecer o personagem maior, Eduardo Marciano, de sua obra-magna, o romance *O encontro marcado*, referência de sucessivas gerações. Lúcio Cardoso, Autran Dourado, Murilo Rubião, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Oswaldo França Júnior, Roberto Drummond, Ivan Ângelo, Cyro dos Anjos, Affonso Romano de Sant'Anna e Luiz Ruffato. O nosso memorialista maior, Pedro Nava com seu magistral *Baú de ossos*. E a poesia luminosa presente nas canções de grandes nomes da nossa MPB.

Sem esquecer, claro, os vultos luminosos que atravessam vertiginosamente a história das artes e da literatura desse estado desde o período colonial, especialmente o Barroco do mestre Aleijadinho; os mártires alumiães da Independência, Cláudio, Tomás e Alvarenga; o notável teólogo oitocentista Frei José de Santa Rita Durão; a poesia lunar de Alphonsus de Guimaraens, mestre do simbolismo, “(...) grande poeta da ausência, da distância, do além”, no dizer de Alceu Amoroso Lima. E tantos, e tantos.

Recebê-lo, entre nós, baianos, representa para mim louvar essa terra extraordinária que percorri, como repórter da Revista Geográfica Universal¹, em 1982, para escrever uma extensa reportagem sobre o artesanato do Vale do Jequitinhonha, universo mágico de um povo representado nas variedades de peças de barro, couro, madeira e algodão, riqueza cultural extraordinária do nosso país, dos quais guardo a memória de artesãos e artesãs como Ulisses, criador de peças surrealistas, Noemisa, a “artista dos santos”, e a inolvidável Ana do Baú, cujos trabalhos de cerâmica retratam a vida na roça, com destaque para as árvores, os filhotes de onça e as aves que pousam nos galhos. Artista, naquele tempo, símbolo do artesanato do vale. Louvo sua memória.

¹ “A Terra e a Gente do Vale do Jequitinhonha”. *Revista Geográfica Universal* – nº 92 – julho / 1982

Anos depois realizaria também uma reportagem sobre o Parque Natural do Caraça, em encontro memorável do Clube de Observadores de Aves. Momentos extraordinários vividos nessas grandiosas paisagens nas quais, ainda hoje, posso ver garimpeiros mourejando sob a garoa fina. Um carro de boi que range sobre as pedras. Imagens refletidas nos olhos das bromélias floridas nas copas das árvores das matas dos campos das serras dessas alturas que não têm fim. Essas orquídeas classificadas com seus besouros pelos intrépidos alemães do século XIX. E, meu caro amigo, as águas claras dos rios onde caminho sobre pedras escorregadias, olhando borboletas azuis que bailam, em cortes abruptos, no verde vivo da hileia. Ali, todos os caminhos levam ao céu. Anjos nos guiam, bichos e folhas. Tangarás dançam de amor. Sauás barulham nas matas. Que frio faz nas bandas de Minas Gerais!

Permita-me agora, caro Rogério, chegar à parte final deste discurso utilizando trechos do seu discurso na já citada sessão comemorativa dos 110 anos da Academia Mineira de Letras. Palavras, caro amigo, que tomamos como nossas, graças à feliz convergência de ideias, valores e princípios tão necessários nestes momentos que vivemos.

Disse o ilustre acadêmico, a respeito da extensa e intensa agenda de eventos da instituição, gratuita e aberta ao público e de tudo aberta à comunidade.

[...] É o que a cidadania pede hoje de uma entidade como a nossa, sua existência só se justifica se fizer sentido para a comunidade em que está inserida, se dialogar com sua época e sobretudo se procurar escutar e entender as suas aflições. No mundo que queremos construir não há mais espaço para o monólogo, a conversa com o próprio umbigo, o auto-centramento, a auto-referência ou para o elitismo. O que se busca é o gesto em direção ao outro, é o encontro com o outro, é a atitude de empatia e de compaixão, em tudo oposta à intolerância, à bravata, ao ódio.

A Academia Mineira de Letras [e dizemos nós, também a Academia de Letras da Bahia] é a casa da meditação, do equilíbrio, da ponderação, da interlocução madura e produtiva entre os opostos. É a casa da palavra e não do litígio, é a casa da gentileza e da delicadeza, é a casa da cortesia. [...] Saber aprender é mais valioso do que saber ensinar. A reflexão e a crítica são instrumentos de sobrevivência. Por tudo isso, no mundo que queremos construir não há também espaço para o estereótipo, o preconceito e a discriminação, nem para os donos da verdade, os truculentos, os toscos, os que querem ganhar no grito ou na intimidação.

É, portanto, com as sábias palavras do nosso confrade, membro correspondente da

Academia de Letras da Bahia, que encerro este discurso de recepção, certos de que teremos muito a realizar.

Seja bem-vindo, Rogério Faria Tavares!

Salvador, 23 de março de 2021.

Carlos Ribeiro é jornalista, escritor, ensaísta e professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tem vinte livros publicados, dentre os quais *Abismo* (romance), *Lunaris* (novela), *Aventureiros do Apocalipse* (contos), *Fazedores de tempestade* (mini contos) e *Caminhos do comércio em Salvador: Do Brasil Colônia à segunda década do século XXI* (ensaio-reportagem). Desde 2007 ocupa a Cadeira nº 5 da ALB.



DISCURSO DE POSSE COMO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

CELSO AMORIM

Excelentíssimo Senhor Ordep Serra, na pessoa de quem cumprimento todos os membros da Academia de Letras da Bahia.

É para mim uma honra muito grande estar aqui hoje, diante de todas e todos, ainda que virtualmente, para tomar posse como membro correspondente da Academia de Letras da Bahia. Não subestimo o valor desse convite – que é também uma convocação – para integrar os quadros de tão egrégia instituição. Não é pouca coisa ser membro, ainda que correspondente, da mais antiga Academia de Letras do Brasil, cuja origem remonta ao início do Século XVIII. Dos Esquecidos, inicialmente; dos Renascidos, depois, a Academia de Letras da Bahia deita suas raízes na história da América Portuguesa. Como li em um de seus documentos, a Academia dos Esquecidos tinha, com sua irônica denominação, o propósito de lembrar a metrópole que “havia no Brasil quem se interessasse pelas coisas do espírito”. Já no século XX, no simbólico ano de 1917, seria recriada com o nome que ostenta atualmente, adotando como lema “servir a Pátria honrando as letras”. Não se poderia pensar em um lema mais sugestivo e oportuno, já que, nesta quadra que vivemos, ambas – Pátria e Letras – são castigadas diuturnamente por pessoas que ocupam os mais altos cargos do país.

Não posso, a propósito, deixar de mencionar a emoção com que assisti, há exatos dois dias, a uma decisão histórica da nossa Corte Suprema, que, mais do que os direitos de um cidadão injustiçado, devolveu ao país confiança na Justiça, sem a qual – no dizer de Santo Agostinho (ele na verdade falava do propósito moral, mas há uma forte ligação entre ambos) – o Estado não se distingue de um bando de assaltantes de estrada.

Sempre me impressiona o pioneirismo da Bahia. Em outra homenagem que recebi, em 2011, pouco depois de deixar o Ministério das Relações Exteriores, fui agraciado com o título, do qual muito me envaideço, de cidadão honorário de Santo Amaro da Purificação, terra de Maria Bethânia e Caetano Veloso e, como vim a saber agora, de Arlindo Fragoso, fundador da Academia, em sua fase contemporânea.

Aprendi, naquela ocasião, que uma proclamação da assembleia de Santo Amaro buscara, antes da independência, laços especiais com a metrópole portuguesa, em condições de igualdade. Isso já era revolucionário.

Com meu amigo e colega de ministério, Gilberto Gil, fiquei sabendo também que a Bahia dá a seus filhos e filhas régua e compasso. Espero, sinceramente, que essa minha associação tardia com a terra de todos os santos – e, também, de todos os orixás – tenha contribuído para os instrumentos com os quais, por dever de ofício, me tenho dedicado a medir os ângulos, as secantes e as tangentes que delimitam ou cortam a realidade internacional e o modo de nela nos inserirmos.

Outros laços me unem à Bahia. Tenho repetidamente sido convidado por instituições universitárias baianas para participar de seminários e proferir palestras, o que é fonte de orgulho e prazer. Há poucos dias, participei virtualmente de um evento que me tocou especialmente: a celebração do Dia Mundial da Luta Contra a Discriminação Racial, que rememora o tristemente famoso “Massacre de Sharperville”, na África do Sul, em 1960.

Fazer a abertura de um ato com tal objetivo, organizado por partidos progressistas e pelo movimento de afrodescendentes da Bahia, me honrou duplamente: como intelectual devotado à causa da justiça e da igualdade e como ativista diplomático que se empenhou em aproximar o Brasil de suas raízes africanas.

Um dos momentos importantes dessa aproximação ocorreu precisamente em Salvador, onde, com a presença de vários mandatários africanos, o presidente Lula inaugurou a Segunda Conferência dos Intelectuais Africanos e da Diáspora.

O título que ora recebo não deixa de me encabular. Sem procurar fazer uso de falsa modéstia, a que não sou dado, não me julgo plenamente possuidor dos méritos que se espera ver em um membro de academia de letras. Para mitigar essa dúvida, o ilustre presidente, o Professor Ordep Serra, ao me comunicar sua intenção, teve o cuidado de explicar que também podem ser integrantes da Academia pessoas de destaque na vida pública, não necessariamente grandes escritores.

É verdade que rabisquei uns alfarrábios dedicados à política externa brasileira e aventurei-me brevemente no ensaio crítico em temas culturais, especialmente cinematográficos, depois de minha passagem pela Embrafilme. Integra essa coletânea um breve ensaio sobre outro grande baiano, Glauber Rocha. Mas, em um caso como em outro, fui antes um memorialista do que um criador. É, pois, com humildade e certo temor reverencial que adentro o portal reservado a acolher os veredeiros autores de obras literárias.

Pensei muito nas palavras que deveria pronunciar perante esse colendo colegiado. Cogitei, inicialmente, discorrer sobre alguns baianos ilustres – e são tantos – Seria isso talvez um *laissez-passer* para o ingresso em tão nobre salão. Após alguma reflexão, concluí que esse não era um bom caminho. Afinal quantas penas muito mais hábeis do que a minha – metáfora cada vez mais distante da realidade neste mundo digital – já derramaram suas tintas sobre figuras como Castro Alves, Rui Barbosa e Jorge Amado, para citar apenas uns poucos?

Assim, com a permissão das senhoras e dos senhores membros da Academia de Letras da Bahia, marcarei minha entrada nesta sociedade com algumas breves reflexões sobre tema de que me ocupei primordialmente, tanto na minha atividade prática quanto nas minhas modestas memórias, a política internacional. Memórias, que, como fiz questão de frisar à minha editora, estão organizadas por eixos temáticos, muito mais do que por uma cronologia biográfica.

Antes, porém, não posso deixar de referir-me à imensa tragédia que vivemos, agravada, no caso do Brasil, pela incúria e a cegueira, ou mesmo por um desígnio pérfido de morte e destruição, cuja explicação ultrapassa os limites do entendimento racional.

A pandemia do Covid 19 tem sido um flagelo como a humanidade não estava mais acostumada a ver. As duas guerras mundiais do século passado trouxeram dor e sofrimentos incensuráveis para dezenas de milhões de pessoas. Mas, por mais desprovidas de sentido que sejam as guerras, havia, para muitos que perderam suas vidas, a ilusão de estarem lutando por um ideal ou pela pátria. Na guerra que a humanidade enfrenta hoje, a precariedade da vida humana se revela diante de um inimigo que a maioria de nós não consegue sequer figurar. O adversário sorrateiro que enfrentamos, que mata e, por vezes, mutila, física e psicologicamente, sequer parece um ser vivo, no sentido pleno do termo. Não cresce, não procria e só se reproduz com o concurso de suas vítimas

Muitos autores, de Homero a Albert Camus, descreveram pestes, a partir da realidade ou da imaginação. Poucas descrições ressoam tão fortemente quanto os versos de Sófocles, logo no início da obra famosa, Édipo-Rei: “A cidade, como se vê, está abalada; não consegue levantar a cabeça; afunda sob a onda mortífera”. Difícil não pensar no Brasil ao reler essas linhas. No Brasil, a tragédia é dupla. Está presente na saúde e na política. Quanto a segunda, esperamos que o histórico

juízo de 23/3 possa marcar o início da recuperação pela qual ansiamos. Quanto à pandemia, o horizonte está mais longínquo. Nada, especialmente no que toca as ações do governo federal, faz antever que dele nos aproximaremos em prazo relativamente curto. E, no longo prazo, o aforisma de Lorde Keynes embaça a luz da esperança.

Olhando mais amplamente para o panorama global, alguns dirão, com razão, que a pandemia representa uma “vingança” (não sei se esse é um termo adequado) da natureza diante do desprezo que o ser humano lhe dedicou: um lembrete funesto de que vivemos em um mundo em que a febre do lucro e do consumo pôs de lado os cuidados que devemos ter com a fonte de onde brotamos e da qual ainda nos alimentamos, além de a utilizarmos de várias formas. Talvez, sob este aspecto, seja necessário voltar a pensar na Terra não apenas como um lugar onde vivemos e de onde extraímos os recursos indispensáveis à vida, mas como uma “grande mãe”, quem sabe a “Pacha Mama” dos povos originários do altiplano andino.

A pandemia é uma advertência de que o nosso modo de vida, pouco atento à preservação da Natureza, é essencialmente insustentável. É um alerta de que os dias do ser humano, como espécie dominante no planeta, talvez estejam chegando ao limite e que a contagem regressiva da nossa sobrevivência já pode ter começado. Aparentemente, essa lição não está sendo aprendida em sua integralidade.

Mesmo sem chegar aos absurdos que caracterizam a condução do tratamento dado à pandemia no Brasil, marcado por uma loucura desprovida de graça ou de método, a atitude que se adivinha nos pronunciamentos de líderes mundiais indica uma preocupação relativamente baixa com a ameaça subjacente à enfermidade, que vem se somar a outras, como o aquecimento global e o risco representado pelos imensos arsenais nucleares.

Pelo contrário: o que, em geral, se percebe é a ânsia de superar esse momento dramático, para voltar a “mais do mesmo”,

a corrida desenfreada pelo ganho material, pelo ritmo frenético do *jet-set*, pelas comunicações cada vez mais desumanizadas do mundo virtual. À exceção de alguns poucos líderes espirituais – o Papa Francisco entre eles – é como se a humanidade nada tivesse aprendido com a tragédia.

Agrava esse quadro o evidente desprezo por um dos maiores males que já assolava o mundo contemporâneo: o tremendo fosso que separa ricos de pobres, potentados de miseráveis, dentro de cada país e nas relações entre eles. O sistema capitalista, que possibilitou enormes avanços materiais, além de progressos técnicos e científicos, repousa sobre uma estrutura social injusta, crescentemente desigual.

O neoliberalismo e o consenso de Washington banalizaram e, mesmo, legitimaram a exploração do trabalho pelo capital. E, ao invés de procurarem mitigá-la de alguma forma, a acentuaram. A desregulamentação e a liberalização com a privatização, formaram a tríade de uma concepção da economia que deu rédea solta não só ao comércio de bens, mas aos fluxos financeiros, sem nenhuma relação como a atividade produtiva. Ao mesmo tempo (tema muito atual) regras rígidas sobre propriedade intelectual, especialmente patentes farmacêuticas, dificultam ou mesmo impedem o acesso, em condições suportáveis, a remédios e vacinas.

O neoliberalismo contribuiu, assim, a um aumento exponencial da exclusão social e impôs privações inaceitáveis a largas camadas da população. Os protestos no Chile, que antecederam à emergência sanitária, puseram a nu as insuficiências de um sistema econômico profundamente desumano, em um país apontado como modelo de bom comportamento, segundo as regras do Fundo Monetário Internacional e da escola de Chicago. Em poucos dias, conheceremos os resultados da eleição para a Constituinte, convocada, a partir das demonstrações populares, com o objetivo de redesenhar a Carta Magna chilena, escrita à época da ditadura pinochetista. O que acontecer no

Chile será importante para os países em desenvolvimento, notadamente na América do Sul, que, aos poucos vai retomando sua identidade após a onda de governos direitistas para cujo êxito foi fundamental o uso da *lanfare*, denunciada, entre outros, pelo Papa Francisco.

Nesse contexto, o rearranjo por que está passando a ordem mundial não é um fato menor. Sabemos que a ascensão da China à condição de maior economia do mundo é um fenômeno inexorável. Só não sabemos ainda qual será a extensão dessa mudança e suas consequências. Muitos analistas, com base em analogias históricas, que remontam ao embate entre Atenas e Esparta, apontam para a inevitabilidade de conflito – e mesmo conflito armado – entre a atual potência hegemônica e a desafiante, que buscaria tomar seu lugar no ordenamento global. Seria, nas palavras de um famoso analista político norte-americano, Graham Alison, a “armadilha de Tucídides”, que esteve na origem da Guerra do Peloponeso.

No meu entender, não cabe aí nenhum determinismo. Mesmo reconhecendo os riscos embutidos nessa “troca de bastão”, há forças, de um lado e de outro, que buscarão controlá-los e enfatizar os ganhos com uma atitude de cooperação, ainda que em um ambiente marcado também pela competição.

Creio que se enganam os que imaginam que a nova ordem será dominada por uma “nova guerra fria” entre Washington e Beijing. Sem dúvida esses dois serão os principais polos da competição econômico-tecnológica das próximas décadas. O imbricamento das economias chinesa e americana cria, porém, um quadro muito diverso daquele que opôs Washington a Moscou, totalmente isolados pela “cortina de ferro” de que falou Winston Churchill no famoso discurso de Fulton.

Por outro lado, seria prematuro e imprudente pensar-se em uma nova bipolaridade, que deixaria de lado ou em segundo plano atores importantes como a Rússia – ainda a segunda maior potência militar e, em alguns setores, possivelmente a primeira.

O perigo de análises precipitadas aumenta, quando se sabe que a Rússia, além de condições objetivas, demonstra, no plano subjetivo, disposição de enfrentar com firmeza – e, mesmo, dureza – ameaças e tentações hegemônicas.

A atitude russa em relação à Crimeia e aos conflitos na Geórgia já deixavam antever uma assertividade que parecia perdida desde a dissolução da antiga União Soviética. Nos dias que correm, além da impactante fala de Putin, em reação à sua qualificação, por parte do presidente dos Estados Unidos, como “assassino” ou, mais precisamente “matador” (*killer*, foi o termo usado em inglês), Moscou respondeu com uma proposta ousada à “provocação” norte-americana: a saída da área do dólar. Obviamente, um tal movimento só será factível se for coordenado com Beijing. Noto, como curiosidade histórica, que, em reuniões passadas dos BRICS, ainda no governo Lula se chegou a cogitar em usar as moedas nacionais nas transações entre os membros do grupo. Independentemente do que vier a ocorrer nesse plano, em termos estratégico-militares, mais do que uma balança de dois pratos, o mundo atual se assemelharia a um tripé, ainda que ligeiramente desequilibrado.

Para além da tríade Washington-Moscou-Beijing, não há como desprezar outros atores nesse mundo de grandes blocos. A União Europeia, depois do Brexit, ficou algo menor, mas, ao mesmo tempo, mais coesa. Pela primeira vez, ensaia uma política fiscal comum, com investimentos na reconstrução pós-pandemia financiados ou garantidos pelo Banco Central Europeu. É um jogador respeitável, com influência econômica e cultural/ideológica que vai muita além de seus limites físicos.

A própria África, apesar do grau de desenvolvimento econômico relativamente baixo da maioria dos países, atua cada vez mais de forma unida. Não é uma façanha menor que uma africana, natural da Nigéria, Ngozi Okonjo-Iweala, tenha sido escolhida para dirigir a Organização Mundial de Comércio, um dos três principais pilares do ordenamento econômico global.

Em temas como saúde e patentes, por exemplo, os países daquele continente, por meio da União Africana, têm agido de forma crescentemente unida na defesa de seus interesses, o que garante que sua voz seja ouvida.

Neste quadro, é muito triste ver a fragmentação da América Latina, em particular da América do Sul, depois de tantos esforços por maior integração, em boa medida liderados pelo Brasil. Esse fato, com suas nefastas consequências para a questão sanitária, foi apontado recentemente em um artigo do pesquisador Pedro Barros, em entrevista a um grande jornal. Instituições vitais para o nosso desenvolvimento, como a UNASUL e a CELAC foram abandonadas pelo governo brasileiro, em sua obsessiva busca de uma relação de submissão a Washington ou, mais precisamente, à extrema direita norte-americana, encarnada em Donald Trump.

Argentina e México têm procurado manter acesa a chama da integração. A Argentina acaba de anunciar sua retirada do chamado Grupo de Lima, criado com o objetivo de fazer um cerco em torno da Venezuela. Independentemente do que se pense do regime de Maduro, será pelo diálogo – e não por meio de sanções, embargos e ameaças – que se poderá contribuir para a paz naquele nosso vizinho. O México, por sua vez, tem sido incansável na defesa do princípio da não intervenção e seu presidente, López Obrador (conhecido como AMLO), demonstrar esse posicionamento firme, a propósito das inadmissíveis das declarações do Secretário Geral da OEA, lembrando que a Bolívia, em 2019 foi vítima de um golpe de Estado, coonestado por aquela organização.

Esses dois países, México e Argentina, formam hoje um importante eixo democrático e progressista em nosso continente. Mas a presença do Brasil, que representa aproximadamente a metade da América do Sul e um terço da América Latina e Caribe, em território, população e Produto Interno Bruto, é indispensável para garantir êxito à unidade regional.

Em mundo de grandes blocos, não há lugar para comportamentos individuais ou isolacionistas. O exercício da independência passa pela capacidade de cada país associar-se, solidaria e soberanamente, a outras nações de condições e níveis de desenvolvimento semelhantes. No novo ordenamento internacional, que se afigura cada vez mais multipolar, tampouco cabem opções excludentes, principalmente aquelas ditadas pela ideologia. Queremos e devemos ter boas relações com diferentes Estados e blocos, cooperando nas áreas em que cada um seja capaz de oferecer os melhores acordos, os mais justos e mais equilibrados.

O “admirável mundo novo” pós-pandemia não será marcado apenas pela competição entre países e blocos, mas pela disputa entre sistemas. Um grande desafio para nações como a nossa será aproveitar o que há de melhor em cada um deles, combinando a eficiência do mercado, em certos casos, com a indispensabilidade da ação estatal nas situações em que o bem-estar e a segurança da população estejam envolvidos.

Em outras palavras, não devemos deixar que o humanismo, que certamente inspira instituições como esta Academia, seja engolfado pelos ditames do lucro. Não queremos ser peças de uma engrenagem cujo sentido não captamos. Desejamos ser sujeitos da História, com plena consciência de que o nosso destino individual está necessariamente ligado ao das várias coletividades a que pertencemos.

Não tive o tempo e o lazer necessários para um estudo em profundidade dos estatutos da Academia dos Esquecidos ou de sua sucessora imediata, a dos Renascidos. Mas estou certo, que, por trás da designação autoirônica, estava presente o sonho de contribuir para a construção de uma nova civilização nestas terras então distantes dos centros do poder mundial.

Este sonho não pode morrer. É nosso dever continuar lutando por uma sociedade mais justa, que se apresente ao mundo com independência e dignidade. Isso exige vontade política e reflexão. Estou seguro de que a Academia de Letras da Bahia tem

muito o que contribuir para o entendimento da realidade atual e para desenhar um projeto de nação, integrada social e racialmente, em que mulheres e homens dividam equanimemente as tarefas, o poder, bem como os benefícios do progresso. Nossos diálogos aqui, dos quais terei muita honra em participar, certamente nos ajudarão a não só conceber uma utopia – indispensável a uma evolução verdadeira – mas também a transformá-la em realidade.

Muito obrigado

Rio de Janeiro, 25 de março de 2021.

Celso Amorim é professor, acadêmico e diplomata de carreira. Formou-se pelo Instituto Rio Branco em 1965, obtendo título de pós-graduação em Relações Internacionais pela Academia Diplomática de Viena, na Áustria, em 1967. Foi Ministro das Relações Exteriores e (1993-1995), durante o governo Itamar Franco; Embaixador brasileiro no exterior (1995-2003); Ministro das Relações Exteriores (2003-2010) no Luiz Inácio Lula da Silva; e ministro da Defesa (2011-2015) no governo Dilma Rousseff. Publicou diversos artigos e os seguintes livros: *Conversa com jovens diplomatas* (Benvirá, 2011), *Breves narrativas diplomáticas* (Benvirá, 2013), *Teerã, Ramalá e Doha - Memórias da Política Externa Ativa e Altiiva* (Benvirá, 2015), *A grande estratégia do Brasil: Discursos, artigos e entrevistas da gestão no Ministério da Defesa (2011-2014)*, pela Editora da Unesp, em 2016. Desde 2021 é membro correspondente da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO EMBAIXADOR CELSO AMORIM COMO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

ORDEP SERRA

Junto-me à Doutora Edilene Matos, ilustre Vice-Presidente desta Academia, para, em nome de nosso sodalício – cujos membros também cumprimento – saudar as autoridades presentes, e, por fim, todos os cidadãos e cidadãs que, mesmo de longe, participam deste ato solene, com especial destaque para os familiares e amigos do novo integrante da Academia de Letras da Bahia, o Excelentíssimo Embaixador Celso Luiz Nunes Amorim, que há pouco tivemos a honra de empossar como Membro Correspondente de nossa instituição. Ao saudá-lo, tenho o sentimento de render homenagem não só a um grande homem, mas a todo o povo brasileiro, que Sua Excelência representou do modo digno e competente no cenário internacional. Congratulo-me por isso com os confrades e confradeiras, sem esquecer os nossos prezados colaboradores, partícipes do mesmo júbilo.

Excelentíssimo Embaixador, o rito que estamos cumprindo desta forma singela é um dos mais gratos e solenes da liturgia da Casa. A simplicidade com que ora o efetivamos não lhe tira o brilho, pois este emana do valor de quem é recebido e do entusiasmo da instituição que o acolhe. Em obediência aos prazos estatutários e aos protocolos da Casa, fez-se indispensável realizá-lo já. Celebra-se no meio virtual, mas com plena eficácia: consagra e torna público o ingresso de Vossa Excelência em nosso grêmio. Temos de fazê-lo assim, à distância, em atenção

ao imperativo de preservar a segurança sanitária de todos nós. Mas em tempo oportuno, quando estivermos livres da ameaça da pandemia que grassa furiosamente no país, esperamos recebê-lo com festa no Palacete Góes Calmon, sede da nossa Academia, aqui na Roma Negra, nossa Cidade do Salvador. Teremos então a alegria de condecorá-lo com o colar que representa sua ligação com este sodalício.

O passo decisivo sucede agora. A partir deste momento, o vínculo que a esperada insígnia figura já é real. Liga-o, Senhor Embaixador, com a mais antiga Academia de Letras surgida no Brasil, uma instituição cujo primeiro despontar deu-se por obra da altivez nativa, quando um colendo grupo de cidadãos baianos desafiou a soberba da instituição metropolitana que os ignorava. Sua criação era frágil em aparência: logo submergiu nas ondas escuras de tempos difíceis, mas tornou a emergir, não uma só, mas duas vezes, confirmando o valor da inteligência e o ânimo criativo de nosso povo. Anima-nos, Excelência, a coragem serena dos sonhadores que deram a si mesmos o nome de Esquecidos, num belo gesto de desafio, e assim conquistaram perene memória. Logo vieram outros que decidiram sua ressurreição e, portanto, chamaram-se de Renascidos. Mais adiante, outra geração repetiu o gesto criativo. A esses novos acadêmicos a instituição deve seu terceiro nome. Talvez tenha sido essa vocação de fênix que fez gravar a figura do fogo em nosso emblema. Para nós, ele representa o imperativo da lucidez, evoca a energia criativa, a coragem necessária para romper as trevas.

Esta cerimônia singela vem a ser um ato de reconhecimento. A Casa o reconhece, Excelência: mostra a todos com orgulho o amigo que abraça. Reconhece-o lúcido e generoso, e o traz para seu seio. O título que lhe outorga é um penhor de confiança.

Como dá a entender a etimologia, um correspondente é alguém com quem se estabelece uma ligação decisiva, fundada em um solene compromisso de reciprocidade e disposição para o diálogo. Há um gesto de oferenda no interior da palavra, em seu germe antigo.

Ela evoca um sacramento. A forma *respondere*, de que derivam o termo vernáculo *responder* e seus cognatos, liga esse verbo latino à mesma raiz indoeuropeia de que brotou o nome grego *spondé*. Tem, portanto, no seu campo semântico um símbolo de comunhão, a imagem de uma oferenda fluente que torna sensível o ato de fé pelo qual se ligam uns aos outros os envolvidos numa aliança, num acordo, ou mesmo num casamento. Levando a imagem original ao seu extremo mais sugestivo, é como se Vossa Excelência desposasse a Casa que o recebe, declarando-se pronto não só a responder a seus apelos como também a responder por ela, por sua Academia, que assume igual compromisso de comunhão e diálogo.

Está claro o que fundamenta a relação assim criada. Vossa Excelência é reconhecido pela instituição como um seu correspondente por obra e graça do que ela vê em sua pessoa, em sua vida, em seu perfil: amor ao entendimento, às artes e ciências, às humanidades. Reconhece-o dotado de força criativa e acostumado à ponderação. Sua obra o confirma.

Assim o encontramos, assim o temos: um homem lúcido em tempos sombrios.

Sim, Excelência, tenebrosos tempos. Vemos o país convertido num vale de lágrimas, sujeito a uma praga que parece não ter fim. Assistimos no Brasil perplexo a expansão sem controle da pandemia incrementada por uma incúria e uma negligência que parecem propositais. Contamos com horror as vítimas, com o amargo sentimento de assistir em nossa terra a um injustificável morticínio. E constatamos com espanto que o terrível espetáculo é contemplado com indiferença, quando não com deboche, nas mais altas esferas. Menospreza-se a ciência, pratica-se em plano oficial o charlatanismo, dificulta-se com imperdoáveis delongas a imunização de nosso povo, de maneira tal que a situação toma as cores de uma verdadeira chacina. E à escalada sinistra dos óbitos, em grande proporção evitáveis, soma-se o avanço da miséria em que submergem milhões de brasileiros.

Peço perdão por evocar este quadro pavoroso num momento de celebração. Mas deixar de evocá-lo seria esquecer quem está sendo recebido e que Casa o recebe. Seria desconhecer o amor de Vossa Excelência a nosso país, o zelo com que sempre tratou dos interesses de nosso povo, defendendo seus direitos, cuidando de sua proteção. Seria também trair a vocação de uma Academia dedicada ao cultivo do saber, das artes, das ciências, das humanidades: uma congregação que, por isso mesmo, não pode furtar-se à reverência para com os mortos brutalmente dizimados. Mesmo no momento solene em que novo valor a enriquece, ela deve mostrar-se solidária, não pode ficar indiferente ao sofrimento de tantos homens e mulheres. De resto, como sabem todos, um componente decisivo da crise ora vivida por nosso país é o obscurantismo, um mal que esta Casa tem a obrigação de combater. A Academia de Letras da Bahia não foge a esse mandato, não desrespeita suas origens. Por isso, ao mesmo tempo em que festeja com entusiasmo a chegada de um membro ilustre declara sua solidariedade aos cidadãos aflitos e impugna a barbárie que nutre a moléstia e promove inúmeros descabros.

Mas ainda assim celebramos, Senhor Embaixador, felizes de reuni-lo a nosso grêmio. E com orgulho evocamos os nossos maiores para juntá-los a esta efeméride. Quer na qualidade de membros efetivos, quer na condição de correspondentes, têm passado por esta Casa escritores consagrados por sua arte literária, mas também grandes estadistas e juristas notáveis, pensadores respeitados no Brasil e no exterior.

Devo corrigir-me: não é certo dizer que têm passado, porque efetivamente esses homens e mulheres não passam. Seguem presentes em suas obras, em sua ação civilizadora. E a riqueza de seu legado nos serve de alento. Pois é muito precioso.

Os cidadãos ilustres que refundaram nossa Academia dando-lhe o nome atual deixaram de lado divergências que os opunham na arena política para congregar-se aqui em nome da cultura, empenhados em construir e manter uma cidadania iluminada

pelo conhecimento, pela arte, pela poesia. Com orgulho o lembramos: em nossa Academia têm-se reunido mulheres e homens que tomaram a decisão de manter-se lúcidos em tempos sombrios, recusando-se ao torpor covarde. Gente assim, gente como Vossa Excelência, não aceita fechar os olhos, não aceita envolver-se na tola fantasia que o gênio de Goethe simbolizou com a imagem impressionante de um baile sobre um vulcão. Gente assim resiste, procura novos caminhos, denuncia o obscurantismo e lhe dá combate, por ter clara consciência das calamidades que ele provoca.

Permitam-me Vossa Excelência e os amigos que me ouvem apelar de novo às imagens magicamente realistas do grande poeta germânico. Em sua inesquecível tragédia, ele fez a apresentação do personagem que encarna o mal absoluto pondo em sua boca uma sentença lapidar: *Ich bin der Geist der alles verneint*. Como se vê, é a sanha negacionista que aos olhos do poeta identifica a natureza do pior que existe.

Este enunciado poético encerra a mais adequada cifra da crassa denegação que é capaz de opor-se tenazmente ao claro e manifesto, ao apodítico, ao inegável, com uma sombria obstinação, impulsionada pela fome da mentira. Bem se vê hoje como sua sanha pode ser letal. A ignorância arrogante que lhe serve de caldo de cultura nada tem de ingênua. É mesmo assim que a estupidéz se faz perversa, como Kant bem desconfiava. A cegueira voluntária resulta de um apetite criminoso. Por isso, o obscurantismo é tanto um câncer da cidadania quanto um problema de saúde pública. Benditos sejam os homens e mulheres que o repelem, como faz Vossa Excelência, Senhor Embaixador.

Mas agora vamos ao principal, vamos ao melhor. De olhos bem abertos, podemos dizer que hoje, em nossa Academia iluminada desde o berço pelo fogo da fênix, temos, sim, excelentes motivos para celebrar. Recebemos em nosso grêmio um homem digno, lúcido, sério, respeitado em todo o mundo, autor de obras notáveis, construtor de acordos brilhantes, mestre de uma diplomacia que nos deixa muita saudade pois engrandecia o nosso país

e o fazia admirado. Vemos agora quanto importância tem para a vida, a saúde e a prosperidade do povo a verdadeira arte diplomática, que Vossa Excelência, Embaixador Celso Amorim, praticou como mestre consumado. Por isso os seus novos confrades acadêmicos o saúdam neste momento com um misto de nostalgia e de esperança.

A nostalgia facilmente se explica. Temos saudade do Brasil altivo, admirado e respeitado que o tinha como chanceler, um Brasil que não se dobrava, atuante no cenário internacional com tino e grandeza, sem sombra da subserviência que ora o amesquinha. Temos saudades de uma diplomacia acatada e louvada no mundo inteiro. Sofremos ao vê-la rebaixada.

Mas temos razões de esperança. O país que teve um chanceler festejado como o mais importante do mundo não pode ficar reduzido para sempre à triste situação atual. A boa fama de nossa tradição diplomática com certeza há de recuperar-se; não seguirá para sempre no estado lamentável em que agora se vê. A legenda áurea do Itamarati será reanimada. Basta, para tanto, que sejam ouvidas as lições do mestre que hoje acolhemos em nossa Academia. Está pronto o roteiro, senhor Embaixador, no livro salutar que reúne suas “Conversas com jovens diplomatas”. O itinerário da indispensável anábase se desenha nessa e em outras obras de Vossa Excelência, no rico cabedal de suas memórias. Apontam para o alto as inspiradoras narrativas do grande Chanceler que deu a nosso país um papel de protagonista na cena mundial, em momentos decisivos da história recente.

Com fé e esperança celebramos, portanto, nosso novo confrade, nobre Cavaleiro da Paz que andou pelo mundo a promover concórdia, desembaraçando nós de inveterados conflitos, abrindo portas para o entendimento entre os povos, pugnando pelo respeito aos direitos humanos e pela efetiva independência das nações. Aplaudimos o diplomata perito que chefiou com brilho a Missão Permanente do Brasil na Organização das Nações Unidas e deu a nosso país papel de destaque na indispensável

luta contra guerras de extermínio, fazendo-se protagonista na campanha pelo desarmamento nuclear: aplaudimos o chanceler que presidiu em Genebra a Conferência das Nações Unidas realizada com este nobre propósito, vital para a segurança do ecúmeno. Festejamos o construtor de alianças, o bem sucedido engenheiro do BRICS. Aplaudimos o Ministro da Defesa que honrou o cargo com a amplitude de sua visão da soberania do país. Recebemos com júbilo um notável professor cuja atuação docente em uma das nossas maiores universidades, a UnB, ajudou a incrementar o prestígio de nossas instituições públicas de ensino superior, hoje tão atacadas pela mesquinhez de gente boçal. Recepcionamos o consumado mestre que iluminou com sua passagem o Instituto Rio Branco, onde se formara com distinção. Festejamos o homem culto, sábio e ponderado que se dedicou efetivamente ao fomento da Ciência e da Tecnologia ao atuar com ministro dessa pasta e assim deu a devida importância a uma área vital não só para o desenvolvimento do país como também para a garantia do bem-estar, da segurança e da saúde de nosso povo. Saudamos o eminente cientista político, mestre destacado no campo das Relações Internacionais, que mostrou, no estudo deste complexo domínio interdisciplinar, o descortino de quem, como analista perito e sempre bem informado, mas acima de tudo ponderado e crítico, observa e discute a dinâmica atual do sistema-mundo, com base na experiência direta e na reflexão. Acolhemos o talento historiográfico de um cuidadoso e perspicaz biógrafo de Joaquim Nabuco. Recebemos um escritor que honra as letras brasileiras, um homem de comprovada sensibilidade e talento artístico, que colaborou com luminares do cinema nacional, como Ruy Guerra e Leon Hirszman; aclamamos o gestor que exerceu de modo brilhante a direção da Embrafilme, numa passagem abreviada de modo abrupto não por demérito, mas, muito ao contrário, por mérito seu e para sua honra, visto como sua demissão deveu-se a um ato digno, a saber, à sua justa e sábia decisão de prover o financiamento do filme *Pra Frente, Brasil*,

de Roberto Farias, medida que descontentou os defensores do sinistro regime ditatorial. Como se sabe, essa película famosa, contada entre os cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos, denuncia a infame prática da tortura num dos períodos mais lamentáveis de nossa história.

Muito tempo levaria perfilar as realizações do Embaixador Celso Amorim ao longo de uma intensa, rica e brilhante carreira diplomática, ou enumerar os seus feitos no campo intelectual, assim como na vida política, que em seu caso significa vida de dedicação ao interesse público, com atuação de destaque em diversas áreas. Seria longo e ocioso, pois não há entre os que nos ouvem quem desconheça a importância e a riqueza de sua obra, de suas realizações. Encerro, pois, dando-lhe as boas-vindas à Academia de Letras da Bahia com a esperança de que em breve possamos recebê-lo em nossa sede, para alegria de nosso sodalício e da sociedade baiana. Tenho dito.

Salvador, 25 de março de 2021.

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.



DISCURSO DE POSSE

HELOÍSA PRATA E PRAZERES

Senhor Presidente da Academia de Letras da Bahia,
escritor Ordep Serra
Senhoras e senhores acadêmicos, familiares e amigos

Disposição, possibilidade e comoção assaltam-me. Densa percepção do humano campo semântico, que nomeia a vivência ora experimentada, porque disponível, expectante e compassiva, apresento-me, também como filha da complexa civilização sul-baiana, berço de narradores e poetas, que contam a sua natureza fundadora. A distinção excede o mérito pessoal; o que se recompensa é o fervor e a adesão à palavra poética, que humaniza e demanda por consciência crítica, em especial quando fazemos a travessia de um tempo de enormes desafios. Convoco o sentimento de compaixão, não apenas no seu sentido ético, mas no étimo e na semântica puros, partilha com o outro de sua paixão, movimento que hoje se reveste de perplexidade, na constância do colapso do sistema frente à guerra da pandemia.

Devo-lhes, senhoras e senhores acadêmicos, entusiasmo proporcional ao meu gosto pela leitura e escrita. Novo tempo de um percurso, que suscita perguntas: como transformar a prática da poesia em jornada pessoal articulada com o outro; farei a dignificação de sua legitimidade, nesses tempos tão pouco líricos? Essas são aporias que me sobressaltam.

Neste momento solene, sou grata e reverencio o corpo colegiado da Casa, que labora há mais de um século pela língua e literatura nacionais; preservação da memória cultural da cidade;

amparo e estímulo às manifestações das ciências e das artes. Obrigada, senhores acadêmicos, meus proponentes. Tenho que as nove musas da poesia os colocaram à frente desta senda. Em especial, agradeço ao escritor, conterrâneo, Aleilton Fonseca, que, alicerçado em poesia, ladrilhou o passeio; aos também conterrâneos, mestre, Cyro de Mattos, ao poeta épico-lírico, caro amigo, Florisvaldo Mattos; ao ilustre escritor, Nelson Cerqueira e ao Abade Dom Emanuel, defensor da lírica e das letras. Invoco a aura do idealizador da Academia de Letras da Bahia, o Engenheiro Arlindo Fragoso, e honro a memória da saudosa amiga, poeta, Myriam Fraga.

Refletir sobre a pertinência da poesia não é atividade solitária, mas convival e tomo-a como tarefa de uma vida. A discussão sobre o nome das coisas e a identidade das pessoas faz-se necessária, pois protege-nos contra a redução. A ação do poeta predica questionamentos contínuos: por que o faz; o que pretende com os seus versos; qual o papel da palavra, num mundo que, a partir dela, para representar-se, mais das vezes, falsifica-a e adultera-a, movido por suas próprias tendências à submissão, à “escuridão”¹, como o identificam os filósofos, que pensam a contemporaneidade. Escuridão que ensombrece a *Casa onde habitamos*. Na coletânea de poesia com este título, reflito sobre o espaço da linguagem, como necessidade de mais poesia no mundo, buscando a raiz dos nomes, cortando as sombras que os ocultam; o poema reconstruindo vidas – não necessariamente a autoral – mas a existência de um corpo anônimo que ocupa o interior da escrita, como se fosse sua própria casa, e outros convidasse a fundirem-se com ela. Sempre uma jornada bela, longa e às vezes dolorosa, correndo paralela à trajetória de uma vida, que se intensifica por meio da escrita.

¹ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius N. Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 57-72.

Recorro a sólido pórtico, sob o signo da via negativa, cujo sentido garanta a verdadeira percepção do conceito de alteridade; elejo o projeto poético de Fernando Pessoa, como referência em língua portuguesa, a quem se deve a visão expansiva e revolucionária da morte do eu, pela arquitetura literária, que implicou o desfecho da crença do sentimento sobre a unicidade do homem. Ele que sinalizou um século, e dele se afastou, propondo a via heteronímia, como condição humana, implícita, mediante a capacidade multidirecional de sua poesia – desenho que formalizou, concebendo sua mobilidade e forjando o axioma, “multiplicar-se para melhor sentir.”² Uma perspectiva, que bem se coaduna com a Cadeira de número 26, um dia associada ao gênero hagiográfico, por um de seus ocupantes – característica imediatamente acolhida e confirmada por aquele que lhe fez o panegírico, quando de sua sucessão, Roberto Figueira Santos.

De fato, a Cadeira de número 26 traduz o sentido de privilégio e distinção, que associa a confiança, fé, lealdade, trabalho e mérito. Este assento encontra-se vinculado a vidas exemplares, pela referencialidade dos seus predecessores: Dom Antônio de Macedo Costa, José Cupertino de Lacerda, Alberto Moreira Rabelo, Francisco de Paiva Marques, César Augusto de Araújo e o ilustre intelectual, pesquisador, gestor público, Professor Roberto Figueira Santos, a quem honrosa e sensibilizada sucedo.

O Patrono, Dom Antônio de Macedo Costa, orador, escritor e polemista – cujas formulações encontram-se atravessadas pela concepção de uma teologia, na qual o Estado é o interlocutor da Igreja. Macedo Costa, bispo do Pará e arcebispo da Bahia, foi precocemente destinado à carreira sacerdotal, frequentou o seminário na Bahia e concluiu estudos

² PESSOA, Fernando. Passagem das horas. In: CAMPOS, Álvaro de. *Livro de Versos*. Lisboa: Estampa, 1993. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.).

em Saint Sulpice, na França. Ordenado padre, doutorou-se em Direito Canônico, em Roma. Foi-lhe conferido por Leão XIII o título de arcebispo metropolitano primaz do Brasil. Filho de José Joaquim de Macedo Costa e Joaquina de Queirós Macedo, nascido a 07 de agosto, em Maragogipe, Dom Antônio de Macedo Costa viveu de 1830 a 1891.

O Fundador, Cônego José Cupertino de Lacerda, era Santo-Amarense. Colaborou com a fundação desta Academia, foi padre, pelo Seminário da Bahia, onde também ensinou Francês e Filosofia. Em 1899, obteve as honras de Cônego da Sé da Bahia. Ingressou na política, exerceu dois mandatos, como deputado e dois como senador estadual, também atuou interinamente no governo da Bahia (1906-1907). Filho de José Antônio de Lacerda e Ana Leocádia Borges de Lacerda, nascido a 18 de setembro de 1850, faleceu em Vila do Bonfim de Feira, BA, em 1927. De sua lavra, registro o *Sermão pregado em uma das festas da visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, na Igreja da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, em princípio do século XX* (1939).

Alberto Moreira Rabelo, Segundo Titular, escritor e político, nasceu em Cachoeira, no ano de 1883 e faleceu em 1928. Autor de *Prófugos* (phantasias e narrativas), com um juízo de Xavier Marques, 1905.

Monsenhor Francisco de Paiva Marques, Terceiro Titular, nasceu na Penha, península de Itapagipe, pregador, mestre da moralidade católica, escritor, integrou a Academia Brasileira de Letras; é autor de *O rosário na eloquência de Vieira*.

César Augusto de Araújo, Quarto Titular, honrou a longa tradição de profissionais médicos, que apreciam artes, música, dança, pintura, escultura e literatura. Soteropolitano, graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1956, associou-se membro desta Academia de Letras da Bahia. Viveu entre 1898 e 1969.

Y es de tan alta excelencia
 aqueste sumo saber,
 que no hay facultad ni ciencia
 que la puedan emprender;
 San Juan de la Cruz³

Quando empossado nesta Cadeira N° 26, Roberto Figueira Santos recuperou a fala do seu antecessor, que assim se expressara: “a herança que recebo [...] é também um Santuário”⁴ – suscitando-lhe uma demanda hagiográfica – pelo perfil de serviço à coletividade, desde uma ótica religiosa, de “santidade”, própria, respectivamente, do fundador ao patrono e subsequentes donatários.

No discurso de posse de Roberto Santos⁵, admire-se o jogo de palavras, que engendrou em leve gracejo, exaltando o pai: “[...] contentou-se com este Santos, esperançoso [...] pálido reflexo das virtudes cívicas de outro Santos, Edgard, que teve igualmente assento nesta Casa.” Este o espírito de Roberto Santos, que melhor ajustou as suas lentes sobre tudo aquilo que o cercava, homens, nomes, ciência e arte. Foi assim, quando, em *Vidas Paralelas*⁶, registrou a biografia do pai, Edgard Santos, ou quando viajou a Portugal em busca da raiz, e deu com a figueira, que o inspirou e aproximou do antropônimo feito árvore frutífera. “A família incorporou formalmente ao seu nome de origem o nome da árvore, e este último acabou prevalecendo até a presente geração [...]”

³ JUAN DE LA CRUZ, Santo. Entreme donde no supe. In: *Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté (Besant; on)*. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

⁴ ARAÚJO, César Augusto de. Discurso de Posse. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, v.18, p.89-121, 1957.

⁵ SANTOS, Roberto Figueira. Discurso de Posse. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, v.23, 1973-1974. p. 1-18.

⁶ SANTOS, Roberto Figueira. *Vidas paralelas*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 142.

Retomo o contexto de heteronímia, de Fernando Pessoa, e sugiro que, pensando o perfil desse Santos, à instrução poética de Pessoa, como Álvaro de Campos “multiplicar-se para melhorar sentir” – a qual, o poeta português, Ele Mesmo, complementa: “o que em mim sente está pensando”⁷ – quem sabe, possa residir aí o prisma fundamental da mirada robertiana para o mundo, na sua experiência do pensar, quando, cita, por exemplo, Bronowski⁸, refletindo sobre o pensamento científico: “[...] a Ciência é um jogo da imaginação, tanto quanto a Poesia [...] o esforço da Ciência consiste em resolver ambiguidades, mediante provas críticas e decisivas entre alternativas.” Roberto Santos, em seu vínculo com o espírito científico, dele alimentou a sua natureza investigativa. Escreveu vasta obra e pensou temas de sua predileção – educação, contextos sociais, políticos e econômicos, sendo-lhe fundamental o espírito crítico. Tal viés, favorável ao método investigativo, concentrou-se no repertório de reflexões do educador – no seu empenho teórico, a advogar pela defesa da tese do ensino baseado na comprovação científica. Mas, esta devoção não o privou do contato com a poesia, a biografia, o texto filosófico ou a música. Prova dessa sensibilidade múltipla foi a escolha dos versos do poeta místico espanhol, San Juan de la Cruz⁹, inseridos no seu discurso de posse, há quase cinquenta anos: “Entréme donde no supe, / Y quedéme no sabiendo, / Toda sciencia trascendiendo.”

Roberto Figueira Santos, filho do fundador e primeiro reitor da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Edgard Rego Santos, e de Carmen Figueira Santos, nasceu em Salvador, no dia 15 de setembro de 1926. Em 1963, casou-se com

⁷ PESSOA, Fernando. Ela canta, pobre ceifeira. In _____. *Poesias*. Lisboa: Ática, 1942.

⁸ Cf. SANTOS, Roberto Figueira, 1971, p.11.

⁹ SANTOS, Roberto Figueira, 1973-1974, *loc. cit.*

Maria Amélia Menezes Santos, com quem teve seis filhos. Formado em medicina pela UFBA (1949), o seu espírito científico, citado, cedo o levou a perseguir aperfeiçoamento, movendo-se para fora do país, Cornell, Michigan e Harvard, nos EUA (1950-1953) e também na Grã-Bretanha, Universidade de Cambridge (1954-1955).

No seu livro, *Recentes pronunciamentos*¹⁰, comenta sobre a reorganização estratégica, que liderou na universidade, enfatizando a importância do regime de dedicação exclusiva, associando-o ao florescimento da pesquisa. Roberto Santos ocupou os cargos de reitor da UFBA, entre 1967 e 1971, governador da Bahia (1975-79), ministro da Saúde (1986-87) e deputado federal (1995-99).

Reitor da Universidade Federal da Bahia, UFBA, durante o seu mandato, dedicou-se à reforma da estrutura universitária, que reestruturou a carreira docente – extinguindo o sistema de cátedra e implantando a estrutura de departamentos. Consta que acolheu, no prédio da reitoria, estudantes perseguidos, por motivos políticos; e, que, quando da invasão da Universidade pela Polícia Militar, por ordem da VI Região Militar do Exército, para acabar com a greve de ocupação, que levou presas as lideranças, Roberto Santos teria se deslocado até o Quartel da Guarda Civil, nos Barris, para garantir que, ao amanhecer, fossem iniciadas gestões de soltura.¹¹ Em seu Tributo a Roberto Santos, datado de 29 de abril de 2021, o Magnífico Reitor da UFBA, João Carlos Salles, ilustre confrade, observou: “ [...] Dr. Roberto Santos [...] esteve a nosso lado. Ele também compreendeu que, entre outras coisas [...] nunca desdenhamos o legado originário da universidade, tanto o deixado por Edgard Santos, quanto o urdido por ele.” Ou seja, sua herança ilumina caminhos da gestão pública e aqueles que o sucederam e permanecem-lhe leais.

¹⁰ SANTOS, Roberto Figueira. *Recentes pronunciamentos*. Salvador: EDUFBA, 2008.

¹¹ PITTA, Edson Lima. *Depoimento*. [Salvador, 28 jun. 2021].

Eleito Governador da Bahia, sua gestão foi assinalada pela ênfase na atenuação de problemas sociais. Implantou o primeiro Museu de Ciência e Tecnologia do País; deu prosseguimento à construção do Polo Petroquímico de Camaçari; contribuiu para a modernização da agricultura, construindo o Parque de Exposições. Deputado federal (1995-1999), exerceu o mandato e reuniu seus pronunciamentos em livro intitulado *Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais*. Em 2004, Presidente da Academia de Educação da Bahia, além de ativo nesta Academia de Letras da Bahia (ALB) e na Academia de Medicina. Roberto Santos, então, mais e melhor expressou a sua competência intelectual e humanística. Gostava da vida e das pessoas e surpreendia pela lucidez, erudição e afabilidade: “Intelectualmente, alguns temas o atraíam em especial, educação, saúde, ciência e tecnologia. A política foi um recorte de sua vida, o que ele nunca deixou de ser foi cientista. Gostava de música clássica e, quando jovem, aprendeu a tocar piano. Lia muito, gostava de biografias”.¹²

Roberto Santos, nas nove décadas de sua fértil vida, mobilizou-se pela reorientação e transformação. Em 2017, o acervo documental que guarda parte importante de sua memória política e histórica foi transferido por ele para a Fundação Pedro Calmon. Entre os documentos, encontram-se os livros: “A universidade e os novos propósitos da sociedade brasileira (1973); Um mandato parlamentar a serviço de causas sociais (1998); Reflexões sobre temas da atualidade (2005) e Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico” (2008).

Roberto Santos deixa um legado único; seu espírito liberal e de visão social avançada, comprovou-se perante inúmeros desafios, como quando, por exemplo, como destacou o ilustre confrade, Edvaldo Brito, ordenou a liberação dos terreiros de

¹² SANTOS, Cristiana. *Depoimento*. [Salvador, 10 jun. 2021].

candomblé da permissão de funcionamento por parte da Secretaria de Segurança. Ele compreendia e defendia como ninguém a importância da liberdade de expressão. Talvez aí, para além de tudo, esteja presente o educador, cuja missão fundamental é ensinar pelo exemplo. Roberto Figueira Santos, digno e respeitoso, sempre louvou o seu maior e mais querido título – o de Professor.

Ando um pouco acima do chão
 Nesse lugar onde costumam ser atingidos
 Os pássaros
 Um pouco acima dos pássaros
 No lugar onde costumam inclinar-se
 Para o voo
 Daniel Faria¹³

Se a relação que cultivo com as letras não me permite considerar-me poeta com exclusividade, pois não sou exclusiva da poesia, considero-me, de outra parte, permanente aprendiz. Na docência e na pesquisa, me constituí, mas o olhar da poesia foi-me inseparável. E agora, este reconhecimento, estando a representar também a voz feminina de minha terra, faz-me duplamente responsável pela continuidade da presença de uma paisagem – zona cacauceira da Mata Atlântica costeira, o âmbar de suas águas fluviais, a exuberância de sua fauna e flora, que me restaram entranhadas, sempre melhor articuladas pela poesia; como bem sistematizam os teóricos, e, na minha experiência como estudante de uma grande teórica, Judith Grossmann, entendendo que a poesia rebela-se contra quem a tenta domesticar ou afastar o esforço do poeta da prática do desvio, da contaminação semântica e da desautomatização da linguagem,

¹³ FARIA, Daniel. *Ando um pouco acima do chão*. [S.l: S.n, 1990?].

Civilizações

pomos maduros
bordam mandalas
dispostas na geometria
sobre a salva

fiz a refeição do encontro
com a beleza do saber oriental –
e o par de talheres luzia sobre o linho

as fatias e arabescos de fios de maçãs
ordenadas em gomos transparentes
adereçavam a sutileza do servir

aos meus olhos habituados
à contemplação
dos dourados frutos
empencados na mata.

Itabuna era um burgo de vocação agrocomercial; quem tinha alguma atividade criativa beneficiava-se do colégio de D. Amélia Amado, onde aluna do hoje Primeiro Grau, estudei inglês com religiosa inglesa, francês, com francesa, italiano com italiana, no Sul do Estado da Bahia. Nesse colégio feminino, a Ação Fraternal de Itabuna, no final dos anos de 1950, e nos eventos, promovidos pelas quermesses juninas e natalinas, mais das vezes sob a liderança do historiador, agitador cultural, meu saudoso tio, José Dantas de Andrade, formei-me. Outra opção, à qual me foi dada acesso, o Centro Cultural da cidade, onde percebi, em arrebatada suspensão, o poder da oratória e ouvi a recitação de poetas condoreiros. Pela primeira vez, ouvi menção a textos e nomes nacionais, especialmente o fervor e lustre do *Espumas flutuantes*, de Castro Alves. Como tinha não muito mais

que uma dezena de anos, e ali era levada pela sede de conhecimento de outro dos meus mentores, João Martins de Oliveira, era a atmosfera e a musicalidade que permaneciam, formando-me o gosto e, talvez, a prematura indagação sobre arte, poesia e vida criativa. Ali escutei fascinada versos do poeta da cidade, Firmino Rocha e os sonetos majestosos de Sosígenes Costa, nosso bardo de Belmonte.

Imersa na experiência da vasta família de seis mulheres, tias, havia sempre uma estante envidraçada, à qual, tinha livre acesso, também à biblioteca de meu irmão, Renato. Cedo li os principais ficcionistas brasileiros, portugueses e franceses e a poesia de Castro Alves, Augusto do Anjos, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Antero de Quental, e Guerra Junqueiro.

No alvorecer da década de 1960, minha família veio para Salvador, concomitantemente quase à deflagração da ditadura militar. Vivemos no bairro dos Barris. Meu pai deslocando-se para a Cidade Baixa, para a matriz do Banco da Bahia, e minha mãe a experimentar mais um deslocamento, na sua já assinalada experiência de exílio. Sua alma revelava a angústia das separações, daí a presença da poesia, o gosto pela declamação e pelo canto, em sua linda voz.

Díaspóra ao Sul da Bahia

A Georgina Oliveira Cruz e Luís Manoel da Cruz

[...]

colho o saber da estirpe nortista
do feudo de Georgina e Luís
espelho-me em retinas centenárias
(coleção de memórias rurais)
primeiro a dispersão e o rumo
a outro destino – novo estado
nas pegadas de Sumé ao eldorado

[...]

sementes do fruto pariram burgos
(Tabocas Almadina Arataca
Água Preta Camacã, Pirangy)
e a razão marginal: um topônimo Tupi
pedra preta, lar, Itabuna
ouro antigo de cascas brunidas

Estudante do Colégio Estadual Severino Vieira, alcancei a aproximação do coral da instituição e o reclamo de aperfeiçoamento do gosto artístico e literário, tendo como Professora de português, Dona Belmira, leitora de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões – educava-nos, então, pelo ouvido. No colégio Central da Bahia, à época ainda um celeiro de novidades, conheci a geração seguinte à que promovera o histórico processo de renovação e conceituação vanguardista da cidade do Salvador. Minha casa, as mais duradouras amizades, o centro de minha juvenil emoção, “Companheira, que a Graça nomeia, / andemos pelos pátios do Central, / em destemido e diário percurso [...] da tua face adulta sei do brilho, / da obra que sozinha edificaste, / urdida em dias de adolescências: / sei sonho, sede, madureza e práxis.”

Tudo se encontra derramado nas experiências de acesso aos espaços culturais de então: sessões do cinema de arte do Cine Guarani, no coração da cidade, em frente à Praça Castro Alves; frequência ao teatro Vila Velha, que marcou o momento cultural brasileiro e abrigou movimentos sociais; auditório da Reitoria da UFBA, lugar de intensa movimentação e divulgação culturais; Livraria e Editora Progresso, única editora baiana, a publicar ensaios literários, romances e livros de poesia – por meio das edições dessa livraria, conheci títulos clássicos; os Sermões, do Pe. Antônio Vieira; a narrativa francesa e russa dos séculos XIX e XX. Frequentei, então, o universo efervescente do Mosteiro de São Bento e a Galeria Bazarte, na Rua Politeama de Cima, onde conheci Jamison.

Tudo se reúne num permanente elo de juventude e identidades de uma geração. Movimentos, como Cinema Novo e Tropicalismo, foram absorvidos, como parte intelectual das vivências universitárias, em consonância com as perplexidade e sofrimentos derivados dos mais duros períodos do regime de exceção. Havia, contudo, como comprova a história cultural baiana da época, terreno fértil para atuações culturais, na atmosfera daquele clima, que recebia influxos da Primavera de Paris (1968) e dos movimentos sociais norte-americanos – direitos civis dos negros, contracultura, manifestações contra a guerra do Vietnã.

Na década seguinte, de 1970, pessoas marcantes aportavam, às vezes, em nossa casa, cada qual em sua viagem. Vinicius de Moraes, queria uma casa em Itapuã (1974) e recitava os metafísicos ingleses; Maureen Bisiliat fotografava para o seu projeto Bahia amada / Amado; amigos argentinos fugiam da fúria do golpe de 1976; Mestre Didi (Deoscoredes Maximiliano dos Santos), escultor e sacerdote, mostrava-me nos búzios a benevolência, dignidade e gentileza das filhas de Nanã – na vigência desses anos cinzentos, escrevi versos para o desfecho da película, curta-metragem, "Caranguejomen", com a qual, Jamison e eu recebemos o 5º Prêmio Nacional do Festival Brasileiro de Cinema Amador do Jornal do Brasil.

No curso de Letras Vernáculas, com Inglês, do Instituto de Letras (IL) da UFBA, monitorei e convivi com os saudosos, mestres Hélio Simões – conquistador de audiências pela singular recitação da Cantigas de Amigo e Amor – e com a saudosa Jerusa Pires Ferreira.

Jovem professora, na Universidade Católica de Salvador (UCSAL), relacionei-me com mestras da língua e literatura nacionais, Joselita Castro Lima e Terezinha Moreira, a quem tenho, agora, a alegria de saudar, expressando-lhes gratidão – também abraço, Olinda Rodrigues Prata, Carlota Ferreira, Celina Scheinowitz, Maria Cardoso e João Antenor Silva.

Em meados da mesma década, começara a perceber e a assumir com mais consciência um papel intelectual, como Professora do Curso de Graduação em Letras. Tal perspectiva, dirigiu-me ao *comparativismo*, orientada pelos saudosos mestres, Cláudio Veiga – que, mais tarde, em meados dos anos 1980, me atrairia para o Curso Castro Alves, vivo, nesta Academia; reporto-me, em memória, a Antônio Barros, Ildásio Tavares e João Carlos Teixeira Gomes, Joca, colegas no Departamento de Letras Vernáculas do IL da UFBA, onde acompanhei-lhes o trabalho de ensino, pesquisa e extensão e ao rigor metodológico do professor Davi Salles, em seus estudos sobre a obra de Xavier Marques.

Yo no estimo tesoros ni riquezas,
y así, siempre me causa más contento
poner riquezas en mi entendimento
que no mi entendimento en las riquezas.
Juana Inés de la Cruz¹⁴

Novas escolhas viriam a impactar trabalhos futuros, desenvolvidos nos cursos de pós-graduação, dentro e fora do país, quando me foi dada a experiência de exílio voluntário, no gelado centro-oeste norte-americano, na cidade de Cincinnati, EUA. Então, professora universitária baiana, com minha família, já no seu formato nuclear, com nossos três filhos, Leticia, Ana e Daniel, em idades entre doze e dois anos. Na vigência do curso, fui orientada pelos mestres, Edward Coughlin, Juan O. Valencia e pelo hispanista, Donald W. Bleznick.

Estrangeira

seu traje solferino
era a flor do sentimento
da banda tropical
(cumprimentaram-se)

¹⁴ JUANA INÉS DE LA CRUZ, Irmã. *Soneto XXVI*. [S.l: S.n: 1991].

sobre prateleiras
 objetos corais em chama
 almejavam à paz do oriente
 (amarelo, laranja e castanho outonal)
 levantaram-se
 (a nevasca era esplêndida)

Então, foram-me dados à interpretação fenômenos literários do mundo ibérico à luz das interinfluências luso-hispânicas: a geração de 28 – o mundo de Juan Ramón Jiménez e António Machado, e, logo, García Lorca e a chamada *poesía pura*. Também conheci o edifício teórico, que configura o pensamento de Miguel de Unamuno (que me iluminou o entendimento sobre as bases filosóficas, que consolidaram o movimento da geração Coimbrã). Pude acessar a radicalidade das propostas do chamado *nouveau roman* francês, e desvendar caminhos, que me levaram ao realismo mágico, às vanguardas latino-americanas e à *nueva novela*.

Prontamente, voltei-me para relatos latino-americanos, projetando vozes americanas fora do cânone narrativo europeu. Testemunhas do sentimento de exílio intelectual a que se veem submetidos os que integram o chamado “continente submerso” – os narradores latino-americanos expressam este ponto de vista a partir de questões identitárias. Assim, sucessivamente, pontuando, combinando e simbolizando adotei o comparatismo.

Confesso que, quando primeiro pus os olhos na biblioteca da instituição, não pude acreditar no que via, e fiquei absorvida, intensamente possuída pela energia do saber. Entendi talvez, então, que as grandes descobertas são apenas a compensação oculta para o trabalho mais árduo. O que nos leva a Horácio em sua Sátira I,9,59-60, quando comenta: “[...] Nihil sine magno labore vita dedit mortalibus [...]” (“nada dá a vida aos mortais sem grande obra”)¹⁵.

¹⁵ HORÁCIO. Sátira I,9,59-60. In: *Sátiras*. Título original: Sermonum liber primus e sermonum liber secundus. Trad. António Luís Seabra. São Paulo: Edipro, 2011.

Em meados dos anos 1990, colaborei com o curso de Letras da Faculdade Salvador, FACS. Naquela instituição, como pesquisadora, deliberei um retorno à semente e adaptei estudos acadêmicos a um formato de livro, sobre três narradores baianos, Jorge Amado, Adonias Filho e Herberto Sales.

Progressivamente entendi que a solidão espiritual e, acima de tudo, intelectual, pode ser uma disposição conducente a realidades despojadas. Cedi à ânsia por atingir novos desvelamentos, e surpreendi-me disposta, em 2003, a novas bases estruturais e conceituais, quando, a convite do saudoso e querido amigo, Armindo Bião, ingressei na Fundação Cultural do Estado da Bahia. Ali coordenei a criação do Núcleo de Referência Cultural e ajudei a estabelecer subseqüentes bases de planejamento para o Projeto Referência Cultural em Rede, que visou à colocação do Estado da Bahia nas correntes de compartilhamento do seu patrimônio. Agradeço às pessoas que me acompanharam, nesta vitoriosa jornada, no âmbito do sistema cultural do Estado da Bahia. Também abraço, Marcia Caffé, Cristina Sena, Luísa Prata, Diana Paim, Lucélia Magalhães, Ana Lúcia Fonseca e Flávia Ferreira.

Atividades de poesia, tradução, edição, organização de obras literárias e preparação de obras poéticas e científicas passaram a me absorver, com exclusividade. Fiz desde então a organização de algumas obras, nomeadamente de escritoras, e ocupei-me do fértil projeto criativo do premiado poeta baiano, membro da Academia de Letras de Itabuna, meu irmão, Renato de Oliveira Prata.

Cito livros, publicados, ilustrados com a arte de Jamison Pedra. *Temas e teimas em narrativas baianas do Centro-Sul*: Ensaio. Salvador: FCJA; UNIFACS; SECULT, 2000; *Pequena História, poemas selecionados*. Obra prefaciada pelo acadêmico, escritor, Aleilton Fonseca. Salvador: Quarteto, 2014, poemas escritos entre 1973 e 2012; *Casa onde habitamos, poesia*. São Paulo: Scortecci, 2016; *Arco de sentidos, literatura, tradução e memória cultural*. Itabuna: Mondrongo, 2018 e *Tenda acesa, poemas*. São Paulo: Scortecci, 2020.

Your life you live by the light you find
and follow it on as well as you can,
William Stafford¹⁶

O mundo contemporâneo encontra-se despido e oco a possibilidades de recepção do trabalho poético. O cidadão hoje é o consumidor e a Palavra Essencial retorna, porque percute ouvidos moucos à orquestração do real, conduzida por um criador. A experiência da totalidade que a poesia oferece não será lida, porque o leitor contemporâneo não a assimila ou interpreta; com esta reflexão sombria, do poeta e crítico de civilizações, Octavio Paz¹⁷, e talvez para responder afetivamente à realidade desta tese, recorde-me a adolescência, os espetáculos colegiais de minha cidade, apresentações de canto regidas pela saudosa Professora, Zélia Lessa, a quem devo a iniciação musical. Então, fascinavam-me canções folclóricas e considerava encantatória a mistura entre palavras e sonoridades, embora não alcançasse esclarecer bem a sua complexidade □ peças de Villa Lobos, a partir do folclore nacional. Enquanto as ouvia, imaginava poemas, que, após, anotava em cadernos avulsos.

Anos depois, quando melhor pude traduzir aquele mundo, desvendei que, na sua maioria, os poemas da juventude nada tinham a ver com a atmosfera daquelas primeiras performances, mas alguns respiravam um sentimento semelhante. Admito que captei o clima que se coloca acima do significado literal das palavras por meio da música. Entendi, então, poesia e música, como de natureza similar. Mais tarde, percebi que, na poesia, o sentido também emerge por meio do ritmo e da sonoridade, que as palavras poéticas detêm.

¹⁶ STAFFORD, William. The dream of now. In: STAFFORD, Kim Early. *Morning: Remembering My Father*, William Stafford. San Antonio, Texas: Trinity University Press, 2013. p. 3.

¹⁷ Cf. PAZ, Octavio. *La otra voz: poesía y fin de siglo*. Barcelona: Seix Barral, 1990.

A poesia da juventude é sempre subversiva, mesmo falando da alma imatura, que hoje evoco pelo que significa, como fonte permanente de memória e reconhecimento de raízes, e, principalmente, de uma comunidade de afeto da qual sou simbolicamente filha e à qual pertença – estirpe nortista, como eram denominados, os oriundos do estado vizinho: meus pais, Agrícola Santana Prata e Alzira de Oliveira Prata, oriundos respectivamente de Simão Dias, SE e Estância, SE. Encontrados, adultos, na cidade do Eldorado, na região da civilização do cacau, uniram-se em matrimônio, pais de três filhos. Irmão, Renato de Oliveira Prata, porto seguro, referência de vida e poesia e irmã, Regina Amélia Prata Vidal, lago de afeto, sólida presença na vida dos nossos três filhos, Letícia, Ana e Daniel, meus e de Jamison Pedra Prazeres, parceiro de uma vida, com quem construí a estrela,

[...]
Base calcárea
forma de estrela
cinco pontas escrevem a linhagem
do branco maleável retiram
poeira de cristais e a porção dos dias
[...]
Ainda se colorem os vazios
do remoto desenho de família.
Ainda se aplainam ideias concebidas
acendem-se brasas
e sopram-se milagres

que cursa reunida na humana trajetória de vidas partilhadas e multiplicadas, pelo número de seus vértices, em dobro – somatório de mais cinco, nossos netos, João Filipe, Samuel, Olivia, Pedro e Leonardo, que, entre vinte e três anos e apenas onze meses, comprovam a largueza da nossa

diacrônica experiência familiar – com Nilson Bolgenhagen, Oscar Goodman e Michele Mascarenhas Prata, tecida nesse meio século de trocas e convivalidade. A esta construção, que figurei estelar, devo o meu alicerce, oxigênio, terra e água cristalina, rosa diária de minha pequena história.

Muito obrigada.

Salvador, 29 de julho de 2021.

Heloísa Prata e Prazeres é poeta e ensaísta. Professora adjunta aposentada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Bacharel e Mestre em Letras pela UFBA, cumpriu doutorado em Literatura, University of Cincinnati, OH. EUA. Foi titular na Universidade Salvador, UNIFACS. Coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Publicou em livro, *Temas e teimas em narrativas baianas do Centro-Sul*. FCJA; UNIFACS; SECULT, 2000; *Pequena História, poemas selecionados*. Salvador: Quarteto, 2014; *Casa onde habitamos, poesia*. São Paulo Scortecci, 2016; *Arco de sentidos, literatura, tradução e memória cultural*. Itabuna: Mondrongo (2018). *Tenda acesa, poemas*. São Paulo Scortecci, 2020. *A vigília dos peixes, poemas*. São Paulo Scortecci, 2021. Membro vitalício do International Alumni Association. Desde 2021 ocupa a Cadeira n° 26 da Academia de Letras da Bahia.



**SALVE, HELOISA!
E OS PRAZERES DA POESIA
SAUDAÇÃO A HELOÍSA PRATA
E PRAZERES**

ALEILTON FONSECA

Ilmo. Sr. Ordep Serra – Presidente da Academia de Letras da Bahia
Ilustríssimas confradeiras, ilustríssimos confrades
Senhores, senhoras e jovens, especialmente amigos, amigas e familiares da nova acadêmica
Ilustríssima acadêmica Heloísa Prata e Prazeres:

A Academia possui um significado substantivo. A Poesia é a essência mais íntima e sensível do verbo. Poesia e Academia são rimas ricas, em sentidos transcendentais: encontro, convivência, criação.

Senhoras e senhores, essa voz que vem de tempos longínquos, mais uma vez canta em nosso jardim. E quando a poesia chega, é mister abrir-lhe as portas e as janelas e deixar que ela habite a nossa casa e ilumine as nossas vidas com seus acordes, enigmas e rituais.

Estimada poeta Heloísa Prazeres:

A poesia te conduziu a esta Casa de poetas, prosadores e intelectuais para a edificação das nossas letras e nossas culturas, na sua imensa riqueza e diversidade. Não era sem tempo, mercê de uma trajetória intelectual e criativa que te credencia a ocupar a cena literária com todos os méritos e louvores. A Academia é, portanto, o seu lugar natural para o diálogo e o exercício das afinidades eletivas. Mulher poeta, és um elo de uma corrente que

mantém viva a chama literatura, pois que praticas o ofício crítico, através de ensaios luminares, e o ofício lírico, com a criação de uma poesia vigorosa, que pinta com o espectro das palavras os estados de consciência crítica, reflexiva e contemplativa inerentes à condição humana. És criadora de uma poesia expressiva, ágil, plástica, relacional, – que se compõe de múltiplas nuances formais e semânticas.

Ave, palavra! As rimas saltam das páginas, por tua voz e teus gestos, anunciando tua chegada. E aqui há um coro uníssono para te saudar. Sabes que a poesia é a escrita do milagre, pois reinventa os sentidos das palavras e revela o íntimo das coisas. Ela nos prova que a vida prossegue, pulsando na alma e no coração, quando tantos perigos nos rodeiam e ameaçam nos impor a mudez, a sujeição e a morte. Resistimos pela palavra e pela voz. Como diz o poeta Thiago de Melo. “Faz escuro, mas eu canto: porque a manhã vai chegar”,

Entretanto, vivemos tempos difíceis, em que a poesia parece banida para uma zona de silêncio. O mundo parece cada vez mais inóspito, surdo e inenso ao canto dos poetas. Carlos Drummond de Andrade exorciza essa ameaça, no célebre poema “O sobrevivente”, ao afirmar: “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade. Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.” Ao cunhar tal sentença, o poeta encarna, na verdade, o eu lírico sobrevivente. Ele compõe, *ipso factum*, um poema que restaura a condição do poeta num mundo bélico e adverso, em tempos inóspitos e urgentes. O poeta ocupa, portanto, um espaço de resistência e persistência. Cada poema é um pingo de água sobre o imenso deserto de um mundo em crise, conflagrado, no qual a vida está sempre em perigo, e é preciso salvá-la. Ora guerra, ora opressão, agora pandemia... e a vida se apequena e se fragiliza. O poeta Ferreira Gullar adverte que “a arte é necessária, porque a vida não basta”. De fato, não basta, por frágil, provisória e incompleta. Faz-se indispensável, entre tantos discursos díspares e desencontrados, ouvir uma

outra voz, como afirma Octavio Paz. Os poetas nos falam de um mundo que ainda haverá de existir, em que os cânticos poéticos tocarão a alma coletiva, como um discurso comunitário. *Ad plenam vitam*. A poesia resiste a tempos duros e desumanos, e nos aponta um devir, projeção de uma utopia possível.

Sabes, Heloisa Prazeres, que o fazer poético é uma ação visceral, uma vocação existencial, uma missão inescapável. Por isso, a vida do poeta é um ritual, em três movimentos: a iniciação, a confirmação e a consagração.

Heloisa Prazeres, hoje consagrada, de onde veio teu sopro poético inaugural? A brisa que sopra a vocação do verbo e que nasce no imponderável nos alcança quando sequer percebemos seu hálito prodigioso. Todo poeta é gestação do silêncio prenhe de vozes inaugurais. Foi, porventura, a brisa que soprava do rio Cachoeira, veias abertas de águas e pedras de sua cidade natal, a Itabuna dos cacauais, que levou a adolescente Heloisa às estantes da biblioteca familiar, e a beber das fontes cristalinas do seu universo cultural? Com quantas páginas de leitura, com quantas viagens no tempo e no espaço, com quantas pitadas de imaginação e sonho, se gestou no teu corpo e na tua mente o estado de ser poeta?

Heloisa Prazeres cumpriste uma trajetória de formação e exercício. Poeta, teu destino maior é viajar, que todo rio navega à procura de seu vasto mar. De Itabuna a Salvador, a atendeste ao chamado da vocação, ao seguir o caminho das letras. Na casa das letras, haverias de frequentar as aulas da poeta Judith Grossmann. Havias mesmo de ser aluna de uma mulher poeta, cujo olhar projetava a sensibilidade nas entranhas do texto escrito, para auferir as percepções mais profundas das entrelinhas, onde se revelam os tesouros mais recônditos das palavras. Eram encontros da prosa e da poesia com a sensibilidade e a intuição. Eram Aulas, no sentido barthesiano. Alia a poesia tornava-se o *locus* de audição, aprendizagem e vivência, modo de sentir e de refletir o mundo. Judith Grossmann, poeta, teórica, ensaísta criou uma escola crítica, na qual forjou grandes nomes que vêm formando gerações de adeptos

e multiplicadores do diálogo crítico e literário. Em homenagem a Judith Grossmann destaco uma estrofe do teu poema “Ensaio de recital”, dedicado à grande mestra:

Tempo, respiração e clareza,
Pois que plenos eram os sentidos
dos recitais quase domésticos.
Amplios porém eram os interiores
Que ali mais se alargavam.

(*Casa onde habitamos*, p. 30).

Heloisa, o teu rumo traçava-se a cada decisão de seguir as trilhas e adentrar os bosques das letras. Da graduação ao mestrado, na UFBA, e daí ao doutorado em literatura na University of Cincinnati, Ohio, Estados Unidos. Estavas pronta para cumprir até concluir uma bela trajetória de professora e pesquisadora. Dessa experiência, resultou uma ensaística fecunda e instigante. A excelência de teu labor se faz notar nos teus ensaios reunidos em dois livros marcantes. *Temas e Teimas em narrativas baianas do Centro-Sul*, do ano 2000, aborda aspectos fundamentais da obra de Jorge Amado, Adonias Filho e Herberto Sales, numa perspectiva que os insere “no âmbito literário latino-americano, a história do continente”, que, como afirmas, “tem-se constituído como uma fértil vertente temática”. E assim, reflete sobre o papel da literatura na integração continental, fazendo ressoar a voz criativa e a voz crítica através de obras que representam o seu espaço geográfico e cultural. É um livro atual e instigante, ao adotar o pluralismo como método e o transculturalismo como matriz teórica, o que nos leva a reconhecer e estudar o valor testemunhal das obras literárias, na construção das nossas identidades. O livro *Arcos de sentidos*, do ano 2018, reúne ensaios que marcam a trajetória de tua produção intelectual, reunindo leituras ensaísticas, artigos, recensões, traduções e relatos de experiência. Conhecimento e

prazer se conjugam na leitura desses textos que mostram uma autora sempre sensível à poesia, às narrativas e às artes plásticas, com seus liames culturais. Os ensaios evidenciam diversas representações, ao abordar obras de Antero de Quental, Eça de Queiroz, Cesário Verde, Stephen Crane, Mário de Sá Carneiro, Juan Rulfo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, William Faulkner, Helen Keller, William Stafford, entre outros.

A escrita poética prevaleceu e ocupou espaço mais amplo de produção. Sim, Heloisa, a poesia traça teus rumos, ela pediu teu empenho e entrega, e a disposição para viajar, conhecer e representar. A viagem é o mister do poeta, como proclama Charles Baudelaire em “*Invitación au voyage*”. As tuas viagens foram desígnios da poesia em tua vida, para anos de vivência e aprendizagem, de cujas paisagens a tua lavra poética se abastece e se alimenta nos relicários das vivências e das memórias.

Os teus três livros de poesia são testemunho desse processo de poetização da biografia. A coletânea *Pequena história. Poemas selecionados* (2014) enfeixa 80 poemas, em três partes indissociáveis e complementares: Cidades visíveis, que evocam diversos lugares em diferentes épocas, com o lirismo de um olhar que descreve e inventa as cidades de suas visitasões. Em “O mundo do menino possível”, temos uma poesia que revela fatos e gestos dos afetos pessoais, pessoas queridas, cenas familiares, celebrações da vida. Em “jardim de obsidianas”, o eu lírico evoca Vulcano, e assume a natureza ígnea de tua artesanaria poética, como uma experiência de subjetivação do mundo.

Ao prefaciá-lo este livro eu me encantei com teus poemas e as fotografias de Jamison Pedra, que, juntos, num consórcio de texturas, ângulos, nuances e signos, comungam a plasticidade fotográfica e poética. Neste livro “tua poesia é um itinerário de viagens, vivências e percepções. Compartilhas epifanias líricas, colhidas nos diversos lugares onde a poesia tocou tua sensibilidade. E o eu lírico nos ensina que:

O poeta rapta ao tempo
o espaço que o domina,
cria fendas na voragem,
e saúda o quadro do milagre
do seu nascimento.

(*Pequena História*, p. 75).

O livro seguinte, *Casa onde habitamos*, é uma coletânea vigorosa, uma poesia de ofício, no qual a poeta exercita seus instrumentos criativos com muita consciência da forma, da linguagem, dos recursos e efeitos. Mais uma vez se dá o consórcio da poesia de Heloisa com a fotografia de Jamison Pedra. O livro enfeixa 83 poemas, nos quais passeias com desenvoltura pela técnica do verso branco, o metro livre, ora convocando o ritmo e as rimas de modo a balancear as estruturas entre a contemporaneidade e tradição. Em nota, autora explicita o seu projeto estético, ao afirmar: “As metáforas dominantes referem espaços de proteção, casas assentos, antessalas, tetos e chão, e traduzem a circunstância primordial de ausência, efemeridade e voragem, que sobressalta os poetas de todos os tempos”. A liberdade da arte, a virtude do silêncio, a exaltação da memória, a rispidez da vida nas grandes cidades são temas presentes.” (p. 9). Afinal, como afirma o eu lírico no poema “Método de poeta”:

Poetas escolhem atalhos
retalhos de cor e fios
tingidos de vida
(remediando o mal que tudo encobre).

(*Casa onde habitamos*, p. 13).

Poesia, vivência, emoção. No seu livro mais recente, *Tenda acesa* (2020) a autora procede uma fértil expansão lírica, com uma poesia de essências e sutilezas, em que recolhe a amorosidade

como “o ouro da vida”, as afinidades relacionais entre pessoas, como a “poesia sempre possível”, as experiências existenciais colhidas através de “olhos capitais”, e sempre com a percepção dos trânsitos, as viagens e deslocamentos, em liberdade, movimento intrínseco à sua biografia pessoal e familiar. O poema que inicia esse périplo lírico, simboliza a artesanaria do trabalho poético através da metáfora sintetizada no título do poema antológico:

Bicho-da-seda

Bem cedo ouço sentidos ocultos
 Escuto o rumor de leves asas
 Encontro o casulo do inseto
 (viajam mariposas recém-natas)

Então a ficção arma meu dia
 Provê o curso e o comentário –
 Palavras silenciadas já acolhem
 Os múltiplos sentidos doi ditado

Ora construo efêmera arquitetura
 Rascunho de tramas sobre tecidos
 Fabulações de cultivo próprio
 Ofício feminino do expurgo
 (*Tenda acesa*, p. 17).

O leitor faz a travessia nesse espaço de luminescências e alumbramentos, experienciando 114 poemas, estações de densa poesia e fruição estética, que se vai concluir com os versos do poema intitulado “Domínio Público”, por si mesmo emblemático do ato de publicar a poesia, doando-a definitivamente aos leitores:

Tudo de que dispunha
é um legado livre
de excelência
resguardo-lhe questões
sei de cor retórica e estilo
guardo-lhe a energia de produção
“quem faz nove, faz noventa”.
(*Tenda acesa*, p. 146).

Sobre esta coletânea, afirma Jamison Pedra, com razão: “Neste novo livro, *Tenda acesa*, passo a passo percebe-se a interação da escrita e a energia das imagens sentidas e transmitidas com a força a vivência transformada em arte, ditada em versos, como os que compõem a seção “O ouro da vida”, minha favorita, porque é o canto da força da vida perante as certezas da passagem do tempo. A poeta nos convida a ver o caminho da recuperação dos instantes infinitos”. (Jamison Pedra, em *Tenda acesa*, orelha).

Uma apreciação exata dessa poesia evocativa e experiencial, em que, ao refletir sobre vivências e circunstâncias, a poeta busca na memória, das mais recentes às mais longínquas, a matéria-prima de um discurso de metáforas, alusões e alegorias, convertendo os fatos em representação lírica, em que a arte de viver é o vetor da invenção poética.

Senhoras e senhores: o que mais dizer dessa poeta consumada, senão recomendar a leitura e a reflexão em torno de sua ensaística e de sua obra poética, tão atual e múltipla, fruto de uma longa trajetória de formação, vivências e criação? Que se atribua à poeta o que lhe é de direito: leitura, reconhecimento e aplausos. E o seu devido assento entre os eleitos imortais.

Querida poeta Heloísa Prazeres. Seja bem-vinda a esta confraria das letras. És mais uma voz da poesia que se junta ao coro dos poetas de nosso panteão lírico, com os acordes do presente e do passado, recitando para o futuro.

Salve, senhora das palavras! És Heloísa Prazeres e estás no meio de nós. Os prazeres de tua poesia são conosco. Sigamos todos, vigilantes e em paz – e a poesia nos acompanhe. Amém.

Salvador, 28 de julho de 2021.

Aleilton Fonseca é escritor e professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, autor de diversos livros de poesia, conto, ensaio e romance, como *O desterro dos mortos* (2001), *Nhô Guimarães* (2006), *O pêndulo de Euclides* (2009) e *O arlequim da Pauliceia* (2012). Alguns de seus livros foram traduzidos para outros idiomas, como francês, espanhol e italiano. Em 2020, publicou *A Terra em Pandemia* (Editora Mondrongo), traduzido na Itália, *La Terra in Pandemia* (Milano: Edizione WE, 2021), um poema épico sobre a recente tragédia sanitária que abalou o mundo. Pertence à Academia de Letras Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2005 ocupa a Cadeira n° 20 da Academia de Letras da Bahia.



TRIBUTO A ROBERTO SANTOS

JOÃO CARLOS SALLES

Todo homem é enigma que o tempo mal decifra e o próprio indivíduo procura agarrar. Mais destacados e mais públicos os indivíduos, talvez mais enredada a cifra. Ninguém deve, então, atrever-se a dizer tudo. Quanto mais tentasse, mais falharia. Entretanto, com muitos traços, e muitos são necessários, podemos oferecer hoje um esboço, a ser completado por quem imagine, a seu modo, um desenho com sentido. Partido o espelho, todo testemunho passa a fazer parte do enigma, que, sendo desafiador, instigante, permanece.

Diante de uma personalidade tão rica, diante da grande figura do Dr. Roberto Figueira Santos, que nosso querido confrade Edivaldo Boaventura chamava, com gosto e muita razão, de o maior baiano vivo, nosso esforço hoje será o de sugerir, pelo viés da saudade, a força e a vivacidade de sua memória. Nesse sentido, coloco-me como uma testemunha a mais. Apenas isso. E podendo ser uma testemunha um pouco mais fiel apenas da última década, pedi a nosso querido confrade Edvaldo Brito que me permitisse secundá-lo com meu depoimento, que será, com efeito, mais restrito e talvez mais breve.

Com a palavra, então, Dr. Edvaldo Brito.

(Pronunciamento do acadêmico Edvaldo Brito)

Após a fala rica e encantadora de Edvaldo Brito, retomo o fio. E aqui me lembro da lenda que cerca o *tangram*, aquele jogo de figuras geométricas. Contam que um espelho se quebrou em fragmentos geométricos, com os quais todavia poder-se-ia traçar

toda nossa jornada, compondo desenhos, que são contudo apenas alusivos a tudo que vimos. Penso, então, que, em cada recomposição, a figura aludida pode ser vista também de mais de uma forma. E quero aqui, em meu testemunho, dar a forma de como vejo, de como percebo a ligação de Dr. Roberto Santos com a comunidade científica na última década, logo após o término de seu mandato como deputado federal, e de sua ligação com a Universidade Federal da Bahia.

Nestes últimos anos, Dr. Roberto parece prosseguir, com método e sagacidade, um projeto preciso, visando a fortalecer a ciência, a pesquisa e o pensamento científico em nossa sociedade. Ele liga assim a intenção da reforma universitária, que conduziu na UFBA, mas separando-a das intenções da ditadura militar, e a construção do Museu de Ciência e Tecnologia:

Sobre os institutos básicos, ele afirmou:

(...) até a Universidade de Brasília, todas as universidades resultavam da aglomeração de faculdades isoladas. Com isso os setores básicos do conhecimento, como matemática, física, química, biologia básica, ciências humanas também, existiam dentro das faculdades profissionais como uma fase preliminar, preparatória. E por isso os setores básicos do conhecimento eram fragmentados dentro das universidades. Existia uma matemática na Politécnica, uma matemática na Arquitetura, e por aí afora, mas não existia a matemática como uma unidade mais abrangente que cultivasse todos os aspectos de ensino e de pesquisa e com uma concentração dos recursos humanos, materiais e financeiros. Estava tudo pulverizado. Isso se aplica à física, à química, à biologia básica, às ciências humanas, e a motivação maior da reestruturação foi justamente pegar esses bocadinhos e concentrar numa grande unidade de matemática, ou de física, ou de química. Isso é que foi fundamental, passou a existir uma matemática, uma física, uma química com a concentração dos meios de pesquisa que estavam pulverizados. E eu estou certo de que foi por causa disso e mais da dedicação exclusiva que a pesquisa veio a florescer.

E sobre o Museu de Ciência e Tecnologia, é este seu testemunho:

(...) quero lembrar que uma das coisas que fiz com maior carinho no governo, embora não tivesse maior porte do ponto de vista material e financeiro, foi um museu de ciência e tecnologia em Pítuaçu para promover os conceitos científicos junto às gerações mais novas. Havia uma oportunidade especial para isso, porque a Bahia estava se industrializando rapidamente, primeiro com o Centro Industrial de Aratu e, mais adiante, com o Pólo Petroquímico de Camaçari, que representou um investimento de US\$ 4 bilhões em um intervalo de quatro anos. Era uma coisa nova e pensamos em preparar o museu para apresentar as coisas às crianças de forma dinâmica e viva. Inauguramos o museu no final de 1978 e em março de 1979 eu deixei o governo. Resultado: o museu de ciência e tecnologia sumiu. Era um projeto que envolveu inclusive uma participação inglesa – os ingleses são bons em fazer essas coisas com pouco dinheiro –, a cooperação da Petrobras, com modelos de torres de petróleo, modelos tridimensionais de moléculas de produtos petroquímicos, e por aí fora. Criamos uma operação museu-escola, que envolvia ônibus para pegar alunos da escola pública primária e levá-los aos museus, inclusive o de ciência e tecnologia. Então os professores iam antes ao museu para saber o que era aquilo, preparavam sua classe, e é impressionante como isso tudo morreu.

Pensador orgânico, Roberto Santos não coleciona nem rememora fatos separados. Ele recupera um diagnóstico e um projeto. Primeiro, apontava razões para essa clara limitação à criatividade e à inovação, que não deixa de ser um fator negativo para nossa plena maturidade científica e tecnológica. Entre suas considerações, destaco duas sugestões sagazes. Uma primeira explicação seria mais de ordem interna, sendo decorrente de um reduzido estímulo em nosso ensino e em nossa pesquisa

à originalidade de temas nos campos da ciência e da tecnologia. A outra explicação, de natureza política e externa, resulta de uma ainda muito tímida aproximação proativa entre a academia e o setor produtivo. Suas provocações são mais que atuais, e proferidas por quem tem em sua trajetória os gestos acima, de plena ousadia, tanto na implementação da reforma universitária, quando Reitor da UFBA, quanto na inovadora criação do primeiro Museu de Ciência e Tecnologia do país, quando Governador da Bahia.

Sua fala, portanto, é forte por resultar de uma história consistente e por comportar desafios e sempre envolver projetos. É o caso da criação, nesse espírito, da Academia de Ciências da Bahia, em 2010, como fruto de sua capacidade agregadora e de sua constante determinação de continuar servindo à expansão cultural e científica em nosso Estado. E tudo, aliás, que tem feito, nestes anos mais recentes, aviva esse seu traço de contribuir para a educação e a divulgação científica, emprestando a essas ações sua sabedoria e experiência.

Sua rica e multifacetada trajetória, que, na expressão de Mariluce Moura, o colocava na condição de “uma referência viva sem competidores quanto se trata do tema da produção do conhecimento científico e tecnológico na Bahia”, era uma trajetória organizada, portanto, por claras linhas de força. Nesse caso, elas se encontraram na criação da Academia de Ciências da Bahia, com a qual procurou favorecer uma motivação de décadas, a saber, a de contribuir para uma maior evidência dos institutos básicos dentro da universidade e para um papel científico formador mais amplo, como no caso do Museu – museu que foi alvo de flagrante abandono logo após o término de seu governo, tendo sido fechado por 16 anos, depois reaberto, em seguida fechado novamente, com seu patrimônio dilapidado.

A Academia merece uma menção especial. A Academia de Ciências da Bahia foi fundada em 17 de setembro de 2010 por iniciativa de Roberto Figueira Santos, educador, cientista e

gestor público, como consolidação de uma carreira altamente profícua e transformadora nas suas várias esferas de atuação. O Professor Roberto Santos conseguiu aglutinar, de forma harmônica e cooperativa, cientistas de diferentes áreas de atuação: Ciências Exatas, Agrárias e da Terra; Ciências da Vida; Filosofia e Ciências Humanas; Ciências Sociais e Sociais Aplicadas; e Artes. Este é um legado que cresce e floresce. Cito aqui Jailson Bitencourt, atual presidente da Academia de Ciências da Bahia:

O Professor e Cientista sempre teve apreço pelo papel das Academias. Nesse sentido, é membro honorário da Academia Nacional de Medicina, membro titular da Academia de Letras da Bahia, da Academia Baiana de Educação, da Academia Baiana de Medicina e da Academia de Medicina da Bahia. A visão arrojada associada à criatividade do Cientista o levou a criar a Academia de Ciências da Bahia em 2010, sendo o seu primeiro Presidente e posteriormente o Presidente de Honra.

Devo concluir enfim com um testemunho mais próximo, relativo a este meu período como gestor da UFBA. Nós nos aproximamos mais na preparação do Congresso dos 70 anos, em 2016. Menciono aqui o fato de já se fazerem presentes então fortes ondas conservadoras e intolerantes. Foi assim que, até entre acadêmicos, assistimos reparos à figura de Marilena Chauí, como se suas posições políticas a depreciassem e não tivéssemos nela, para além de nossa concordância, um exemplo extraordinário de grande intelectual. Em suma, também na academia de ciências e no ambiente universitário, enfrentamos a resistência de setores retrógrados, que não compreendem a conjunção entre excelência acadêmica e compromisso social. Mentos com arrogância enorme, só comparável à sua indigência intelectual, faziam seus ataques, e alguns aliás continuam escrevendo seus nomes nas tábuas do obscurantismo.

Dr. Roberto Santos, ao contrário, esteve a nosso lado. Ele também compreendeu que, entre outras coisas, ao contrário de outros gestores, nunca desdenhamos o legado originário da universidade,

tanto o deixado por Edgard Santos, quanto o urdido por ele, de sorte que pôde encontrar em nossas falas a defesa de uma universidade plural, múltipla, de bom ensino, de extensão a se aprofundar e marcadamente de pesquisa.

Com efeito, Dr. Roberto emprestou sua força, dignidade e prestígio para nos apoiar nos momentos difíceis que enfrentamos, estando conosco sempre nas primeiras fileiras do bom combate. Afinal, no projeto da Academia de Ciências da Bahia, Dr. Roberto soube conservar com toda sabedoria um aspecto importante da lição de Edgard Santos. Assim como não há autêntica Universidade sem a confrontação de saberes, sem o equilíbrio maravilhosamente instável de ciências e artes, ou sem sensibilidade plena para o interesse da sociedade, também desejou que a Academia de Ciências exemplificasse esse diálogo, tendo sido ela constituída segundo modelo bem mais amplo e diverso que o de outras congêneres. Assim a universidade como a Academia (de ciência ou de letras) devem ter medidas mais generosas e compromissos mais elevados.

Sempre havia algo de solene na fala de Roberto Santos, mesmo quando sua voz já parecia desaparecer. Não por acaso. Afinal, a força de um ato de fala depende da satisfação de algumas condições, como a autoridade de quem o profere e a confiança daqueles a quem se dirige, sendo a solenidade um resultado natural da satisfação plena dessas condições. Essa aura estava presente enquanto Dr. Roberto participou ativamente da elaboração do significado de seu legado e, portanto, na elaboração de seu próprio enigma. Nesse movimento paciente e firme de construção, sua palavra emanou nos últimos tempos do lugar natural de autoridade de alguém que, como ele, com competência e sucesso, pôde ocupar as posições mais destacadas em nossa sociedade e pôde testemunhar um sem-número de realizações, às quais veio associar sua força e determinação. Tem, pois, a autoridade testada pelos fatos e, ademais, o apreço dos muitos que acolhem, com gratidão e respeito, seu olhar arguto e denso.

Poucos podem ter gestos assim largos e fala assim elevada sem qualquer laivo de má retórica ou de pieguice. Entre esses poucos, com destaque, estava Roberto Figueira Santos.

A morte parece ser uma espada que faz cessar o enigma da vida, como se cortasse um nó górdio. Para os grandes homens, entretanto, o enigma permanece, com suas tensões, desafios e estímulos. É o caso de Roberto Figueira Santos. Nosso abraço então à sua família e a seus amigos. Nossa celebração, enfim, agora e sempre de sua memória.

Nota: Discurso proferido em solenidade virtual da Academia de Letras da Bahia, como orador em homenagem póstuma ao acadêmico Roberto Santos, no dia 29 de março de 2021.

João Carlos Salles é filósofo, professor titular da Universidade Federal da Bahia, e seu atual reitor. Concluiu doutorado em filosofia na Universidade Estadual de Campinas, em 1999. Dedicou-se ao estudo da epistemologia e da filosofia da linguagem, o empirismo clássico, Ludwig Wittgenstein e Ernest Sosa. Traduziu as *Anotações sobre as cores* (Ed. Unicamp, 2009), de Wittgenstein, incluindo, em edição bilíngue, trechos inéditos desse texto póstumo do filósofo vienense. É autor de 18 livros, entre os quais os mais recentes: *O cético e o enxadrista: Significação e experiência em Wittgenstein* (2012), *Entre o cristal e a fumaça* (2015), *Filosofia, Política e Universidade* (2016), *A cláusula zero do conhecimento: Estudos sobre Wittgenstein e Ernest Sosa* (2017), *Et cetera: Sobre vida selvagem e inteligência* (2018), *Análise e Gramática: Mais estudos sobre Ernest Sosa e Wittgenstein* (2018), *Universidade pública e democracia* (2020). Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 32 da Academia de Letras da Bahia.



DIA DA SAUDADE – ROBERTO SANTOS

EDVALDO BRITO

Saudade é a recordação que se tem de pessoas. É um sentimento humano, de natureza afetiva, que vai em uma escala variável entre nostalgia e a certeza de que, em cada lembrança, tem-se a sensação de que se irá tornar a vê-las.

Conseqüentemente, louvores à Academia de Letras da Bahia institucionalizando o “dia da saudade” para homenagear a memória de seus membros, em um procedimento louvável, um exercício pelo qual o acadêmico, já efetivo e perpétuo desde a sua investidura no sodalício, consagra a *imortalidade*, sobrevivendo, indefinidamente, à sua morte, ficando conservadas as suas características, pelo cultivo de suas qualidades, feito pelos pósteros.

É a *imortalidade da alma* reconhecida pela disposição do art.5º do Estatuto da Casa, ao vedar renúncia ao título e ao impedir que dele se possa ser despojado.

A Academia de Letras é ambiente de confraternização entre pares e não um simples ajuntamento de pessoas; por isso, é um ambiente de recordação de memórias.

A Academia de Letras não comporta a divisão dos seus membros em grupos, nem o acadêmico, aqui, admitido necessita arrostar com vaidade, com soberbia; a sua participação tem de ser comunitária e concita a humildade do sábio que, ciente de ser portador de profundos conhecimentos, no respectivo campo do seu saber, utiliza-os em favor da coletividade.

Aqui, esse mistério da sobrevivência indefinida à morte recomenda congregação, respeito mútuo.

A vida leva a competições, mas, sempre que haja partes em disputa. Existem, para isto, os espaços sociais onde devem vicejar essas porções de um todo, essas quotas, esses quinhões, essas parcelas. As agremiações político-partidárias são os melhores exemplos de ambiente de busca de uma vantagem, de uma vitória, portanto, propício para disputas.

A Academia de Letras, não.

A instituição é de letras, exatamente, para abrigar cultores das mais diversas manifestações do conhecimento humano.

Todos, sem exceção, que transpusemos os umbrais desta Casa, estamos certos de que os nossos eleitores admitiram-nos, aqui, porque estavam conscientes da convivência de iguais.

Não há acadêmicos de primeira ou de segunda categorias. Repita-se: todos somos iguais, sob o aspecto dos predicados para a investidura e a subsequente confraternização.

ROBERTO SANTOS é uma personalidade que, por toda a vida, esteve consciente de sua função social e, por isso, não destoa desse conceito de Academia, sendo, digno desta saudade de todos nós.

Repita-se: saudade é a recordação que os membros da Casa têm de pessoas. Esta Academia, como um todo, está recordando ROBERTO SANTOS e me dá esse ensejo de encaixar a minha individual saudade.

É consequente a escolha do confrade JOÃO CARLOS SALLES PIRES DA SILVA para expressar a saudade da Academia pelo falecimento de ROBERTO FIGUEIRA SANTOS.

Gizo a sensibilidade do confrade JOÃO CARLOS SALLES, quanto a esse conceito de Academia supra enunciado e do qual resulta este convite que ele me fez para participarmos juntos desse seu momento no qual foi ele designado para traduzir a saudade que todos temos de ROBERTO SANTOS.

Os três, ROBERTO SANTOS, JOÃO CARLOS SALLES e EDVALDO BRITO somos vinculados, entre nós, pelo laço indestrutível da nossa ALMA MATER.

JOÃO CARLOS SALLES é o responsável pela manutenção do alto padrão da Universidade Federal da Bahia, amada por ROBERTO SANTOS, como ninguém pudesse superá-lo.

Participamos os três, desse vínculo, porque a minha individual saudade de ROBERTO SANTOS é cevada por uma convivência de 55 anos dos meus 83 de idade, em uma transversalidade de vidas que remonta aos primeiros dias de sua atividade pública, no campo do poder político, quando, em 1966, ele foi convidado pelo Governador LUIZ VIANNA FILHO para ser Secretário de Saúde Pública do Estado e me escolheu para ser seu Chefe de Gabinete. Daí, ele foi nomeado reitor da Universidade Federal da Bahia, seguindo-se a sua eleição para Governador do Estado e, então, fez-me, respectivamente, Procurador Geral da Universidade e seu Secretário de Justiça e, em seguida, Prefeito da Cidade do Salvador.

Essa transversalidade de vidas autoriza-me a expressar esta individual saudade por DOUTOR ROBERTO – como eu o chamava – alguém que, por essas circunstâncias descritas, conheci na intimidade, inclusive de sua residência, onde sua esposa, MARIA AMÉLIA, minha amiga desde nossa adolescência, sempre, distinguiu-me com fidalguia digna de minha gratidão, oportunidade que me deu de ver o nascimento de toda a prole de 6 filhos, EDGARD, ANELISE, ROBERTO, MARIA CARMEN, CRISTIANA e PATRICIA, dos quais guardo estima da convivência com CRISTIANA e, recentemente, fui professor de um dos seus netos, PEDRO, em um curso de pós-graduação em Direito Tributário

Reitero que ROBERTO SANTOS, por toda essa atividade pública, não praticou um ato sequer que não fosse de interesse público e, sempre, com um raciocínio jurídico perfeito de invejar o melhor dos silogismos com que os juristas formulam suas conclusões.

Foi o reitor da Universidade que, com diligência ímpar, implantou a reforma universitária estabelecida pelas leis n°s

5.539 e 5.540; Governador pontificou no campo da educação e é o responsável pela concretização da Universidade Estadual de Feira de Santana e manifestou seu espírito democrático, de como é exemplo a revogação dos atos normativos que obrigavam os terreiros de candomblé a pedirem licença — para professarem a religião dos orixás — na Secretaria de Jogos e Costumes, titular da repressão aos fatos criminosos.

ROBERTO SANTOS, culto, inteligente, preparado em todos os aspectos da atividade gerencial, um grande administrador, fez jus, como um homem de letras, à sua entrada, em 1971, para esta Academia, formando, com LUIZ HENRIQUE DIAS TAVARES — meu professor de História e meu companheiro de equipe da educação no governo LUIZ VIANNA FILHO — os membros longevos, vivedouros, vivazes, da Casa.

O destino ensejou-me a honra de que ROBERTO SANTOS fosse eleitor do último pleito de que participou, propiciando o meu ingresso na Academia, como um dos cinco mentores do rito de admissão.

Foi meio século de sua atuação neste sodalício, assim, é claro que deixa saudade, também, à coletividade que o compõe.

Desta saudade coletiva melhor é a tradução feita pelas palavras do confrade JOÃO CARLOS SALLES.

O cumprimento dos deveres acadêmicos é um exemplo que ROBERTO SANTOS lega para todos nós.

Manifesto a minha gratidão, que desconhece palavras que possam expressá-la, e o faço, a exemplo de tantas outras pessoas que viveram de través com ROBERTO SANTOS que podem — como se faz, aqui — dizer do protagonismo dele, resolutório na projeção política e pessoal de vida de beneficiários do decisivo apoio de ROBERTO SANTOS, personalidade perpétua de nossa Academia de Letras da Bahia.

SAUDADE ETERNA!

Nota: Discurso proferido em solenidade virtual da Academia de Letras da Bahia, como orador em homenagem póstuma ao acadêmico Roberto Santos, no dia 29 de março de 2021.

Nota: Discurso proferido em solenidade virtual da Academia de Letras da Bahia, como orador em homenagem póstuma ao acadêmico Roberto Santos, no dia 29 de março de 2021.

Edvaldo Brito é advogado e político. É doutor em Direito e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É autor de alguns livros e tem diversos artigos e ensaios publicados em jornais e periódicos especializados. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2019 ocupa a Cadeira n° 3 da Academia de Letras da Bahia.



DISCURSO

DO TRABALHADOR INTELECTUAL

Homenagem a Waldir Freitas Oliveira

ARAMIS RIBEIRO COSTA

A observação não é minha, e sim de Adroaldo Ribeiro Costa, meu tio e meu padrinho, o intelectual que me serviu e serve, ainda hoje com meus cabelos brancos e a longa estrada de ideias próprias, quando estou mais velho do que ele ao morrer, de paradigma na conduta, e tantas vezes também no pensamento. Certa feita, numa de nossas intermináveis conversas, ele me disse, de si próprio:

– Eu não sou um intelectual. Sou um trabalhador intelectual.

E, com a capacidade expositiva que fez dele um dos mais amados professores baianos, passou a dissertar sobre as razões dessa distinção, por sinal bem fácil de ser compreendida.

Pois a classificação que Adroaldo Ribeiro Costa deu a si próprio, com argumentos irrefutáveis, sempre a identifiquei em Waldir Freitas Oliveira, ele igualmente um dos mais amados professores destas terras baianas de tantos grandes mestres educadores, a começar por Abílio César Borges, o célebre e injustamente caricaturado Barão de Macaúbas, animador de gênios, passando por Anísio Teixeira, o idealizador da escola em tempo integral, cuja primeira experiência foi a Escola Parque, ramificando-se, enfim, em tão numerosos mestres que ainda não tiveram, embora tanto mereçam, o *pantheon* de um bem cuidado dicionário de educadores baianos.

Waldir Freitas Oliveira era um trabalhador intelectual incansável. Via-se, até no olhar, até nos movimentos, até no modo rápido de andar, até nos assuntos que puxava, que não parava,

que vivia agitado nas suas ideias, nas suas leituras, nas suas pesquisas, nos seus trabalhos que, tão logo concluídos, eram imediatamente sucedidos por outros, como se o impulsionasse, em moto-contínuo, o permanente motor do interesse e da produção intelectual. Tivesse vivido em outro país, que remunerasse os que escrevem, e teria facilmente vivido de seus escritos.

Essa inquietação, essa necessidade de estar sempre realizando algo, essa urgência de participar e manifestar-se, que ele próprio reconhecia, sempre estivera com ele. Não fora outro o motivo a torná-lo, nos bancos acadêmicos da Faculdade de Direito, um líder estudantil, a fazê-lo, ainda na juventude, participar de campanhas de interesse não apenas dos estudantes, mas de todo o povo brasileiro. No terceiro ano de faculdade, em 1948, já participava da campanha em defesa do monopólio estatal do petróleo, criando, com um grupo de acadêmicos e jornalistas, o Centro de Estudos em Defesa do Petróleo; já estava metido em congressos de estudantes, envolvido em eleições para a União dos Estudantes da Bahia, a UEB, e para a União Nacional dos Estudantes, a UNE; também em plena campanha, com os colegas, pelo “passe escolar” nos bondes da Circular, que ainda rangiam nos trilhos, nas ruas da velha Cidade da Bahia, como um eficiente meio de transporte coletivo, mas cuja empresa mantenedora recusava esse benefício.

É Luís Henrique Dias Tavares, outro combativo guerreiro dos anseios daqueles tempos, quem traz, no discurso com que o recebeu na Academia, a cena quase épica em que o jovem líder universitário Waldir Freitas Oliveira acusou a presença de policiais cariocas no plenário do XII Congresso Nacional dos Estudantes, realizado em julho de 1949 na Cidade do Salvador, no salão vetusto da gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia. É aquele momento em que o jovem e magro acadêmico de direito ergue-se em meio às centenas de estudantes de todo o país, ocupa a tribuna e aponta:

– Acuso e condeno a presença de policiais cariocas no plenário do nosso congresso!

A reação foi imediata. Os estudantes todos ergueram-se, ergueram-se os jornalistas que cobriam o Congresso, aos gritos de “Fora! Fora!”, não deixando alternativa, senão a saída envergonhada do recinto dos cinco policiais disfarçados que ali efetivamente estavam, enviados do Distrito Federal pelo ministro da Educação e Saúde de Eurico Gaspar Dutra, por sinal que um baiano, Clemente Mariani Bitencourt, certamente com a missão de empastelar o congresso dos estudantes que, aliás, recebera o patrocínio do governo Octavio Mangabeira.

É também Luís Henrique Dias Tavares quem aponta, no citado discurso, o mesmo magro e agitado estudante Waldir Freitas Oliveira, afogueado pelas ruas do Rio de Janeiro, a sobraçar, durante todo um dia, um embrulho que continha listas e listas de milhares de assinaturas de baianos em favor do referido monopólio estatal do petróleo, na momentosa campanha nacional “O Petróleo é Nosso”, um conjunto de esforços tantas vezes reprimidos pelo governo brasileiro com ações policiais, mas que iria finalmente triunfar, na criação da Petrobrás, a lei número 2004 de 3 de outubro de 1953. Waldir, em missão que lhe fora confiada, driblava, naquele dia, a polícia do Rio, para que não se apoderasse do precioso embrulho e dos nomes dos milhares de baianos que propugnavam pela patriótica e necessária nacionalização.

Pois foi bacharel em direito, Waldir Freitas Oliveira, antes de ser professor. Filho de Arlindo de Oliveira e de Angelina Freitas de Oliveira, Waldir nasceu em Salvador oficialmente no dia 17 de fevereiro de 1927. Digo oficialmente, porque assim passou a constar em todos os seus documentos oficiais por toda a vida, também em dezenas de verbetes biográficos sobre ele, incluindo o do *Annário da Academia de Letras da Bahia*. Entretanto, confidenciou-me que nascera, em verdade, em 1929, tendo sido a data alterada nos registros para que ganhasse mais dois anos, e pudesse, dessa maneira, entrar para a faculdade mais cedo. Uma prática muito comum naqueles tempos menos rigorosos em questões burocráticas, tão comum que às vezes as famílias,

e até os próprios indivíduos, esqueciam-se completamente dessa alteração, passando a considerar com firmeza a data forjada. Lembro, a título de curiosidade, que o próprio presidente Dutra, aqui citado, tinha a sua data de nascimento alterada, o que, durante um tempo, atrapalhou bastante seus biógrafos.

No seu discurso de posse na Academia, Waldir lembrou a tia paterna solteira Eulina, que ele chamou de sua mãe de criação, de fada de sua infância, a envolvê-lo com muito amor e carinho, porém, principalmente, por lhe ter ensinado, aos quatro anos de idade, a ler e escrever, despertando-lhe o gosto e a fascinação pela leitura. Mas é para a mãe Angelina, que nos parágrafos finais do discurso, vai a homenagem mais sentida do filho, a registrar que ela, se viva fosse, teria feito, na véspera daquele dia, oitenta e dois anos de idade. E afirmou, textualmente: “desejei tê-la presente, fazê-la participar, em memória, desta festa linda. Sei de quanto se orgulharia, nesta hora, do seu filho”.

Tratando-se de um professor, e um professor tão querido, de tanta vocação e que tanto exerceu e amou a arte de ensinar, julgo interessante registrar, apenas registrar, a trajetória do aluno, após ser alfabetizado pela tia. Saindo daquelas mãos que ele declarou “cheias de bondade”, passou às não menos bondosas da professora primária Maria Guiomar Ramos. Fez o curso primário na Escola Leopoldo Reis, o ginásio no Instituto Baiano de Ensino e o colegial no Colégio da Bahia, o Central. E partiu para a Faculdade de Direito.

Aqui não se fala de vocação, mas de um caminho que habitualmente percorriam os que tinham o privilégio de chegar ao curso superior, e que, até ali, já apresentavam certas qualidades, características ou tendências, que eram sempre as mesmas e os levavam ao mesmo curso. Os que se mostravam bem falantes, desinibidos, que faziam discursos ou demonstravam capacidade de liderança, que gostavam de literatura ou de qualquer das chamadas ciências humanas, também os que escreviam ou poetavam, viam-se naturalmente destinados à Faculdade de Direito. Isso fazia com que houvesse uma grande quantidade de formados pelo curso jurídico que,

com o diploma nas mãos, uma conquista não completamente inútil, porque lhes dava o *status* do anel de rubi e do título de doutor, par-tissem para o ensino, o jornal ou a política.

No caso de Waldir, além de ter os atributos de quem devia seguir para a Faculdade de Direito, havia um exemplo dentro de casa, que muito o influenciou. Um parente quinze anos mais velho, muito próximo e muito querido, que ele considerava seu irmão de criação, João de Oliveira. Esse parente formara-se na Faculdade de Direito da Bahia na turma de 1936, a que teve como paraninfo Aloysio de Carvalho Filho, e como orador oficial Tarcilo Vieira de Melo. Era tão falante, que os colegas de turma lhe puseram o apelido de João Vitrola. Mas, com certeza, não falava mais que Waldir, ele também uma vitrola. O álbum de formatura de João de Oliveira, com as fotos dos formandos e dos professores, foi folheado muitas vezes pelo menino e pelo jovem, com admiração e desejo. E o futuro professor de geografia e história formou-se em direito, em 1950. Aqui já o vimos, aliás, e creio que suficientemente, durante os anos acadêmicos, bem mais interessado nos movimentos e agitações estudantis, bem mais preocupado com os grandes problemas nacionais, que com as matérias do curso jurídico.

Formado, refletiu sobre a vocação. Podia ser um advogado, podia almejar outras funções afins ao curso que realizara, mas não era o que queria. Nesses instantes de reflexão, entre o trajeto percorrido e o caminho a seguir, pensou em todos os seus mestres, aqueles que mais lhe despertaram admiração. E a conclusão veio imperiosa: queria ser professor. Não hesitou: voltou aos bancos acadêmicos, e, notem, senhores, não por meio de matrícula especial, mas por vestibular. Qual um Jacó, que servisse Labão outros sete anos para conquistar Raquel, embora já tivesse Lia, uma vez aprovado, matriculou-se na Faculdade de Filosofia daquela mesma Universidade Federal da Bahia, na qual acabara de formar-se; e ali, de 1952 a 1955, fez o curso de licenciatura e bacharelado em geografia e história. Foi nesse curso, no mimeografado “Boletim de História”, criado pelo professor de História do Brasil e

acadêmico José Wanderley de Araújo Pinho, para a divulgação de trabalhos de pesquisa efetuados, sob sua orientação, por seus alunos, que Waldir Freitas Oliveira publicou o seu primeiro artigo sobre a História da Bahia, “Cem Anos na Vida de um Engenho do Recôncavo”, focalizando o engenho dos Paredes, localizado no esteiro de Caípe, em São Francisco do Conde. Comprovou o seu preparo, no mesmo ano da nova formatura, 1955, na aprovação por concurso para instrutor de Geografia Geral e do Brasil da Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, e, dois anos depois, no concurso para professor de Geografia Geral e do Brasil do Colégio Militar de Salvador, Ministério da Guerra. Mas a complementação do curso da Faculdade de Filosofia, com a especialização, viria no licenciado em Geografia Humana e Econômica pela Universidade de Estrasburgo, em 1959, em bolsa de estudos ofertada pelo governo da França.

Uma vez licenciado professor no curso de graduação, casou-se, também em 1955, um grande ano em sua vida, com a jovem contadora, na ocasião assessora da diretoria do Hospital Manoel Vitorino, Regina Maria Porto de Oliveira Ribeiro, que passou a assinar-se Regina Maria Ribeiro de Freitas Oliveira. E transferiu a sua inquietação, agora com um entusiasmo incomum, diria mesmo com alegria, porque era o que efetivamente queria fazer, para as salas de aula dos muitos colégios e faculdades que puderam contar com sua inteligência vibrante, sua capacidade inata de comunicador, sua generosidade comovente em transmitir conhecimentos, e sua inegável competência sobre as matérias que ministrava.

No ensino médio, iniciou no Colégio Antônio Vieira, que mais tarde historiou em livro, passando a seguir para o Colégio da Bahia, onde antes estivera como aluno; também no Instituto Central de Educação Isaías Alves, o grande instituto do Barbalho, referência no curso pedagógico na Bahia; no Colégio Sofia Costa Pinto; na Escola Nova; no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia; na Escola Modelo; no Colégio Militar de Salvador; no Colégio Nossa Senhora da Vitória,

dos irmãos maristas; no Colégio Baiano; no Colégio Anchieta. No ensino superior, foi professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Faculdade de Ciências Econômicas e do Instituto de Geociências, integrantes da Universidade Federal da Bahia; mas também da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Salvador. Dividia-se, multiplicava-se, porém sempre com o mesmo entusiasmo, com a mesma disposição, a mente e o coração grandes e abertos para o conhecimento e para os alunos.

O professor de geografia do curso médio publicaria, por conta própria, uma *Geografia para o vestibular* que alcançaria uma segunda edição; já o professor de História Medieval na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia entregaria aos meios universitários uma obra mais profunda e mais densa, *A antiguidade tardia e o fim do Império Romano do Ocidente*, editado pela própria Universidade, tema que teria continuidade em *A caminho da Idade Média*, uma edição nacional da Editora Brasiliense, dentro da coleção “Tudo é História”, alcançando igualmente uma segunda edição; no ano seguinte *Os primeiros tempos medievais – os reinos germânicos*, editado também pela Universidade Federal da Bahia; e finalmente a conferência que virou livro, *A antiguidade tardia – De Marco Aurélio a Romulus Augustulus*, em edição nacional pela Editora Ática na “Série Princípios”. Nessa obra direcionada ao conhecimento específico sobre a matéria que ensinava, era o historiador criterioso e erudito a buscar fatos e razões, a explicar e elucidar esse período de importância decisiva na história do mundo ocidental; era o trabalhador intelectual que o acompanhava; mas era também ou sobretudo o professor a transmitir conhecimentos, fazendo parte, tudo isso, do enorme prazer de ensinar.

A acadêmica Gerana Damulakis, sua estimada aluna duas vezes, no Colégio Marista e numa matéria optativa de seu curso superior, também a escolhida por ele para apresentá-lo no vitorioso projeto de Myriam Fraga na Fundação Casa de Jorge Amado, “Com a Palavra o Escritor”, deu-nos, em sessão de homenagem *interna corporis* da Academia de Letras da Bahia, o comovente depoimento de que,

no Colégio Marista, quando tocava a sirene do término da aula, nas aulas de Waldir, os alunos não queriam sair da sala. Não pode haver testemunho que mais enobreça e valorize um professor. Gerana guarda, com carinho, uma fotografia em preto e branco de sua turma nesse colégio, tendo, à frente, apenas quatro professores: um deles, o que parece mais à vontade, é Waldir. Sentado no chão com as pernas fletidas e cruzadas, abraçando os próprios joelhos, esbelto, de cabelos longos, bigode e barba, tendo, atrás de si, mais de quatro dezenas de jovens alunos, Waldir tem no semblante e no sorriso a expressão de sua alegria, a satisfação íntima e plena de estar fazendo o que gostava de fazer.

Porém a sua inquietação, a sua necessidade de agir e produzir, não o permitiriam limitar-se às quatro paredes das salas de aula, ou mesmo aos auditórios, pátios e corredores dos estabelecimentos de ensino, ainda que fosse esse um ambiente de extrema realização. No mesmo passo e na mesma intensidade das atividades didáticas, esteve sempre em notável atuação cultural. E começou na mesma Universidade Federal da Bahia, onde já ensinava, passando a dirigir, por indicação de Agostinho Silva, o mentor do projeto, e por nomeação do reitor Edgar Santos, o Centro de Estudos Afro-Orientais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, o que fez por quase doze anos, de 1960 a 1972. Nesse período, entre outras atuações, fundou a revista *Afro-Ásia*, editando e dirigindo os onze primeiros números, um periódico que permanece em circulação, agora semestral, mantendo a sua importância para a divulgação de temas afro-diaspóricos, africanos e asiáticos. Na direção do CEAO, esse importante centro difusor de uma cultura especializada, esse núcleo de estudos e pesquisas dedicado às questões e problemas da história, da cultura e da política da África e da Ásia, naturalmente em suas correspondências com a etnia, a cultura e mesmo a política baiana e brasileira, promoveu pesquisas pioneiras, viabilizou cursos, viajou à África, uma atuação que o levou a sofrer interrogatórios, investigações e visitas à sua residência, quando a ditadura militar decorrente do golpe

de 1964 estendeu o véu da censura, da intolerância política e do obscurantismo sobre a Nação Brasileira.

Em todos esses anos e adiante, participou também de vários outros órgãos e instituições culturais, associativos ou de classe, como o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Instituto Genealógico da Bahia, a Associação Bahiana de Imprensa e a Comissão Baiana de Folclore, que ainda guardam em suas revistas, em seus arquivos, bem como na memória dos coetâneos, a fecunda e preciosa contribuição desse colaborador incansável. Entretanto, há que se destacar sua brilhante atuação na presidência do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, por vários mandatos sucessivos.

O colegiado consultivo, criado no governo de Luís Viana Filho no final dos anos sessenta, vinha de uma tradição de notáveis, e eram ainda notáveis os conselheiros, quando Waldir Freitas Oliveira, com Paulo Renato Dantas Gaudenzi, seu ex-aluno, que muito o admirava, na Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, foi nomeado presidente. E manteve o Conselho notável e atuante em sua função consultiva. Porém, revolucionou-o. Com o apoio e mesmo o entusiasmo de Gaudenzi, Waldir transformou o Conselho Estadual de Cultura num centro cultural e difusor de cultura, que nada devia, em sua atuação, às mais produtivas instituições culturais da Bahia, incluindo a própria Academia.

Como exemplo dessa presidência, lembro que a *Revista de Cultura da Bahia*, órgão oficial daquele Conselho, que originalmente trazia como principal objetivo o registro das sessões e pareceres do colegiado, teve a sua requalificação gráfica e de conteúdo, alcançando-se ao nível de uma excelente revista de cultura. Ao mesmo tempo, inaugurou uma linha editorial, denominada “Coleção Memória”, sob direção do Conselho, edições cujos lançamentos foram motivo de grandes festas, de numeroso público, no Palacete Martins Catarino, na Rua da Graça, sede do Conselho. Foram mais de dez publicações da maior relevância, todas com os respectivos lançamentos. Promoveu também uma série de reuniões públicas mensais, para focalizar diferentes aspectos da formação do país

à luz da perspectiva histórica de seus cinco séculos de existência, um programa que recebeu a denominação de “Brasil 500 anos – Encontros na Bahia”, e resultou numa bem editada publicação em livro de mesmo nome, lançado no ano 2000.

É necessário assinalar que o professor, o pesquisador, o gestor cultural, jamais descuidou, entretanto, da própria produção intelectual, muito pelo contrário. Quisesse alguém, num momento como este, preencher páginas e páginas, fazer-se ouvir por horas a fio, como nos grandes discursos do passado, e teria apenas que ler os títulos, fazendo, aqui e ali, alguma pequena observação, da extensa obra deixada por Waldir em livros individuais, livros coletivos, livros organizados, revistas e jornais, não sendo surpresa que tivesse igualmente deixado sem publicar uma grande quantidade de escritos. Torna-se, entretanto, de incontornável justiça, que sejam citados alguns de seus livros, além dos aqui já mencionados.

Assim, registro seus estudos e pesquisas sobre Antônio de Lacerda, o idealizador e construtor do elevador que mais tarde, ampliado, levaria o seu nome, e que resultou em duas publicações, *Antônio de Lacerda*, em 1974, e *Antônio de Lacerda (1834-1885) – Registros e documentos sobre sua vida e obra*, em 2002. *A Industrial Cidade de Valença – um surto de industrialização na Bahia no século XIX*, em 1985. *O Tico-Tico: uma revista infantil brasileira*, em 1989. *A crise da economia açucareira do Recôncavo na segunda metade do século XIX*, em 1999. Relevantes, relevantíssimas, as biografias de três notáveis do direito baiano, notáveis também no ensino do direito, e que receberam os títulos *Nestor Duarte – Inquietação e rebeldia*, em 2004; *Orlando Gomes – Tempo e memória*, em 2006; e *Aloysio de Carvalho Filho – Pensamento e Ação de um liberal democrata*, em 2007. A simples menção das datas, com intervalos tão curtos de uma para a outra, em três alentadas biografias, já comprovam a capacidade de trabalho de Waldir. Instituições baianas também lhe mereceram o estudo, a pesquisa, e o livro: *Empresa Gráfica da Bahia – 70 anos*, em 1985; *História de um Banco – O Banco Econômico*,

em 1993; e *Colégio Antônio Vieira: vidas e histórias de uma missão jesuíta*, em 2010. A preocupação com o registro da cultura popular e das manifestações populares baianas podem ser encontradas em *Santos e festas de santos na Bahia*, de 2005. Seu último livro publicado, quando já não morava na Bahia, foi *Gaúchos e baianos: prendas, achados e reencontros*, em 2013. Se as dezenas e dezenas de artigos, ensaios e estudos publicados em revistas institucionais e imprensa leiga fossem postos em livro, seriam vários alentados volumes acrescentados a essa obra já vasta, e que aqui não foi inteiramente mencionada. Entretanto, apenas quinze desses escritos estão reunidos no volume *Madame Junot, Duquesa de Abrantes e outros estudos*, de 2003.

Ao lado dessa obra de estudo e pesquisa, publicou muitos e encantadores contos em jornais e revistas, escreveu e não publicou poemas, e exerceu por anos a crônica regular em *A Tarde*, deliciosas crônicas publicadas no alto à direita da segunda página do primeiro caderno daquele jornal, assinadas com as iniciais, W.F.O. Uma dessas crônicas, “O Ordenado”, que particularmente me encantou, serviu-me de pretexto para me aproximar dele, numa tarde de 1990 na Livraria Civilização Brasileira do Shopping Barra, resultando desse encontro a nossa amizade vitalícia. Poderia ter transformado os contos, os poemas e as crônicas em outros tantos volumes de sua valiosa obra, mas não quis fazer isso, por mais que amigos insistissem, entre eles, este que vos fala. Em *A Tarde*, aliás, foi editorialista, durante um tempo. Justo, portanto, o Prêmio Conjunto de Obra, da Academia de Letras da Bahia patrocinado pela Eletrogóes, que recebeu em 2012.

Com a inteligência e a cultura que tinha, com tão inquieta personalidade, com toda essa participação em tantos setores da vida cultural da Bahia, com a produção erudita e prolífica que jamais deixou de apresentar, Waldir Freitas Oliveira só não pertenceria à Academia de Letras da Bahia, onde, aliás, tinha muitos amigos e admiradores, se não quisesse. Waldir queria.

A primeira vez que o seu nome aparece na História da Academia, é naquele glorioso ano dos festejos do primeiro centenário de nascimento de Castro Alves, 1947. A grande homenagem promovida, organizada e dirigida pela Academia, festa que mobilizou a Cidade do Salvador durante toda uma semana, teve seus eventos paralelos ao programa oficial. Num desses, encontramos o jovem acadêmico de direito Waldir Freitas Oliveira, na manhã de 14 de março, como palestrante, no ato de inauguração do retrato do poeta, na Casa de Detenção. Tinha dezoito anos de idade, ainda não era professor, e já fazia palestras. A segunda vez foi como colaborador convidado no número 29, de setembro de 1981, da *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Waldir que, curiosamente, é apresentado, entre os colaboradores daquele número, no reverso da capa, como “poeta”, comparece com cinco crônicas.

Foi eleito no dia 28 de junho de 1987, aos cinquenta e oito anos de idade, para a Cadeira número 18, na sucessão de Dom Avelar Brandão Vilela, que morrera em dezembro do ano anterior, tomando posse em outubro daquele mesmo ano, na atual sede da Academia. Já o vimos sendo saudado por Luís Henrique Dias Tavares.

É uma curiosidade saber que Waldir, um declarado ateu, ou agnóstico, como ele preferia, sucedeu dois arcebispos e cardeais. Na Cadeira número 26 do Instituto Genealógico da Bahia, sucedeu Dom Augusto Álvaro, Cardeal da Silva; e na Cadeira número 18 da Academia de Letras da Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela, ambos arcebispos de Salvador, primazes do Brasil. O que demonstra a independência religiosa dessas duas instituições culturais baianas, laicas que são e devem intransigentemente continuar a ser. No seu discurso de posse, após declarar-se honrado, pela grandeza de seu antecessor, e confuso, por sucedê-lo, Waldir se confessa “um agnóstico, um racionalista, um cultor da dúvida, um adversário de todo e qualquer dogma, de toda e qualquer certeza”. E o elogio que fez de Dom Avelar, foi impecável.

A efetivação de Waldir Freitas Oliveira, nessa Cadeira número 18, traz ainda a singularidade de sua ligação com dois de seus antecessores. O fundador, José Joaquim Seabra, fora casado com a sua tia avó Amélia, irmã de seu avô materno, Luiz Antônio de Freitas; e o segundo titular, Augusto Alexandre Machado, o Machadinho tetra-catedrático que impressionara tão vivamente uma multidão de alunos, fora seu professor de História da Civilização no Colégio da Bahia, e de Economia Política e Ciências das Finanças na Faculdade de Direito. Convivera bastante com ele. E, dele, Waldir guardava vivas e admiradas recordações. Mas, cumprido o protocolo desse discurso acadêmico, o da posse, que é homenagear o patrono e os antecessores, todo o seu discurso foi a mais extensa, ampla e apaixonada homenagem de que tenho notícia em toda a História da Academia, a todos os professores de sua vida, em todos os níveis, do primário às duas faculdades, da tia Eulina aos mais notáveis deles, fazendo questão de mostrar a sua paixão pela profissão de professor, e mais, que estava entrando, na Academia, um professor.

Foi um dos mais assíduos, interessados e participativos acadêmicos que conheci. Mesmo quando os ventos das circunstâncias da vida o levaram da casa no Rio Vermelho, na Rua Eurycles de Matos número 145, à bucólica e distante residência da Vila de Abrantes, a sua presença às nossas sessões era certa e pontual. Ficávamos todos apreensivos por aquele longo percurso de vinda e de volta, o retorno sempre à noite, aquele casal já idoso, Regina ao volante, numa estrada perigosa, mas o acadêmico Waldir jamais faltava.

Numa época em que, em nosso sodalício, havia mais historiadores que literatos, eram constantes, diria mesmo regulares as suas palestras, quase sempre motivadas por intermináveis pesquisas, que a voz sonora e clara, a natural impostação, a dicção perfeita de Waldir, afinal, um professor e palestrante emérito, fazia ouvir em toda a comprida mesa de reuniões, sem necessidade do sistema de som com microfones sem fio que, a partir de 2011, mandei instalar naquela sala.

Por força desses interesses, tornou-se um bibliófilo. Não parava de aumentar a sua já imensa e desorganizada biblioteca, mas que ele trazia organizada na cabeça, tendo sido um deslumbramento a descoberta da internet, a possibilidade de, por esse meio, pesquisar e comprar livros, inclusive estrangeiros. Apaixonava-se pelos assuntos. E não tratava apenas de temas históricos. Lembro-me, por exemplo, de sua paixão pelas irmãs Brontë. Por alguns meses, ouvimos muito sobre Charlotte, Emily e Anne. E a fixação por Hermann Melville. Pelo mesmo tempo dos personagens das irmãs escritoras, do condado de Yorkshire, o obstinado capitão Ahab perseguiu a baleia branca não apenas nas águas revoltas dos oceanos do mundo, mas também nos sossegados salões da Academia. Foi tal o entusiasmo, que Waldir não se contentou com uma simples palestra, promoveu uma mesa-redonda sobre Melville e Moby-Dick, trazendo outros palestrantes além dele, um evento com pompa e circunstância no salão nobre de nossa Casa.

Nunca deixou de colaborar com a *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Esteve sempre na diretoria, levou muitos anos como primeiro secretário, foi vice-presidente de Edivaldo Boaventura, e meu vice-presidente, no meu primeiro mandato. Até que, um dia, partiu para uma nova vida.

Era justo que alguém que gostava tanto da vida e vivia tão intensamente, tivesse afinal duas vidas, uma vida inteira na Bahia, e outra, depois, no Rio Grande do Sul, quando passou a residir em Pelotas. Mas, ainda aí, não deixou de colaborar com a *Revista*, nem de cumprir o seu dever de acadêmico. Há pouco menos de um ano, com a morte de Luís Henrique Dias Tavares, e designado pelo presidente Joaci Góes, enviou o discurso para ser lido na Sessão de Saudade daquele acadêmico, esta mesma sessão que hoje nos faz lembrá-lo. A triste, porém justa tradição acadêmica de ser o orador da Sessão de Saudade de quem o recebeu. Perfeitamente ativo, habituado a lidar com o computador, podia ter lido, ele próprio, na sessão virtual que a pandemia obrigou, o excelente discurso que escreveu.

Entretanto, por motivos técnicos, essa leitura foi realizada pelo acadêmico Francisco Senna.

Vejam, senhores. Sequer me sobrou espaço para as recordações pessoais, embora fossem elas que primeiro me acudissem ao saber da perda do amigo, amigo bem antes de ser confrade na Academia, recordações ainda mais vivas ao dar início a esta homenagem, que é institucional, que é coletiva, e da qual sou apenas o privilegiado porta-voz. Assim, agravado já pela falta de tempo e de espaço, não me permito trazer, em pormenores, aquele nosso primeiro encontro na Livraria Civilização Brasileira; nem episódios e conversas pessoais; nem os três sábados que passamos, Gerana e eu, na casa quase uma chácara da Vila de Abrantes, a saborear conversas e feijoada, a incomparável feijoada baiana de feijão mulatinho e sete carnes que Regina fazia tão bem, acolhidos pela amizade do casal, e dos filhos, Marcelo, Carlos Maurício, Leda, Heitor, e das noras, dos netos, desse querido Fábio, o neto que conquistou a Academia, quando de sua passagem pelo quadro de funcionários da Casa. Num desses sábados, tivemos também a companhia de Sante Scaldaferri e Marina. Mas essas e outras, tantas outras, são as recordações que ficarão no silêncio da saudade.

No parágrafo último de seu discurso de posse, Waldir diz textualmente: “O agradecimento final vai para Regina. É preciso que saibam, os que aqui se encontram, que eu jamais chegaria aos pontos onde tenho chegado, sem o seu incentivo, sem o seu entusiasmo pelo meu trabalho, sem a sua confiança e, principalmente, sem a ajuda do seu bom senso, capaz de analisar, de modo apropriado, meus atos e decisões, e frear, quando necessário, meu ímpeto audaz de cavaleiro andante”. Acrescento, numa atitude de absoluta indiscrição, que, em nossa última conversa, no pátio da Academia, quando já morava distante e lá estive pela última vez, confessou-me que não poderia ter continuado a frequentar a Academia sem Regina. Esta a minha inconfidência, pela qual me penitencio, mas não me arrependo.

Com a morte de Regina, a companheira por cinquenta e seis anos, não foi possível frear o “ímpeto audaz de cavaleiro andante”. E Waldir, no final do ano seguinte, no vigor dos seus oitenta e três anos de idade, seguiu para as terras do sul com a nova companheira, para quem também sempre teve palavras de gratidão e carinho, Maria de Lourdes Dias de Oliveira, a sua Lourdinha. Até o dia 16 de junho deste 2021, quando, lúcido, produtivo e certamente inquieto, morreu aos noventa e dois anos de idade, derrotado enfim por esse vírus que parou o mundo e entristeceu a humanidade.

Senhor presidente, senhoras e senhores Acadêmicos:

Penso que a maior homenagem que a Academia de Letras da Bahia pode prestar ao acadêmico Waldir Freitas Oliveira, é garantir que a sua obra escrita permaneça completa, bem guardada e disponível na Biblioteca dos Acadêmicos, na bela sede do nosso sodalício, como um testemunho permanente e perpétuo do labor incansável e prestante desse que foi um dos maiores mestres do ensino baiano, um dos acadêmicos mais participativos de nossa Academia, mas também um dos mais produtivos trabalhadores intelectuais da Bahia.

Nota: Discurso proferido em solenidade virtual da Academia de Letras da Bahia, como orador em homenagem póstuma ao acadêmico Waldir Freitas Oliveira, no dia 26 de agosto de 2021.

Aramis Ribeiro Costa é autor mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *O Corpo caído no chão* (romance, 2018), *Histórias de mais ou menos amor* (contos, 2018), *Noite alta céu risonho* (contos, 2019) e *As meninas do coronel* (romance, 2020). Desde 1999 ocupa a Cadeira nº 12 da Academia de Letras da Bahia.



**“OS OUTROS TAMBÉM
PODEM SER O CÉU”
Homenagem ao Acadêmico
João Eurico Matta**

ALEILTON FONSECA

Senhor Presidente da Academia de Letras da Bahia,
Prof. Dr. Ordep Serra.

Senhoras acadêmicas, Senhores acadêmicos.

Senhoras e senhores, amigos, amigas e familiares do saudoso acadêmico Prof. Dr. João Eurico Matta.

Preço a anuência de vocês para me dirigir, neste discurso, a amantíssima Senhora Geísa Matta, que, conosco, neste momento, recorda – e, portanto, traz de novo ao coração, a memória do nosso querido confrade Prof. Emérito Dr. João Eurico Matta.

Senhora Geísa Matta: as pessoas presentes a esta solenidade, são doravante testemunhas desta singela oração que lhe dirijo – e que consagro, por mister de ofício, à memória do seu ilustre e saudoso marido, João Eurico Matta.

A senhora, mais do que qualquer um de nós, conheceu a pessoa que homenageamos nesta noite de saudade, porque compartilhou de toda a sua multiplicidade existencial: como grande ser humano, amoroso consorte, dedicado pai de família, profissional exemplar, professor, estudioso, administrador, pesquisador, ensaísta e acadêmico.

Títular de um extenso currículo, poderíamos passar horas comentando cada item de sua rica biografia, seus diversos cursos de formação, no Brasil e no exterior, seus mestrados e doutoramentos, sua prodigiosa atuação docente até receber o título de Professor emérito e a Medalha Reitor Edgard Santos, honrarias outorgadas pela UFBA. Poderíamos dissertar sobre o valor de seus livros técnicos e seus ensaios literários e filosóficos, seus artigos e prefácios, sempre agudos e valiosos, o exercício de seus importantes cargos na esfera pública e privada, seus mandatos de representação em entidades de interesse público.

Podemos, no entanto, nos contentar com um pequeno resumo de suas posições mais altas, num cenário capaz de nos relembra a sua importância, seu brilho e sua grandeza.

João Eurico Matta foi professor e diretor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, tendo destacada atuação no colegiado que criou o mestrado em administração. Exerceu o cargo de professor titular de Administração da Universidade Católica do Salvador. Na UFBA, também foi professor do primeiro mestrado em Educação. Dirigiu o ISP – Instituto de Serviço Público - Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (1989-1992), um órgão de consultoria, apoio e acompanhamento de ações institucionais, muito importante na implantação e desenvolvimento do ensino superior nos municípios do Estado da Bahia. Como atento pesquisador da área, contribuiu decisivamente para a profissionalização da administração pública e de empresas na Bahia e no Brasil. Exerceu o cargo de Secretário de Estado Extraordinário para a Reforma Administrativa entre 1963 e 1967, no governo de Lomanto Júnior, sendo o responsável político por todos os projetos que se tornariam Leis em abril de 1966, e demais normas e regimentos de reestruturação administrativa, projetos tecnicamente assessorados pela UFBA, através do Instituto do Serviço Público – ISP, criado em 1964 na Escola de Administração da mesma UFBA).

A partir dessa experiência, escreveu um livro sobre o tema “Modernização do Poder Executivo na Bahia” publicado em 2017 pela prestigiosa EDUFBA. Renomado e experiente estudioso da área, foi presidente do Conselho Regional de Administração da Bahia de 1997 a 2006. Atuou como membro do Conselho Estadual de Cultura nos anos 80.

Entre suas obras, destacam-se alguns títulos que são fontes preciosas para pesquisa, seja na área da administração pública, seja no terreno literário. De cerca de vinte publicações, livros, opúsculos e separatas, destaco duas obras impressionantes:

O seu livro *Modernização do poder executivo na Bahia: estratégia e dinâmica do Programa de Reforma Administrativa do governo Lomanto Júnior (1963-1967)* de 2017, obra dirigida a estudantes de administração pública, é um valioso painel de ideias e ações ainda hoje válidas para uma reflexão sobre a importância de se promover uma ação governamental metódica e organizada, seguindo conceitos e procedimentos da Administração moderna. O autor trata, com metodologia e apuro formal, sobre o processo de declínio da estrutura administrativa da Bahia na época, contrapondo a isso um projeto de implantação de uma nova estrutura moderna. Nas orelhas do livro, Edivaldo Boaventura destaca os efeitos da atuação de Matta como coordenador geral da reforma administrativa no governo de Lomanto Junior. Afirma ele:

A reforma administrativa impregnou de modernidade quase todos os setores do estado da Bahia e mesmo aqueles que não foram atingidos diretamente acabaram sendo envolvidos pelo processo renovador. A reforma marcou indelevelmente o governo democrático de Lomanto Junior, pelos benefícios que trouxe e foi mais além como exemplo público de mudança seguido por outros estados (orelha, 2017).

Outra publicação que merece nosso aplauso e, seguramente, a atenção dos pesquisadores de periódicos literários baianos é o ensaio descritivo acerca da revista *Ângulos*, intitulado “Ângulos : a vigência de uma revista universitária”. Trata-se de edição nº 131 do Centro de Estudos Baianos, (Universidade Federal da Bahia, 1988) e que merece reedição, pelo valor documental e o interesse literário e a excelência da pesquisa.

De fato, ao ler este ensaio, deduzimos que *Ângulos* foi a paixão de nosso saudoso confrade, seu constante colaborador e diretor de um dos números mais preciosos. Diversas vezes o ouvimos referir-se à revista, seus textos, seus colaboradores, sua importância. Sempre demonstrou um apreço especial pela revista, cuja edição nº 12, dirigiu, segundo afirma, com a “ajuda fraterna de Glauber Rocha”, seu amigo desde a adolescência. Em *Ângulos* publicou estudos de ciências sociais, teoria do Estado e filosofia da ciência – campos de saber que compõem seus fascínios de juventude. Nesta revista, teve o prazer de publicar e ilustrar com um Nankin da efígie de Rui, o artigo de Orlando Gomes: “Rui Barbosa e os Direitos sociais. O ensaio descritivo sobre a revista é um primoroso trabalho de levantamento e organização de dados, com diversas referências sobre a organização da revista, seus colaboradores e suas matérias. Tem um enorme valor para a história da literatura baiana.

Esta bela trajetória o conduziria à ALB, através de um consenso eleitoral poucas vezes visto. Assim, o Professor João Eurico Matta honrou a Cadeira nº 16, cada dia e minuto de seu longo mandato vitalício. Eleito em 28 de dezembro de 1988, tomou posse em 10 de maio de 1989, sendo recebido pelo saudoso acadêmico Oldegar Franco Vieira. Em seu afetuoso discurso de recepção, Oldegar Vieira acentuou:

Em ocasião como esta, a nenhum orador atenderá estímulo mais íntimo, - e comprometedor, - senão o que me fez

indicado para saudá-lo. Unidos por consanguínea procedência, natural seria que me considerassem o conhecedor melhor do seu merecimento, para destacá-lo em nome da Academia. Mas, ainda assim, não sei como fazê-lo sem referência imediata à casa em que Você ainda não se punha de pé, mas onde este seu quase-irmão, pretensioso estudante de Direito, ousava travar com a fina-flor do sindicalismo baiano ideológicos debates. (Discurso, p. 39).

Este intróito do discurso de Odegar Vieira é indicativo de como se pode compreender e definir a personalidade de João Eurico Matta – como um homem da polis, de inteiro pendor associativo e do diálogo. O recipiêdo compõe admiravelmente este perfil do confrade, mostrando que já tardava sua aquisição pelo nobre sodalício, ao admitir que ele “foi acadêmico antes mesmo de ser eleito”. E destaca o seu merecimento:

Entre os valores que o credenciaram perante a Academia, falam, sem dúvida, motivações de origem e gratidão da Comunidade pela excelência moral e intelectual da Família, numa interdependência que bem se pode ver naquela Verdade que é a essência de toda companhia, família, como da mais ampla, até da Humanidade, e como é o da que agora o recebe. (p. 42).

João Eurico Matta tomou posse, segundo suas palavras, “com enternecimento, alegria e um sentimento de profunda gratidão”. Fora eleito por uma assembleia de 25 acadêmicos, colhendo o que chamou de “generosa unanimidade” dos votos então disponíveis, nos termos do Regimento de 1974. Por justos 32 anos e seis meses foi o terceiro ocupante da Cadeira n° 16. Uma cadeira emblemática que tem como patrono o jurista, político e administrador público José Tomás Nabuco de Araújo (1813-1878) e como fundador o professor de Direito Civil e magistrado Eduardo Godinho Espínola (1875-1967).

Finalmente, Matta sucedeu ao jurista e professor de Direito, o grande mestre Orlando Gomes dos Santos (1909-1988), a quem devotava desde antes muito respeito e admiração, como se percebe no expressivo elogio do discurso de posse, ao enfatizar, entre tantas qualidades assinaladas, o alto valor do conferencista, citando títulos e passagens de algumas de suas memoráveis conferências.

O seu discurso de posse é longo, denso, expressivo e, sobretudo, subidamente generoso com os amigos, colegas e demais coetâneos que povoaram sua trajetória e contracenaram com ele na ribalta da vida social. O seu texto tem a estrutura e o estilo de um ensaio, em que demarca os pontos mais relevantes de sua caminhada, desde a densa formação escolar e universitária, passando por momentos da vida profissional e sua inserção no meio intelectual baiano. Muitos fatos e diversos nomes são citados, encadeando-se informações pessoais e coletivas, de modo dinâmico e elucidativo, que revelam não apenas sua própria trajetória, mas sua atuação no bojo da movimentação da vida intelectual da Bahia desde a década de 1960.

Já na sua oração de entrada neste sodalício, avultam os seus predicados mais visíveis, em seu percurso acadêmico. São várias as suas qualidades, dentre as quais destacamos a tríade perfeita: afabilidade, a convivibilidade e a generosidade intelectual.

Este tripé virtuoso se faz notar no tom de seus encômios aos antecessores, desde o patrono José Tomáz Nabuco de Araújo e o fundador Eduardo Godinho Espínola até o segundo titular, a quem sucedeu, Orlando Gomes. De fato, com séria pesquisa de dados e aplicação cuidadosa, Matta esmera-se em biografar os seus antecessores, enumerando fatos, ações, datas, situações e nomes que compõem as suas respectivas trajetórias, com vivo interesse em destacar-lhes os feitos, o pensamento, as qualidades e as contribuições, compondo seus perfis à semelhança de acurados verbetes de um dicionário de notáveis

homens ilustres. É expressivo o seu empenho em valorizar o talento e a contribuição dos titulares da Cadeira n° 16. Como era de se esperar, grande destaque é concedido ao imortal Orlando Gomes, na seção que intitula “Sinopse, com afeto, da trajetória de Orlando”. São nada menos que oito páginas de encômios efusivos, documentados com citações que abonam os elogios e os comentários sobre a trajetória do antecessor, a quem já admirava desde a juventude.

Sem dúvida, um belo e exemplar discurso de posse, hoje genuína fonte de pesquisa sobre o autor e seus antecessores porque escrito com estilo, método e fontes, constantes em onze notas bibliográficas, como cabe a um cuidadoso pesquisador. Teria sido, certamente, um exímio biógrafo ou um historiador das mentalidades se o quisesse, pois demonstra talento para associar dados objetivos e ilações subjetivas, numa tessitura textual que prende a atenção e açula a curiosidade do leitor.

No entanto, o que intento sublinhar, mais uma vez, é a generosidade do seu estilo, seu cuidado em acentuar os méritos, o conhecimento, a contribuição dos intelectuais que apresenta e, também, de outros diversos nomes que cita no âmbito dos fatos narrados, constituindo uma densa onomástica de inserção e de reconhecimento. Tal como seu grande amigo e confrade Edivaldo Machado Boaventura, o nosso homenageado dessa noite acreditava piamente que reconhecer a outrem os seus méritos é a forma mais profícua de constituir a memória coletiva do contributo de cada geração. Por isso cultivava a obra e a memória dos mestres do passado e, ao mesmo tempo, mostrava vivo interesse pela leitura das obras dos mais jovens, nomes representativos das novas gerações. Demonstrava, portanto, aquela consciência firmada pelo poeta T. S. Eliot, que vê nas sucessivas gerações os elos indispensáveis que mantém viva a literatura e cultura. Reconhecer os méritos alheios é um ato de solidariedade e desprendimento. Em sua sóbria sabedoria, o acadêmico Edivaldo Boaventura costumava dizer:

“A Bahia reconhece pouco o valor de seus filhos. É preciso reconhecer os méritos, as qualidades, as obras e os feitos de cada um”. Para Edvaldo isso se traduzia em diplomas, medalhas, artigos, discursos, e elogios de viva voz, de forma clara e objetiva – capazes até de encabular o elogiado.

Nesse quesito, ambos os intelectuais se irmanavam na vida acadêmica, traduzindo em gestos de apreço e palavras de reconhecimento os perfis de seus coetâneos e os seus confrades, demonstrando o seu apreço às suas ações, ideias, livros e discursos. E faziam isso de viva voz, em interlocuções pessoais, com ou sem plateia ao redor. Lições de convivialidade e diplomacia. Assim eram ambos, a meu juízo, o chanceler e o vice-chanceler da Casa de Arlindo Fragoso, títulos afetivos e informais, outorgados ao bel prazer do coração dos pares.

Senhora Geísa Matta: Guardo para sempre essa imagem. João Eurico, um homem fraterno, amigável e sereno, sempre. Não se lhe conhece tom de voz acima de seu diapasão cordial e respeitoso. Esse homem ilustre mostrava sempre o sorriso afável e os olhos brilhantes, como emblemas de sua indefectível cortesia e sua admiração ao outro – na expressão verdadeira e sincera com que abordava seus interlocutores nas rodas de conversas, nos comentários pessoais e em público, em intervenções nos eventos, não poupando palavras de apreço e concordância em relação a ideias, afirmações e comentários que à mesa apresentavam à plateia de acadêmicos e convidados da comunidade baiana. Homem de ideias e pensamento, sabia exercer a crítica e a discordância de modo sutil, democrático e sem jamais ofender ou melindrar. Não rebatia nem, desclassificava jamais aquilo que afirmasse o interlocutor, e sim declarava o que ele próprio, João Eurico, pensava a propósito do assunto. Por outro lado, não media palavras para apoiar ideias e projetos que, apresentados à mesa, demonstravam potencial seguro de fazer a academia evoluir para os tempos atuais, em consonância com o mundo mais amplo da cultura e da literatura baiana.

Assim, para exemplificar, em reunião plenária de 2006, foi uma das vozes mais vigorosas, ao lado dos saudosos Edivaldo Boaventura e Geraldo Machado, a apoiar a criação do Colóquio de Literatura Baiana, que abriu as portas da Academia a todos os cursos de Letras das Universidades baianas, acolhendo alunos, professores, pesquisadores, desde a graduação ao pós-doutorado, em igualdades de condições, para apresentarem seus trabalhos, suas pesquisas de iniciação científica, graduação, mestrado, doutorado, sobre temas, autores e obras da literatura baiana, o que gerou um acervo de quase mil estudos apresentados, ao longo de 16 anos de trabalho, multiplicando o nome da ALB em centenas de currículos e corações reconhecidos. Muitos deles orgulhosos de haverem apresentado um trabalho, pela primeira vez, num evento da Academia.

Dona Geísa, João Eurico comparecia religiosamente aos eventos, e a senhora o acompanhava sempre. Ambos sentavam-se à mesa de comunicações do Curso Castro Alves, e do Colóquio de Literatura, e ouviam atentamente, tarde adentro, as comunicações dos jovens pesquisadores em formação. Ao usar a palavra, seus comentários e observações era preciosos incentivos para os jovens continuarem dedicando-se os estudos literários. Quando participava das mesas principais, sua palavra era notável, ao apresentar suas leituras de Castro Alves, suas anotações sobre Camilo de Jesus Lima e outros autores de sua predileção.

Sempre tive nesse confrade uma referência, para dialogar sobre assuntos da casa, sobre processos eleitorais em curso, colhendo sempre uma palavra sóbria, correta e iluminadora. Testemunhei efusivas manifestações de apreço à sua pessoa, o que reforçou ao longo dos anos, a minha admiração pessoal e a minha gratidão por haver contado sempre com seu apoio, em momentos decisivos de encaminhamento de ideias à mesa, e de decisões eleitorais. Sou-lhe muito grato por haver sido um dos apoiadores de minhas atividades

na ALB – isso feito de modo tão natural e cotidiano que somente agora tenho termos para mensurar.

Sem dúvida, um confrade exemplar. A comemoração de seus 70 anos, num almoço acadêmico, realizado no Yacht Club, em 16 de julho de 2005, foi uma sessão memorável. Ali se revezaram os confrades em emocionados discursos de apreço para festejar sua pessoa e sua rica biografia. Entre tantos depoimentos sobre a data, destaco as palavras do acadêmico Cyro de Mattos, numa crônica, que resume aquele nosso espírito coletivo de conagração:

O currículo é invejável, intocável, na área do ensino universitário. Não cabe aqui, com o espaço pequeno da crônica, relatar os pontos elevados do percurso, levaria tempo. Cabe dizer, sim, que aqui estou como o jovem recém-ingresso na Faculdade de Direito, que logo passou a admirá-lo, naqueles idos universitários de saudosa memória, à qual o tempo se encarregou de esfumar, como faz em tudo no mistério da vida. O tempo, senhor soberano que une e dispersa, tudo dá e tudo toma. Tornei-me, com a passagem dos anos, ainda mais admirador desse intelectual oitentão, de acumuladas juventudes. Associo-me a esse momento de afetividade, felicitações que são dadas por todos os admiradores ao nosso estimado João Eurico. De minha parte agradeço tudo que ele vem operando de saudável pelo ensino universitário e pela cultura de nossa querida Bahia. Autêntico agente formador de gerações e liderança de qualidade. (2015)

Quantas palmas, quantos sorrisos, quantos abraços – numa tarde suavemente ensolarada, à beira-mar, com o ritmo e os aplausos azuis da Baía de Todos-os-Santos. Foi uma consagração.

Nunca ouvi um reparo sequer à sua lhanza acadêmica. Sincero, transparente, fiel e justo - este foi seu perfil perante os assuntos e decisões da Academia. Sabia ouvir como poucos,

acompanhando atenta e respeitosamente as propostas e considerações dos outros para só então, muitas vezes ao final, pronunciar-se, sempre com clarividência, às vezes de modo decisivo, pela justeza de suas ponderações. Seu modo de agir era um dos fatores de equilíbrio das discussões, com parcimônia, tolerância e cautela, de modo a contribuir para a manutenção dos elos da convivialidade tão necessários à vitalidade da confraria.

Senhora Geísa Matta:

Para furtar-me à condição de voz única nesta noite, colhi de alguns confrades pequenos depoimentos que se somam às minhas palavras como potente endosso de minhas considerações. A propósito, aduziu-me a nota seguinte o confrade Paulo Ormindó de Azevedo sobre o nosso homenageado. Afirma ele:

Já conhecia de nome o professor João Eurico Matta, amigo de meu pai, quando fui seu companheiro no Conselho Estadual de Cultura, na década de 1980. Mas tive com ele 30 anos de convivência a partir de 1991, quando entrei na ALB. Pude então apreciar suas qualidades humanas, sua elegância no trajar e no trato com outros membros da ALB. Nunca o vi arrotar seus inúmeros títulos. João Eurico era verdadeiramente imortal, para ele não havia tempo.

Este foi seu estilo, na sua atuação acadêmica. Sempre prestei atenção ao seu modo de exercer a condição de membro da ALB. E no meu aprendizado de conduta acadêmica, ao longo desses 16 anos, muito aprendi com o seu estilo, somando suas lições de como ser um acadêmico construtivo, em meio aos pares, àquelas lições aquisitadas por observar, entre outros, a atuação dos saudosos presidentes Claudio Veiga e Edivaldo Boaventura. Mais aprendem os que observam, os que se miram nos exemplos. E nisso, Matta também foi um exímio professor. Ensinava através dos gestos, da conduta, dos exemplos, como um visceral educador.

Parafraçando passagens de seu discurso de posse, enalteço sua memória, adenso esta homenagem. Matta começou escrever aos quinze anos, documentando os seus estudos intensos de literatura e filosofia com uma coleção de ensaios inéditos, que ele mesmo ilustrava com bicos de pena. Foi um frequentador assíduo – ele dizia: inveterado – dos saraus e concertos da antiga Sociedade de Cultura Artística da Bahia. Orgulhava-se de haver feito amizade, enquanto menino dos anos 50, em Salvador, com os grandes poetas Arthur de Salles, Anísio Melhor – pai e filho, Elpidio Bastos, Flávio de Paula e Bráulio de Abreu, aos quais sempre enaltecia a obra e a memória. (p. 9-10). Pela convivência cultural, tornou-se próximo de vários outros escritores, denominados por ele mesmo, de seus “amigos da literatura”.

De 1952 em diante, publicou regularmente no *Diário da Bahia*, em *A Tarde*, em *O Estado da Bahia* e no *Jornal da Bahia* (a partir de 1958).

Assim, compôs um acervo de ensaios e artigos, desde ensaios literários até comentários sobre Benedetto Croce, George Santayana, Bernard Shaw, até reflexões sobre filosofia, história e literatura. São seis artigos sobre a poesia de Carvalho Filho, dois sobre a poesia de Camillo de Jesus Lima, um sobre os sonetos de Lafayette Spínola. Também escreveu comentários sobre poetas então jovens como Moniz Bandeira, Adelmo Oliveira, e também sobre Fernando Peres e Florisvaldo Mattos (estes publicados na *Gazeta de Salvador*). No *Jornal da Bahia* (17/18 de janeiro de 1960), retoma a velha indagação de Holderlin: Poetas para quê?

Como não podia deixar de ser, escreveu sobre a obra de Jorge Amado, que lia e admirava. O artigo intitulado “Dona Flor e a dialética”, saiu em *A Tarde*, de 12 de agosto de 1982, sendo depois republicado na coletânea sobre Jorge Amado, *Ensaio sobre o escritor*. Edição comemorativa dos 70 anos do escritor baiano.

Na área técnica de atuação, deixou dezessete artigos sobre temas de Administração, ensino e prática, publicados no jornal *A Tarde*,

no período de 1962 a 1967, em 1978, 1986 e 1996. Como repórter, fez entrevistas para *A Tarde* com o célebre ensaísta e escritor português Hernani Cidade, e também com o foneticista luso Armando de Lacerda. Entrevistou os grandes poetas baianos Carvalho Filho e Godofredo Filho, sobre as famosas Jogralescas (teatralização de poemas) do Colégio da Bahia.

Essa obra ensaística compõe-se de dezenas de artigos e ensaios sobre temas de literatura, filosofia cultura e administração. Sem dúvida, um material de grande valor que pode ser organizado em livros, como uma contribuição à memória da literatura e da ensaística baiana.

Dona Geísa Matta:

Desejo externar o apreço e a gratidão incomensuráveis desta confraria acadêmica à senhora e a sua família, pela soma de todo o tempo de que o confrade João Eurico Matta dispôs para estar entre nós nesta Academia. Ele foi um acadêmico muito presente, falante nas sessões e participativo nos eventos. Se o perdemos para a vida cotidiana, jamais o perderemos na memória e na História desta Casa, pois sua voz estará sempre nos falando, com sua elegância ímpar, sua dicção oratória singular, suas explicações densas, seu gosto por detalhes, nomes ilustres, fatos e datas, com que ilustrava nossas reuniões. Cada uma de suas intervenções era uma narrativa rica em considerações sobre fatos, pessoas, livros, obras e ideias. É inesquecível o seu entusiasmo, ao usar a palavra, nas sessões e nos eventos da Academia. Cada fala de Matta à mesa plenária constituía uma aula de vivências, com importantes registros históricos, alusões à memória cultural e às experiências acumuladas. Nos seus pronunciamentos, os assuntos tomavam contornos eruditos, entre explicações, lembranças e lembranças e, sobretudo, reconhecimento dos méritos alheios. Em suas palavras, compareciam expressões de elogios a nomes do passado e do presente, como se quisesse sempre fazer a justiça intelectual a todos àqueles que merecem ser lembrados e citados nos círculos da cultura, mas que muitas vezes permanecem esquecidos.

A acadêmica Edilene Matos acrescentou, com sua sensibilidade e gentileza:

Sensível e lúcido, João Eurico faz-se, nessa Casa, inspiração permanente, sempre vigilante e atento aos pormenores. Certamente, ninguém passou por sob ele sem se sentir olhado, mirado e, eu diria até, encantado, pois que foi um intelectual aberto ao universo sensível.

Ao abrir o arquivo de sua rica trajetória, retiramos dele tantas e sábias lições, codificando de imediato seu universo, fazendo dessas experiências um aprendizado sem desperdício.

A voz de João Eurico, humana e verdadeira, voz transparente onde giram sonhos de cristal, vai ecoar sempre nessa ALB.

Esta é verdadeiramente uma sessão de saudade, mas também de eterna gratidão. Este sentimento está consignado nas palavras de Carlos Ribeiro que assim nos representam:

Em seu breve depoimento, por mim coligido, afirmou o acadêmico Carlos Ribeiro, sobre o nosso homenageado:

A falta que ele nos faz, nosso saudoso amigo e confrade João Eurico Matta, de marcante presença nas sessões e reuniões da nossa Academia de Letras da Bahia: por sua palavra incisiva, por sua gentileza, inteligência, brilho intelectual e cavalheirismo – qualidades reconhecidas por todos aqueles que tiveram o privilégio da sua convivência. Do ponto de vista pessoal, nosso querido professor João Eurico tem sua presença associada a praticamente todos os momentos da minha trajetória na ALB, desde o já distante ano de 2006, quando fui eleito para esta casa. Por ele fui recebido com o seu riso franco e braços estendidos para um abraço, que se eternizou na sua consideração e apreço sempre renovados. No que sou eternamente grato.

Para concluir, preciso retomar o título deste discurso: “Os outros também podem ser o céu”. Isto merece uma explicação. Ao concluir seu discurso de recepção, Oldegar Vieira, retoma palavras do ensaísta Matta, no final do livro *Dinâmica de grupo e desenvolvimento de organizações*, acerca da famosa reflexão feita por um personagem de Jean Paul Sartre, que assevera: “– o inferno são os outros”. Matta comenta: “ou melhor dito, podem ser os outros”, mas “os outros também podem ser o céu”. Segundo afirma, esse pensamento é capaz de “abrir caminho a nova ética de profundas repercussões na seara do Direito”. De fato, esse pensamento define, certamente, o modo de ser de João Eurico Matta, conforme escreve no seu livro e Oldegar Vieira sublinha, afirmando: “a Verdade à qual ele se refere – segundo a qual “os outros também podem ser o céu” – até poderá ser constitutiva de um mundo mais humano, como todos desejamos que seja o do Futuro”. (Discurso, p. 42)

Amantíssima Senhora Geisa Mattos, dou-lhe provas de que não prego sozinho, mas represento um sentimento coletivo que nos reúne a todos e todas na tristeza da perda, na gratidão da convivência, na celebração da memória. João Eurico seguirá conosco, numa cadeira ainda mais nobre, pois que situada no centro da memória afetiva, que se sustenta nas cordas do coração. O acadêmico João Eurico Mattos foi um intelectual completo, no sentido mais estrito da palavra: um grande homem, um excelente confrade, uma personalidade elevada, de temperamento cordial, afável e positivo. Um cidadão que honrou sua passagem pela vida, de modo produtivo e elevado, deixando-nos como legado a sua obra, o seu exemplo, a sua memória. Essa verdade nos consola e nos eleva ao estado pleno de satisfação, por havermos tido o privilégio de conviver com um grande homem, um verdadeiro intelectual.

Muito grato, senhora Geísa Matta. Nossa admiração a João Eurico Matta sempre se estendeu à sua pessoa, que

sempre nos honrou com sua presença na ALB, ao lado de nosso ilustre confrade.

Muito obrigado a todos.

Nota: Discurso proferido em solenidade virtual da Academia de Letras da Bahia, como orador em homenagem póstuma ao acadêmico João Eurico Matta, no dia 20 de dezembro de 2021.

Aleilton Fonseca é escritor e professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, autor de diversos livros de poesia, conto, ensaio e romance, como *O desterro dos mortos* (2001), *Nhô Guimarães* (2006), *O pêndulo de Euclides* (2009) e *O arlequim da Pauliceia* (2012). Alguns de seus livros foram traduzidos para outros idiomas, como francês, espanhol e italiano. Em 2020, publicou *A Terra em Pandemia* (Editora Mondrongo), traduzido na Itália, *La Terra in Pandemia* (Milano: Edizione WE, 2021), um poema épico sobre a recente tragédia sanitária que abalou o mundo. Pertence à Academia de Letras Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2005 ocupa a Cadeira nº 20 da Academia de Letras da Bahia.



RUY BARBOSA, CONTEMPORÂNEO DO FUTURO

JOACI GOES

É com o sentimento de indisfarçável honraria que acolhemos o convite do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado, na pessoa de seu eminente Presidente, para falar na transcorência de sete décadas de fundação deste memorável Forum de arquitetura romana, dedicado ao maior brasileiro de todos os tempos que amanhã completará aniversário de nascimento. Pensamos que o convite a nós formulado representa uma homenagem subliminar do Egrégio TJ de nosso Estado à longeva e venerável Academia de Letras da Bahia, na pessoa do seu modesto Presidente. As duas instituições são as mais antigas em seus respectivos domínios, em todo o Continente Americano. Para engrandecer, ainda mais, este Tribunal, aos olhos da história, bastaria dizer que sua fundação foi responsável pela vinda ao Brasil de uma criança chamada Antônio Vieira, cujo pai, Cristóvão Vieira Ravasco, aqui aportou, precisamente, para exercer as funções de escrivão da Relação da Bahia, em 1609. Vieira, que nasceu em 1608, e sua mãe, Dona Maria de Azevedo, chegariam a Salvador em 1614, onde nasceriam o único irmão e as quatro irmãs do maior orador sacro de todos os tempos. A Academia de Letras da Bahia, por sua vez, em sua primeira versão, instalou-se sob o sugestivo nome de Academia Brasílica dos Esquecidos, a 07 de março de 1724, tendo como primeiro Presidente o maior historiador brasileiro do Século XVIII, Sebastião da Rocha Pita, autor da consagrada obra *História da América Portuguesa*. Fechada por pressão da Corte de Portugal,

receosa de que abrigasse insurrectos, a Academia voltaria a reabrir, 35 anos mais tarde, em 1759, agora sob o nome de Academia dos Renascidos, cujo Presidente, o governador da Província José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, grande mecenas, vitimado pelas intrigas contra ele fomentadas, junto ao Marquês de Pombal, pelo vice-rei Marcos de Noronha, seu inimigo, foi sumariamente julgado e condenado a 17 anos de prisão, tendo morrido no cárcere.

Registre-se que Ruy Barbosa, o homenageado de hoje, foi o primeiro ocupante da Cadeira n° 22 da mais recente versão de nossa vetusta Academia, em 07 de março de 1917, hoje ocupada pelo grande escritor grapiúna Cyro de Mattos. Alternativamente, acreditamos que o Tribunal, ao escolher fora dos seus ricos quadros, aptos a, com grande louvor, desincumbirem-se da honrosa missão, desejou conhecer o que pensa o laicismo militante a respeito do Águia de Haia. É verdade que identificamos, também, nesse auspicioso convite, as digitais patagônicas de generoso magistrado cujos saberes e inteligência superiores se abrigam num magnífico Castelo da cor da neve, o desembargador Nilson Castelo Branco. Como a generosidade é seminal, registramos, com igual desvanecimento, o recebimento de um quadro cronológico da vida do grande Rui, desde que veio ao mundo até o último suspiro. O gesto fraternal veio do Desembargador Livaldo Britto, autor, dentre outras obras, do *magnum opus* “A proteção legal dos terreiros de candomblé: da repressão policial ao reconhecimento como patrimônio histórico-cultural”.

Ruy nasceu em Salvador, a 05 de novembro de 1849, na então Rua dos Capitães, desde sua morte rebatizada com o seu nome. Coursou Direito em Recife e São Paulo, daí retornando a Salvador, onde permaneceu até depois do seu casamento com Maria Augusta, seguindo para o Rio, onde residiu até à morte, a 1° de março de 1923. Seu sepultamento foi o mais concorrido de que se tem notícia no País. O sentimento dominante

era o de que se sepultava um semideus, tamanho o prestígio que desfrutava. João Mangabeira, representando a Câmara dos Deputados e a Bahia, repetiu, no elogio fúnebre a Ruy, as palavras de Henrique III, diante do corpo do Duque de Guise, aumentado pela rigidez cadavérica: “Morto parece ainda maior que vivo”.

Do casamento com Maria Augusta Viana Bandeira, Ruy teve cinco filhos: Maria Adélia, Alfredo Ruy, Francisco, João e Maria Luisa Vitória.

Num livro que escrevemos sobre as personalidades mais marcantes do Brasil, Ruy figura como a mais consagrada unanimidade, na opinião dos que participaram das exposições que fizemos para discutir os critérios de escolha que utilizamos. Ruy é a expressão máxima da erudição, da cultura e da inteligência nacionais. São poucos os brasileiros que a ele comparados não pareçam pequenos. Alguns chegam ao extremo de afirmar que ele foi “um aborto da natureza”, hipóbole para expressar a excepcionalidade do seu brilho verbal, coragem moral e saber poliédrico. No domínio do nosso idioma, dos fastos da história, da literatura, da filosofia e no vasto conhecimento de todos os ramos do Direito, sua presença traz a marca indelével do gênio. Seu conhecimento e suas ações em favor do aprimoramento de nossas instituições estão presentes nos textos que nos legou em sua atuação como advogado, conferencista, articulista, parecerista, epistológrafo, moralista, político e diplomata. O produto desse labor incessante - o trigo já separado do joio - ocupa mais de cem volumes. O uso de critérios menos exigentes faria essa produção ultrapassar duzentos compêndios. O joio descartável da produção de Ruy faria a glória de muitos intelectuais de ponta de dentro e de fora do Brasil. Mais do que por ideias, Ruy se orientava por ideais.

Observe-se, a título de marcante singularidade, que, não obstante essa exuberante produção, Ruy nunca se sentou para escrever um livro,

trabalho que exige planejamento, tempo para reflexão e pesquisa. De toda sua incomum operosidade o que mais se aproximou da rotina própria para escrever um livro foi a tradução que fez, do alemão para o português, em 1877, aos vinte e sete anos, de *O Papa e o Concílio*, do historiador e padre alemão Johann Joseph Ignaz Von Döllinger, trabalho que o catapultou, pela qualidade literária, para o mundo das letras, em razão do padrão da tradução e do prefácio ainda maior do que o texto original, um dos casos raros na história dos livros.

A língua difere da linguagem. Enquanto a primeira é rígida e conservadora, infensa a mudanças, a segunda é flexível e receptiva ao novo. Sem a pressão permanente da linguagem sobre a língua, todos os povos neolatinos ainda hoje estariam falando o latim do tempo de Cícero, Virgílio, Ovídio e Horácio. Ruy era um cultor da língua e avesso a modismos nascidos, em grande parte, da corrupção, por ignorância, dos postulados do idioma, sedimentado pelo uso dos cultos. Por isso, ele disse: “A degeneração de um povo, de uma nação ou raça, começa pelo desvirtuamento da própria língua.”

Sua vasta obra resultou dos seus afazeres diários, em cada um dos mencionados campos a que se dedicou. Em outras palavras: Ruy produziu sua obra ciclópica, literalmente, no joelho, atendendo as demandas do aqui e do agora. Essa peculiaridade, raramente mencionada, serve para facilitar o dimensionamento de sua inigualável genialidade. Até onde sabemos, ninguém realizou tamanho feito, no espaço ou no tempo, em qualquer idioma. A menção de Sócrates e Jesus Cristo como exceções do gênero não vale porque a natureza do trabalho dessas figuras veneráveis em nada se assemelha ao desenvolvido por Ruy, salvo como formadores de opinião. Como orador, não há quem o iguale, como se pode ver dos inúmeros discursos que proferiu nas mais diversas situações. Não se conhece nada comparável à *Oração aos Moços* dirigida aos bacharelados em Direito por São Paulo, em março de 1921.

Acamado, Ruy não teve forças para comparecer à solenidade de formatura. O conhecido professor de Direito Romano, Reynaldo Porchat, leu o discurso a pedido do Mestre.

Quando o Brasil e ou a língua portuguesa se impuserem ao interesse do mundo, a exemplo do inglês, do francês, do espanhol e do alemão, Ruy será proclamado o maior orador da humanidade em todos os tempos, acima de Demóstenes ou de Cícero, como repetia a toda hora o historiador e humanista baiano Altamirando Requião, ele próprio orador brilhante, após empreender estudos comparativos a respeito dos grandes do gênero. A idêntica conclusão chegaram inúmeras personalidades cultas, dentro e fora do Brasil, a exemplo dos delegados das nações presentes à segunda conferência internacional da paz em Haia, a que Ruy compareceu, representando o Brasil, em 1907, sobretudo a partir do momento em que reagiu à arrogância do representante russo, Frederico de Martens. A repercussão do seu desempenho ganhou mundo, não só pela originalidade das teses defendidas, sobretudo a igualdade do voto das nações nas cortes internacionais, independentemente do tamanho, e pelo domínio que revelou das questões discutidas, iluminadas pela vastidão e consistência de sua cultura geral, como pelo conhecimento que demonstrou do inglês e do francês, idiomas oficiais do memorável evento. Algum tempo depois, disse com regozijo, ao evocar aqueles momentos gloriosos: “Vi todas as nações do mundo reunidas, e aprendi a não me envergonhar da minha”!

É do reconhecimento geral que todo escrito de Ruy traz a marca das construções definitivas, tanto pela exuberância da forma, quanto pela abrangência e profundidade dos argumentos expendidos. Em Ruy tudo exuberava: o filólogo, o orador, o advogado, o jurista, o diplomata, o pedagogo, o jornalista, o estadista, o apóstolo da liberdade, o moralista, o artista da palavra. Aos que lhe negavam sensibilidade poética respondeu com a oração de despedida que proferiu,

em nome da Academia Brasileira de Letras, à saída do es-
quife de Machado de Assis, em 1908, considerada uma das
páginas mais sublimes da língua portuguesa. A saudação que
Ruy, já presidindo a Academia Brasileira de Letras, substituín-
do Machado de Assis, fez ao Nobel francês, Anatole France
Thibaut, de passagem para a Argentina, em 1909, se inscreve
nesse elevado padrão de sensibilidade literária.

Acrescente-se que Ruy pautou sua vida por inquebrantá-
vel retidão na conduta privada como na pública, além de exibir
reconhecida coragem moral em sua ação como advogado e po-
lítico eminente, a ponto de levar o famoso senador gaúcho, Pi-
nheiro Machado, vítima de uma punhalada mortal pelas costas,
em 1915, no largo que hoje leva o seu nome, no Rio de Janeiro,
a dizer que “no extraordinário baiano a coragem é superior ao
próprio talento”. Registre-se como curiosidade histórica o fato
do juiz Manuel da Costa Ribeiro haver presidido os júris que jul-
garam o assassino de Euclides da Cunha, Dilermando de Assis,
em agosto de 1909, do poeta Aníbal Teófilo, Gilberto Amado,
em junho de 1915, e de Pinheiro Machado, Manso de Paiva, em
setembro de 1915.

Explicam-se, pois, com facilidade, as razões que leva-
ram Ruy a ser considerado a personalidade mais influente do
País, ao longo dos pouco mais de cinquenta anos que com-
preenderam sua vida adulta, tendo a palavra oral e escrita
como instrumento de sua superior afirmação. É natural que
seja o patrono dos advogados brasileiros, honra que passou
a partilhar com o seu líder Luiz Gonzaga Pinto da Gama,
o filho de Luiza Mahim, o campeão absoluto na defesa da
abolição ao lado de seus notáveis discípulos, como o próprio
Ruy, Castro Alves, Nabuco e Raul Pompéia. Luis Gama tem
uma biografia do tamanho, senão maior, daquela do semideus
Nelson Mandela.

A capacidade de trabalho de Ruy era verdadeiramen-
te espantosa. Deixava preocupados e boquiabertos parentes

e amigos ao varar sucessivas madrugadas, na preparação de textos, com pouquíssimo tempo dedicado ao descanso. Sua produtividade surpreenderia os usuários de processadores de textos nos dias atuais. Conta Luis Viana Filho, o primeiro grande biógrafo do Águia de Haia - apelido que lhe pespegou o jornalista inglês William Stead, ao fim da magna conferência - que, procurado inopinadamente por um cliente em sua residência, Ruy pediu-lhe para aguardar, enquanto concluía trabalho urgente. Poltroneado no gabinete, o cliente testemunhou, emocionado, o tique-taque incessante do datilografar do grande tribuno. Ao final, o cliente observou, admirado: “Conselheiro, ao longo de hora e meia, o senhor escreveu ininterruptamente sem lançar fora uma página sequer!”, ao que Ruy caçoou: “Quem enche a cesta com papel é o Nabuco”. Referia-se Ruy ao seu querido amigo de toda a vida, o pernambucano Joaquim Nabuco. Tanto o fraternal motejo não interferiu na sólida amizade que os unia que, pouco tempo depois, Nabuco devolveu com a costumeira elegância o afável insulto, referindo-se ao estilo rebuscado de Ruy, num misto de elogio e crítica: “Ninguém sabe o diamante que ele nos revelaria, se tivesse a coragem de cortar sem piedade a montanha de luz cuja grandeza tem ofuscado a República, e de reduzi-la a uma pequena pedra”.

Da proverbial memória de Ruy, contam-se prodígios. Era capaz de localizar, sem o menor titubeio, em sua biblioteca de trinta mil volumes, em seu palacete à rua São Clemente, no Rio de Janeiro, o livro que queria e nele a citação precisa, o texto lido e anotado dez, vinte ou quarenta anos antes. A respeitada e temida superioridade intelectual de Ruy era de evidência solar, em qualquer das arenas em que pelejava. Como exemplo do seu talento oceânico, pincemos do inesgotável repertório de suas contendas e feitos, a acrimoniosa polêmica filológica que travou com o seu antigo mestre Ernesto Carneiro Ribeiro, dez anos mais velho, a propósito da redação do Código Civil.

A verdade é que Ruy, então senador, ficou ressentido com o governo Campos Sales (1898-1902) por não ter sido ele o escolhido para redigir o anteprojeto do Código Civil Brasileiro, em substituição às Ordenações Filipinas que há três séculos vigiam em Portugal e no Brasil. O escolhido foi o jurista cearense Clóvis Beviláqua, dez anos mais jovem do que Ruy. Uma vez aprovado na Câmara, o projeto foi enviado ao Senado, sendo Ruy o presidente da Comissão a quem caberia dar o parecer final. Como não encontrou o que condenar na parte substantiva do projeto, Ruy concentrou suas críticas na qualidade do texto, cuja revisão final estivera a cargo de Ernesto Carneiro Ribeiro que, aos 63 anos de idade, era considerado a maior autoridade em língua portuguesa, com obras publicadas e aplaudidas em todos os países que falavam a “última flor do Lácio, inculca e bela”. Registramos nosso regozijo de sermos o ocupante da cadeira nº 7, da ALB, que teve Ernesto Carneiro Ribeiro como seu primeiro titular.

Às críticas iniciais de Ruy, Carneiro Ribeiro respondeu com um texto que ficou conhecido como *Ligeiras impressões*. Não demorou para Ruy voltar à rinha com sua famosa *Réplica*, em 600 páginas de talento e erudição filológica como nunca antes se vira. A esse respeito, escreveu Luis Viana Filho: “A verdade é que o País estava maravilhado. Habituar-se a admirar o jurista, o orador, e entusiasmar-se com o jornalista, mas espantava-se diante desse aspecto inédito daquela inteligência privilegiada, cujos profundos conhecimentos da língua eram ignorados. Aqueles temas áridos de filologia, manejados pela pena do escritor, tornavam-se atraentes e, entre as classes mais ou menos cultas, foram bem poucos os que não acompanharam a contenda com interesse”.

Dois anos e meio depois, Carneiro Ribeiro compareceu com a famosa *Tréplica*, em 886 sólidas páginas. As peças que compõem o conjunto dessa histórica polêmica perfazem o mais

rico manancial de conhecimentos gramaticais e de regras de estilo já produzidos sobre um idioma. É oportuno assinalar que, contrariamente ao que se pode supor, à primeira impressão, lê-se, mais de uma vez, com o maior deleite, como o fizemos, o total de mais de 1500 páginas nascidas daquela épica contenda vernacular.

Assinale-se que a língua portuguesa era apenas o instrumento de trabalho de Ruy, não era o objeto de sua dedicação exclusiva, como era para Carneiro Ribeiro. Mesmo assim, estiveram ambos à altura um do outro, ainda que o lapso de tempo para Ruy comparecer à liça fosse sensivelmente menor do que o requerido por Carneiro Ribeiro, como se depreende das datas em que suas respectivas produções vieram a lume. Até porque, paralelamente à douda querela, Ruy tinha que se desincumbir de seus inúmeros afazeres como parlamentar, advogado, jornalista e conferencista.

Ruy foi tão grande que mesmo quando avaliado pelo dia-pasão demolidor do mais implacável dos seus críticos, Raimundo Magalhães Júnior, escritor de inegáveis méritos, no livro *Ruy, o homem e o mito*, o que resta de positivo seria suficiente para fazer dele uma estrela de primeira grandeza no cenário mundial. É pelo conjunto dessas razões que se construiu em torno do seu nome a mais ampla bibliografia que uma personalidade já inspirou no Brasil, como não há quem o supere no número de ruas, praças, avenidas, cidades, prédios, monumentos e entidades com o seu nome.

A carreira de Ruy como legislador foi igualmente portentosa. Em 1877, aos vinte e oito anos, foi eleito deputado provincial pela Bahia e no ano seguinte deputado ao parlamento imperial, a partir de onde deu grande visibilidade à luta pelo fim da escravidão.

Em 1881 foi o redator do texto final da reforma eleitoral e nos dois anos seguintes redigiu o texto da reforma da legislação relativa ao ensino jurídico, considerado um dos mais importantes

da história do ensino do Direito no Brasil, ao redefinir e ampliar o significado da formação jurídica como pilar básico da construção da consciência cívica dos povos.

Nos últimos anos do Império, dirigiu o Diário de Notícias, jornal que usou para defender sua firme crença na adoção do sistema federativo como o meio mais adequado para atender as necessidades de uma sociedade heterogênea e de dimensões continentais como o Brasil. Contrariado pelo *status quo* em suas aspirações federalistas, Ruy passou a se opor ao último gabinete imperial, chefiado pelo conservador Visconde de Ouro Preto, convertendo-se em defensor da República. Foi quando cunhou o demolidor slogan segundo o qual uma vez que a Monarquia não queria a Federação, que fosse proclamada a República para viabilizá-la. Não deu outra: pouco tempo depois, ocorreu o 15 de novembro de 1889.

Recorde-se que Ruy sustentava a superioridade da monarquia parlamentar sobre todas as outras formas de governo. Admirador da monarquia inglesa, disse que “sob a mais estável das coroas, é a mais estável das repúblicas”. Subentende-se, pois, que o Império poderia ter tido vida mais longa não fosse pela reação conservadora de Ouro Preto. O futuro, aliás, se encarregou de demonstrar que o Brasil não melhorou, como se esperava, com a proclamação da República. Em abono da tese de Ruy, observe-se que países como o Japão, Austrália, Nova Zelândia, Inglaterra, Canadá, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica e Espanha, incluídos entre os mais desenvolvidos do mundo, são todos monarquias parlamentares.

Uma vez proclamada a República, iniciaram-se os trabalhos que resultaram na Constituição de 1891. A contribuição de Ruy foi notável, para dizer o mínimo. A ele coube a revisão dos vários projetos enviados à Constituinte por uma comissão formada por cinco republicanos históricos. Sua incoercível formação democrática impregnou o texto constitucional de forte espírito liberal, do que resultou um sistema de

governo representativo, federativo e presidencial, apesar de ser ele parlamentarista. A constituição norte-americana foi o modelo adotado por Ruy, já que a constituição suíça, excelente para um país populacional e territorialmente pequeno, não serviria para um gigante das dimensões brasileiras, conforme pensava. A experiência francesa foi também descartada, em face da instabilidade experimentada pela França na busca do seu modelo ideal.

A exemplo da americana, a constituição de 1891 aboliu os privilégios de classe, separou o Estado da Igreja católica, adotou o modelo descentralizador, o habeas corpus, a liberdade de associação, a inviolabilidade do domicílio, o tribunal do júri e o controle incidental da constitucionalidade dos atos praticados pelo governo.

Uma vez empossado, o novo governo deu mostras de sua disposição de se afastar das práticas requeridas pelo estado de direito, consoante o novo texto constitucional. Ao reagir com invariável coerência e bravura, Ruy percebeu que sua vida corria perigo. Cedendo às ponderações de amigos e da família, deixou o Brasil seguindo para Buenos Aires, onde tomou um navio para Lisboa, daí seguindo, sucessivamente, para Paris e Londres, onde permaneceu em 1894-95. Ao retornar, elege-se senador pelo estado natal, a Bahia, em nome do qual cumpriu sucessivos mandatos na Câmara Alta.

Em 1910 concorre à presidência da República, sendo derrotado, “a bico de pena”, pelo marechal Hermes da Fonseca, que representava o movimento de militarização do governo. A famosa “campanha civilista” que Ruy liderou constituiu o primeiro movimento de mobilização da opinião pública nacional. Nas eleições presidenciais de 1914, recusou o convite para nova candidatura. Nesse mesmo ano, pouco antes da eclosão da Primeira Grande Guerra, não obstante ter aderido à causa da República e votado a favor do exílio de Pedro II, indo ao encontro do desejo da Nação,

proferiu no senado o discurso que resultaria, alguns anos depois, na permissão do traslado para o Brasil dos restos mortais do Imperador. Foi nesse discurso que ele, de modo devastador e profético, proferiu suas palavras mais conhecidas: “De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra; de tanto ver crescer a injustiça; de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto”. Referia-se à queda do padrão de conduta dos republicanos. Ruy mal sabia que não passava de pecadilhos de convento o que praticavam os maus políticos do seu tempo em comparação com o assalto aos cofres públicos brasileiros, como ficou evidenciado neste início do Terceiro Milênio.

Em 1916, ao representar o Brasil no centenário de independência da Argentina, proferiu o célebre discurso sobre o conceito de neutralidade nas relações internacionais, peça que serviria de base para nosso rompimento com a Alemanha, pouco tempo depois. Em 1919, Ruy volta a disputar a presidência, após recusar o convite do presidente Rodrigues Alves para representar o Brasil na Conferência da Paz em Versalhes. Desiludido, com a saúde declinante, abandona a política, em 1920, logo depois de participar como opositor do processo sucessório baiano.

Não obstante a precariedade dos meios de comunicação do seu tempo, o nome de Rui chegava aos mais longínquos rincões da Pátria, graças à repercussão de seus artigos, de seu trabalho parlamentar e de sua atuação como advogado, na defesa, sobretudo, dos perseguidos políticos nos governos de Floriano Peixoto e Hermes da Fonseca. Disputavam-se lugares nas galerias do senado para ouvi-lo.

O mais amplo conhecimento de seu pensamento filosófico e político se deu através das Cartas da Inglaterra, monumento de perfeição literária, como ficou conhecida a correspondência que

do exílio enviava ao *Jornal do Comércio*. Foi nessa época que se antecipou ao romancista francês Émile Zola, na defesa do Capitão Dreyfus, vítima, para ele, de preconceitos antissemitas.

Ruy é, de longe, o brasileiro mais citado e um dos mais biografados. Segundo o cientista político Bolívar Lamounier, a maior conquista de Ruy foi “a construção da esfera pública, a organização política e institucional do país, a promoção da civilidade e da transparência nos embates políticos”, a mais do empenho “em acelerar o aprendizado político da nação, e em promover o entendimento de que não há democracia sem moderação, sem lealdade às regras do jogo, sem o reconhecimento mútuo de sua legitimidade pelas partes, e sem um sincero empenho no aperfeiçoamento das engrenagens do regime”.

Uma prova de sua antevisão foi o funesto diagnóstico que fez do marxismo, em 1921, na *Oração aos moços*, com estas palavras em brasa: “Essa filosofia da miséria, proclamada em nome dos direitos do trabalho, uma vez executada, não faria senão inaugurar, em vez da supremacia do trabalho, a organização da miséria”. Cuba, a Coreia do Norte e, agora, a mendicante Venezuela bolivariana que o digam. Pouco antes, na *Oração aos Moços*, já sustentara, aperfeiçoando o conceito aristotélico, que “A regra da igualdade não consiste, senão, em quinhonar, desigualmente, aos desiguais na medida em que se desigalam; pois que tratar a iguais com desigualdade ou a desiguais com igualdade seria desigualdade flagrante e não igualdade real”.

Nada há que melhor defina o maior dos brasileiros do que o cognome que se soma ao Águia de Haia: Paladino da liberdade e do direito!

Não obstante seu imensurável valor intelectual e moral, Ruy perdeu três eleições para a Câmara Federal e duas para presidir o Brasil, em 1910 e 1919. Por aí se vê que, ontem como hoje, só como exceção, cabe dizer que o povo sabe votar. Povo ignorante, então, como o brasileiro, só acerta, em caráter lotérico.

Rui porfiou pelo dever da imprensa em dizer a verdade, entendida como a estrita fidelidade entre o exposto e os fatos. O conjunto do seu pensamento sobre a ética e a liberdade de informar ele reuniu numa publicação de 1919 a que intitulou *A imprensa e o dever da verdade*, onde sustenta a tese de que a imprensa é a garantia de todas as garantias desde que voltada para os ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade. Esse propósito só será alcançado se os dirigentes do jornal partirem, como elemento prioritário, do exercício da autocritica midiática, pelo comprometimento dos que escrevem com a verdade factual. Nessa linha sustentou que: “À imprensa deve tocar o encargo de se corrigir a si própria’, – por isso mesmo não há, para qualquer sociedade, maior desgraça que a de uma imprensa deteriorada, servilizada, ou mercantilizada.” Por isso concluiu irresponsavelmente axiomático: “A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça”.

Ao tempo de Rui, a corrupção que se praticava, comparada à de nossos dias, seria coisa de trombadinhas. Ontem como hoje, porém, a corrupção da imprensa corresponde a um tipo especial de peculato de gravidade alargada e aprofundada. O único meio prático do estabelecimento de um padrão ético satisfatório é seguir o modelo da mídia de onde prevaleça o máximo respeito à verdade, segundo as avaliações internas e externas mais acreditadas, a exemplo do que se verifica em países como Estados Unidos, Canadá, Europa, Austrália e Nova Zelândia, atentos ao preceito de Rui para quem “Nenhum país salva a sua reputação com os abafos, capuzes e mantilhas da corrupção encapotada”.

Sem que toda a sociedade tenha acesso à verdade dos fatos, a corrupção resultará prevalecendo. O mais grave dos pecados da imprensa consiste na distorção proposital ou inadvertida dos fatos. Disse Rui que “sob a sombra destas [administrações endinheiradas], a seu soldo e sob as suas ordens, se instauram, chamando-se jornais, esses armazéns, essas fábricas, esses teares da mentira, onde noite e dia se urdem e tramam, se negociam e retalham, se expendem e distribuem à circulação da mais baixa curiosidade perfídias, vilanias, escândalos, horrores, tudo, em suma, quanto possa alimentar a indústria da falsidade, o comércio da intriga, a desprezível arte da vilipendiação, o ministério professo de adulteração da verdade.” O juízo crítico do jornalismo deve ser posto a serviço do direito público à informação correta e veraz; deve vir desprovido de sensacionalismos ou apelos emocionais deturpados. Rui Barbosa chama a atenção para a cegueira editorial, que inviabiliza eticamente o trabalho jornalístico: “Um país de imprensa degenerada ou degenerescente é, portanto, um país cego e um país miasmado, um país de ideias falsas e sentimentos pervertidos, um país que, explorado na sua consciência, não poderá lutar com os vícios, que lhe exploram as instituições”.

De uma boa imprensa, disse ele: “Todo o bem que se haja dito, e se disser da imprensa, ainda será pouco, se a considerarmos livre, isenta e moralizada. Moralizada, não transige com os abusos. Isenta, não cede às seduções. Livre, não teme os potentados”.

A gritante atualidade de Ruy pode ser aferida pelo seu pensamento, sintetizado em frases curtas, como nesses dois exemplos, selecionados quase ao acaso: “Há tantos burros mandando em pessoas inteligentes que às vezes penso que a burrice é uma ciência”. “Outrora se amilhavam asnos, porcos e galinhas. Hoje em dia há galinheiros, pocilgas e estrebarias oficiais, onde se amilham escritores”.

NOTA: Conferência proferida no Fórum Ruy Barbosa, ao ensejo das celebrações do aniversário de fundação do Tribunal de Justiça da Bahia, do nascimento de Ruy Barbosa e de inauguração do Fórum Ruy Barbosa, em 04 de novembro de 2019.

Joaci Goes é bacharel em Direito, escritor, orador, político, empresário e consultor educacional. Foi deputado federal constituinte de 1988, tendo sido o relator do Código de Defesa do Consumidor. Entre outras obras, publicou os ensaios *A força da vocação no desenvolvimento das pessoas e dos povos* (2009), e *(as) 51 personalidades (mais) marcantes do Brasil* (2014). Desde 2009 ocupa a Cadeira n° 7 da Academia de Letras da Bahia.



AS ACADEMIAS DE LETRAS DESSE NOSSO NOVO TEMPO

EDVALDO BRITO

A professora primária é a primeira enciclopédia do ser humano. Atua, em colaboração com a mãe, cevando o instinto gregário, peculiaridade biopsicológica que, de modo inconsciente, move a espécie ao associativismo.

Louvores a d. Estefânia, a d. Zezinha e a d. Nair – minhas professoras primárias – que ajudaram a d. Edite na formação deste seu filho.

A creche e a pré-escola são as primeiras manifestações da vida do homem em rebanho, como os pássaros, no dizer de Martins Fontes em seu *Terras da Fantasia*.

Adolescente, adulto, acentua-se esse comportamento gregário, na busca da satisfação de necessidades sociais, seja, por exemplo, através da prática religiosa; seja, da prática mundana, isto é, do lado material e transitório da convivência.

Explica-se, assim, o surgimento da escola criada por Platão, no bosque sagrado de oliveiras dedicado a Atena, a deusa grega da sabedoria, protetora das artes, das invenções, da bravura e da eloquência.

Situava-se, esse aglomerado de árvores, fora das muralhas da cidade de Atenas, em local denominado *Academia*, em homenagem ao herói ateniense, *Academo*.

O tempo, aqui, é o de 384 ou 383 a.C. e a entidade platônica tinha características de associação religiosa consagrada ao culto das Musas de Apolo.

Dentre os membros notáveis, estava Aristóteles.

Mas, autoritário, o imperador Justiniano, que combateu e perseguiu judeus, pagãos e heréticos, intervindo, também, em todos os negócios da Igreja, a fim de controlá-la e tê-la como sustentáculo do seu Império, fechou a Academia de Platão, no ano 529 d.C., considerada como o último baluarte do paganismo, uma vez que Justiniano proibiu, à época, todas as escolas filosóficas, em razão de entendê-las com características pagãs, contrárias, assim, aos preceitos da fé cristã, já, então, dominante.

A ideia de Academia, contudo, continuou forjada nesse instinto gregário, como dá o exemplo a academia neoplatônica renovada no sec. VI.

Chegados ao sec. XVII, encontra-se o marco que inspira as associações dessa natureza: trata-se da *Académie Française*, fundada em 1635, em Paris, por *Armand Jean du Plessis*, o Cardeal de Richelieu, Duque de Richelieu e de Fronsac, nascido em Paris a 9 de setembro de 1585 e falecido em 4 de dezembro de 1642, o famoso primeiro-ministro do rei Luís XIII.

O lema da *Académie Française* era o de ser a autoridade, no país, para regulamentar o uso, vocabulário e gramática do idioma francês, cumprindo-lhe publicar o dicionário oficial, conhecido como *Dictionnaire de l'Académie Française*, obra da autoria de vários acadêmicos.

A Academia Francesa é o protótipo das subsequentes e a Bahia, no Brasil, tem o pioneirismo com a Academia Brasileira dos Esquecidos, fundada em 1724, em Salvador, com uma pequena duração de um ano.

Reaparece, contudo, em 06 de junho de 1759, na entidade literária chamada Academia Brasileira dos Renascidos.

Todas duas são o embrião da centenária Academia de Letras da Bahia, nascida em 7 de março de 1917, pelas mãos de Arlindo Fragozo, congregando, dentre outros, Ruy Barbosa e cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural bahiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza, incluídas as áreas da ciência e das artes.

Ilhéus puxa o cordão das muitas academias existentes, hoje, no interior do Estado, com esta nossa valorosa instituição, já, de 63 anos de idade, fruto da sadia memória dos seus pioneiros, no ato de 14 de março de 1959.

Dentre esses precursores, destaque-se a liderança de Francolino Neto, por cujas mãos, aqui, ingressei há 32 anos atrás, com a honra de ser recipiendário do ilustre acadêmico Jorge Calmon e de ter o testemunho da saudosa magistrada, a professora Sônia Maron.

Rendo-lhes a homenagem devida.

Afinal, somos *imortais*.

O fato de termos transposto os umbrais desta Casa, é o fundamento da sobrevivência, à nossa morte, indefinidamente, conservando-nos as características pelo cultivo de nossas qualidades, feito pelos pósteros.

Essa *imortalidade* decorre da inscrição “*À l’immortalité*” (para a imortalidade) constante no selo oficial da entidade de Richelieu, significando que se é membro de uma Academia por toda a existência material e imaterial.

É, assim, com José Cândido de Carvalho Filho, fundador dessa cadeira 39, ocupada, doravante, por vós, acadêmico Manoel Carlos de Almeida Neto, que homenageareis à memória ilustre desse político que se tornou um dos magistrados da melhor cepa, primeiro titular como juiz federal da seção judiciária do Estado da Bahia.

Convivemos nas duas situações: antes, ele como prócer da UDN, a União Democrática Nacional, partido político da resistência ao populismo de Vargas e de cuja ala juvenil, participei e, depois, eu, como procurador da Universidade Federal da Bahia, postulei perante S. Excia.

É, assim, com Orlando Gomes, fundador da cadeira 28, que ocupo. Será, pela sua memória, eternamente, lembrado, nesta Casa e, por mim, cultuada a sua personalidade *imortal*.

Enfim, é a *imortalidade da alma*.

Noite memorável, aquela do meu ingresso, aqui, quando se reuniram toda a minha família, os amigos ilheenses, os soteropolitanos, os itabunenses, dentre outros, para testemunharem a minha triunfal investidura nesta Casa.

Esta Casa forma na vanguarda das demais 10 (dez) academias, das quais me honro em integrar, em Salvador, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Itabuna. Ela é a minha primeira de *letras*.

Uma Academia de *Letras*, atualmente, não é um local de culto, exclusivo, à *literatura*.

É, sim, um lugar de cultivo das *humanidades*.

As pessoas de *letras* não são, especificamente, *literatos*. Estes são espécies daquelas.

Uma Academia de *Letras* contemporânea é ambiente de acolhida de personalidades que se destacam no meio social, nos seus respectivos setores de atuação, a exemplo de professores universitários, de profissionais liberais de reconhecida atuação comunitária, de homens públicos políticos, enfim, de tantos quantos, na coletividade, exerçam uma *função social*.

Podem todos esses se agregarem aos *literatos* para o concerto sobre os temas que, contemporaneamente, são objeto da vida de relação.

Tome-se o exemplo da recente *pandemia* do *coronavirus*. Esse agente infeccioso, responsável por uma doença respiratória, a *covid-19*, colocou a humanidade em tal estado de vulnerabilidade que lhe conscientizou da importância da *solidariedade* e da *fraternidade*.

Cada dia fez o brasileiro recordar que a *pandemia* da chamada gripe espanhola do ano de 1918 operou *efeitos* devastadores, também, nos laços ou nos vínculos recíprocos que se impõem, nessas horas, entre as pessoas independentes.

Talvez, àquele tempo, esses *efeitos* fossem frutos da ignorância quanto aos elementos constitutivos de uma *vida de relação*.

O Brasil carecia, até, de uma legislação, que disciplinasse esses *efeitos*, a qual, felizmente, está adotada, a partir do Código Penal

de 07 de dezembro de 1940 que cataloga as condutas tipificadas como *crimes contra a saúde pública*, dentre eles o de *epidemia* que é uma forma pela qual se define uma doença infecciosa que acomete, a um tempo, grande número de pessoas, em um só país, tornando-se *pandemia* quando se propaga pela população de *toda a Terra*.

Vive-se, enfim, um Estado brasileiro Democrático de Direito que assegura, a partir de sua Constituição, a de uma República Federativa, o *bem-estar social*.

Felizmente – repita-se este advérbio – o país, na pluralidade, própria de um contingente humano, teve, durante esta *pandemia* do *coronavirus*, um inexpressivo negativismo, contra o qual prevaleceram a *solidariedade* e a *fraternidade* essenciais à convivência, garantidas pelo Egrégio Supremo Tribunal Federal que nos assegurou a *forma federativa* de Estado, na qual o poder não fica à mercê de um único titular, como nas ditaduras.

A fraternidade inspirou a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – dada em Assis, em 03 de outubro do ano de 2020, data do meu aniversário e oitavo ano do pontificado de Sua Santidade – com a qual o Santo Padre Francisco concita, não só os cristãos, seus fiéis, mas, toda a humanidade a vivermos os conselhos de São Francisco de Assis, constitutivos de um “convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço”, porque feliz é quem ama o outro, o seu irmão, considerando que “o essencial de uma fraternidade aberta” é “reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita”

Pois bem: as Academias são, hoje, úteis organizações sociais para o concerto desses temas, em sua ambiência, rompendo com as práticas tradicionais dos saraus, nos quais se transformavam suas reuniões vespertinas.

Passaram a adotar uma *integração* não só com as manifestações da sociedade em geral, mas, também, a *integração* de gerações demonstrada, agora, aqui, com a eleição de dois ex-alunos meus:

vós, sr. Manoel Carlos e o sr. Efsen Batista Lima que cursou, em 2013, a pós-graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

Vós, sr. Manoel Carlos, tendes o dever de, aqui, seguides da tradição do vosso avô, Manoel Carlos Amorim de Almeida, que foi titular da Cadeira 33.

Tendes, outrossim, o dever de emprestar a esta Academia o brilho de vossa atestada atuação em tantos setores da vida social dos quais tendes participado.

Competente, como o conheço, declaro a transversalidade de nossas vidas:

Assisti a vossa proveitosa passagem, como aluno da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Líder estudantil, fostes capaz de promover eventos acadêmicos culturais, os mais destacados, prestigiados por ministros de Tribunais Superiores, a exemplo do meu pranteado amigo, José Delgado, do Superior Tribunal de Justiça, meu confrade na Academia Brasileira de Direito Tributário e a exemplo do eminente Enrique Ricardo Lewandowski, do Supremo Tribunal Federal, o qual se encantou, naquele momento, com o vosso desempenho convidando-o para a atuação brilhante que tivestes como gestor da nossa Suprema Corte de Justiça e do Tribunal Superior Eleitoral.

Assim, começastes a brilhar, em Brasília, até hoje.

A transversalidade de nossas vidas é histórica:

Paraninfei a solenidade de entrega de um troféu de honra ao mérito que vos outorgou, em Brasília, no ano de 2010, a Revista *Justiça & Cidadania*. Vosso convite para que eu tivesse a satisfação de ser vosso padrinho, naquela solenidade, demonstra o vosso caráter de gratidão.

Vós, Sr. Manoel Carlos, professor desde 2005 na UESC, provastes, ali, a vossa vocação para o magistério, como o demonstrastes, recentemente, escolhido, que fostes, pelo sistema do mérito, para ministrar aulas nas salas das Arcadas do Largo de São Francisco,

em São Paulo, cuja frequência é um privilégio, por isso, ao alcance de poucos iluminados, como vós.

Escrevestes textos profundos, examinando um *objeto cultural* dos mais significativos, o Direito, fazendo-o com o rigor de cientista.

Essa é outra oportunidade da nossa transversalidade de vida: prefaciei, em 2010, o vosso livro *O novo controle de constitucionalidade municipal*, tema escasso na literatura jurídica, mas, abordado por vós, com a acuidade que o ministro Cunha Peixoto, do Supremo Tribunal Federal, pela qual ele tanto esperou e que, afinal, o ministro Gilmar Mendes equacionou, a ponto de esse vosso livro ser pioneiro na racionalização do assunto, típico do *silêncio eloquente*, tema tão bem estudado pelos autores alemães.

Não satisfeito, trazeis, agora, para integrar as *letras* jurídicas, uma historiografia das Constituições brasileiras, resultado de uma pesquisa digna de aplausos, no vosso recente livro *O colapso das Constituições do Brasil: uma reflexão pela democracia*, lançado, nacionalmente, em Brasília, durante a solenidade de instalação da importante Comissão de Estudos Constitucionais da OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, em concorrida tarde de autógrafos, que presenciei – na transversalidade de nossas vidas – no momento em que fostes eleito o vice-presidente, daquele destacado órgão fracionário da OAB.

Será uma grande satisfação integrar, sob o vosso comando, aquele grupo, constituído por expressivos juristas nacionais – à minha exceção – os quais compõem, essa Comissão, mantendo-me, assim, perto do vosso aconchego.

Esses vossos dois livros estão na Bibliografia do Plano de Curso da disciplina *Jurisdição Constitucional* do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, de que sou professor há 40 anos, ininterruptos, completados em 11 de março de 2022 e do qual fostes aluno e meu orientando na elaboração de vossa Dissertação.

É um dos melhores atestados de vossa brilhante trajetória universitária, o de participardes da lista dos mais destacados nomes de cultores da Ciência do Direito, no ambiente em que fostes aluno e no qual se situa mais um episódio da transversalidade de vidas, de que aqui se fala.

Os discursos de ingresso em Academias remontam aos idos de 1640, quando o advogado e escritor francês, Oliver Patru, foi recebido na Academia Francesa. Ele marcou, com isso, a história dessas solenidades e, assim, deixa confortáveis, nesta noite, a nós dois, que somos advogados e cultores das *letras* jurídicas.

Sois vós o segundo advogado que eu, também, como advogado, sou incumbido de dar as boas-vindas à Casa.

O primeiro é o eminente confrade Luiz Pedreira Fernandes, desembargador do nosso Tribunal de Justiça da Bahia, que, aqui, ocupa a Cadeira 09, cujo Patrono é Bernardino de Souza, jurista e professor, a quem a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia deve a construção do seu imponente prédio, o da sua segunda sede, na rua Teixeira de Freitas, em Salvador e da qual Cadeira é fundador Adonias Filho, que foi, também, presidente desta Academia.

As Academias deste nosso novo tempo continuam sendo o melhor exercício do instinto gregário e se atualizam diante dos fatos que estão a proscrever o repúdio aos *galicismos* que resistiram e passaram a integrar o nosso idioma, a exemplo de *feitiche*, em lugar de *feitição*; *ter lugar*, em vez de *realizar-se*; etc. e aos *anglicismos*, pois, hoje, estão incorporadas, ao nosso uso vocabulário, inimaginável outrora, palavras como *YouTube*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Facebook*, *Facetime*, *E-mail*, *E-social*, *live*, *on-line*, etc.

O grupo de *WhatsApp* da Academia de Letras de Ilhéus é a prova da contemporaneidade da Casa.

Registre-se, aqui, que é uma Casa de diálogo e não de debates, eis que nosso confrade presidente, Pawlo Cidade, nome que pronuncio com o respeito merecido, concilia com o tempo presente a participação das confradeiras e confrades, respondendo as indagações:

– A solenidade será presencial ou *on-line*?

E ele:

– Presencial. Mas, vou tentar transmitir pelo meu *perfil*’.

O que é *perfil*?

Todos entendemos a mensagem, sem sabermos, propriamente, o que é *perfil*.

Caros confreriras e confrades, é este o ambiente contemporâneo de convivência em que o novo membro desta Academia, nela ingressa, ao qual vós escolhestes em significativa eleição e de que me fizestes vosso porta-voz das boas-vindas para que ele participe desse novo tempo deste sodalício.

Permiti-me, vós, então, no desempenho deste mandato, que eu diga, em nome de todos vós, a Manoel Carlos de Almeida Neto:

Entrai nesta Casa, sentai-vos na Cadeira n° 39, ocupada pelo seu fundador, o saudoso José Cândido de Carvalho Filho.

Temos todos a certeza de que a honrareis, como ele o fez.

Sede bem-vindo.

Nota: Discurso de recepção ao jurista Manoel Carlos de Almeida Neto, empossado na Cadeira n° 39 da Academia de Letras de Ilhéus, em 25 de março de 2022.

Edvaldo Brito é advogado e político. É doutor em Direito e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É autor de alguns livros e tem diversos artigos e ensaios publicados em jornais e periódicos especializados. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2019 ocupa a Cadeira n° 3 da Academia de Letras da Bahia.



Diversos

Efemérides

Quadro Social

Endereço dos acadêmicos



Efemérides 2021



Março

11 – 19h - Posse Presidente ALB – YouTube

Pela primeira vez em sua história, a centenária Academia de Letras da Bahia realizou uma cerimônia de posse de sua diretoria pela internet. Com a participação do atual presidente, o jornalista e escritor Nelson Cerqueira, e do antropólogo e escritor Ordep Serra, que assumiu o cargo para o biênio 2021-2023, o evento histórico contou com apresentações artísticas do grande violonista Mario Ulloa e a notável cantora Beatriz, sua filha, e com a leitura de quatro poemas de Myriam Fraga (1937-2016) pelo ator e diretor teatral Jackson Costa.

15 – 17h - Reunião Diretoria – Zoom

Reunião de Diretoria da Academia de Letras da Bahia com a seguinte pauta: 1. Situação atual da ALB, perspectivas e programa.

17 – 19h - Posse Lia Robatto – YouTube

Sessão de posse da coreógrafa e professora Lia Robatto na Cadeira nº 15, de que foi o último ocupante João Carlos Teixeira Gomes e que tem como patrono Ângelo Muniz da Silva Ferraz. O evento aconteceu no dia 17 de março, a partir das 19 horas.

18 – 20h - Lançamento – Fernando da Rocha Peres – Zoom

Trata-se de *Cantorio e Antigos Poemas*, com lançamento virtual, por meio da Academia de Letras da Bahia (ALB), via Zoom. A obra apresenta 25 poemas, sendo 13 inéditos e outros 12 já publicados.

19 – 19h - Posse Emiliano José – YouTube

Sessão de posse do jornalista e escritor Emiliano José na Cadeira nº 1, de que foi o último ocupante Luís Henrique Dias Tavares e que tem como patrono Frei Vicente de Salvador. A posse aconteceu no dia 19 de março de 2021, às 19h, através do canal do YouTube.

22 – 17h - Reunião da Diretoria – Zoom

Reunião de Diretoria da Academia de Letras da Bahia com as seguintes pautas: 1. Informes da diretoria.

23 – 19h - Posse Membro Correspondente Rogério Faria Tavares – YouTube

A Academia de Letras da Bahia realizou no dia 23 de março de 2021, às 19 horas, a cerimônia de posse, como membro correspondente, do jornalista, escritor, educador e presidente da Academia Mineira de Letras Rogério Faria Tavares. O evento foi exibido no canal da Academia no Youtube. O novo membro correspondente da Academia de Letras da Bahia foi saudado pelo presidente da ALB Ordep Serra e recepcionado com discurso do acadêmico, jornalista e escritor Carlos Ribeiro. Ao final, uma homenagem ao escritor com leitura de três crônicas de sua autoria na voz da poeta Flávia Queiroz.

25 – 19h - Posse Membro Correspondente Celso Amorim – YouTube

A cerimônia de posse ocorreu na quinta-feira (25/03/21), às 19 horas, e foi exibida ao vivo no canal da Academia no Youtube. O novo membro correspondente da ALB foi saudado pelo presidente da ALB Ordep Serra que fez também o discurso de recepção. Ao final, houve uma apresentação musical do cantor, violonista e compositor Roberto Mendes.

29 – 19h - Reunião Ordinária - Recordação do Acadêmico Roberto Santos – Zoom

A ALB realizou reunião com os acadêmicos para saudar a memória do Dr. Roberto Santos.

Abril

07 – 08 – 09 – 18h - I Simpósio Baiano de Jornalismo e Literatura – YouTube

As confluências entre literatura e jornalismo foram debatidas durante o I Simpósio Baiano de Jornalismo e Literatura, evento promovido por meio de uma parceria entre a Academia de Letras da Bahia (ALB) e a Associação Bahiana de Imprensa (ABI). A abertura do Simpósio aconteceu no mesmo dia em que é celebrado o Dia do Jornalista, data instituída em homenagem ao médico, político e jornalista italiano radicado no Brasil, Libero Badaró.

13 – 17h - Primeira Assembleia da Academia de Letras da Bahia – Zoom

Assembleia Geral da ALB com a seguinte pauta única: 1. Preservação da sede da ALB e de seu acervo.

26 – 17h - Reunião da Diretoria da ALB – Zoom

Reunião de Diretoria da Academia de Letras da Bahia com a seguinte pauta: 1. informes do presidente.

29 – 19h Sessão especial em homenagem póstuma ao acadêmico Roberto Santos – Zoom

Sessão Especial da Academia de Letras da Bahia com a pauta: Homenagem póstuma ao acadêmico Prof. Dr. Roberto Santos. No dia, para representar o sodalício, discursou o reitor João Carlos Salles.

Maio

06 – 16h - Reunião da Diretoria – Zoom

Reunião da Diretoria da ALB com a pauta: 1. Situação atual da ALB, perspectivas e programa.

06 – 17h - Sessão Ordinária – Zoom

Reunião Ordinária da ALB com a pauta: 1. Situação atual da ALB, perspectivas e programa.

15 – 17h - Sábado das Artes: Lia Robatto convida Jorge Silva – Youtube

A Academia de Letras da Bahia (ALB) apresentou a primeira edição do Sábado das Artes, com o coreógrafo e educador Jorge Silva, que foi apresentado pela acadêmica e professora Lia Robatto.

20 – 17h - Sessão Ordinária com palestra “Direito, Arte e Literatura” – Zoom

Sessão Ordinária da Academia de Letras da Bahia, com a presença do Professor Doutor Willis Guerra (PUC – SP / UNIRIO) com pauta Direito, Arte e Literatura.

20 – 20h - Encontro poético Fernando da Rocha Peres e Cleise Mendes – Zoom e YouTube

Leitura de poemas com os acadêmicos: Fernando da Rocha Peres e Cleise Mendes.

27 – 17h - Sessão Ordinária – Zoom

Sessão Ordinária da Academia de Letras da Bahia com as seguintes pautas: 1 – Informes da presidência / 2 – Lançamento do site da ALB / 3 – Apresentação de possíveis candidatos à cadeira 26 / 4 – O que ocorrer.

Junho

04 – 17h - Sessão Ordinária – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1 – Indicações de nome para a cadeira 26 / O que ocorrer.

10 – 17h - Sessão Ordinária com palestra – Zoom com transmissão no YouTube

Sessão Ordinária da ALB debate o tema “Cultura, Sociedade e Saúde: a Pandemia da Covid-19 como evento crítico” - Em sessão ordinária (virtual) da Academia de Letras da Bahia, os professores doutores Naomar Almeida Filho, Luis Eugênio

Portela e Ceuci Nunes debateram o tema “Cultura, Sociedade e Saúde: a pandemia da Covid-19 como evento crítico”, sob a moderação do acadêmico Aramis Ribeiro Costa.

26 – 17h - Sábado das Artes: Lia Robatto convida Carlos Prazeres – Youtube

A segunda edição do Sábado das Artes, apresentado por acadêmicos, recebe Carlos Prazeres, maestro da Orquestra Sinfônica da Bahia, com participação do músico Mário Ulloa.

29 - 17h Sessão Ordinária – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com a seguinte pauta: 1 – Evocação, interna corporis, do saudoso confrade Waldir Freitas de Oliveira.

30 - 17h - Lançamento do livro *Oralidades entre costuras do tempo*, organizado por Edilene Matos e Beto Severino – StreamYard (também disponibilizado no YouTube)

As vozes paralelas, apresentadas nesse conjunto de textos, visam fazer o(a) leitor(a) abrir os ouvidos para escutar os diversificados sons, memórias e histórias que, sob o signo da movência, se voltam tanto para uma revisitação de culturas tradicionais quanto para o universo de propostas de performances contemporâneas. O livro traz reflexões sobre questões de oralidades e suas poéticas, marcas que convivem com o ser humano desde os primórdios e que se presentificam por seu aspecto dialogante. Assim, os textos que compõem o referido livro convidam o(a) leitor(a) a olhar para o mundo e a vida não como espaços de certeza, de precisão e de hierarquias traçadas, mas antes de tudo como espaços em constante movimento.

30 - 17h - Lançamento do livro *Sonetos do Isolamento* do escritor Nelson Cerqueira - StreamYard (também disponibilizado no YouTube)

Julho

01 - 17h - Lançamento do livro *Histórias e histórias da Bahia*, composto por oito contos - StreamYard (também disponibilizado no YouTube)

A publicação é um livro de contos que tem como cenário a Bahia do século XIX. Seus personagens, de modo geral, não são tão conhecidos do grande público, mas nem por isso deixam de ter sua marca reconhecida nos cenários artístico, econômico, político e social da época.

01 - 17h - Lançamento do livro *A Terra em Pandemia* de Aleilton Fonseca - StreamYard (também disponibilizado no YouTube)

A Terra em Pandemia, de Aleilton Fonseca, é um longo poema que narra a trajetória do corona vírus pelo planeta, desde janeiro até setembro de 2020, trazendo morte, desespero e luto a todos os povos, países e cidades do mundo. O poema estrutura-se em cinco cantos: I. O enterro dos mortos; II. Um jogo de cartas; III. A Terra em Pandemia; IV. O desfile das infâmias; V. Canto final. Um poema trágico-lírico-narrativo, híbrido, polissêmico, intertextual, alegórico, irônico, grave. São 620 versos, em 62 estrofes. Com uma gradação cronológica exata, registra aspectos tristes e emocionantes da pandemia no Brasil e no mundo. Dialoga com o famoso poema *The Waste Land* (1922), de T.S. Eliot, ao descrever a terra devastada pela doença e pela dor, em que o sofrimento e o luto levam o poeta a refletir sobre as estruturas podres de um mundo enfermo, que não respeita as regras da Natureza e por isso se encontra condenado pela crise ecológica e pelas desigualdades sociais. Um ambiente desequilibrado, poluído e perigoso, onde a sobrevivência se torna cada vez mais difícil e sofrida. O poema termina com a esperança de que o sofrimento da pandemia leve o ser humano a refletir e aprender a lidar melhor com a vida,

com o seu semelhante e com o meio ambiente. Só assim a Mãe natureza poderá revelar a cura e promover um novo equilíbrio, com seus quatro elementos essenciais. A Terra em Pandemia é uma reflexão profunda sobre a humanidade atual, em meio à pior crise de sua existência.

06 - 17h - Lançamento do livro *Canto até hoje* do escritor Cyro de Mattos - StreamYard (também disponibilizado no YouTube)

“Canto até Hoje” é a obra poética completa do escritor Cyro de Mattos, que reúne em 800 páginas o legado de 56 livros, publicados no Brasil e no exterior, em países como Itália, França, Espanha, Alemanha, Dinamarca, Portugal e Estados Unidos, e editados em 14 idiomas, além de artigos e críticas literárias de outros renomados autores, como Jorge Amado, Eduardo Portela, Nelly Novaes Coelho, Assis Brasil, Muniz Sodré, Heloísa Prazeres, Alfredo Perez Alencart, Graça Capinha e Maria Irene Ramalho, e alguns poemas inéditos.

15 – 17h - Sessão Ordinária – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1 - Informes e propostas da presidência / 2 – Leitura de pareceres / 3 – O que ocorrer.

15 – 19h - Conferência de Daniel Tourinho Peres – Youtube

Conferência da ALB debate o tema “A República das Letras e o Obscurantismo” com o filósofo e professor Daniel Peres.

22 – 17h - Sessão Ordinária – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1 – Escrutínio e proclamação do resultado da eleição de Membro Correspondente / 2 – O que ocorrer.

24 - 17h - Lançamento do livro *O cão morde a noite* do escritor Emiliano José - StreamYard (também disponibilizado no YouTube)

A obra transita entre o sonho e a realidade, a poesia e a crueldade, a inocência e a descoberta do mundo, nunca o desencantamento dele. O texto toma o(a) leitor(a) pela mão e revela os caminhos de uma infância muito pobre do protagonista Emiliano José, até novembro de 1970, quando é preso durante a ditadura militar. O(a) leitor(a) experimentará o horror junto com ele. Sobrevivente, passa a viver a eternidade de quatro anos preso, o dia a dia cinzento, esmagador e a gigantesca clepsidra. Quando sai de cena para dar lugar aos companheiros de prisão e suas histórias, tão ou mais ricas, surge o cotidiano de cadeias, principalmente da Galeria F da Penitenciária Lemos Brito. Assim, testemunha-se a prosaica e rica convivência de tantos prisioneiros políticos, angústias e alegrias. Um livro de memórias, autobiográfico, coabitado com seus parceiros de jornada.

24 - 17h - Sábado das Artes com Luiz Marfuz – YouTube

Atuante na cena baiana há 40 anos, Marfuz já ganhou o Prêmio Braskem de Teatro, Troféu Caymmi e Troféu Martim Gonçalves. Doutor em Artes Cênicas, é fundador e coordenador do Grupo de Pesquisa Pé na Cena – Poéticas de Encenação e Atuação (PPGAC-UFBA). Em formato de live, o evento acontece com transmissão simultânea na plataforma IHAC:\digital do Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos (IHAC-UFBA) e no canal da ALB no YouTube.

26 - 19h - I Seminário Arte e pensamento indígena – Youtube

O “I Seminário Arte e Pensamento Indígena”, uma realização da Academia de Letras da Bahia, aconteceu na segunda-feira, no YouTube da ALB, e abriu um canal de diálogo com as produções artísticas e literárias dos povos originários brasileiros. Convidados: Arissana Pataxó, Célia Tupinambá, Ademário Payayá, Daniel Munduruku, mediação de Carlos Caroso e como debatedora, Márcia Kambeba.

29 – 19h - Posse Heloísa Prazeres – Youtube

Heloísa Prazeres tomou posse como Imortal da Academia de Letras da Bahia. A poeta e ensaísta é a sucessora do ex-governador da Bahia, Roberto Santos, e ocupará a cadeira de número 26 da ALB.

Agosto

03 – 19h - Conferência- Patrimônio cultural no Brasil de hoje - Uma reflexão sobre os desafios da preservação – Stream-Yard com transmissão no YouTube

José Roberto Severino (historiador, pesquisador, membro da Cátedra UNESCO de Políticas Culturais e Gestão da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), professor da Facom/UFBA)

05 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas - 1: Informes da Presidência / 2: Apresentação da proposta de criação da Conferência Myriam Fraga e da Tribuna Edith Mendes da Gama Abreu / 3: o que ocorrer.

06 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra: Água – YouTube

No dia 06 de agosto teve início o projeto Palavra&ponto, um programa de entrevistas onde o acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues recebeu escritores e escritoras, para um bate-papo sobre a Palavra. Com realização da Academia de Letras da Bahia, em parceria com a Editora Caramurê, "Água" foi a escolhida para abrir a temporada, em um encontro inundado com a poesia da escritora Livia Natália, que falou sobre a sua escrita, materializada nos seis livros já publicados, dois deles premiados.

12 – 19h - Mesa-redonda Clima e Cultura – YouTube

As mudanças climáticas e o impacto na cultura foram os principais temas em discussão. A Mesa Redonda Clima e Cultura propõe uma reflexão sobre os efeitos dos eventos climáticos a

partir da perspectiva sociocultural. No dia 12/08 às 19h, a ALB recebeu em seu canal no YouTube, especialistas e acadêmicos para promover um debate necessário no cenário climático atual. “Ondas de calor, ondas de frio, queimadas, enchentes são os efeitos visíveis das mudanças climáticas, mas esse impacto também aparece no modo como vivemos e produzimos cultura”, justifica Ordep Serra, Presidente da ALB e mediador do encontro. A mesa teve a presença do acadêmico, jornalista e premiado escritor, Antônio Torres, e sua colega na ALB, a acadêmica e professora doutora da UFBA, Evelina Hoisel. Representando o Fórum Clima Salvador - organização da sociedade civil integrada por lideranças, pesquisadores e cientistas da Bahia - a coordenadora Letícia Moura, mestre em Engenharia Industrial com foco em tecnologias limpas e processos ambientalmente amigáveis (UFBA), e o coordenador Virgílio Machado, ativista ambiental e articulador para a conservação e restauração das áreas naturais. A Mesa Redonda Clima e Cultura propõem levantar questões que são necessárias na contemporaneidade, apontando a interseção de temas e promovendo um debate, que envolve a sociedade na reflexão sobre os impactos da do clima no universo da cultura.

13 – 18h30 - Palavra&Ponto - Palavra: Pontuação – YouTube

O convidado desta edição foi Davi Boaventura, autor de “Talvez não tenha criança no céu” e “Mônica vai jantar”, livro finalista dos prêmios São Paulo de Literatura, AGES e Minuano. O Projeto “Palavra&Ponto”, em parceria com a Editora Caramurê, faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia na criação de eventos que promovem a aproximação das letras, das culturas e das artes com a sociedade.

19 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra: Culhuda – YouTube

O terceiro encontro do “Palavra&Ponto” aconteceu, excepcionalmente, numa quinta-feira (19/08) com a irreverência da palavra “Culhuda” permeando a conversa. O acadêmico Marcus Vinicius

Rodrigues recebeu o escritor Breno Fernandes para um bate-papo, sobre sua experiência com escrita infantojuvenil em suas cinco publicações, duas delas selecionadas para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

21 - 17h - Lançamento do livro *As meninas do coronel* do escritor Aramis Ribeiro Costa - StreamYard (Disponibilizado no YouTube)

Quatro irmãs, moças e solteiras, veem-se, de repente, sozinhas e desamparadas num casarão, após a perda do pai coronel. Mas a vida tem que continuar, e cada uma cumpre o seu destino. A história se passa em Itapagipe, na Cidade do Salvador, capital da Bahia, nos anos 50 do século XX, quando o mundo, as ideias e os costumes eram outros. Terceiro romance de Aramis Ribeiro Costa, *As meninas do coronel* traz as marcas da fluência e do estilo que caracterizam o autor, ao tempo em que recria uma Cidade do Salvador que hoje só existe nos registros da História e na lembrança dos mais velhos.

21 - 18h - Lançamento do livro *Querida Cidade* do escritor Antônio Torres – StreamYard (Também disponibilizado no YouTube)

Após quinze anos sem escrever um romance, o imortal da Academia Brasileira de Letras Antônio Torres retorna ao gênero com *Querida cidade*. Há escritores para quem o passado, o presente e o futuro não existem em separado, são uma coisa só. Essa fusão dos tempos faz com que seus personagens experimentem, simultaneamente, a vida que já viveram, responsável por eles serem como são, e a vida que ainda irão viver, pois a todo instante quem são hoje influencia, ou até determina, quem serão amanhã. Antônio Torres é um desses escritores. *Querida cidade* acompanha a história de um protagonista que, assim como outros personagens do livro, deixou a pequena cidade onde nasceu – para tentar uma vida melhor, para estudar ou mesmo para fugir de algo. Ao conversar com a mãe sobre o pai, que sumiu sem deixar vestígios

muitos anos antes, o filho rememora a sua própria trajetória de êxodo, independência, fracasso e eventual retorno às origens. Por meio de lembranças, projeções e referências culturais de um Brasil profundo, a narrativa costura o onírico e o cotidiano, amor e melancolia, desalento e aceitação. Triunfo de um grande autor em sua melhor forma. “Leiam Antônio Torres. É muito bom este senhor aí”- Jorge Amado “Nascido na Bahia, e marcado indelevelmente pelo sertão, Antônio Torres escreve a fascinação das cidades-labirintos.” - Le Nouvel Observateur “Torres herdou as técnicas narrativas dos modernistas europeus, norte-americanos e latino-americanos juntamente com as grandes tradições orais do Brasil.” - Los Angeles Times “Sua literatura tem uma força poética que trata o sórdido e o triste como partes de uma engrenagem criativa indisposta a falsificar a realidade ou a transgredir com os subterfúgios o que a história quer silenciar.” - Néliida Piñon.

23 – 19h - Conferência “Universidade em Rede: artes, ciências e humanidades digitais – StreamYard com transmissão no YouTube

“Como as Artes, Ciências e Humanidades refletem e irradiam as transformações agenciadas pelas tecnologias digitais?” A questão levantada pelo professor Messias Guimarães Bandeira, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, foi um dos pontos levantados na Conferência "Universidades em Redes: artes, ciências e humanidades digitais." O conferencista se debruçará sobre o contexto da cultura digital e sua influência nas “Três Culturas”, potencializada pela conjuntura da pandemia.

26 – 19h - Sessão especial em homenagem póstuma ao acadêmico Waldir Freitas Oliveira – Zoom

Reunião Ordinária da ALB com a pauta: Homenagem póstuma ao acadêmico Waldir Freitas Oliveira. No dia, para representar o sodalício, discursou o acadêmico Aramis Ribeiro Costa e para representar a família, sua neta Luana.

28 – 17h - Sábado das Artes com Edsoleda Santos – YouTube

A convite da acadêmica e anfitriã Lia Robatto, a artista plástica Edsoleda Santos conversaram sobre essa forma de expressão artística, o entrelaçamento com a literatura e como encontrou nos estudos de temas da religião afro-baiana uma fonte de inspiração para sua série de dez livros, “Lendas Africanas”, publicados pela Solisluna Editora. participação especial do acadêmico e artista plástico Juarez Paraíso.

30 – 19h - Lançamento da Tribuna Edith Mendes da Gama e Abreu: Ressoando as vozes pela igualdade. - StreamYard com transmissão no YouTube

A Tribuna Edith Mendes da Gama e Abreu, uma homenagem da Academia de Letras da Bahia à primeira mulher a se tornar uma Imortal baiana, convocou reflexões sobre “Mulheres, Feminismos e Culturas” em sua primeira edição. As vozes consoantes de Vilma Reis, Lívia Sant’ Anna Vaz e Maria Marighella abriram a Tribuna no dia 30 de agosto, às 19h, com transmissão ao vivo pelo canal da ALB no YouTube. Representando a ALB, a acadêmica Edilene Matos recebeu para o lançamento da Tribuna Edith Mendes da Gama e Abreu, um trio de mulheres notoriamente engajadas na luta pelos direitos das mulheres: a socióloga, professora e co-fundadora da Coletiva Mahin Organização de Mulheres Negras, Vilma Reis; a Promotora de Justiça no Ministério Público do Estado da Bahia e nomeada uma das pessoas de descendência africana mais influentes do mundo, Lívia Sant’ Anna Vaz; e a Atriz, gestora cultura e vereadora de Salvador, Maria Marighella. As primeiras convidadas a ocupar a tribuna, abordaram temas em torno das “Mulheres, Feminismos e Culturas”, firmando a Tribuna Edith Mendes como um espaço de voz para a promoção da igualdade de gênero.

Setembro

02 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Troca de informações entre os acadêmicos sobre a sua produção intelectual recente / 2. O que ocorrer

04 – 18h - Palavra&Ponto - 20 anos de literatura – YouTube

O acadêmico Marcos Vinícius Rodrigues recebeu a escritora e dramaturga Adelice Souza para um bate-papo sobre as inspirações, os temas e as obras da autora. Com onze livros publicados, Adelice Souza trabalha com uma diversidade de gêneros e temas, entre eles contos, romances, peças teatrais e a literatura infanto-juvenil. Seus livros e peças possuem indicações e premiações, como o Prêmio Copene de Literatura/Prêmio Alejandro Cabassa da União Brasileira dos Escritores-RJ (com *As camas e os cães*), Prêmio do Banco Capital (*Caramujos zumbis*), Prêmio Judith Grossman (*Assanhaço Azul*), seu livro “O homem que sabia a hora de morrer” foi finalista do Prêmio Jabuti.

09 - 17h - Palestra “Cultura e Desenvolvimento: o lugar do patrimônio” - StreamYard com transmissão no YouTube

Em sessão ordinária (virtual) da Academia de Letras da Bahia, o vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia e professor do IHAC, Paulo Miguez, e o Professor aposentado da FAUFBA e membro da Academia de Letras da Bahia, Paulo Ormindó, debatem o tema “Cultura e Desenvolvimento: o lugar do patrimônio”.

12 - 18h - Palavra&Ponto - Palavra: Agora – YouTube

A poeta Clarissa Macedo foi a convidada do acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues na terceira edição do projeto “Palavra&Ponto”. A palavra “Agora” guia o bate-papo sobre o itinerário poético da autora. Clarissa Macedo é autora dos livros “Na pata do cavalo há sete abismos” (7Letras – Prêmio Nacional da Academia de Letras da Bahia – 2014, em terceira edição pela Penalux, 2021 – 4ª reimpressão, 2021)

e “O nome do mapa e outros mitos de um tempo chamado aflição” (Ofícios Terrestres, 2019), além de participação em diversas antologias.

13 – 19h - Ciclo de Conferências da ALB - A produção literária do Recôncavo – StreamYard com transmissão no YouTube

A acadêmica Edilene Matos mediou a conferência dos docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Dr. Rubens da Cunha e a Dr^a. Viviane Freitas, com o tema “Estudos Críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano”. Os “Estudos Críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo”, que estão sendo realizados em 2021, compreendem a etapa seguinte do projeto de pesquisa “Mapeamento e estudos críticos das literaturas do Recôncavo Sul”, iniciado em 2016 e finalizado em 2020, que reuniu cerca de 30 nomes de autores e autoras da região, muitos já com livros publicados. Os professores apresentaram um panorama desse mapeamento, destacando algumas características percebidas nessas literaturas. O Ciclo de Conferências ALB é um projeto que tem o propósito de contribuir para a visibilidade de temas e de produções artísticas e científicas da contemporaneidade.

16 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Conversa sobre possíveis candidatos à Cadeira 18 da ALB, ora vacante, segundo o protocolo estabelecido pelo saudoso Edivaldo Boaventura / 2. O que ocorrer

19 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra Cachoeira – YouTube

O “Palavra&Ponto” de 19 de setembro teve como guia a palavra “Cachoeira”, lugar de nascimento e de inspiração do escritor Ordep Serra, convidado desta edição. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues recebeu o presidente da ALB para um bate-papo sobre a escrita dos quatro livros de ficção e a sua relação de afetividade com Cachoeira, presente desde o primeiro conto que escreveu, para apresentar sua terra natal à esposa, Regina Serra. Ordep Serra

tornou-se Imortal em 2014, passando a ocupar a Cadeira 27 da Academia de Letras da Bahia e em 2021 assumiu a presidência da instituição. Autor de cerca de trinta obras, seus quatro livros de ficção foram premiados em concursos nacionais de literatura e seu último livro de contos inaugurou, na categoria, o Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. Ordep Serra também é autor do livro de poemas de cordel “O encantamento de sua santidade: Cancão de Fogo/ Cordéis de Ordep Serra”, editado pela EDUFBA.

23 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Troca de informações entre os acadêmicos sobre sua produção intelectual recente / 2. O que ocorrer

26 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra Cata-Vento – YouTube

Nesta edição, o projeto “Palavra&Ponto” girou no cata-ventos de Gonesa Gonçalves. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues recebeu a poeta para um bate-papo sobre os ventos que impulsionam sua escrita. Gonesa Gonçalves é autora do livro *Cata-Ventos* (2020), licenciada em Letras pela Universidade Federal da Bahia, estudante de Arquivologia, bolsista Programa Apoio aos Projetos Especiais (PAPE) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rasuras (UFBA). A escritora foi residente na Bienal de Buenos Aires-Argentina (2019), é coordenadora do Projeto Literário *Enelescência*, além de possuir publicações na *Revista Organismo* n° 5 e *La Joven Parca*; nos livros “O diferencial da Favela”(vol I e II) e “Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana”. Gonesa Gonçalves foi uma das organizadoras dos livros “Coletânea Literária *Enelescência*” (2016) e “Vozes de Reexistência *Juvenis: Presente!*” (2019), dos quais, também participou.

27 – 19h - Seminário Arte e Pensamento Quilombola – Stream-Yard com transmissão no YouTube

Dando sequência ao diálogo da Academia de Letras da Bahia com a arte e o pensamento decolonial, o Seminário Arte e Pensamento

Quilombola trouxe nesta edição a participação de lideranças e artistas de quilombos urbanos, do Recôncavo Baiano e da Região Metropolitana de Salvador. A arte se faz presente com a poesia de Rosane Jovelino, poeta, especialista em Gestão Estratégica Pública (Unicamp) e membro do Núcleo de Mulheres Quilombolas da Bacia e Vale do Iguape - Marias Felipas. O pensamento e a militância são representados por Eliete Paraguassu, liderança quilombola e da pesca artesanal da Ilha de Maré; Ananias Viana, quilombola, ativista e educador popular; Dona Bernadete Pacífico, líder da Comunidade Quilombola de Pitanga dos Palmares (Simões Filho/BA). Para propor um debate sobre a arte e o pensamento quilombola contemporâneos, a ALB trouxe como convidada a coordenadora do CPP - Conselho Pastoral de Pescadores e Pescadoras, Zezé Pacheco. A mediação ficou a cargo do Professor Doutor José Roberto Severino, historiador, pesquisador e membro da Cátedra UNESCO de Políticas Culturais e Gestão da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). O primeiro encontro do projeto, em julho deste ano, apresentou as produções dos povos indígenas, obtendo grande aceitação do público. Com esta edição, o Seminário Arte e Pensamento se estabelece como uma iniciativa da Academia de Letras da Bahia para promover o diálogo com produções decoloniais contemporâneas, no campo das artes e da intelectualidade.

30 – 17h – Sessão Ordinária com palestra “Discurso crítico: paradigmas, legados e perspectivas latino-americanas” – Zoom com transmissão no YouTube

A “ALB Convida” a professora Heloísa Prazeres e o professor Nelson Cerqueira para debate sobre o tema “Discurso crítico: paradigmas, legados e perspectivas latino-americanas”.

Outubro

03 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra Itapagipe – YouTube

Nesta edição o “Palavra&Ponto” visitou a Bahia de 1950, através

da obra de Aramis Ribeiro Costa. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues recebeu o também acadêmico Aramis Ribeiro Costa para uma conversa sobre literatura e sobre uma Bahia que já não existe mais. A palavra que norteou a conversa foi “Itapagipe”, nome da península onde o autor viveu sua infância e cenário do seu mais novo romance, “As meninas do coronel”.

06, 08, 13, 15, 20, 22 – 14h - Oficina de Contos da ALB – Zoom

A primeira oficina do Programa Academia Jovem aconteceu entre os dias 06 a 22 de outubro, sempre às quartas e sextas, das 14h às 17:30h, com o acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues. O Programa Academia Jovem faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia para promover a aproximação das letras, das culturas e das artes com a sociedade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

06, 13 e 20 – 17h - Colóquio Direito, Arte e Literatura – Zoom com transmissão ao vivo no YouTube

O Colóquio Direito, Arte e Literatura fez parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia para promover a aproximação das letras, das culturas e das artes com a sociedade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

06.10.2021

Painel I - “Arte e direito”: ensino e pesquisa. Presidente de mesa e debatedor: Fredie Didier Jr. (ALB/UFBA)

“A Revista Salve!”. Luiz Gabriel Neves (Advogado e Editor da Salve!)

“A experiência da Faculdade Baiana de Direito”. Daniel Nicory (Defensor Público e Professor da Faculdade Baiana de Direito)

“A experiência no Programa de Pós-graduação em Direito da UFBA”. Nelson Cerqueira (Membro da ALB e Professor do PPGD-UFBA)

“A arte no ensino do Direito da Propriedade Intelectual”. Rodrigo Moraes (Advogado e Professor da UFBA)

13.10.2021

Painel II – “O Direito na arte e na literatura”. Presidente de mesa e debatedor: Marcus Vinícius Rodrigues (ALB)

“Direito no cinema”. Daniel Mitidiero (UFRGS)

“Direito nas canções”. Rodolfo Pamplona Filho (ALJBA/UFBA)

“Direito na literatura”. Evelina Hoisel (ALB/UFBA)

“Poesia e Direito”. Denise Carrascosa (UFBA)

20.10.2021

Painel III – “A arte no Direito”. Presidente de mesa e debatedor: Edvaldo Brito (ALB/UFBA)

“Direito nas artes plásticas”. Paola Cantarini.

“Tribunal do Júri e encenação”. Cleise Mendes (ALB)

“A arte na argumentação jurídica e a argumentação jurídica na arte”. Tércio Ferraz (USP/PUC/SP)

06 – 19h - Lançamento do livro “Visitações a Belo Monte/Canudos – Estudos Críticos” - (Também disponibilizado no YouTube da Universidade da gente)

Lançamento do livro “Visitações a Belo Monte/Canudos – Estudos Críticos”, com textos organizados pelo acadêmico Aleilton Fonseca. Os ensaios que compõem o livro são resultados do projeto de pesquisa “Acervos textuais de Belo Monte/Canudos: memória, narrativa, poesia, cordel e afins”, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/ UEFS, em Feira de Santana-Bahia. “O objetivo principal é estudar registros textuais sobre a chamada “Guerra de Canudos” (1896-97), de modo a contribuir para a ampliação da crítica em torno de suas versões, revisões e contradições, à luz da contemporaneidade” pontua o acadêmico Aleilton Fonseca. Os autores são originários de famílias sertanejas e/ou vivem, lecionam e pesquisam no entorno do sertão, atentos às suas representações culturais, às suas memórias e

às vozes populares. A divulgação das produções dos acadêmicos faz parte das iniciativas de aproximação da Academia de Letras da Bahia com a sociedade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

07 e 08 – 17h - Curso Culturas Baianas: formas poéticas de criação - StreamYard com transmissão no YouTube

Nos dias 07 e 08 de outubro, a Academia de Letras da Bahia realizou a primeira edição do curso “Culturas Baianas: formas poéticas de criação”. Este curso propôs um diálogo com as produções artístico-culturais que são produzidas na Bahia. Serão oito apresentações, quatro por dia, das 17h às 19h, pelo canal do YouTube da ALB.

“O curso, é bom lembrar de saída, vai se ocupar de uma temática abrangente que traz reflexões sobre cultura e arte, memória e transgressão, no espaço da Bahia, traços que convivem conosco neste nosso mundo de hoje, marcado pela instabilidade e pela imprevisibilidade, pela movência e pelo diálogo”, afirma a acadêmica Edilene Matos, vice-presidente da ALB e coordenadora do curso.

No curso “Culturas Baianas: formas poéticas de criação”, ecos, sons, traços, movimentos, memórias coreografam a dança saborosa dos saberes, que não têm qualquer tipo de fim. As aulas aconteceram em dois dias e discutiram as obras de criadores da moda, música, cinema, história em quadrinhos, cultura popular e ancestral. Confira a programação:

Dia 07.10.21 - Mediação: Edilene Matos

Renata Leahy - “As rendeiras de Saubara: inspiração para a estilista Márcia Ganem”

Antônio Brito - “Waly Salomão: voz poética primordial”

Uri Menezes - “Rimas audiovisuais de Edgard Navarro: poéticas e técnicas no cinema baiano”

Thiago Pondé - “Humberto Porto e a cultura baiana: uma obra de música popular”

Dia 08.10.21 - Mediação: Andréa Betânia da Silva

Elízia Alcântara - “Voz das imagens: os quadrinhos de Antônio Cedraz”

Leda Bazzo - “A cultura da trabalhadora manual: as lavadeiras do Alto das Pombas”

Max Bittencourt - “A dimensão fabuladora no documentário A vida de São Jorge”.

Carla Nogueira - “Narrativas e imagens na poética do Terreiro Bate Folha”

O curso “Culturas Baianas: formas poéticas de criação” faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia para promover a aproximação das letras, das culturas e das artes com a sociedade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

10 – 18h - Palavra&Ponto – Adusto – YouTube

A contista e poeta Rita Santana foi a convidada desta edição do “Palavra&Ponto” para falar sobre sua poética marcada pela exuberância, pela abundância de imagens e sentidos. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues escolheu a palavra “aduste” para guiar o bate-papo com a escritora. Rita Santana nasceu em Ilhéus e fez graduação em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, tornou-se escritora e professora. Em 2004 ganhou o prêmio Braskem de Cultura e Arte para autores inéditos, com o livro de contos “Tramela”. Em 2006, o livro “Tratado das Veias” (poesia) foi publicado pelo selo Letras da Bahia. Publicou o livro “Alforrias” (poesia), em 2012, pela Editus. Em 2019, publicou Cortesianas (poesia) pela Editora Caramurê e, no mesmo ano, participou do Festival Internacional de Poesia de Buenos Aires. A potência sensível das

obras da autora ganham ainda mais ênfase quando a poeta, também atriz de teatro, cinema e televisão, declama seus poemas.

11 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Indicação de nome para a cadeira 18 / 2. O que ocorrer

14 – 17h – Sessão Ordinária com palestra “O Cinema Baiano e o Cinema na Bahia” – Zoom com transmissão no YouTube

O realizador Cláudio Marques participou da Sessão Ordinária com palestra sobre o cinema baiano contemporâneo e o cinema na Bahia. Com uma longa carreira dedicada à sétima arte, Cláudio compartilhou suas experiências como crítico, diretor, produtor e coordenador do Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha e das 16 edições do festival Panorama Internacional Coisa de Cinema. Com 25 anos dedicados exclusivamente ao Cinema, Cláudio Marques iniciou sua carreira na crítica cinematográfica, colaborando com os jornais A Tarde, Tribuna da Bahia e Correio da Bahia, além de ter criado o tabloide Coisa de Cinema. Em 1995 fundou a produtora Coisa de Cinema, onde, ao lado de Marília Hughes, conquistou prestígio através da realização de cinco curtas e quatro longas de ficção. Em 2002 idealizou e coordena, até os dias atuais, o Panorama Internacional Coisa de Cinema, um dos mais importantes da nova geração de festivais de cinema do país. Desde 2008, Cláudio programa e coordena o Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha, projeto idealizado por ele.

17 – 18h - Palavra&Ponto – Onça – YouTube

A escritora Micheline Verunschik foi a convidada desta edição para falar sobre seu processo de criação, em especial, do livro “O som do rugido da onça”, que traz um olhar decolonial sobre as incursões colonialistas no Brasil. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues escolheu a palavra “onça” para guiar o bate-papo com a escritora. Em 2014, Micheline Verunschik publicou seu primeiro romance, “Nossa Teresa – vida e morte de uma santa suicida”

(editora Patuá), que foi agraciado com o Programa Petrobras Cultural e com o Prêmio São Paulo de melhor livro de 2015. A autora é mestre em Literatura e Crítica Literária e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo. Micheline Verunschik escreveu, entre outras obras, “Geografia Íntima do Deserto” (Landy, 2003), “O movimento dos pássaros” (Martelo, 2020) e, em 2021, publicou “O som do rugido da onça”, pela Companhia das Letras.

18 – 19h - Seminário Psicanálise e Literatura – Zoom com transmissão no YouTube

A Academia de Letras da Bahia realizou, em parceria com o Colégio de Psicanálise da Bahia, o II Seminário Psicanálise e Literatura. Com coordenação da acadêmica Urania Tourinho-Peres, o Seminário propôs uma abertura na compreensão da leitura psicanalítica na sua relação com a arte literária. O Seminário Psicanálise e Literatura aconteceu numa segunda-feira, 18 de outubro, das 19h às 21h, com transmissão pelo canal da ALB no YouTube. “Simplificando, posso dizer que o objetivo é mostrar a riqueza da relação Psicanálise/Literatura. Como muitos pensam, não se trata de psicanalisar o autor ou mesmo a história do romance, mas propiciar um espaço de descobertas sobre a complexidade da alma humana, se assim posso dizer.” Define a acadêmica e fundadora do Colégio de Psicanálise da Bahia, Urania Tourinho-Peres, sobre a proposta de leitura dos textos que evidenciam a riqueza da relação Psicanálise/Literatura. O Seminário Psicanálise e Literatura faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia para promover a aproximação das letras, das ciências, das culturas e das artes com a sociedade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

21 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Situação atual da ALB.

25 – 19h - Ciclo de Conferências ALB - O Conto Brasileiro Contemporâneo – StreamYard transmissão no YouTube

O acadêmico Antônio Torres recebeu o jornalista, compositor e escritor Luís Pimentel para falar sobre as produções literárias contemporâneas, com foco especial no conto. Luís Pimentel recebeu prêmios nacionais como o Literatura Para Todos, do MEC; Cruz e Souza, da Fundação Catarinense de Cultura; Prêmio Cidade de Belo Horizonte de Dramaturgia; e o 200 Anos de Independência, do Minc. Os últimos livros publicados pelo autor são “Esconjurou! – A corda e o cordel na Revolta dos Alfaiates” (novela histórica, Pallas Editora, 2021), “Alguém vai ter que pagar por isso” (romance, Editora Faria e Silva, 2020), “Esquina dos dias” (poesia, Editora Patuá, 2020) e “O gato, o peixe, o sapo e a gaivota” (infantil, Abacatte Editorial, 2020). O Ciclo de Conferências ALB é um projeto que tem o propósito de contribuir para a visibilidade de temas e de produções artísticas e científicas da contemporaneidade.

26 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra Estrada – YouTube

Esta edição do projeto recebeu o escritor Dênisson Padilha Filho para falar de sua trajetória literária feita de estradas e descampados. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues escolheu a palavra “estrada” para simbolizar o trabalho do autor. Dênisson Padilha Filho é escritor e roteirista de audiovisual. É Mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA. Recentemente lançou Um Chevette girando no meio da tarde (Mondrongo, 2019, contos). É autor de Eram olhos enfeitados de Sol (Penalux, 2017, novela), Trilogia do asfalto (Editora P55, 2016, contos), O herói está de folga (Kallango, 2014, contos), Menelau e os homens (Casarão do Verbo, 2012, contos e novelas), Carmina e os vaqueiros do pequi (2003, romance) e Aboios celestes (1999, contos). Participou de algumas antologias e tem textos publicados em diversas revistas literárias. Mantém a coluna CONTO AFORA em seu blog dpadilha filho.wordpress.com. Foi vencedor do Prêmio Internacional Cataratas de Contos- 2015.

26 – 19h - Mesa-redonda Narrativas do Axé - StreamYard transmissão no YouTube

A Academia de Letras da Bahia realizou, no dia 26 de outubro, às 19h, a Mesa Redonda Narrativas do Axé, que propôs discutir as representações do candomblé nas literaturas baiana e carioca. O presidente da ALB, Ordep Serra, recebeu para o debate o escritor Marcelo Moutinho e o escritor e babalorixá Ruy Póvoas. A mesa redonda foi transmitida pelo canal da ALB no YouTube. O carioca Marcelo Moutinho é jornalista e autor dos livros “A lua na caixa d’água” (Malê, 2021), “Rua de dentro” (Record, 2020), “Na dobra do dia” (Rocco, 2015) e “A palavra ausente” (Rocco, 2011), entre outros. Com “Ferrugem”, editado pela Record, conquistou o Prêmio Clarice Lispector da Fundação Biblioteca Nacional (melhor livro de contos de 2017). Organizou a seleta de ensaios “Canções do Rio — A cidade em letra e música” (Casa da Palavra, 2010) e várias antologias, entre elas a recém-lançada “Contos de Axé – 18 histórias inspiradas nos arquétipos dos orixás” (Malê, 2021). Atualmente, cursa o mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O baiano de Ilhéus, Ruy Póvoas é fundador do Ilê Axé Ijexá, terreiro de candomblé de origem nagô, de nação Ijexá, no qual exerce a função de babalorixá, em Itabuna. Licenciado em Letras pela antiga Faculdade de Filosofia de Itabuna e Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), lecionou Língua Portuguesa durante 50 anos, até se aposentar pela UESC. Durante 16 anos, coordenou o Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – Kàwé, da Universidade Estadual de Santa Cruz, do qual é fundador. Sob sua coordenação, foram criados o Jornal Tàkàdá, o Caderno Kàwé e a Revista Kàwé. Poeta, contista e ensaísta, publicou as obras o “Vocabulário da paixão”, “A linguagem do candomblé”, “Itan dos mais-velhos”, “Itan de boca a ouvido”, “A fala do santo”, “VersoREverso”, “Da porteira para fora”, “A memória do feminino no candomblé”,

“Mejigã e o contexto da escravidão”, “A viagem de Orixalá”, “Novos dizeres e Representações do escondido”. Ruy Póvoas ocupa a Cadeira 18 da Academia de Letras de Ilhéus e é membro fundador da Academia de Letras de Itabuna. A Mesa Redonda Narrativas do Axé tem o propósito de contribuir para a visibilidade de temas e de produções artísticas e científicas da contemporaneidade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

28 – 17h - Sessão Ordinária com palestra “Literatura argentina entre dos siglos (XX-XXI)” – Zoom com transmissão no YouTube

O acadêmico Nelson Cerqueira recebeu a membro correspondente e professora María Pugliese (AR), a professora Lili Muñoz (AR), a professora Nora Mantelli (AR) e o professor Adam Joseph Shellhorse (EUA) com a proposta de debater sobre as características da literatura argentina contemporânea. A sessão ocorreu no dia 28 de outubro, às 17 horas, com transmissão ao vivo pelo canal da ALB, no Youtube. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

28 – 19h - Lançamento da Revista da ALB n° 59 – Zoom com transmissão no YouTube

Evento de lançamento da 59ª edição da Revista da ALB, realizado em formato digital com participação de acadêmicos, a exemplo de Ordep Serra, Aramis Ribeiro Costa, Heloísa Prazeres, Edilene Matos, Paulo Ormino de Azevedo, e de convidados, tais como Luiz Mott, Geraldo Lavigne, Franklin Carvalho e Jehová de Carvalho. Revista publicada anualmente desde 1930, reunindo artigos, contos, poemas, poesias, ensaios, dentre outras modalidades de escrita produzidos por acadêmicos e colaboradores externos.

29 - 19h15 - 1º Encontro Virtual da RICA – Zoom com transmissão no YouTube

No dia 29 de outubro, aconteceu o 1º Encontro Virtual da RICA (Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia). O evento reuniu representantes de academias dos municípios do estado para compartilhar experiências sobre o tema “As Academias na Pandemia: relatos de experiências e perspectivas”. O 1º Encontro Virtual da RICA será foi ao vivo, entre as 19h15 e 21h15, no canal da Academia de Letras da Bahia, no YouTube.

“A troca de experiência sobre as formas de realização das atividades das academias, durante a pandemia, suas dificuldades e seus êxitos, e a discussão de formas de integração e novas perspectivas são importantes para a manutenção das instituições e preservação dos acervos” pondera Aleilton Fonseca, acadêmico da ALB e coordenador do evento, sobre a relevância do encontro. Além dele, J. C. Vaz (ALER), Mariângela Borba (ACL), Maribel Barreto (ALJ), Valmir Araújo (ACL) coordenam o evento. Programação:

- Abertura poética.
- Palavra do Presidente da ALB, Ordep Serra.
- A RICA e o ELBA: breve análise.
- Apresentação das academias ativas e inativas na RICA.
- A ideia da pesquisa e os resultados.
- Orientação das apresentações das Academias.
- As vozes das Academias.
- Discussões/encaminhamentos.
- Encerramento poético.

O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

31 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra: Lampadários – YouTube

O Palavra&Ponto recebeu a escritora e acadêmica Gláucia Lemos para falar de seus mais de 40 anos de literatura. O acadêmico Marcus Vinícius Rodrigues escolheu a palavra “Lampadários”, título de livro e conto da autora, para simbolizar a várias iluminações de Gláucia Lemos seja na prosa infantil ou adulta seja na poesia. Gláucia Lemos publicou mais de 40 livros ao longo de mais de 40 anos de carreira literária, entre eles vários títulos de literatura infanto-juvenil, como a coleção "Marujo Verde", com quatro volumes publicados, mas também de contos, ensaios, resenhas e romances, alguns dos quais premiados ("O Riso da Raposa", pela Academia de Letras da Bahia, em 1985, "A Metade da Maçã", pela Secretaria de Cultura do Recife, em 1988, "As Chamas da Memória" pela União Brasileira de Escritores - Rio de Janeiro, em 1990 e "Bichos de Conchas", vencedor do II Prêmio de Literatura da UBE/Scortecchi, em 2007). A sua obra publicada é, praticamente na sua totalidade, prosa, excetuando o livro de poesia infantil "O Cão Azul" e o livro 'Sonetos verdes e alguns versos brancos'. O Palavra&Ponto faz parte das iniciativas da Academia de Letras da Bahia na criação de eventos que promovem a aproximação das letras, das culturas e das artes com a sociedade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

31 – 17h - Sábado das Artes e a fotografia de Silvio Robatto – YouTube

A fotografia foi o tema do Sábado das Artes do mês de outubro e a acadêmica e anfitriã do programa, Lia Robatto, fala sobre a vida e obra do fotógrafo Silvio Robatto. O Sábado das Artes aconteceu virtualmente no dia 30 de outubro, às 17h, no canal da ALB no YouTube, com transmissão simultânea na plataforma IHAC:\digital do Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos (IHAC-UFBA). Nascido na cidade de

Salvador, Sílvio Robatto desde muito jovem lidou com a fotografia, arte que aprendeu com seu pai Alexandre Robatto Filho, um dos pioneiros no cinema baiano. Formado em arquitetura pela Universidade Federal da Bahia, foi professor na Escola de Belas Artes da UFBA e arquiteto da Prefeitura Municipal e Fundação Cultural do Estado da Bahia. Como fotógrafo, foi responsável pela ilustração de alguns livros e pela realização de diversas exposições individuais no Brasil e no exterior.

Novembro

04 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Preparativos da celebração do centenário do falecimento de Ruy Barbosa / 2. Preparativos da comemoração do bicentenário da Independência da Bahia (2 de julho) / 3. O que ocorrer

07 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra Leão – YouTube

Palavra&Ponto com o escritor Saulo Dourado. O autor falou de seu diálogo constante com crianças e jovens no programa que foi transmitido a partir das 18h, no canal TV Caramurê, no YouTube. Saulo Dourado, nascido em Irecê-Ba no ano de 1989, é escritor e professor. Mestre em Filosofia pela UFBA, venceu os prêmios literários Correntes D'Escrita e Ferreira de Castro para jovens escritores, em Portugal, e passou a colaborar com o caderno A Tardinha, do Jornal A Tarde, de 2010 a 2017. Com as crônicas editou os livros "Mailon, o cão que late para o espelho" (2016) e "Super-heróis lavam louça?" (2019), pela Caramurê. Pela mesma editora publicou os livros de contos "O autor do leão" (selo FB Publicações, 2017, 2ª edição), o romance "O borbulhar do gênio" e as novelas juvenis "Os garotos além da trilha" (2020) e "Amar é uma conexão discada" (2017).

14 – 18h - Palavra&Ponto - Palavra Escrevedor – YouTube

O Palavra&Ponto recebeu o escritor Ricardo Ishmael para falar de seu processo de contar histórias reais e ficcionais. O programa deste domingo será transmitido a partir das 18h, no canal TV Caramarê, no YouTube. Ricardo Ishmael é jornalista, apresentador do jornal da manhã da TV Bahia, canal afiliado da Rede Globo. Em 2016, publicou seu primeiro livro de contos, “O Curioso Destino de Rita Quebra-Cama e outros contos”; publicou o livro infantil, “A Princesa do Olhinho Preguiçoso”, em 2020; e “O Menino de Asas Invisíveis”, no ano seguinte. Para 2022, o escritor prepara o lançamento de seu primeiro romance.

16 – 17h - Sessão Extraordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Recordação do saudoso confrade João Eurico Matta

17 – 19h - Mesa-redonda Glauber Rocha, vida e obra – YouTube

“Mesa Redonda Glauber Rocha: vida e obra”, com coordenação do acadêmico Nelson Cerqueira e da brasilianista, Darlene J. Sadlier, professora emérita do Departamento de Espanhol e Português na Universidade de Indiana (EUA). A proposta foi discutir os filmes, textos e a vida do cineasta baiano com os estudiosos Eduardo Morettin, Richard Peña e Izabel de Fátima Cruz Melo e, o cineasta e acadêmico da Academia Brasileira de Letras, Cacá Diegues, convidados da “Mesa Redonda” que foi transmitida pelo canal da ALB, no YouTube. A “Mesa” teve a participação de Izabel de Fátima Cruz Melo, doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela USP, autora do livro Cinema é mais que filme: uma história das Jornadas de Cinema na Bahia: 1972-1978; Eduardo Morettin, professor de História do Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) e organizador do volume A recepção crítica de Glauber Rocha no Exterior: 1960-2005 (2020); Richard Peña, professor de Cinema e Mídia na Columbia University e Diretor Emérito do Festival

de Cinema de Nova York. Fechando a “Mesa”, o cineasta Cacá Diegues, expoente e um dos fundadores do Cinema Novo. Diegues possui mais de 20 prêmios conquistados ao longo de sua carreira, além de indicações em importantes festivais, como à Palma de Ouro, no Festival de Cannes (1984), por Quilombo.

22 – 19h - Ciclo de Conferências ALB – Meio ambiente e cultura: a questão ambiental e as políticas culturais – YouTube

Ciclo de Conferências ALB com o tema Meio Ambiente e Cultura: a questão ambiental e as políticas culturais. O acadêmico Carlos Ribeiro recebeu estudiosos e articuladores para discutir a importância da questão ambiental no âmbito das políticas culturais. Estiveram presentes: o sociólogo Juca Ferreira, ex-ministro da Cultura dos governos Lula e Dilma, ex-Secretário de Cultura de São Paulo e de Belo Horizonte, duas vezes vereador e Secretário de Meio Ambiente, em Salvador, e Embaixador especial da Secretaria Geral Ibero-Americana. A representante do Fórum Clima Salvador - organização da sociedade civil integrada por lideranças, pesquisadores e cientistas da Bahia - a coordenadora Letícia Moura, mestre em Engenharia Industrial com foco em tecnologias limpas e processos ambientalmente amigáveis, pela Universidade Federal da Bahia. O Deputado Estadual Marcelino Galo, pelo PT, liderança da Frente Parlamentar Ambientalista da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

25 – 17h - Sessão Ordinária da ALB – Zoom

Sessão Ordinária da ALB com as seguintes pautas: 1. Situação financeira da ALB / 2. Campanha de financiamento coletivo / 3. O que ocorrer

27 – 17h - Sábado das Artes e o corpo e a cidade nas linguagens artísticas – YouTube

O Sábado das Artes de novembro recebeu a multiartista, arquiteta e urbanista Amine Barbuda para um bate-papo com a acadêmica Lia Robatto. Com as participações de Washington Drummond,

Alana Falcão e Neemias Santana, o evento aconteceu virtualmente no dia 27 de novembro, às 17 horas, no canal do YouTube da ALB, com transmissão simultânea pelo IHAC:\digital, do Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos (IHAC-UFBA). O corpo e a cidade nas linguagens artísticas foi o tema da conversa norteadas pelas obras da artista Amine Barbuda, provocando interseções artísticas e teóricas. Pintora, ilustradora, designer, cenógrafa, arquiteta e urbanista, Amine é graduada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, e também mestra em processos urbanos contemporâneos pela mesma instituição. Para colaborar com reflexões sobre linguagem, técnica, mídia e comunicação, Amine levou alguns convidados para participar do bate-papo: Washington Drummond, Professor de História na graduação e pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia e na pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFBA; Alana Falcão é professora, artista da dança e coreógrafa, co-fundadora do Nü Colaboratório - plataforma de artistas da dança, articulada com os diversos campos da arte, desenvolvendo ações de criação, formação, pesquisa e difusão; e Neemias Santana, professor, coreógrafo e co-fundador do Nü Colaboratório.

Dezembro

03 – 19h - Ciclo de conferências ALB com Paulo Ormino: Patrimônio histórico da Bahia Zoom com transmissão no YouTube

A Academia de Letras da Bahia realizou mais uma edição do Ciclo de Conferências ALB em 03 de dezembro, às 19 horas. O arquiteto e acadêmico Paulo Ormino de Azevedo discutiu a preservação do patrimônio histórico, no âmbito nacional e estadual. O evento foi transmitido pelo canal da Academia de Letras da Bahia no YouTube. A recente suspensão do leilão da Quinta do Tanque, imóvel tombado que abriga o Acervo Público do Estado da Bahia (APEB), chamou a atenção da sociedade para a vulnerabilidade

a que o patrimônio histórico brasileiro está submetido. Este assunto, assim como o pioneirismo na tentativa, em 1927, da criação de leis estaduais de proteção ao patrimônio histórico, encabeçada por Góes Calmon - proprietário da sede da Academia de Letras da Bahia, sobrado que está em via de tombamento - foram abordados pelo acadêmico Paulo Ormino de Azevedo em sua palestra. Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto, doutor em Conservação de Monumentos e Sítios pela Universidade de Roma, La Sapienza, Consultor da UNESCO com missões na América Latina, Caribe e África Lusófona, Professor Titular da UFBA aposentado e membro da Academia de Letras da Bahia. O Ciclo de Conferências ALB é um projeto que tem o propósito de contribuir para a visibilidade de temas e de produções artísticas e científicas da contemporaneidade. O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

09 – 17h - Reunião de Diretoria da ALB – Zoom

Reunião de Diretoria da ALB com as seguintes pautas: 1. Balanço das atividades da ALB em 2021 / 2. Problemas administrativos e financeiros da ALB / 3. O que ocorrer

17 – 16h - Encontro de encerramento do Ano Acadêmico – Academia de Letras da Bahia

20 – 19h - Sessão especial em homenagem póstuma ao acadêmico João Eurico Matta – Zoom

Sessão Especial da ALB com a pauta: Homenagem póstuma ao acadêmico João Eurico Matta. No dia, para representar o sodalício, discursou o acadêmico Aleilton Fonseca.

Quadro social da ALB¹



Cadeira 1

Patrono: Frei Vicente de Salvador

Fundador: José de Oliveira Campos

2º Titular: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto), fundador da Cadeira 25, por transferência consentida pela Academia.

3º Titular: José Wanderley de Araújo Pinho

4º Titular: Luís Henrique Dias Tavares

Titular atual:

Emiliano José da Silva Filho

(Emiliano José)

Posse em 19.03.2021

Saudação: Dom Emanuel d'Able do Amaral

Cadeira 2

Patrono: Gregório de Mattos e Guerra (Gregório de Mattos)

Fundador: Aloysio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola)

2º Titular: Luís Viana Filho

Titular atual:

Paulo Ormino David de Azevedo

(Paulo Ormino de Azevedo)

Posse em 20.06.1991

Saudação: Cláudio de Andrade Veiga

¹ O quadro dos titulares da Academia de Letras da Bahia foi originalmente elaborado pelo acadêmico Renato Berbert de Castro (1924-1999).

Cadeira 3

Patrono: Manuel Botelho de Oliveira

Fundador: Arthur Gonçalves de Salles (Arthur de Salles)

2º Titular: Eloywaldo Chagas de Oliveira

3º Titular: Anna Amélia Vieira Nascimento

4º Titular: Guilherme Radel

Titular atual:

Edvaldo Pereira de Brito

(Edvaldo Brito)

Posse em 29.11.2019

Saudação: Joaci Góes

Cadeira 4

Patrono: Sebastião da Rocha Pita

Fundador: Braz Hermenegildo do Amaral (Braz do Amaral)

2º Titular: João da Costa Pinto Dantas Júnior

3º Titular: Jayme de Sá Menezes

4º Titular: Geraldo Magalhães Machado (Geraldo Machado)

Titular atual:

Nelson Cerqueira

Posse em 11.05.2017

Saudação: Joaci Góes

Cadeira 5

Patrono: Luís Antônio de Oliveira Mendes

Fundador: Carlos Chiacchio

2º Titular: Antônio Luís Cavalcanti Albuquerque de Barros Barreto (Barros Barreto)

3º Titular: Carlos Benjamin de Viveiros

4º Titular: José Silveira

5º Titular: Guido José da Costa Guerra (Guido Guerra)

Titular atual:

Carlos Jesus Ribeiro

(Carlos Ribeiro)

Posse em 31.05.2007

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 6

Patrono: Alexandre Rodrigues Ferreira

Fundador: Manoel Augusto Pirajá da Silva (Pirajá da Silva)

2º Titular: Thales Olímpio Góes de Azevedo (Thales de Azevedo)

3º Titular: Lucas Moreira Neves (Dom Lucas Cardeal Moreira Neves)

Titular atual:

Cleise Furtado Mendes

(Cleise Mendes)

Posse em 15.04.2004.

Saudação: Guido Guerra

Cadeira 7

Patrono: José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru

Fundador: Ernesto Carneiro Ribeiro (Carneiro Ribeiro)

2º Titular: Francisco Borges de Barros

3º Titular: Aloísio de Carvalho Filho. Eleito para a Cadeira 26, permutou esta, obtendo acordo da Academia, pela Cadeira 7, com monsenhor Francisco de Paiva Marques, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: Nelson de Souza Sampaio (Nelson Sampaio)

5º Titular: Pedro Moacir Maia

Titular atual:

Joaci Fonseca de Góes

(Joaci Góes)

Posse em 24.09.2009

Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

Cadeira 8

Patrono: Cipriano José Barata de Almeida (Cipriano Barata)

Fundador: Luís Anselmo da Fonseca

2º Titular: Francisco Peixoto de Magalhães Netto (Magalhães Netto)

3º Titular: Adriano de Azevedo Pondé (Adriano Pondé)

4º Titular: Ary Guimarães

Titular atual:

Paulo Costa Lima

Posse em 17.12.2009

Saudação: Edivaldo M. Boaventura

Cadeira 9

Patrono: Antônio Ferreira França

Fundador: José Alfredo de Campos França

2º Titular: Edgard Ribeiro Sanches

3º Titular: Antônio Luís Machado Neto (Machado Neto)

4º Titular: Cláudio de Andrade Veiga (Cláudio Veiga)

5º Titular: João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (João Ubaldo Ribeiro)

Titular atual:

Antonio Torres da Cruz

(Antonio Torres)

Posse em 21.05.2015

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 10

Patrono: José Lino dos Santos Coutinho

Fundador: Antônio Moniz Sodré de Aragão

2º Titular: Altamirando Alves da Silva Requião (Altamirando Requião)

3º Titular: Gaspar Sadoc da Natividade (Monsenhor Gaspar Sadoc)

Titular atual:

Fredie Souza Didier Júnior

(Fredie Didier)

Posse em 30.11.2017

Saudação: Paulo Furtado

Cadeira 11

Patrono: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha

Fundador: Antonio Ferrão Moniz de Aragão (Antonio Moniz)

2º Titular: Otávio Torres

3º Titular: Oldegar Franco Vieira

Titular atual:

Yeda Antonita Pessoa de Castro

(Yeda Pessoa de Castro)

Posse em 10.04.2008

Saudação: Consuelo Pondé de Sena

Cadeira 12

Patrono: Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes

Fundador: Miguel Calmon du Pin e Almeida

2º Titular: Alberto Francisco de Assis (Alberto de Assis)

3º Titular: Affonso Ruy de Sousa (Affonso Ruy)

4º Titular: Itazil Benício dos Santos

Titular atual:

Aramis de Almada Ribeiro Costa

(Aramis Ribeiro Costa)

Posse em 25.11.1999

Saudação: Hélio Pólvora

Cadeira 13

Patrono: Francisco Moniz Barreto

Fundador: Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)

2º Titular: Afonso de Castro Rebelo Filho

3º Titular: Walter Raulino da Silveira (Walter da Silveira)

4º Titular: Odorico Montenegro Tavares da Silva (Odorico Tavares)

5º Titular: Luís Fernando Seixas de Macedo Costa (Luís Fernando Macedo Costa)

6ª Titular: Myriam de Castro Lima Fraga (Myriam Fraga)

Titular atual:

Edilene Dias Matos

(Edilene Matos)

Posse em 30.03.2017

Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 14

Patrono: Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço

Fundador: Bernardino José de Sousa (Bernardino de Sousa)

2º Titular: Alberto Alves Silva (Alberto Silva)

3º Titular: Edgard Rego Santos (Edgard Santos)

4º Titular: Raul Batista de Almeida

5º Titular: Carlos Vasconcelos Maia (Vasconcelos Maia)

6º Titular: Epaminondas Costalima

Titular atual:

Gláucia Maria de Lemos Leal

(Gláucia Lemos)

Posse em 21.10.2010

Saudação: Waldir Freitas Oliveira

Cadeira 15

Patrono: Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana

Fundador: Otaviano Moniz Barreto

2º Titular: Hélio Gomes Simões (Hélio Simões)

3º Titular: João Carlos Oliveira Teixeira Gomes Fonseca

Titular atual:

Lia de Carvalho Robatto

Lia Robatto

Posse em 17.03.2021

Saudação: Ordep Serra

Cadeira 16

Patrono: José Tomás Nabuco de Araújo

Fundador: Eduardo Godinho Espínola

2º Titular: Orlando Gomes dos Santos (Orlando Gomes)

3º Titular: João Eurico Matta

Titular Atual:

Mirella Marcia Longo (ainda não empossada)

Eleita em 24.03.2022

Cadeira 17

Patrono: Antônio Ferrão Moniz de Aragão

Fundador: Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (Gonçalo Moniz)

2º Titular: Leopoldo Braga

3º Titular: Carlos Eduardo da Rocha

Titular atual:

Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho

(Ruy Espinheira Filho)

Posse em 15.09.2000

Saudação: Florisvaldo Mattos

Cadeira 18

Patrono: Zacarias de Góes e Vasconcelos

Fundador: José Joaquim Seabra (J.J. Seabra)

2º Titular: Augusto Alexandre Machado

3º Titular: Avelar Brandão Vilela (Dom Avelar Brandão Vilela)

Titular atual:

4º Titular: Waldir Freitas Oliveira

Titular atual:

Maria Bethânia (ainda não empossada)

Eleita em 11.10.2021

Cadeira 19

Patrono: João Maurício Vanderley, Barão de Cotegipe

Fundador: Severino dos Santos Vieira (Severino Vieira)

2º Titular: Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Fundador da Cadeira 41, criada em caráter provisório, transferiu-se para esta, após a morte de Severino Vieira, ocorrida a 27 de setembro de 1917, a fim de que fosse extinta a temporária.

3º Titular: Deraldo Dias de Moraes

4º Titular: Guilherme Antônio Freire de Andrade Filho

5º Titular: Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (Godofredo Filho)

6º Titular: Cid José Teixeira Cavalcante

(Cid Teixeira)

(VAGA)

Cadeira 20

Patrono: Augusto Teixeira de Freitas (Teixeira de Freitas)

Fundador: Carlos Gonçalves Fernandes Ribeiro (Carlos Ribeiro)

2° Titular: Epaminondas Berbert de Castro

3° Titular: Lafayette Ferreira Spínola (Lafayette Spínola)

4° Titular: Ivan Americano da Costa

5° Titular: Joaquim Alves da Cruz Rios (Cruz Rios)

Titular atual:

Aleilton Santana da Fonseca

(Aleilton Fonseca)

Posse em 15.04.2005

Saudação: Ruy Espinheira Filho

Cadeira 21

Patrono: Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra

Fundador: Filinto Justiniano Ferreira Barros

2° Titular: Estácio Luís Valente de Lima (Estácio de Lima)

3° Titular: Jorge Amado

4° titular: Zélia Gattai Amado (Zélia Gattai)

Titular atual:

Antonio Brasileiro Borges

(Antônio Brasileiro)

Posse em 10.06.2010

Saudação: Ruy Espinheira Filho

Cadeira 22

Patrono: José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco

Fundador: Ruy Barbosa de Oliveira (Ruy Barbosa)

2º Titular: Ernesto Carneiro Ribeiro Filho

3º Titular: Aloísio Henrique de Barros Porto

4º Titular: Clóvis Álvares Lima (Clóvis Lima)

Titular atual:

Cyro Pereira de Mattos

(Cyro de Mattos)

Posse em 16.11.2016

Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Cadeira 23

Patrono: Antônio Januário de Faria

Fundador: João Américo Garcez Fróes

2º Titular: Jorge Calmon Moniz de Bittencourt (Jorge Calmon)

Titular atual:

Samuel Celestino Silva Filho

(Samuel Celestino)

Posse em 21.08.2008

Saudação: Edivaldo M. Boaventura

Cadeira 24

Patrono: Demétrio Ciríaco Tourinho (Demétrio Tourinho)

Fundador: Luís Pinto de Carvalho (Pinto de Carvalho)

2º Titular: Luís Menezes Monteiro da Costa (Luís Monteiro)

3º Titular: Renato Berbert de Castro

Titular atual:

Francisco Soares Senna

(Francisco Senna)

Posse em 27.04.2000

Saudação: Monsenhor Gaspar Sadoc

Cadeira 25

Patrono: Pedro Eunápio da Silva Deiró (Eunápio Deiró)

Fundador: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto). Com o consentimento da Academia, transferiu-se para a Cadeira 1 após a morte de seu fundador, José de Oliveira Campos.

2º Titular: Francisco Hermano Santana (Hermano Santana)

3º Titular: Raimundo de Sousa Brito (Raimundo Brito)

4º Titular: Luís Augusto Fraga Navarro de Brito (Navarro de Brito)

Titular atual:

Fernando da Rocha Peres

Posse em 16.06.1988

Saudação: Jorge Calmon

Cadeira 26

Patrono: Antônio de Macedo Costa (Dom Antônio de Macedo Costa)

Fundador: José Cupertino de Lacerda (Padre José Cupertino de Lacerda)

2º Titular: Alberto Moreira Rabelo (Alberto Rabelo), único membro da Academia que faleceu antes de tomar posse, sendo legitimado na Cadeira postumamente, por decisão da diretoria.

3º Titular: Monsenhor Francisco de Paiva Marques (Monsenhor Paiva Marques)

Eleito para a Cadeira 7, permutou esta pela Cadeira 26, com Aloísio de Carvalho Filho, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: César Augusto de Araújo (César de Araújo)

5º Titular: Roberto Figueira Santos

Titular atual:

Heloísa Prata e Prazeres

(Heloísa Prazeres)

Posse em 29.07.2021

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 27

Patrono: Francisco Rodrigues da Silva

Fundador: Frederico de Castro Rebelo (Frederico Rabelo)

2º Titular: Antônio Gonçalves Vianna Júnior (Antônio Vianna)

3º Titular: Jayme Tourinho Junqueira Ayres (Jayme Junqueira Ayres)

4º Titular: Antônio Loureiro de Souza

5º Titular: James Amado

Titular atual:

Ordep José Trindade Serra

(Ordep Serra)

Posse em 04.09.2014

Saudação: Luís Antonio Cajazeira Ramos

Cadeira 28

Patrono: Luís José Junqueira Freire (Junqueira Freire)

Fundador: Francisco Torquato Bahia da Silva Araújo

2º Titular: Homero Pires de Oliveira e Silva

3º Titular: José Calasans Brandão da Silva (José Calasans)

4º Titular: Consuelo Pondé de Sena (Consuelo Pondé)

5º Titular: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Suzana Alice Cardoso)

Titular Atual:

Marcus Vinicius Rodrigues

Posse em: 04.04.2019

Saudação: Gláucia Lemos

Cadeira 29

Patrono: Agrário de Souza Menezes (Agrário Menezes)

Fundador: Antônio Alexandre Borges dos Reis (Borges dos Reis)

2º Titular: Manços Chastinet Contreiras (Manços Chastinet)

3º Titular: Colombo Moreira Spínola (Colombo Spínola)

4º Titular: Jorge Faria Góes

5º Titular: Hélio Pólvora de Almeida (Hélio Pólvora)

Titular Atual:

Gerana Costa Damulakis

(Gerana Damulakis)

Posse em 03.09.2015

Saudação: Aleilton Fonseca

Cadeira 30

Patrono: Joaquim Monteiro Caminhoá

Fundador: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares). Permutou a cadeira com Roberto José Correia (Roberto Correia), titular da Cadeira 38.

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia)

3º Titular: Alfredo Vieira Pimentel

4º Titular: Nestor Duarte Guimarães (Nestor Duarte)

5º Titular: Josaphat Ramos Marinho (Josaphat Marinho)

Titular atual:

Paulo Roberto Bastos Furtado

(Paulo Furtado)

Posse em 24.04.2003

Saudação: Gerson Pereira dos Santos

Cadeira 31

Patrono: Belarmino Barreto

Fundador: Ernesto Simões da Silva Freitas Filho (Simões Filho)

2° Titular: José Luís de Carvalho Filho (Carvalho Filho)

Titular atual:

Florisvaldo Moreira de Mattos

(Florisvaldo Mattos)

Posse em 23.11.1995

Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

Cadeira 32

Patrono: André Pinto Rebouças (André Rebouças)

Fundador: Teodoro Fernandes Sampaio (Theodoro Sampaio)

2° Titular: Isaías Alves de Almeida (Isaías Alves)

3° Titular: Zitelmann José Santos de Oliva (Zitelmann de Oliva)

4° Titular: Gerson Pereira dos Santos

Titular atual:

João Carlos Salles Pires da Silva

(João Carlos Salles)

Posse em 06.11.2014

Saudação: Paulo Costa Lima

Cadeira 33

Patrono: Antônio Frederico de Castro Alves (Castro Alves)

Fundador: Francisco Xavier Ferreira Marques (Xavier Marques)

2º Titular: Heitor Pragner Fróes. Tomou posse em 15 de novembro de 1931, na Cadeira 34, transferindo-se para esta, após a morte de Xavier Marques.

3º Titular: Waldemar Magalhães Mattos (Waldemar Mattos)

4º Titular: Ubiratan Castro de Araújo (Ubiratan Castro)

5ª Titular: Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxossi)

Titular atual:

Muniz Sodré de Araújo Cabral

(Muniz Sodré)

Posse em 31.10.2019

Saudação: João Carlos Salles

Cadeira 34

Patrono: Domingos Guedes Cabral

Fundador: José Virgílio da Silva Lemos (Virgílio de Lemos)

2º Titular: Heitor Pragues Fróes. Transferiu-se para a Cadeira 33, depois do desaparecimento de Xavier Marques

3º Titular: Adalício Coelho Nogueira (Adalício Nogueira)

4º Titular: Walfrido Moraes de Lima (Walfrido Moraes)

Titular atual:

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

(Evelina Hoisel)

Posse em 27.10.2005

Saudação: Myriam Fraga

Cadeira 35

Patrono: Manoel Vitorino Pereira (Manoel Vitorino)

Fundador: Antônio Pacífico Pereira

2º Titular: Afonso Costa

3º Titular: Rui Santos

4º Titular: Rubem Rodrigues Nogueira (Rubem Nogueira)

5º Titular: João da Costa Falcão (João Falcão)

Titular atual:

Luís Antonio Cajazeira Ramos

Posse em 02.08.2012

Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 36

Patrono: Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (Fernandes da Cunha)

Fundador: Afonso de Castro Rebelo

2º Titular: Monsenhor Manuel de Aquino Barbosa (Padre Manuel Barbosa)

3º Titular: Hildegardes Cantolino Vianna (Hildegardes Vianna)

Titular atual:

José Carlos Capinan

Posse em 17.08.2006

Saudação: Florisvaldo Mattos

Cadeira 37

Patrono: João Batista de Castro Rebelo Júnior

Fundador: Almachio Diniz Gonçalves (Almachio Diniz)

2º Titular: Edith Mendes da Gama e Abreu

3º Titular: Antonio Carlos Peixoto de Magalhães (Antônio Carlos Magalhães)

Titular atual:

Emanuel d'Able do Amaral

(Dom Emanuel d'Able do Amaral)

Posse em 28.05.2009

Saudação: Fernando da Rocha Peres

Cadeira 38

Patrono: Alfredo Tomé de Brito (Alfredo Brito)

Fundador: Oscar Freire de Carvalho

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia). Permutou sua cadeira com Prado Valadares, fundador da Cadeira 30.

3º Titular: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares)

4º Titular: Cristiano Alberto Müller (Cristiano Müller)

5º Titular: Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque (Wilson Lins)

Titular atual:

Armando Avena Filho

(Armando Avena)

Posse em 28.04.2005

Saudação: Guido Guerra

Cadeira 39

Patrono: Francisco de Castro

Fundador: Clementino Rocha Fraga Júnior (Clementino Fraga)

2º Titular: Edivaldo Machado Boaventura (Edivaldo M. Boaventura)

Titular atual:

Juarez Marialva Tito Martins Paraíso

(Juarez Paraíso)

Posse em 30.05.2019

Saudação: Paulo Ormino de Azevedo

Cadeira 40

Patrono: Francisco Cavalcanti Mangabeira (Francisco Mangabeira)

Fundador: Octavio Cavalcanti Mangabeira (Octavio Mangabeira)

2º Titular: Manoel Pinto de Aguiar

3º Titular: Consuelo Novais Sampaio

Titular atual:

Urania Maria Tourinho Peres

(Urania Tourinho Peres)

Posse em 25.09.2014

Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Obs.:

Cadeira 41

Criada em caráter provisório para que Arlindo Fragoso, idealizador e organizador da Academia, não lhe ficasse de fora, devendo ser extinta com o falecimento de qualquer um dos 41 fundadores. Patrono: Manuel Alves Branco, *Visconde de Caravelas* (2º). Fundador Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Com a morte de Severino Vieira, em 27 de setembro de 1917, para a sua Cadeira, de número 19, foi transferido Arlindo Fragoso, e supressa a cadeira provisória.

Endereços dos acadêmicos



EMILIANO JOSÉ
Rua Senta Pua, 303, ap. 203-B,
Ed. Terrazzo Ondina
Ondina - Salvador-BA – 40.170.180
☎ (71) 9979-8635
emiljose@uol.com.br

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO
Rua João da Silva Campos, 1132, Itaipara
Salvador-BA – 41840-060
☎ (71) 3358-7571/ 98816 5262
paulormindo@gmail.com

EDVALDO PEREIRA DE BRITO
Rua Melvin Jones, nº 272, Jardim Armação
Salvador-BA – 41750-010
☎ (71) 3281-4900/3371-3225
cepeb.eb@gmail.com
escbrito@terra.com.br

NELSON CERQUEIRA
Rua Alagoinhas, 47 -Rio Vermelho
Salvador-BA – 41940620
☎ (71) 2107-8368
nelsoncerqueira1@gmail.com

CARLOS RIBEIRO

Rua do Timbó, 680 Edf. Villa Etruska, apto°503
Caminho das Árvores - Salvador-BA – 41820-660
☎ (71) 3011-7019 / 99153-4908
carlos.jribeiro58@terra.com.br

CLEISE MENDES

Rua Marechal Floriano, 122,
edifício Graciumilda, apto 901 Canela
Salvador-BA – 40110-010
☎ (71) 3337-0312 / 99198-6165
cleise.mendes@gmail.com

JOACI GÓES

Rua Alceu Amoroso Lima, 172, Edf. Office & Pool, 8ª andar
Caminho das Arvores - Salvador-BA – 41.820-770
☎ (71) 3444-2308 / 98814-3631
joacigoes@uol.com.br

PAULO COSTA LIMA

Rua Sabino Silva, n°282, Edf. Saint Mathieu, apto 401
Jardim Apipema - Salvador-BA – 40155-250
☎ (71) 98832-1545 / 3235-5676
paulocostalima@terra.com.br

ANTONIO TORRES

Rua Estrada da União Industrial, 12600
Condomínio Mirantes do Sol Nascente, Casa 37,
Itaipava - Petrópolis-RJ – 25750-226
☎ (21) 2222-4129
antonio@antoniotorres.com.br

FREDIE SOUZA DIDIER JÚNIOR
Largo da Vitória, 162/202, Vitória
Salvador-Bahia – 40081-305
☎ (71) 3114-5550
frediedidier@gmail.com

YEDA PESSOA DE CASTRO
Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 61
Edf. Terreazo Del Mare, Apt°1140 Jd. Armação
Salvador-BA – 41750-040
☎ (71)3461-9033 / 98138-4865
yedapessoa@uol.com.br

ARAMIS RIBEIRO COSTA
Rua Piauí, 439, apt° 1103, Pituba
Salvador-BA – 41830-280
☎ (71)3240 4969 / 99984 1165
aramisrcosta@gmail.com

EDILENE MATOS
Rua Rio de São Pedro, 26 Edf. Varandas da Graça, apto 701
Graça - Salvador-BA –40.150 350
☎ (71) 3334 6526
edilenediasmato@gmail.com

GLÁUCIA LEMOS
Rua Ceará, 853, apto. 203 - Pituba
Salvador-BA – 41830-450
☎ (71) 3012-8468/98199-1813
glaucialeemos9@hotmail.com

LIA ROBATTO

Rua Galdino de Magalhães Ribeiro n.94 ap 1602 - Federação
Salvador- BA – 40.230-108

☎ (71) 98817-2326

liarobatto@gmail.com

RUY ESPINHEIRA FILHO

Condomínio Busca Vida – Estrada do Coco – Catu de Abrantes
Via Lobo Guará, 26, Lote 11

Camaçari-BA – 42841-000

☎ (71) 3287 2225/99973-8711

refpoeta@terra.com.br

ALEILTON FONSECA

Rua Rubem Berta, 267, Edf. Iana, apt° 402, Pituba
Salvador-BA – 41810-045

☎ (71) 98876-1519

aleilton50@gmail.com

ANTONIO BRASILEIRO

Rua Alto do Paraná, 300 – Bairro Sim

Feira de Santana-BA – 44042-000

☎ (75) 3625-8512

abrasileiro@live.com

CYRO DE MATTOS

Travessa Rosenaide Guimarães, 40 / 101 – Zildolândia
Itabuna-BA – 45600-714

☎ (73) 3612-4197 / (73) 98872-8830

cyropm@bol.com.br

SAMUEL CELESTINO

Rua do Ébano, n°159 - Edf. Henri Matisse

Apt°.1301, Caminho das Árvores

Salvador-BA – 41820-370

☎ (71) 3341-4485 / 3359-7741

samuelcelestino@uol.com.br

FRANCISCO SENNA

Rua Prof. Milton Oliveira, n°73

Edf. Palazzo Anacapri, apto°202

Barra, Salvador-BA – 40.140-100,

☎ (71) 99967-0685

francisco.senna@tcm.ba.gov.br

FERNANDO DA ROCHA PERES

Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,

Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apt° 202,

Salvador-BA – 40130-000

☎ (71) 3336-3670 / 99956-7880

ferroperes@gmail.com

HELOÍSA PRAZERES

Rua Pará, 446, apto 1301

Condomínio Maison Lyon

Salvador-BA – 41830-070

☎ (71) 99989-9340

heloisa.prazeres@gmail.com

ORDEP SERRA

Rua Barão de Itapoan, 142, Edf. Barravento

apt° 202 – Barra

Salvador-BA – 40140060,

☎ 98869-1531/3331-1531

ordepserra@gmail.com

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

Rua Irmã Dulce, 119, apto 601, Brotas

Salvador-BA – 40.286-030

☎ (71) 99987-7136

marvin.mvr@gmail.com

GERANA DAMULAKIS

R. Flórida, 109 Edf. Terrazzo Graça, apt° 801 - Graça

Salvador-BA – 40150-480

☎ (71) 3237-2810

geranadamulakis@yahoo.com.br

PAULO FURTADO

Av. Orlando Gomes, Condomínio Parque Costa Verde

Quadra H, Lote 3

Salvador-BA – 41650-120

☎ (71) 3367-9481 / 99158-3414

prbfurtado@yahoo.com.br

FLORISVALDO MATTOS

Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 91

Ed. Residencial Mar de Aruba, Apto. 901

Jardim Armação - Salvador-BA – 41750-090

☎ (71) 3353 9785 / 99986-2848

florismattos@gmail.com

JOÃO CARLOS SALLES

Rua Aristides Novis, 105, ap. 701A – Federação

Salvador-BA – 40.210-630

☎ (71) 3247.6119

jcsalles@gmail.com

MUNIZ SODRÉ

Rua Cosme Velho, 415 ap 1104
Rio de Janeiro-RJ – 22241-090
sodremuniz@hotmail.com

EVELINA HOISEL

Rua Mons. Gaspar Sadoc, 48, Jardim de Alá
Salvador-BA – 41750-200
☎ 3343 5789 / 99968-7625
evelinahoisel@hotmail.com

LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS

Rua Dr. Mário de Souza Dantas, 2
Caixa d'Água - Salvador-BA – 49321-085
☎ 3345 6969/98861-1515/2109-4607
poetacajazeira@uol.com.br

JOSÉ CARLOS CAPINAN

Rua Tamoios, 96, Rio Vermelho
Salvador-BA – 41940-040
☎ 3345 2080 / 99955-1410
jose.capinan2@gmail.com

DOM EMANUEL D'ÁBLE DO AMARAL

Largo São Bento, 01 Centro
Salvador- BA – 41205-220
☎ (71) 2106-5272 /98151-1053
arquiabadeemanuel@gmail.com

ARMANDO AVENA

Rua Waldemar Falcão, 1965, Edf. Top Hill, Apt° 702 Norte
Salvador-BA – 40295-010
☎ (71) 3272-2960 / 9994-3000
armandoavena@uol.com.br

JUAREZ M. T. M. PARAISO

Rua Praia de São Conrado, Quadra C1 Lote 7

Vilas do Atlântico

Lauro de Freitas-BA – 42.708-180

☎ (71) 99988-6970

juarezparaiso@terra.com.br

URANIA TOURINHO PERES

Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,

Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apt° 202,

Salvador-BA – 40130-000

☎ (71) 3336 3670 / 99956-7880

utperes@terra.com.br

Membros correspondentes

Alain Saint-Saëns

Centro de Investigaciones Académicas,
Universidad del Norte,
Avenida Artigas y Calle Juan de Salázar,
Asunción – Paraguay
alainfrenchguy@gmail.com

Antonella Rita Roscilli

Via Giacomo Barzelloti, 7
00136 Roma/Itália
☎ 0039-3475569495
r_antonella@yahoo.it

Antonio Carlos Secchin

Av. Atlântica, 2112, apt°801
Copacabana 22021001 Rio de Janeiro – RJ
☎ (21) 2236-1112
acsecchin@uol.com.br

Carlos Ayres Britto

Ayres Britto Advocacia e Consultoria – SHS,
Quadra 06, Conjunto A Complexo Brasil 21
Bloco A – Sala 107 Cep 70316-102 Brasília DF
☎ (61) 3039-8088
contato@ayresbritto.com.br

Celso Amorim

Av Atlântica 1782, apto 403
Rio de Janeiro RJ
22021001
celsoamorim42@gmail.com

Dominique Stoenesco

26 bis, allée Guy Mocquet 94170

Le Perreux-sur-Marne

França / France

☎ (003133) 1 48 72 16 56

dominique.stoenesco@orange.fr

Glória Kaiser

Dr. Robert Siegerst, 15

A 8010 – Graz

Áustria – Europa

gloria.kaiser@aon.at

Helena Parente Cunha

Rua das Laranjeiras, 280/200

22240-001 – Rio de Janeiro / RJ

hparent@uol.com.br

Isa Maria Carneiro Gonçalves

Rua Milton Melo, 413 – Santa Mônica

Feira de Santana – BA, 44050-560

☎ (75) 3625-2416

isa@gd.com.br

Jerónimo Pizarro

Departamento de Humanidades y Literatura

Calle 18 A No. 0-03 Este Bloque Ñc Bogotá, Colombia

☎ (571) 339-4949 – Ext. 4784

j.pizarro188@uniandes.edu.co

Jorge Raul da Silva Preto

Rua dos Sobreiros, 233 3º,D.t
Edifício Vistamar - Costa da Guia
2750611 Cascais – Portugal
☎ (00351) 214821717
jorgerspreto@gmail.com

Maria Beltrão

Rua Prudente de Moraes, 1179, COB. 01
Ipanema – Rio de Janeiro – RJ
22420-043
☎ (21) 2247-4180
mcmcbeltrão@gmail.com

María Felisa Pugliese

Saavedra 1160 P.B. “B”
1663 Muñiz. PCIA. de Buenos Aires. ARGENTINA.
☎ 54 11 4664 3055
maripugliese@hotmail.com

Paulo Fernando de Moraes Farias

136 Greenfield Road, Harborne, Birmingham B17 0EG
England, United Kingdom.
☎ 44 121 680 1399
paulofarias@blueyonder.co.uk

Paulo Roberto Dias Pereira

Rua Sambaíba, 380/704
Leblon Rio de Janeiro - RJ - CEP 22450-140
☎ (21) 2259-9173
paulorobertopereira08@gmail.com

Rita Olivieri-Godet

24, Avenue Sergent Maginot

35000 Rennes FRANCE

☎ 02 99 67 35 02

rita.godet20@gmail.com

Rogério Faria Tavares

Rua Gonçalves Dias, 2283 apto 601 Bairro: Lourdes

Belo Horizonte -Minas Gerais - 30140092

☎ (31) 98850-5924

rfariatavares@gmail.com

Vamireh Chacon

Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

70910-900

☎ (61) 3274-0022

vamirehchacon@gmail.com

Membros eleitos ainda não empossados:

Darlene Sadlier

Miguel Monteiro

A *Revista da ALB* n° 60
foi publicada em abril de 2022,
ano do centenário da Semana de Arte Moderna,
que deu início aos movimentos nacionais
de modernização das artes no Brasil.





Presidente da ALB
Ordep José Trindade Serra

Diretor da Revista
Nelson Cerqueira

Conselho Editorial
Aleilton Santana da Fonseca
Florisvaldo Moreira de Mattos
Muniz Sodré de Araújo Cabral

Coordenação Editorial
Aleilton Fonseca

Editoração
Elimarcos Santana

Serviço Editorial
Via Litterarum Editora

SEÇÕES:
ARTIGOS E ENSAIOS
POESIA
FICÇÃO
DISCURSOS
DIVERSOS

ISSN 1518-1766



ISSN 1518-1766

A Academia de Letras da Bahia é mantida com apoio do Fundo de Cultura do Estado da Bahia

Apoio Financeiro:

Fundo de cultura



GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA DA FAZENDA